

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

OS SENTIDOS DA DIVERSIDADE NO BRASIL POLARIZADO:
IMPASSES E AFINIDADES ENTRE MINORIAS PROGRESSISTAS E CONSERVADORAS

Guilherme Barbacovi Libardi

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Guilherme Barbacovi Libardi

OS SENTIDOS DA DIVERSIDADE NO BRASIL POLARIZADO:
IMPASSES E AFINIDADES ENTRE MINORIAS PROGRESSISTAS E CONSERVADORAS

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação.
Orientadora: Prof^a Dr^a Nilda Jacks

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Libardi, Guilherme Barbacovi

Os sentidos da diversidade no Brasil polarizado:
impasses e afinidades entre minorias progressistas e
conservadoras / Guilherme Barbacovi Libardi. -- 2021.
367 f.

Orientadora: Nilda Jacks.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Diversidade. 2. Minorias sociais. 3.
Interseccionalidade. 4. Consumo midiático. 5. Produção
de sentido. I. Jacks, Nilda, orient. II. Título.

Guilherme Barbacovi Libardi

**OS SENTIDOS DA DIVERSIDADE NO BRASIL POLARIZADO:
IMPASSES E AFINIDADES ENTRE MINORIAS PROGRESSISTAS E CONSERVADORAS**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Nilda Jacks – UFRGS (orientadora)

Prof^a Dr^a Victoria Irisarri – UBA

Prof^a Dr^a Heloisa Buarque de Almeida – USP

Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho – USP

Prof^a Dr^a Elisa Reinhardt Piedras – UFRGS

Prof^a Dr^a Lírian Sifuentes dos Santos – UFRGS (suplente)

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sei que nem sempre compreendeu do que se tratava, afinal de contas, um doutorado, uma tese, uma carreira acadêmica – e que futuro esse investimento poderia garantir. Pai, mãe, Dida, Ian (*in memoriam*), vó Zilma e Ieda, obrigado pela confiança, suporte e carinho.

À minha orientadora Nilda Jacks, pela militância a favor do pensamento crítico permanente, por me impulsionar intelectualmente e por toda a parceria sempre amistosa e com muitos chás e cafés diferentes!

Aos meus amigos e amigas que me acompanharam durante parte desse caminho ou por todo ele. Eu nunca vou me esquecer de vocês: Luiz Henrique, Júnior Nunes, Ana Clara, Juliana Roman, Ariella Soares, Julia Wischral, Felipe Guimarães, Maurício Ramos, Lucas Peixoto, Rhaíssa Mattiello, Gabriela Gelain, Marina Mazzini, Stela Zeferino, Milena Alves e Jusseli Bastos. Quero que a pandemia acabe logo pra gente se dar um abraço coletivo!

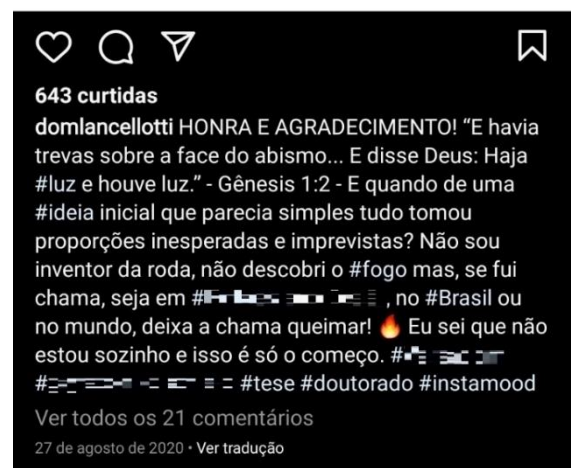
Às professoras e aos professores que ajudaram a pavimentar esse caminho com transmissão de conhecimento e afeto: Elisa Piedras, Mariangela Toaldo, Alessandro Souza, Rene Goellner, Adriana Kurtz, Janie Pacheco, Heloisa Almeida, Laura Wottich, Ana Carolina Escosteguy, Rafael Grohmann e Fabiane Sgorla.

Aos alunos e às alunas de iniciação científica que passaram pelo Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática e com quem eu tive a imensa honra de trabalhar junto em vários projetos: Caroline Camargo, Giovana Colling, Danillo Lima, Pedro Vidor, Roger Seula, Gabriela Seixas, Aline Escarcel, José Zaccani, Bárbara Dick, Shayane Machado, Victor Vianna, Wagner Meirelles, Larissa Martini. Ao pessoal da pós-graduação, alguns hoje já professores/as: Fernando Gonçalves, Henrique Lucas, Suelen Freitas, Lírian Sifuentes, Olga Moraes, Mirella Almeida, Joselaine Caroline e Isaias Fuel.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.



Oiii! Bom dia, tudo bem? Me chamo [redacted], faço doutorado em comunicação e tô entrando em contato contigo pois acho que tu pode ajudar minha pesquisa de tese. No meu trabalho, venho investigando a relação de diversos segmentos de público no que diz respeito à relação com a mídia e com a tematização da diversidade. Tu, como [redacted] com Bolsonaro, acredito que teria muito a contribuir. Toparia participar?



Postagem de um dos interlocutores no seu Instagram após convite para participar desta pesquisa enviada pelo autor.

[...] como lidar com o racismo de uma feminista, a homofobia de alguém sujeito ao racismo, ou até o racismo de um grupo racializado em relação a outro grupo racializado, cada um supostamente falando a partir do ponto de vista de sua experiência, se toda experiência refletisse de maneira transparente uma dada "verdade"?
Avtar Brah (2006, p. 361)

RESUMO

O objetivo desta tese é compreender de que maneira o tema da *diversidade* repercute na produção de identidades através do processo de consumo midiático entre minorias sociais progressistas e conservadoras. Tomando a *diversidade* como objeto, contextualizamos suas apropriações nos âmbitos acadêmicos, midiáticos e políticos. Nos debruçamos sobre o seu conceito, discutindo, também, acerca das noções de *identidade*, *diferença*, *reconhecimento* e *interseccionalidade*. A pesquisa filia-se aos Estudos Culturais, apropriando-se do *Mapa do sensorium contemporâneo* de Jesús Martín-Barbero. A abordagem do estudo é qualitativa, sendo a entrevista semiestruturada a principal técnica para a coleta da empiria. Os dados foram sistematizados através dos *softwares Nvivo e Iramuteq*. Os resultados demonstram que minorias sociais progressistas e conservadoras identificam, na tematização midiática da diversidade, elementos semelhantes: se dão de forma *impositiva* e *antinaturais*, cuja finalidade são *interesses comerciais*, e reclamam *mais diferenças*. O modo com o qual cada segmento interpreta e aceita/rejeita/negocia com estas qualidades é o que os diferencia. Progressistas relativizam a maioria das representações em nome da visibilidade das diferenças; enquanto conservadores tendem a oporem-se enfaticamente a elas. As produções de sentido e os usos que os progressistas fazem da diversidade são mediadas pela vontade de *reconhecimento*, que tem na mediação barberiana da *cidadania* e das *narrativas* seu ponto de articulação. Os conservadores possuem uma estrutura interpretativa mais estanque. Suas produções de sentido são articuladas principalmente pela *religião* e pelo *naturalismo*, que ganham estatuto de *relato* enquanto mediação.

Palavras-chaves: Diversidade; Minorias sociais; Interseccionalidade; Consumo midiático; Produção de sentido.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to understand how the theme of *diversity* affects the production of identities through the process of media consumption among progressive and conservative social minorities. Taking diversity as an object, we contextualize its appropriations in academic, media, and political spheres. We focus on its concept, also discussing the notions of *identity*, *difference*, *recognition*, and *intersectionality*. The research is affiliated with Cultural Studies, appropriating the *Map of the contemporary sensorium* by Jesús Martín-Barbero. The study approach is qualitative, with the semi-structured interview being the main technique for collecting the empirical data. They were systematized using *Nvivo* and *Iramuteq softwares*. The results show that progressive and conservative social minorities identify similar elements in the media thematization of diversity: they occur in an *imposing* and *unnatural* way, whose purpose is *commercial interests*, and demand *more differences*. The way each segment interprets and accepts/rejects/negotiates these qualities is what sets them apart. Progressives relativize most representations in the name of the visibility of differences; while conservatives tend to emphatically oppose them. The productions of meaning and the uses progressives make of diversity are mediated by the desire for *recognition*, which has its point of articulation in the Barberian mediation of *citizenship* and *narratives*. Conservatives have a tighter interpretive framework. Their productions of meaning are mainly articulated by *religion* and *naturalism*, which gain *metanarrative* status as mediation.

Keywords: Diversity; Social minorities; Intersectionality; Media consumption; Meaning production.

RESUMEN

El objetivo de esta tesis es comprender cómo el tema de la diversidad reverbera en la producción de identidades a través del proceso de consumo mediático entre minorías sociales progresistas y conservadoras. Tomando la diversidad como objeto, contextualizamos sus apropiaciones en los ámbitos académicos, mediáticos y políticos. Analizamos su concepto, discutiendo también sobre las nociones de *identidad*, *diferencia*, *reconocimiento* e *interseccionalidad*. La investigación está afiliada a los Estudios Culturales, apropiándose del *Mapa del sensorium contemporáneo* de Jesús Martín-Barbero. El enfoque del estudio es cualitativo, siendo la entrevista semiestructurada la principal técnica para la recolección de datos empíricos. Los datos se sistematizaron utilizando los *softwares* *Nvivo* e *Iramuteq*. Los resultados demuestran que las minorías sociales progresistas y conservadoras identifican, en la tematización mediática de la diversidad, elementos similares: ocurren de manera *imponente* y *antinatural*, cuyo propósito son los *intereses comerciales*, y exigen *más diferencias*. La forma en que cada segmento interpreta y acepta/rechaza/negocia con estas cualidades es lo que los distingue. Los progresistas relativizan la mayoría de las representaciones en nombre de la visibilidad de las diferencias; mientras que los conservadores tienden a oponerse enfáticamente a ellos. Las producciones de sentido y los usos que los progresistas hacen de la diversidad están mediadas por el deseo de *reconocimiento*, que tiene en la mediación barberiana de *ciudadanía* y de *narrativas* su punto de articulación. Los conservadores tienen una estructura interpretativa más estricta. Sus producciones de significado están articuladas principalmente por la *religión* y el *naturalismo*, que adquieren el estatus de *reporte* como mediación.

Palabras clave: Diversidad; Minorías sociales; Interseccionalidad; Consumo mediático; Producción de sentido.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha do tempo (<i>Rede Globo</i>)	40
Figura 2 – Continuação da linha do tempo (<i>Rede Globo</i>)	41
Figura 3 – Termos mais repetidos pela mídia sobre “Diversidade” (Total)	42
Figura 4 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Junho)	43
Figura 5 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Julho)	45
Figura 6 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Agosto)	47
Figura 7 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Setembro)	48
Figura 8 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Outubro).....	51
Figura 9 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Novembro)	52
Figura 10 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Dezembro)	55
Figura 11 – Mapa sobre o <i>sensorium</i> contemporâneo.....	134
Figura 12 – Tela <i>Nvivo</i> 01	156
Figura 13 – Tela <i>Nvivo</i> 02	157
Figura 14 – Tela <i>Nvivo</i> 03	158
Figura 15 – Tela <i>Nvivo</i> 04	159
Figura 16 – Interlocutores organizados por raça, gênero e sexualidade.....	171
Figura 17 – Análise de Similitude (Progressistas)	196
Figura 18 – Análise de similitude (conservadores).....	217
Figura 19 – CHD (pessoas não-brancas, comparativa)	220
Figura 20 – AS (pessoas não-brancas, comparativa)	221
Figura 21– CDH (pessoas brancas, comparativa).....	222
Figura 22 – AS (pessoas brancas, comparativa)	223
Figura 23 – CHD (pessoas LGBTQs, comparativa)	224
Figura 24 – AS (pessoas LGBTQs, comparativa)	225
Figura 25 – CHD (pessoas cis-heterossexuais, comparativa)	226
Figura 26 – AS (pessoas cis-heterossexuais, comparativa)	227
Figura 27 – CHD (homens cis, comparativa)	228
Figura 28 – AS (homens cis, comparativa).....	229
Figura 29 – CHD (mulheres cis, comparativa)	230
Figura 30 – AS (mulheres cis, comparativa)	231
Figura 31 – Nuvem de palavras sobre “diversidade” (Progressistas)	236
Figura 32 – Nuvem de palavras sobre “diversidade” (Conservadores).....	242
Figura 33 – Nuvem de palavras sobre “reconhecimento” (Progressistas)	251
Figura 34 – Mulher trans e negra em frente ao anúncio da <i>Calvin Klein</i>	268
Figura 35 - Nuvem de palavras sobre “reconhecimento” (Conservadores)	280

Figura 36 – Mulher trans crucificada	288
Figura 37 – Cena de final do personagem trans Ivan (<i>A força do querer</i>)	301
Figura 38 – Diagrama de análise (Progressistas x Conservadores)	311

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos sobre identidade	29
Quadro 2 – Trabalhos com o marcador “gênero”	31
Quadro 3 - Trabalhos com o marcador “classe”	34
Quadro 4 - Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “Diversidade” (Total)	42
Quadro 5 - Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Junho)	44
Quadro 6 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Julho)	45
Quadro 7 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Agosto)	47
Quadro 8 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Setembro)	49
Quadro 9 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Outubro)	51
Quadro 10 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Novembro)	53
Quadro 11 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Dezembro)	55
Quadro 12 – Marcadores sociais nos discursos de posse de FHC	61
Quadro 13 – Marcadores sociais nos discursos de posse de Lula	65
Quadro 14 – Marcadores sociais nos discursos de posse de Dilma	69
Quadro 15 – Marcadores sociais nos discursos de posse de Bolsonaro	71
Quadro 16 – Categorias e termos buscados (<i>Nvivo</i>)	155
Quadro 17 – Estratégia para construção da qualidade na pesquisa	166
Quadro 18 – Interlocutores progressistas	172
Quadro 19 – Interlocutores progressistas	197

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Marcadores sociais por ideologia política	232
Gráfico 2 – Mídia x Marcadores sociais (Progressistas)	257
Gráfico 3 - Mídia x Marcadores sociais (Conservadores)	294

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CONSTRUÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO.....	27
1.1 Panorama acadêmico.....	27
1.2 Panorama midiático.....	37
1.3 Panorama político.....	58
1.3.1 Discursos de posse de FHC a Bolsonaro.....	60
1.3.1.a FHC	61
1.3.1.b Lula.....	65
1.3.1.c Dilma.....	68
1.3.1.d Bolsonaro	71
1.3.2 Plano Nacional de Direitos Humanos.....	73
2. DIFERENÇA: COISA DE DIREITA OU DE ESQUERDA?.....	86
2.1 Processos de hierarquização	86
2.2 Diferenças naturais e construídas	90
3. LIBERTÉ, IGUALITÉ, FRATERNITÉ... ET DIVERSITÉ?	96
3.1 Diversidade sem dono	98
3.2 Definição sociológica	105
4. IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO	117
4.1 Perspectivas barberianas sobre identidade cultural.....	118
4.2 Teoria do reconhecimento e suas contribuições para o campo da comunicação.....	122
4.3 <i>Sensorium</i> contemporâneo e mutações culturais.....	133
5. INTERSECCIONALIDADE: ASPECTOS CONCEITUAIS E METÓDICOS.....	141
5.1 Contribuições para a pesquisa de audiências.....	145
6. ESTRATATÉGIA METODOLÓGICA.....	149
6.1 Estudos culturais e a abordagem qualitativa.....	149
6.1.1 Etapa observacional	151
6.1.2 Etapa documental.....	161
6.2 Qualidade na pesquisa qualitativa.....	163
7. PRÁTICAS DE CONSUMO MIDIÁTICO DOS INTERLOCUTORES.....	168
7.1 Progressistas.....	172

7.2 Conservadores.....	197
8. identidades em perspectiva comparada	219
8.1 Por raça.....	219
8.2 Por sexualidade	224
8.3 Por gênero	228
8.4 Intersecções possíveis.....	232
9. SENTIDOS GERAIS SOBRE A DIVERSIDADE	235
9.1 Perspectivas dos Progressistas.....	235
9.2 Perspectivas dos Conservadores	241
9.3 Perspectivas comuns	247
10. MINORIAS PROGRESSISTAS E CONSERVADORAS EM BUSCA DE RECONHECIMENTO	250
10.1 Progressistas, narrativas e políticas do corpo.....	250
10.1.1 Relatos de discriminação	252
10.1.1.a A Intolerância religiosa e o racismo	253
10.1.1.b A violência de gênero e a LGBT+fobia.....	254
10.1.2 Mídia, reconhecimento e esquerda.....	256
10.1.2.a Diversidades invisíveis	258
10.1.2.b Diversidades estratégicas.....	266
10.2 Conservadores, relatos e políticas da alma.....	279
10.2.1 Relatos de não-pertencimento	280
10.2.1.a A invenção da ideologia de gênero	284
10.2.1.b A promoção da cristofobia	287
10.2.1.c A armação do vitimismo	291
10.2.2 Mídia, reconhecimento e direita	294
10.2.2.a Diversidades convenientes	295
10.2.2.b Diversidades <i>in natura</i>	297
10.3 Progressistas e Conservadores entre afinidades e paradoxos	310
CONCLUSÃO	323
REFERÊNCIAS.....	336
APÊNDICE A	346
APÊNDICE B	364

INTRODUÇÃO

Esta não é uma tese de doutorado em Ciência Política. Também, não é um relatório de pesquisa da Sociologia, nem da Antropologia e muito menos da Filosofia. Esta é uma pesquisa realizada em um Programa de Pós-Graduação em Comunicação, como requisito parcial para que o autor obtenha o título de Doutor em Comunicação. Portanto, discutimos comunicação. Mas do que estamos falando quando nos referimos à essa prática mais antiga que a nossa própria civilização? A comunicação pertence à Comunicação? A resposta é não. A História estuda comunicação tanto quanto a biologia. A primeira, decodificando pinturas rupestres; a segunda, pesquisando feromônios, essa substância que insetos expelem para transmitir informações úteis para a sobrevivência da sua espécie. Portanto, que comunicação um pesquisador da Comunicação estuda? Essa é uma discussão de cunho epistemológico e provavelmente responsável por suscitar as mais acaloradas peleias retóricas no campo. Afinal, como *Ciro Marcondes Filho* (2004, p. 7) constata, “comunicação é uma palavra da moda. Todos falam em comunicar, pessoas comunicam, animais, plantas, sistemas comunicam”. O epistemólogo *Luiz Martino*, em levantamento a partir da obra de alguns teóricos da comunicação – justamente criticando a heterogeneidade conceitual do termo, observa pelo menos 14 variações substantivas (metafóricas ou não) para definir *comunicação*: desde “pedra” a “roupas”, passando por “jogos” e “dinheiro”. Claro, podemos garantir que, enquanto *fenômeno*, não interessa à Comunicação a comunicação entre as abelhas, nem a comunicação entre a Terra e o robô da *NASA Perseverance*, que pousou em Marte em fevereiro deste ano, 2021.

Mas no campo há quem, pautado pela premissa de que *tudo comunica*, dirá que o *corpo* é um objeto da comunicação. Ou seria da Psiquiatria? Algumas linhas de pesquisa considerarão que uma conversa no *whatsapp* entre amigos pode ser analisado pela Comunicação, suportadas pela concepção de *Marcondes Filho* de que comunicação é “[...] acima de tudo, uma relação entre mim e o outro ou os demais” (2004, p. 16). Ou seria pela Linguística? Como mencionamos, não há consenso sobre o que, de fato, pertença à Comunicação. Por isso mesmo, gostaríamos de estabelecer as fronteiras sobre o que entendemos como um objeto comunicacional neste estudo.

Para isto, seguimos a concepção de alguns investigadores e investigadoras, como a argentina Mirta Varela que, fazendo uma diferenciação entre a comunicação por telégrafo e telefone e a radiofônica e televisiva, comenta: “Enquanto o telégrafo ou o telefone transmitiam acontecimentos, o rádio e a televisão se baseiam na regularidade e continuidade de suas mensagens, o que tem uma enorme incidência na diversidade de seus usos sociais” (2002, p. 171, tradução nossa¹). Construir a nossa concepção sobre o que entendemos por comunicação, portanto, passa necessariamente pelo reconhecimento do caráter sociotécnico das tecnologias de comunicação. Isso quer dizer que a comunicação, conforme entendemos, organiza-se a partir dos códigos de uma textualidade, o que chamamos de *gênero midiático*, afetando as sociabilidades da vida cotidiana e produzindo regimes de representação. Ainda nas palavras de Varela, “[...] os meios de comunicação de massa não seriam simplesmente instrumentos para a transmissão de mensagens, mas sim – enquanto tecnologias de comunicação – produziriam uma reestruturação da consciência humana [...]” (2002, p. 172, tradução nossa²). Nos filiando a tais prerrogativas, já podemos considerar um afastamento da concepção do corpo, por exemplo, como mídia. Regatando novamente Luiz Martino, que sugere uma concepção menos metafórica e mais precisa: “Meios de comunicação são tecnologias que intervêm no modo como expressamos e damos forma à experiência. Eles não devem ser identificados e confundidos com as interações sociais, são instrumentos que nos permitem alterar as propriedades do processo de comunicação [...]” (MARTINO, 2017, p. 70). Junto a Martino, nos afastamos, igualmente, da concepção que sugere que a interação humana de qualquer natureza, mesmo aquelas entre sujeitos em rede, seja passível de interpretação a partir do campo da Comunicação.

Desse modo, partimos de uma concepção epistemológica sobre a comunicação que compreenda o processo comunicacional enquanto um sistema *complexo* entre emissor e receptor mediado pela *institucionalidade* dos meios. Complexo, pois o modelo aristotélico

¹ No original: “Mientras el telégrafo o el teléfono transmitían acontecimientos, la radio y la televisión se basan en la regularidad y la continuidad de sus mensajes, lo cual tiene una enorme incidencia en la diversidad de sus usos sociales”.

² No original: “[...] los medios de comunicación de masas no serían simplemente instrumentos para la transmisión de mensajes, sino que – en tanto tecnologías de comunicación – producirían una reestructuración de la conciencia humana [...]”.

que inspirou as teorias da comunicação mais clássicas resumidas em *Emissor – Mensagem – Receptor*, que se encerraria neste último, nos tempos atuais não dá mais conta de descrever o fluxo entre produção e recepção da mensagem. Se na década de 1990 a “etapa” da *recepção* já propunha a complexidade do processo a partir da reverberação da mensagem nas práticas cotidianas através das mediações (JACKS, 1993), hoje as transformações tecnológicas e seus usos “borram as fronteiras entre emissão e recepção, obrigando a teoria e a pesquisa a se reposicionarem para entender o que está ocorrendo com a interação e aproximação destas duas instâncias dos processos e práticas de comunicação” (JACKS, 2015, p. 244). Já sobre a questão da institucionalidade enquanto *mediação*³, por ora basta dizer que ela condensa “interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos [...]” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 17). Isso significa que a institucionalidade coordena o *modus operandi* dos meios e dos seus produtos – os discursos – a partir dos interesses dominantes que estruturam as relações entre as suas *lógicas de produção* e as *socialidades* vividas no cotidiano. No contexto contemporâneo capitalista, essa mediação é organizada hegemonicamente por interesses privados orientados pelo lucro.

Esta organização institucional é claramente observável quando pensamos em veículos de comunicação tradicionais, como *Rede Globo, SBT, Folha de São Paulo, Veja*, entre tantos outros. Todas estas empresas são declaradamente “de comunicação” e possuem estruturas físicas, *rotinas de produção*⁴, *interesses ideológicos*⁵ e são orientadas ao lucro através, sobretudo, da venda de espaços publicitários. Atualmente, entretanto, empresas como *Facebook, Twitter, Instagram e Google* desafiam as noções clássicas sobre o que é uma empresa de comunicação. Afinal, o *modus operandi* destas é outro. Algumas, talvez, podem nem ter uma sede física. O produto vendido por elas é majoritariamente

³ Neste estudo, abordamos mediação em perspectiva barberiana. O autor não fornece um conceito fechado sobre o termo, sugerindo somente que se trata de um campo no qual existem dispositivos a hegemonia transforma por dentro o sentido do cotidiano. Sinaliza, ainda, que é na mediação o *locus* do debate, pois consolida “as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 270).

⁴ Martín-Barbero (2001) refere-se a esta instância descrever os hábitos e os estilos que se incorporam às práticas de trabalho nas empresas de comunicação.

⁵ O mesmo autor contempla, nesta instância, as tensões que se estabelecem entre a lógica do sistema de produção, as gramáticas do gênero midiático, os interesses dos realizadores e as demandas sociais (MARTÍN-BARBERO, 2001).

produzido pela própria “audiência” – ou melhor, usuário. Contudo, algumas semelhanças às empresas de comunicação tradicionais se mantêm, como a centralidade da publicidade como fonte de renda. Por esta soma de questões, entre muitas outras que não cabe adensarmos aqui⁶, o debate sobre o caráter *institucional* destas empresas de tecnologia precisa ser enfrentado por diversos setores. Em 2019, o *Conselho Executivo das Normas-Padrão* (Cenp), órgão consultivo, classificou estas empresas, que até então se definiam como “plataformas do setor de tecnologia”, como “veículos de divulgação ou comunicação” através da Resolução nº 01/2019, recorrendo à Lei nº 4.680/65⁷. Esta medida, ainda que não tenha valor de lei, contribui “para orientar os principais atores do mercado publicitário nacional: anunciantes públicos e privados, agências de publicidade e veículos de comunicação”⁸.

Portanto, articulando os aspectos da complexidade do processo comunicacional estruturada pela mediação da institucionalidade dos meios, nesta pesquisa a *comunicação* trata da produção de discursos organizados a partir de interesses ideológicos que ressoam no nível microsocial de forma imprevisível, e cujos sentidos são produzidos, em parte, alicerçados numa relação sociotécnica dos sujeitos com a tecnologia. Dito isso, demarcamos a especificidade comunicacional desta pesquisa, circunscrita no plural e interdisciplinar campo da Comunicação. Apesar deste contorno epistemológico/institucional, a interface com os outros campos citados – Ciência Política, Antropologia e Sociologia – serão inevitáveis neste percurso, dado o problema e o objeto construído em nossa pesquisa, que começa a ser apresentado agora.

Você é de esquerda ou de direita? Essa pergunta, que até poucos anos atrás faria sentido apenas em alguns ambientes propícios ao debate político mais “informado” e intelectualizado, tornou-se corriqueira na mesa de bar e no almoço em família. Desde

⁶ Para mais debates acerca deste tema, ver Morozov (2018) e van Dijck, Poell e de Waal (2018).

⁷ Referente ao exercício da profissão de publicitário e de agenciador de propaganda.

⁸ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/07/os-impactos-da-decisao-que-considera-google-e-facebook-veiculos-de-midia-no-brasil-cjyesiawi03wq01msjhg9kls.html>. Acesso em: 11 ago. 2021.

2020, também fez parte de rotinas em grupos de *WhatsApp*, dada a necessidade do isolamento social motivado pela pandemia do COVID-19.

Um olhar ingênuo ou alienado celebraria esse evento, afinal, seria um forte indício da politização de uma nação. Ocorre que, na história do Brasil recente, a resposta para tal interrogação tornou-se o *núcleo identitário* de cidadãos e cidadãs do Oiapoque ao Chuí, com o poder de condensar um preciso sistema de valores e moralidades de um grupo social inteiro.

Isso quer dizer que, se você é uma jovem preta no Brasil de 2021, você é a favor do movimento social pela valorização da negritude; mas você também é mulher! Então, você é preocupada com os direitos das mulheres, ou seja, você é uma feminista negra, ou uma mulherista, e, portanto, de esquerda, *#LulaLivre* e *#ForaBolsonaro*. No espectro oposto, se você é um homem branco heterossexual, você não é – e nem está autorizado a ser – antirracista e nem feminista, pois não tem lugar de fala. Logo, você não participa de nenhum movimento social “de minorias” pois é privilegiado, vive numa bolha e não precisa se preocupar com as opressões de gênero, raça, sexualidade e classe. Sendo assim, você é *#LuLadrão* e *#BolsoMito*. Como chegamos até aqui?

Muitos autores que se debruçam sobre o problema da polarização política e identitária do Brasil contemporâneo tomam *Junho de 2013* como seu estopim, ou seja, é um fenômeno recente, que ainda está sob a meticulosa análise de historiadores, antropólogos, sociólogos e comunicadores. O que veio à tona nesse momento divisor de águas da história nacional foi um descontentamento generalizado da população com a situação econômica e política brasileira. O que começou como uma manifestação contra o aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre, adquiriu proporções inimagináveis: em 20 de junho daquele ano, o IBOPE registrara cerca de 1,5 milhão de pessoas nas ruas de todo o país. As reivindicações também se multiplicaram: viam-se, em cartazes, desde palavras de ordem contra a corrupção e *tudo que está aí* – slogan que, hoje, podemos considerar premonitório para a ascensão do bolsonarismo alguns anos depois – e até o descontentamento com o preço da ração animal. Para Fabio Luis Barbosa dos Santos (2018), em seu resgate histórico do movimento progressista na América Latina entre 1998 e 2016, *Junho de 2013* foi a maior manifestação popular que o Brasil mobilizara desde o fim da ditadura, em 1985. Para o historiador, um dos pilares para o movimento

foi a crise do chamado “modo lulista de regulação social”: “[...] Este esforço em contornar as contradições que tensionam a sociedade brasileira, como se fosse possível erradicar os males sem mexer nas raízes, revelou-se uma quimera, que começou a se desmanchar em junho de 2013”. (2018, p. 125). Não nos cabe discutir extensivamente acerca da situação conjuntural econômico-política que deflagrou a erosão do *pacto lulista* a partir, dentre outras coisas, das concessões ao capital financeiro que mantiveram o privilégio dos mais ricos. O que nos interessa são os endereçamentos do *lulismo em crise* no nível do tecido social, e como foi se organizando na cultura, nos meios de comunicação e nas identidades.

Como bem resume Francisco Bosco (2017, p. 64), “[...] de lá para cá, amplos setores da sociedade brasileira despertaram do marasmo político e passaram a ocupar espaços públicos, urbanos, midiático tradicionais, institucionais e sobretudo digitais”. O autor ressalta, portanto, a centralidade das novas tecnologias para o sucesso das mobilizações de *Junho de 2013* e para a reconfiguração do espaço público brasileiro. Inicialmente, porque a audiência da mídia tradicional fez das redes sociais um lugar para criticar a versão dos fatos apresentadas pelos grandes conglomerados de comunicação. À época das mobilizações, a indignação dos manifestantes em relação à cobertura jornalística dos grandes veículos de comunicação de tais eventos era imensa, e foi nas redes que tamanho descontentamento pôde ser canalizado na forma de produção e compartilhamento de conteúdos que denunciavam a parcialidade da mídia em relação aos protestos. Assim, “pode-se afirmar que os protestos de massa, pelo abalo social que se mostraram capazes de realizar [...], contribuíram decisivamente para consolidar as redes sociais digitais como um novo espaço público” (2017, p. 69). Esta *reconfiguração*, conforme tratada por Bosco (2017), é de sumária importância para que possamos compreender o alcance massivo do *debate identitário*, cujos tentáculos agarram instituições políticas, religiosas, de ensino, midiáticas, e aí por adiante.

Portanto, do colapso do pacto lulista, das revoltas de *Junho* e da emergência de um novo espaço público mediado pelas redes digitais temos, como uma das principais repercussões, a reorganização de lutas por *reconhecimento*. Elas, claro, não são novas. Os movimentos feministas, LGBTs+ e antirracistas em território nacional há décadas organizam respostas e táticas de confronto simbólico contra a dominação do poder institucional e lutam por políticas públicas direcionadas a mulheres, homossexuais e

transexuais, e pessoas negras. Entretanto, no contexto atual, as redes sociais digitais conferiram um outro tipo de visibilidade a tais lutas por reconhecimento, produzindo, conseqüentemente, um engajamento muito mais imediato, afetado e, por muitas vezes, extremado. Bosco (2017) também discute essa questão, concordando que “a identidade minoritária é, na origem, imposta de fora. Para os movimentos sociais identitários, faz-se necessária então *assumi-la radicalmente para poder se livrar dela*, isto é, para reencontrar a experiência social do universal” (2017, p. 85, grifos do autor). Essa discussão sobre diferença, igualdade e universalidade será matizada ao longo desta pesquisa.

Nos cabe, por ora, consolidar o diagnóstico de que, atualmente, a reorganização das *lutas por reconhecimento*, mobilizadas a partir de pautas identitárias, estruturadas via novas tecnologias de comunicação que, por vezes, alçam voos rumo ao *mainstream* da indústria cultural – como também veremos – gerou, além de visibilidade midiática a grupos invisibilizados, uma forte reação de setores da sociedade que se viram em meio a um furacão semiótico até então inconcebível. Estes, reconhecidos como *conservadores* e, aqueles, como *progressistas*.

Maria Basso Lacerda (2019), em sua análise sobre a ascensão conservadora no Brasil recente, apresenta uma minuciosa leitura sobre os pilares desse ideário político. Para contextualizar, resgatamos novamente *Junho de 2013*. Se esse momento histórico, de alguma forma, despertou uma *vontade de política* em muitos estudantes e trabalhadores de grupos sociais marginalizados progressistas; também marca o início de uma reação conservadora, à qual Lacerda chama de *novo conservadorismo brasileiro*.

O que se entende aqui por novo conservadorismo brasileiro é uma parcela dessa direita; é o ideário que hegemonizou a direita e levou Bolsonaro à presidência. A nova direita é aquela em torno da família tradicional, do anticomunismo e do militarismo; e de valores de mercado, nesse aspecto com várias nuances. Diferente de outras articulações conservadoras, o eixo de gravidade do neoconservadorismo norte-americano – e do novo conservadorismo brasileiro – é a atuação da direita cristã baseada na ideia de que a família – e não o Estado – é a resposta para toda ordem de disfunções sociais (LACERDA, 2019, p. 17-18).

Conforme é possível observar na citação acima, a autora adota uma equivalência entre conservadorismo e *direita*. Neste estudo, adotamos a relação entre progressistas como grupos de esquerda; enquanto conservadores, como grupos de direita, ainda que

haja discussões⁹ em torno dessas correlações diretas. Para isso, posmos em diálogo Norberto Bobbio, clássico da ciência política para definir *direita e esquerda*, e autores/as brasileiros/as que discutem a situação contemporânea brasileira de conservadores e progressistas, como os já citados Santos (2017) e Lacerda (2019).

Voltando ao ponto da autora, o que podemos dizer sobre essa nova direita brasileira é que ela é recente e se desenvolve em uma situação específica, na qual as instituições nacionais estariam em certo grau de perigo, como a implementação de um comunismo no país. Lacerda recorre à definição situacional de Samuel Huntington – reconhecido cientista político conservador estadunidense – e explica: “De acordo com essa perspectiva, o conservadorismo é posicional e se desenvolve conforme necessidades históricas precisas. A ideologia conservadora é produto de intenso conflito ideológico e social” (2019, p. 25). O que a direita procura preservar é a sensação de estabilidade de determinado momento histórico em que o imperativo do *natural* se sobrepunha a ideias construcionistas. “A direita está mais disposta a aceitar aquilo que é natural e aquilo que é a segunda natureza, ou seja, o habitual, a tradição, a força do passado” (BOBBIO, 2011, p. 121).

No Brasil, o que a direita neoconservadora do século XXI busca manter, no plano das moralidades, são os valores da família tradicional religiosa que, conforme sugere Lacerda (2019), “oferece laços sociais sólidos que visam a compensar a falta de solidariedade deixada pelas políticas neoliberais¹⁰” (2019, p. 58). Portanto, a especificidade desse movimento é a preocupação primordial com as questões sexuais e reprodutivas. Como exemplo recente, podemos citar a articulação política, em 2013, no combate à chamada “ideologia de gênero”, que tinha como objetivo censurar conteúdos didáticos escolares que versassem sobre diversidade de orientações sexuais e de gênero. Além disso, o aborto também entra como um dos mais importantes temas da agenda neoconservadora brasileira através do ativismo pró-família, que munidos de argumentos

⁹ Lacerda (2019) aponta que para alguns autores, direita e esquerda são posturas específicas frente a questões econômicas, enquanto conservadorismo e progressismo, posicionamentos em relação à moral e aos costumes.

¹⁰ De acordo com Lacerda (2019), sintetizamos seu conceito como uma teoria político-econômica que privilegia o Estado mínimo, permitindo que os cidadãos sejam livres para empreender, praticando o livre mercado.

religiosos mesclados com argumentos jurídicos, reivindicam a criminalização sumária da prática. O atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, é o grande representante do neoconservadorismo nacional. Na análise de Lacerda, sua plataforma foi construída a partir dos seguintes temas: militarismo, antipetismo/corrupção, rigor penal e “*kit gay*”, sendo que “o diferencial de sua atuação nesses anos é justamente a mobilização dos temas relacionados à moral sexual, que não compunham seu repertório anteriormente”. (LACERDA, 2019, p. 187). Nesse ideário neoconservador descrito pela autora, os grupos sociais antagonistas seriam principalmente mulheres e as pessoas LGBTs, uma vez que demandariam ações *pró-reconhecimento* que, necessariamente, fariam sacudir os valores e as morais que o neoconservadorismo busca preservar. Por isso, podemos sintetizar a ideia de que o brasileiro conservador “[...] se firma como uma reação ao reconhecimento, por instituições do Estado, de demandas feministas e LGBT”. (2019, p. 199). Essas pautas, portanto, fariam parte do oposto político ao conservadorismo: o progressismo.

Tomando como referência a obra de Santos (2018), afirmamos que, na América do Sul, as políticas progressistas recentes são caracterizadas como um projeto de reação aos efeitos deletérios do avanço do neoliberalismo no subcontinente. Se Lacerda (2019) identifica a correlação entre conservadorismo e direita, Santos também circunscreve o progressismo na coordenada política de esquerda: “A expressão [onda progressista] alude à sucessão de governantes identificados com a esquerda, eleitos em reação ao neoliberalismo em anos recentes na região” (2018, p. 11). Ao se aproximar de um resumo conceitual sobre o que seria a “esquerda”, Norberto Bobbio (2011, p. 125) sugere que “[...] o elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chamam de ‘esquerda’, e como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo [...]”. A noção de *igualdade*, bem como seus conflitos de ordem praxiológica para um projeto progressista serão discutidos mais adiante a partir de Flávio Pierucci. Por ora, vale destacar que, conforme elucidado por Bobbio, um propósito progressista de igualdade não trata de uma sociedade em que todos sejam iguais *em tudo*, mas sim de uma organização social na qual o que há em comum entre as pessoas seja mais exaltado do que as suas diferenças. Essa premissa é a estrutura das políticas consideradas de esquerda que buscam, através da denúncia das desigualdades socioeconômicas, tecerem um projeto de igualdade. Santos (2018) explora como as políticas progressistas por igualdade e reconhecimento são, no

Brasil contemporâneo, tratadas no espectro político hegemônico conservador, conferindo à bancada evangélica no Congresso Federal parte da responsabilidade por interromper debates pró-reconhecimento das diferenças: “Além de bloquear qualquer discussão em favor da descriminalização do aborto ou da igualdade de gênero, a bancada evangélica pressiona para que a homossexualidade seja tratada como doença (a ‘cura gay’), entre outras pautas reacionárias”. (2016, p.154). Lacerda (2019) também articula algumas características do progressismo brasileiro vigente, reconhecendo que a grande mídia, representada especialmente pela *Rede Globo*, “tende hoje a ser mais favorável à agenda progressista em relação aos comportamentos e ao ambientalismo” (2019, p. 196), apesar da sua postura favorável às práticas econômicas neoliberais.

Em síntese, portanto, adotamos as expressões *conservadores* e *progressistas* nesta pesquisa a fim de traçar um recorte ideológico dos nossos interlocutores, considerando-os, respectivamente, como sujeitos *de direita* e *de esquerda*. Na contramão das ideias de alguns críticos que sugerem que os conceitos de “esquerda” e “direita” estão em declínio, desuso e em vias de desaparecer dada a erosão dos partidos políticos tradicionais, nos alinhamos à Bobbio que persiste em não deixar tais ideários se perderem de vista.

[...] ‘esquerda’ e ‘direita’ não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. ‘Esquerda’ e ‘direita’ indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (BOBBIO, 2011, p. 51).

Embora, conforme mencionado acima, esquerda e direita sejam, a princípio, termos antitéticos entre si, contrapostos no plano das ideias e dos projetos políticos concretos; valem algumas ressalvas. A primeira delas é em relação à existência de uma terceira coordenada política, o *centro*. Para Bobbio, esta posição se apresenta no debate político como uma *terceira via*, capaz de articular a fórmula do “e-e”, ou seja, congregar ideias de esquerda e de direita sem um compromisso formal com algum dos dois opostos. O autor nomeia algumas expressões políticas que se valem dessa estratégia, como o “socialismo liberal”, cuja agenda moral se filia à esquerda; e a econômica, à direita. Em nossa pesquisa, não incluímos minorias declaradas como adeptos desta “terceira via”,

ainda que, por vezes, suas opiniões remetessem aos ideários do projeto político oposto ao qual disse se filiar.

Por esse motivo, outro aspecto importante a destacar tem a ver com a aparente rigidez conceitual do que representa ser “de direita” ou “de esquerda” no “mundo real”, fora dos dicionários de ciência política. Na linguagem comum e nos processos de autoidentificação, há infinitas disputas de significados acerca do que significa ser do lado de lá ou de cá do espectro político, que muitas vezes se confundem com extremismos e moderantismos. Sobre isso, Bobbio (2011, p. 78) sintetiza que “na contraposição entre extremismo e moderantismo é questionado sobretudo o método, na antítese entre direita e esquerda são questionados sobretudo os fins”. Para Bobbio, as alas extremistas de cada universo ideológico revelam mais semelhanças entre si do que os moderados. Por isso, conforme relata o autor, é comum que, por exemplo, extremistas de direita cooptem ideias de revolucionários de esquerda, tal como Gramsci, para argumentar a favor dos seus próprios ideais. Um outro exemplo, mais atual, seria Foucault, intelectual de esquerda, e sua defesa de um outro tipo de relação com nós mesmos, sendo apropriado por grupos de intelectuais capitalistas neoliberais para justificar o uso do *coach* como ferramenta psicoterapêutica regulamentada e práticas de cura pseudocientíficas tal como *thetahealing*¹¹ e afins. Neste estudo, a partir da fala dos nossos entrevistados, entraremos em contato com algumas narrativas conspiratórias e alguns julgamentos de ideias embasados por dogmas religiosos, místicos e revisionistas – tanto em sujeitos de esquerda quanto de direita. Por conta dessas contradições, Bobbio é assertivo ao dizer que “os extremos se tocam” (2011, p. 71).

Inquietados com simplificações genéricas sobre o que é ser “de esquerda” e “de direita” no Brasil contemporâneo e interessados nas contradições internas de cada segmento político que, por vezes, os aproximam do “inimigo”, nossa pesquisa empírica compreende o recorte ideológico segmentado entre progressistas e conservadores, como

¹¹ Trata-se de uma marca registrada por Vianna Stibal. Diz respeito a um processo de meditação no qual as pessoas supostamente alterariam os ciclos de suas ondas cerebrais para *ondas theta*, promovendo a cura de toda uma sorte de doenças. O artigo científico de Hinterberger, Haugwitz e Schmidt (2020) comprova, através de métodos científicos, que não foi evidenciado o surgimento de ondas teta em nenhuma das pessoas submetidas ao “método de cura”, não tendo, portanto, nenhum benefício desde uma perspectiva clínica. A fundadora da técnica afirma ter se curado de um câncer através da prática meditativa.

já dissemos. Consideramos que no cenário político atual, em que a política invadiu o cotidiano através das reconfigurações do espaço público, produzindo um *anseio de politização*, e pelos demais motivos apresentados nesta introdução que impregnam a sociedade civil desde *Junho de 2013*, a declaração de um posicionamento político pode informar muitos elementos sobre o perfil de um sujeito e de um grupo. Pierucci, em sua pesquisa de campo na periferia paulista no final do século XX, relata: “E descobri, como estratégia de pesquisa facilmente replicável, que partindo do voto é possível até mesmo reconstituir estilos de vida ou, quando menos, estilos de pensamento” (1999, p. 102). Para além de tensionarmos os sentidos do progressismo e do conservadorismo para cada sujeito e como medeiam suas práticas, nos interessa também tensionar como suas demais dimensões identitárias – gênero, raça e sexualidade – são interpeladas, ou interpelam, seus posicionamentos políticos-ideológicos. Conforme narramos ludicamente através da mulher preta *#LulaLivre* e do homem branco *#BolsoMito*, existe um imaginário de que toda minoria, ou seja, todo sujeito cujo corpo compreende um marcador social *da diferença* que delimite as possibilidades de sua existência, é de esquerda. Queremos colocar esta concepção em cheque a fim de trazer maior complexidade ao debate, pensando sobretudo acerca do papel dos meios de comunicação nessa querela – afinal, este é um trabalho de *Comunicação*, conforme já delimitamos. Por isso, além do recorte ideológico, consideramos recortes interseccionais compreendendo ao menos uma dimensão de opressão na constituição identitária do nosso entrevistado. Ou seja, entrevistamos sujeitos politicamente marginalizados de esquerda e de direita, aos quais nos referimos como *minorias ativas*. Para Serge Miskolczi (2011) tratam-se de grupos numericamente pequenos e/ou com grande dependência, que catalisam uma alternativa ao consenso, de modo que tal poder lhe confira considerável potencial de transformar o discurso dominante.

Toda a discussão sobre polarização política e identitária e minorias desenvolvida nesta Introdução conflui para um termo que, na perspectiva de Renato Ortiz, pode ser considerado o emblema da modernidade-mundo: *diversidade*. Esta expressão, portanto, torna-se o objeto empírico sobre o qual nos debruçamos a fim de analisar de que modo convicções progressistas e conservadoras; moderadas e extremistas, circulam no tecido social, em especial nas práticas de consumo midiático das minorias ativas. Tomamos a

diversidade, materializada em produtos midiáticos a partir da representação de identidades até então invisibilizadas ou estereotipadas – em diversos outros setores, como a política e a religião – como esse nexo em que dogmas, valores, crenças e ideologias dos receptores entram em choque. Assim, investimos na proposta de que compreender a relação dos sujeitos com a temática da diversidade – tão pulsante nos dias atuais, conforme veremos ao longo das nossas contextualizações –, revela-se crucial para obtermos um retrato do Brasil contemporâneo. Portanto, o problema de pesquisa desta tese pode ser definido da seguinte forma: **Como a produção de sentido sobre o tema da diversidade configura usos e apropriações entre diferentes grupos de minorias ativas progressistas e conservadoras nas suas práticas de consumo midiático?**

O objetivo geral é compreender de que maneira o tema da diversidade repercute na produção de identidades através do processo de consumo midiático entre distintos grupos sociais. Os objetivos específicos que nos guiarão para o cumprimento do objetivo geral exposto acima é:

- 1) Sistematizar as práticas de consumo midiático dos interlocutores;
- 2) Verificar a relação desses sujeitos com o tema da diversidade;
- 3) Descrever as produções de sentido em torno das representações midiáticas da diversidade;
- 4) Observar os elementos que agenciam as apropriações da diversidade na mídia.

Para responder ao problema de pesquisa e cumprir com os objetivos do estudo, organizamos o relatório da pesquisa em 10 seções. A Seção 1 trata da construção do nosso objeto: a *diversidade*. As Seções 2, 3, 4 e 5 apresentam perspectivas teóricas e conceitos úteis para o empreendimento do estudo. A Seção 6 aborda os procedimentos metodológicos e, finalmente, das seções 7 até a 10, adentramos no universo empírico, investigando o que as minorias progressistas e conservadoras têm a dizer sobre o objeto desta pesquisa. Seguimos, agora, com a tematização do próprio, observando de que forma a diversidade se insere no mundo social.

1. CONSTRUÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO

1.1 Panorama acadêmico

Inicialmente, damos destaque a pesquisas e iniciativas cujo desenvolvimentos teórico, metodológico e empírico contribuem imensamente às pesquisas de consumo midiático e recepção, colaborando para o seu amadurecimento, solidificação e garantindo o seu próprio estatuto de “campo” numa perspectiva bourdieuniana. Citamos trabalhos de quatro pesquisadoras que foram pioneiras no campo da Comunicação brasileiro.

Primeiramente, damos destaque à iniciativa da criação do *Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva* (OBITEL), coordenado pela cientista social e doutora em Comunicação (USP) Maria Immacolata Vassalo Lopes e por Guillermo Orozco Gomes, doutor em Educomunicação pela Universidade de Harvard. Professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tem inegável papel para a solidificação do campo da Comunicação no Brasil via o seu modelo metodológico de pesquisa em Comunicação, resultado de sua tese de doutorado. Atualmente, além do OBITEL, Lopes direciona seus interesses de pesquisa a elaboração de formulações teóricas e metodológicas sobre a recepção transmidiática e acerca do papel das comunidades de fãs nas práticas de recepção permanecendo, assim, conectada às transformações estruturais que a tecnologia instaura nas relações de consumo.

Para debater consumo e recepção midiática, também destacamos a obra *A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre* analisa as representações da pobreza na telenovela e como esta temática é assimilada por jovens de diferentes classes sociais. É uma obra emblemática para pensar sobre metodologia de pesquisa empírica em comunicação e práticas de recepção sob um eixo de análise de corte marxista. Sua autora, Veneza Ronsini, é doutora em Sociologia (USP), ex-orientanda de Maria Immacolata no Mestrado e professora titular no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Interessada nos usos sociais das tecnologias de comunicação e nas práticas de recepção, adotando uma postura marxista para analisar estas questões.

Embora não nos vinculemos à perspectiva da midiaticização, textos como *La mediatización de las identidades culturales en los procesos de recepción: proposiciones teórico-metodológicas y constataciones empíricas* e *A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica* são contribuições importantes ao campo. Sua autora, Jiani Bonin, é doutora em Ciências da Comunicação (USP), ex-orientanda de Maria Immacolata no Doutorado e professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Unisinos. O comprometimento metodológico da sua pesquisa é de grande valia para a discussão sobre métodos e técnicas nos estudos de consumo e recepção midiática.

Por fim, evidenciamos os livros *Comunicação e recepção* e aos três volumes de *Meios e audiências*. Nilda Jacks é coautora da primeira, escrevendo-a junto com Ana Carolina Escosteguy; e coordenou a segunda, contribuindo também como coautora de alguns capítulos. Nilda Jacks é doutora em Ciências da Comunicação (USP), ex-orientanda de Maria Nazareth Ferreira e professora titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O seu percurso acadêmico manteve-se muito próxima das trocas estabelecidas junto à Maria Immacolata desde a sua entrada na USP até os dias de hoje, através do OBITEL, coordenando a equipe da Região Sul. Os estudos de Jacks, via as duas obras citadas, entre outras, são contribuições importantes pelo enfoque nas práticas dos sujeitos para discutir a produção de identidades no âmbito da recepção e do consumo midiático. Atualmente, Jacks desenvolve estudos voltados ao debate sobre recepção, consumo midiático e identidades, dando enfoque às práticas entre jovens no contexto de convergência midiática. Desenvolve, ainda, trabalhos sobre o campo da recepção numa mirada metodológica e epistemológica. Os três volumes de *Meios e audiências*, bem como o livro *Comunicação e recepção*, escrito junto com Ana Carolina Escosteguy, são exemplos de tais investimentos intelectuais.

Apresentadas referências importantes para o debate aqui proposto, voltamos à produção acadêmica recente acerca do debate sobre recepção e identidades. Para isso, provisoriamente, recorreremos à última edição de *Meios e audiências III* (JACKS, 2017), obra que traça um panorama nacional acerca do que foi produzido pelo nos níveis de Mestrado e de Doutorado sobre recepção e consumo midiático entre 2010 e 2015. Os estudos considerados foram desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Ao

todo, foram consultados 4.643 trabalhos. Destes, 191 vinculam-se ao debate sobre consumo e/ou recepção midiática. A partir deste *corpus*, encaminhamos a discussão para os conceitos que vêm interessando para esta pesquisa, iniciando com os trabalhos que versam sobre identidade, que som 28, sendo 22 de recepção e seis de consumo midiático.

Quadro 1 – Trabalhos sobre identidade

TÍTULO	AUTOR
A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão	Helen Emy Nochi Suzuki
Processos comunicacionais Kaingang: Configurações e sentidos da identidade cultural, memória e mídia em perspectiva histórica	Carmem Rejane Antunes Pereira
Leitura crítica e telenovela: Processos de construção da identidade em comunidades	Verônica Maia Rodrigues
Sem maneiras de conquista seu homem: Apropriações do discurso sobre a mulher na revista TPM	Bruna Mariano Rodrigues
Da missão nobre ao desprestígio: Representações da identidade docente nas páginas da Tribuna de Minas	Monique Ferreira Campos
Comunicação, recepção e consumo – as manifestações culturais e sua influência na formação das identidades: Um estudo sobre as telenovelas Duas caras (brasileira) e A outra (portuguesa)	Maria Amélia Paiva Abrão
Para além do “Boa Noite”: Os apresentadores de telejornais e o processo de identificação com o público	Gilze Freitas Bara
A representação da política no Jornal Nacional e a construção da notícia das identidades políticas dos jovens juiz-foranos	Fernanda Nalon Sanglard
Telenovela e identidade nacional no ciberespaço: Explorações metodológicas da recepção internacional de Caminho das Índias em comunidades virtuais	Denise de Oliveira Freire
Mídia e cultura: Um estudo da televisão e da identidade cultural no quilombo de Itamatatuiá	Wesley Pereira Grijó
Identidades culturais piauienses nas eleições municipais de Teresina (PI): Sentidos produzidos na recepção das propagandas eleitorais gratuitas de 2012	Egnard Gonzaga de Aragão Ferreira
Tradições e contemporaneidade na midiáticação das identidades culturais: As configurações humorísticas radiofônicas do Top Show e os sentidos produzidos por ouvintes do Extremo Oeste de Santa Catarina	Ricardo Pavan
Mediação das identidades e representações étnicas pela telenovela Insensato coração: estudo de recepção dos militantes negros	Roberta de Souza Borato
Consumo de moda e representações midiáticas na telenovela: A construção da identidade da mulher plus size	Marcela Bezelga Francfort Ankerkrone
O melodrama como matriz cultural no processo de constituição de identidades familiares: Um estudo dos usos, consumo e recepção de (tele) novela	Lourdes Ana Pereira Silva
Mídia e representação social juvenil: Recepção do programa Malhação	Solange Prediger
A construção discursiva e a recepção da homoafetividade na teledramaturgia brasileira: Consumo, representação e identidade homossexual	José Aparecido de Oliveira

Jovens rurais, corações urbanos: Jornal Nacional e as desigualdades sociais do campo	Júlia Mello Schnorr
Eu não quero ser a mulher saliente! Eu prefiro ser a Isabella Swan! Apropriações das identidades femininas por crianças na recepção midiática	Marta Maria Azevedo Queiroz
A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação dos telejornais: Em busca da identidade e aproximação com o telespectador – uma análise do MGTV primeira edição	Renata Venise Vargas Pereira
A Televisão Brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai: Um estudo sobre como as representações televisivas participam da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço	Roberta Brandalise
Telejornalismo, identidades e deficiência visual: Representação e recepção midiáticas junto a pessoas com deficiência visual	Marcello Pereira Machado
Jornalismo, identidade e narrativa audiovisual: Consumo e experimentação de conteúdos telejornalísticos por jovens universitários e trabalhadores no contexto da convergência midiática	Bárbara Garrido de Paiva Schlaucher
Mediações quilombolas: Apropriações étnicas na recepção de telenovelas	Wesley Pereira Grijó
Mídia, imigração e identidade(s): As rádios bolivianas de São Paulo	Danilo Borges Dias
Mídia, tradição, identidade: Televisão e negociação de pertencimento em Timor Leste	Ivens Manuel de Sousa
Revista Topview, estilos de vida e o leitor: Interfaces de uma relação em Curitiba	Maria Fernanda Nedochetko Carli
Cotidiano, cultura popular e identidade na TV comunitária canal Capibaribepe	Waldelio Pinheiro do Nascimento Júnior

Fonte: *Meios e audiências III*.

As autoras Erika Oikawa e Lourdes Silva, responsáveis pelo capítulo, identificam cinco tipologias de identidades, tematizadas de acordo com os marcadores estruturantes: identidade de território¹² (nove estudos); identidades múltiplas¹³ (sete); identidade regional¹⁴ (quatro); identidade étnica/racial¹⁵ (quatro) e identidade de gênero¹⁶ (quatro).

De modo geral, os trabalhos sobre identidade caracterizam-se pela pluralidade de meios de comunicação explorados, ainda que a televisão continue encontrando lugar de destaque tanto nos de recepção, quanto nos de consumo midiático. Neste meio, entretanto, há um deslocamento de interesse no que diz respeito ao gênero midiático. Se nos anos anteriores a telenovela era o produto audiovisual de maior interesse e

¹² Identidades de imigrantes, rural, de comunidades e de fronteira.

¹³ Identidade familiar, identidade de jovens, identidade docente e identidade de pessoas com deficiência.

¹⁴ Identidades circunscritas em um território geográfico urbano específico, tais como: extremo oeste de SC, jovens de Juiz de Fora, curitibanos e piauienses.

¹⁵ Identidade negra, identidade quilombola.

¹⁶ Identidade da mulher, identidade homossexual.

jornalismo aparecia de forma tímida, dessa vez ambos os gêneros empataram, com nove estudos de recepção para cada um.

As perspectivas teóricas mais adotadas para o trato da questão identitária são aquelas vinculadas aos estudos culturais britânicos e latino-americanos. Autores como Stuart Hall¹⁷, Martín-Barbero, García Canclini, Zygmunt Bauman e Tomaz Tadeu Silva são os preferidos para essa temática. Conforme indicado pelas autoras, “o ponto de partida para grande parte dessas discussões continua sendo o descentramento das identidades na modernidade, a partir dos processos de globalização” (OIKAWA, SILVA, 2017, p. 225). Para o nosso campo, cabe revelar, portanto, o papel central que os meios de comunicação tradicionais, bem como as “novas tecnologias”, vêm ocupando na elaboração, reificação, contestação e produção das identidades. Seguimos, portanto, demonstrando como o marcador “gênero” foi tratado nos estudos levantados.

De acordo com Tainan Tomazetti e Paula Coruja (2017), dos 191 trabalhos levantados, 33 pautam reflexões sobre as relações de gênero e/ou mulheres, sendo 19 estudos de recepção e 14 de consumo midiático.

Quadro 2 – Trabalhos com o marcador “gênero”

TÍTULO	AUTOR
Sem maneiras de conquista seu homem: Apropriações do discurso sobre a mulher na revista TPM	Bruna Mariano Rodrigues
Mundos possíveis e telenovela: Memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas	Valquíria Michela John
O trabalho em revistas femininas: Um estudo empírico com mulheres bem sucedidas profissionalmente	Janaina Cruz de Oliveira
Como as revistas femininas brasileiras identificam as representações da sexualidade feminina: Um estudo de caso sobre as revistas Lola, Nova e Marie Claire	Débora Fajardo Pontes
O jornalismo de celebridades em Caras e Quem: Cultura tabloide e comunicação com o leitor	Fernanda de Faria Medeiros
As relações de gênero presentes nos anúncios publicitários do sabão em pó Omo	Ana Paula Cardoso Dorneles
Mulheres na revista TPM: Análise discursiva da construção da singularidade feminina	Giovanna Lícia Rocha Triñanes Aveiro

¹⁷ Autor citado em 20 trabalhos, sendo *A identidade cultural na pós-modernidade* a sua obra mais referenciada.

Grávidas, mães e a comunicação publicitária: Uma análise semiótica das representações da gravidez e maternidade na publicidade contemporânea de mídia impressa	Maria Collier de Mendonça
Retratos do brasileiro no imaginário equatoriano: Um estudo de recepção da telenovela Avenida Brasil em Guayaquil	Lizbeth Kanyat
Vilania e homossexualidade: o personagem Félix Khoury da telenovela Amor à Vida nas leituras da comunidade LGBT na cidade de SP	Lívia Cretaz
Consumo de moda e representações midiáticas na telenovela: A construção da identidade da mulher plus size	Marcela Bezelga Francfort Ankerkrone
Distinção em 140 caracteres: Classe social, telenovela e Twitter	Sandra Dalcul Depexe
Mídia e representação social juvenil: Recepção do programa Malhação	Solange Prediger
Feminino velado: A recepção da telenovela por mães e filhas das classes populares	Renata Córdova da Silva
Envelhecer com Passione: A telenovela na vida de idosas das classes populares	Laura Hastenpflug Wottrich
Consumo de publicidade: Corpo, vestuário e atitude na construção do imaginário de marcas de moda feminina	Ana Cristina Puglia Duque-Estrada
Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular	Lírian Sifuentes
Detentas mineiras e as representações midiáticas do TV Cela	Izabella Gamaliel de Souza e Lúcio
Comunicação midiática e o consumo do corpo modificado	Viviane Ribeiro Felix
Sentidos diversos atribuídos pelos receptores a um comercial de TV	Tania Cristiane Yoshie Fukushima
As divas no cotidiano: Lembranças de mulheres sobre anúncios publicitários da década de 1970	Éldi Marisol Saucedo
Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade	Welton Danner Trindade
Estudo de recepção em comunicação: As representações do feminino no mundo do trabalho das teleoperadoras	Edilma Rodrigues dos Santos
Masculinidade em anúncio(s): Recepção publicitária e identidade de gênero	Filipe Bordinhão dos Santos
Mídia e envelhecimento feminino: Transformações no corpo e implicações subjetivas	Carlise Nascimento Borges
Vivendo um projeto em família: Consumo midiático, beleza feminina e o sonho juvenil de ser modelo profissional	Daniela Maria Schmitz

Eu não quero ser a mulher saliente! Eu prefiro ser a Isabella Swan! Apropriações das identidades femininas por crianças na recepção midiática	Marta Maria Azevedo Queiroz
As múltiplas prisões femininas: Um estudo sobre os textos e contextos midiáticos no ambiente prisional	Helen Garcez Braun
A construção discursiva e a recepção da homoafetividade na teledramaturgia brasileira: Consumo, representação e identidade homossexual	José Aparecido de Oliveira
Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê: Estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes	Lírian Sifuentes
Mulheres com classe: Mídia e classe social num Brasil em ascensão	Iara Gomes de Moura
Envelhecimento feminino: Produção das subjetividades do sujeito mulher pela estética do corpo	Talíta Maria Carvalho de Lima
Experiências de interação de mulheres brasileiras com a publicidade contraintuitiva: Um estudo em Grounded Theory	Francisco Vanildo Leite

Fonte: *Meios e audiências III*.

Os autores constataram que desses trabalhos, 28 enfocam as mulheres. Destes, 12 se apropriam dos estudos feministas para as discussões empreendidas. 16 pesquisas pautam relações de gênero¹⁸, sendo que 12 se debruçam sobre esta discussão a partir de mulheres, e quatro contemplam a perspectiva *queer* e das masculinidades. O *corpus* analisado é sobre esses 16 estudos. Evidencia-se que a televisão é o meio mais estudado, sendo a telenovela o gênero midiático preferencial. A articulação destas narrativas com a categoria gênero é em relação à constituição das identidades femininas. As perspectivas teórico-metodológicas se aproximam intimamente dos estudos culturais via Stuart Hall, com seu modelo *encoding/decoding*; e Martín-Barbero, principalmente a partir do mapa das mediações. Para tratar especificamente do marcador gênero, autoras estadunidenses como Joan Scott, Judith Butler e as brasileiras Guacira Lopes Louro e Ana Carolina Escosteguy são apropriadas como referência.

De modo geral, Tomazetti e Coruja (2017) consideram que os estudos de recepção interessados no recorte de gênero para analisar as relações entre sujeito e mídia possuem diversas questões para serem amadurecidas, sendo fundamental alcançar um nível de interpretação que colabore para a desconstrução dos essencialismos e binarismos

¹⁸ Para os autores, os trabalhos que se detêm nas “relações de gênero”, são aqueles que tematizam: feminilidades, feminismo, masculinidades, corporalidades e sexualidades.

presentes nas representações de gênero na mídia. Portanto, há uma preocupação em pensar gênero desde um ponto de vista mais complexo, aproximando-o da sua condição instável e inacabada, afastando-o do seu caráter prescritivo ou da sua versão estável de mero dado demográfico. Para isso, os autores evocam a questão identitária ao sugerir que “principalmente quando falamos de identidades, é preciso ater-se no caráter processual, dinâmico e interseccional da conduta humana” (2017, p. 189). Como vimos, os trabalhos com recorte de gênero nos estudos de recepção e consumo midiático não alcançaram a complexidade que a interseccionalidade propõe. Gênero foi considerado, majoritariamente, de modo isolado de outras categorias como sexualidade, raça e classe. Sigo discutindo como este último marcador foi apropriado pelos autores e autoras das teses e dissertações do *corpus*.

O capítulo sobre o recorte de classe no *Meios e audiências III* foi redigido por Nilda Jacks, Lirian Sifuentes e Guilherme Libardi (2017). Os autores identificaram que 39 trabalhos trazem a categoria “classe” como aporte analítico, sendo 23 estudos de recepção e 16 de consumo midiático.

Quadro 3 - Trabalhos com o marcador “classe”

TÍTULO	AUTOR
Comunicação, recepção e consumo – as manifestações culturais e sua influência na formação das identidades: Um estudo sobre as telenovelas <i>Duas caras</i> (brasileira) e <i>A outra</i> (portuguesa)	Maria Amélia Paiva Abrão
Telenovela e identidade nacional no ciberespaço: Explorações metodológicas da recepção internacional de <i>Caminho das Índias</i> em comunidades virtuais	Denise de Oliveira Freire
Mídia e cultura: Um estudo da televisão e da identidade cultural no quilombo de Itamatatua	Wesley Pereira Grijó
Relações de solidariedade: Programa <i>Comando Maior</i> e audiência popular	Adriana Moraginski
Consumo cinéfilo e o prazer da raridade	Rodrigo Alameida Ferreira
Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular	Lirian Sifuentes
Estudo de recepção em comunicação: As representações do feminino no mundo do trabalho das teleoperadoras	Edilma Rodrigues dos Santos
Mídia e representação social juvenil: Recepção do programa <i>Malhação</i>	Solange Prediger
Feminino velado: A recepção da telenovela por mães e filhas das classes populares	Renata Córdova da Silva

Envelhecer com Passione: A telenovela na vida de idosas das classes populares	Laura Hastenpflug Wottrich
Midiatização do campo religioso: A recepção da celebridade Padre Fábio de Melo por seus fãs/devotos	Carlos Henrique Corrêa Senna
Comunicação midiática e o consumo do corpo modificado	Viviane Ribeiro Felix
Masculinidade em anúncio(s): Recepção publicitária e identidade de gênero	Filipe Bordinhão dos Santos
Representações midiáticas da pobreza: O programa Esquental e o reposicionamento do discurso sobre os pobres na TV brasileira	Francislanda Rodrigues Penha
O trabalho em revistas femininas: Um estudo empírico com mulheres bem sucedidas profissionalmente	Janaina Cruz de Oliveira
A representação da política no Jornal Nacional e a construção da notícia das identidades políticas dos jovens juiz-foranos	Fernanda Nalon Sanglard
Mídia e envelhecimento feminino: Transformações no corpo e implicações subjetivas	Carlise Nascimento Borges
O melodrama como matriz cultural no processo de constituição de identidades familiares: Um estudo dos usos, consumo e recepção de (tele) novela	Lourdes Ana Pereira Silva
TV OVO: A representação de identidades juvenis no audiovisual	Lucas Durr Missau
Ser ou não ser: Nova classe média, consumo e comunicação	Natália de Andrade Rocha
Muito antes da marca: Relações entre a recepção de publicidade e o consumo de alimentos por crianças de classes populares	Fernanda De Paula
Jovens rurais, corações urbanos: Jornal Nacional e as desigualdades sociais do campo	Júlia Mello Schnorr
Infância, construções de si e agenciamentos de sem terrinhas mediados pela relação com os desenhos animados	Thiago Menezes de Oliveira
Revista Topview, estilos de vida e o leitor: Interfaces de uma relação em Curitiba	Maria Fernanda Nedochetko Carli
Você gosta de alguém? Representações de amor, erotismo e sexo construídas por crianças em contextos populares a partir da cultura midiática	Jacqueline Sobral
Uma questão de interpretação: A influência do nível de escolaridade do cidadão para a compreensão do conteúdo do telejornal	Mayara Calácio de Sousa Coimbra
A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão	Helen Emy Nochi Suzuki
Televisão e sociabilidade: Os pequenos estabelecimentos comerciais de Pelotas/RS	Guilherme Carvalho da Rosa
Identidades culturais piauienses nas eleições municipais de Teresina (PI): Sentidos produzidos na recepção das propagandas eleitorais gratuitas de 2012	Egnard Gonzaga de Aragão Ferreira

Retratos do brasileiro no imaginário equatoriano: Um estudo de recepção da telenovela Avenida Brasil em Guayaquil	Lizabeth Kanyat
Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê: Estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes	Lírian Sifuentes
Espectação cinematográfica no subúrbio carioca da Leopoldina: dos "cinemas de estação" às experiências contemporâneas de exibição	Talitha Gomes Ferraz
Mediações quilombolas: Apropriações étnicas na recepção de telenovelas	Wesley Pereira Grijó
Configuração política e relações de poder no trabalho infantil doméstico: Tensões nos discursos dos media e de trabalhadoras	Danila Gentil Rodrigues Cal
Os emergentes nas águas de Narciso: Novos consumidores do Brasil e seus retratos sociocomunicacionais	Jôse Rocha Fogaça Martins
Mulheres com classe: Mídia e classe social num Brasil em ascensão	Iara Gomes de Moura
Da felicidade à alegria: Os usos e as apropriações do telejornal Jornal Nacional por famílias de classe popular	Tissiana Nogueira Pereira Cechella
Distinção em 140 caracteres: Classe social, telenovela e Twitter	Sandra Dalcul Depexe
Afinal, o que a classe média quer ver no Jornal do Almoço? Um estudo de recepção junto a telespectadores gaúchos	Anderson Luís de Vargas Silva

Fonte: *Meios e audiências III*.

De acordo com os autores, em comparação com anos anteriores, o enfretamento da classe recupera o fôlego perdido dos anos 1990 e 2000, voltando a ocupar um lugar de centralidade estruturante nas práticas dos sujeitos. Assim como nos demais capítulos, o estudo do consumo e recepção televisiva é soberano, enquanto telenovela e programas jornalísticos figuram em primeiro e segundo lugar, respectivamente. No âmbito teórico, o pensamento de autores latino-americanos Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez e Néstor García Canclini e do britânico Stuart Hall tematizam a questão de classe em interface com o debate sobre identidade, recepção e consumo. Ou seja, os estudos culturais também são determinantes para o empreendimento destas pesquisas. Outro autor que recebe destaque e que não pertence “oficialmente” à corrente dos estudos culturais é o francês Pierre Bourdieu em suas relevantes discussões sobre classe social.

Em resumo, Jacks, Sifuentes e Libardi (2017) identificam que a questão da classe é balizada em dois níveis. Um deles, assim como gênero, é tratá-la como um marcador demográfico indicador de renda, classificando os sujeitos em “classe A”, “classe B”, “classe C”, etc., a partir do IBGE, utilizando estes dados para explicar as práticas de consumo. É

uma abordagem mais instrumental, mas que ainda assim reconhece a importância da classe para compreender as dinâmicas do fenômeno analisado. Do outro lado, há os estudos que se dedicam ao enfrentamento da classe desde um ponto de vista sociológico, se aproximando de uma perspectiva marxista a partir do filósofo italiano Antonio Gramsci. Os trabalhos que de fato colocam em xeque o lugar do sujeito na estrutura de classes, pensando as formas complexas e conflituosas com que esta categoria condiciona ou não as práticas de recepção e consumo midiático, são escassos. Ainda, destaco que, assim como gênero, o marcador classe social foi considerado, na maior parte das pesquisas, de modo isolado das outras camadas que constituem os sujeitos, não fornecendo uma análise que pudesse demonstrar os conflitos e aproximações entre esta categoria e outras, como gênero e raça, por exemplo; e seus desdobramentos para as leituras e práticas de consumo da mídia.

Foi constatado, em um levantamento de estado da arte, que a interseccionalidade enquanto objeto teórico ainda é pouco tematizada no campo das ciências sociais e humanas, e muito menos na comunicação (LIBARDI, 2019a). Nesse estudo, realizado a partir teses e dissertações do país entre 2008 e 2018, revelamos que somente quatro estudos abordam uma perspectiva interseccional em diálogo com objetos comunicacionais, sendo que nenhum deles se dedica aos estudos empíricos junto à audiência, limitando-se a trabalhos sobre representações sociais ou análise de discurso/conteúdo em sites de redes sociais.

1.2 Panorama midiático

Esta subseção tem como objetivo explorar os modos de endereçamento da diversidade na mídia. Para isso, iniciamos apresentando um material desenvolvido pela Rede Globo que, ao nosso ver, sintetiza os esforços que a mídia de massa tem realizado a fim de acompanhar o debate público sobre o reconhecimento das diferenças. Em seguida, apresentamos o resultado de uma coleta de dados diária que se deu entre junho e dezembro de 2020 que consistiu na reunião de notícias publicadas *online* em que a expressão “diversidade” estivesse contemplada no título da matéria.

A *Rede Globo*, no ano de 2017, lançou a 12ª edição do seu *Caderno Globo*¹⁹ com o seguinte tema: *Corpo: artigo indefinido*. Nele, a segunda maior empresa de comunicação do mundo reuniu acadêmicos, ativistas e artistas para debaterem acerca da categoria gênero sob diversas lentes. De início, o editorial resume o objetivo do caderno:

Ao se interseccionar com raça, etnia, orientação sexual, faixa etária, classe socioeconômica e outras dimensões, gênero se configura uma espécie de ecossistema da contemporaneidade [...]. O mosaico desta edição traz temas como feminismo, equidade e crítica à desigualdade de gêneros, corpos, interseccionalidade, educação, mercado de trabalho, violência, direitos civis e linguagem. O menu é variado, mas evidentemente não tem a pretensão de esgotar o assunto. O objetivo é estimular o debate e mostrar como a questão de gênero é múltipla. Tanto quanto são as formas de existência (GLOBO, 2017, p. 4).

A categoria “gênero” é discutida ao longo de 120 páginas em um ensaio fotográfico, uma reportagem, três entrevistas, sete artigos e cinco outras produções em formatos diversos. Junto ao debate sobre gênero, a ideia de *diversidade* surge colada. O termo aparece 63 vezes: “a linguagem que tenta traduzir a diversidade”; “reconhecimento da diversidade”; “respeito à diversidade”; “invisibilidade da diversidade de mulheres em várias instâncias”, etc. Ainda, há um artigo de duas páginas, escrito pela Drª Jaqueline Gomes de Jesus, discorrendo exclusivamente sobre “diversidade humana”. Nele, a autora dedica seu último tópico de discussão à interseccionalidade, apresentando o conceito e articulando ao que circula no ecossistema midiático, sobretudo em seu espectro digital:

Nesta sociedade do conhecimento, **a interseccionalidade também é digital**. Os discursos acerca da interação de opressões e da indissociabilidade das identidades vão além da linguagem oral: encontram a linguagem escrita e a imagética na rede global de comunicações. [...] **É praxe das mídias menos atentas à pluralidade reforçar estereótipos**: as referências visíveis de mulheres em geral remetem apenas às brancas, abastadas, heterossexuais, magras e cis, ignorando que há, por exemplo, as negras, indígenas, gordas, lésbicas, pobres, trans. [...] **Reconhecer e abordar a intersecção das identidades é uma realidade inescapável para quaisquer discursos que pretendam sobreviver na sociedade contemporânea** (JESUS, 2017, grifo nosso).

¹⁹ Os *Cadernos Globo* são livros em suas versões impressas e digitais que tematizam sobre assuntos diversos que sejam socialmente relevantes. Sua produção inclui profissionais da comunicação, artistas, jovens e o meio universitário.

Embora não tenha sido o enfoque de debate ao longo das páginas do material – diferente de “diversidade”, que repercutiu muito – o termo “interseccionalidade”²⁰ é inserido na sessão chamada *Palavras fluidas*, que é um pequeno glossário com conceitos importantes relacionadas à gênero e à sexualidade. Ele é sintetizado da seguinte forma:

Conceito da sociologia advindo dos movimentos feministas, que passou a ser mais difundido a partir dos anos 1990, que leva em conta, além de gênero, outras **dimensões das identidades** sociais, como etnia, raça, classe social e faixa etária. **Estuda a articulação entre essas dimensões e como são afetadas pelas relações de poder** (GLOBO, 2017, grifo nosso).

No caderno, o conceito também é acionado na entrevista com uma das filósofas contemporâneas mais proeminentes, a estadunidense Judith Butler. A pensadora é questionada sobre por que a interseccionalidade é assunto tão urgente hoje. Ela responde:

[...] Não conseguimos separar a crítica do capitalismo, por exemplo, da questão da raça. Afinal, que ideia temos hoje dos trabalhadores, das pessoas que sofrem com o racismo ambiental, dos indígenas? Quem entra na força de trabalho, e sobre quais bases precárias? Todas essas perguntas suscitam imediatamente questões de gênero e raça e mostram como esses temas estão interligados no nosso modo de pensar a questão da classe (BUTLER, 2017, p. 62).

Em sua resposta, a autora considera o sistema capitalista coexistindo com identidades negras, indígenas e trabalhadoras. A interseccionalidade seria uma saída epistemológica para abarcarmos essas múltiplas relações estruturais e microsociais.

Nesse âmbito mais micro, a questão identitária também é extensivamente explorada ao longo do caderno junto às discussões sobre gênero. Fala-se não apenas em *identidade de gênero*, expressão mais repetida e que consta no glossário do caderno, mas também: identidades grupais; identidades sociais; identidade negra; identidades e representações e até identidades das empresas. No artigo do caderno escrito pela Dr^a Amalia E. Fischer (2017), a autora comenta sobre o papel da comunicação nos processos de estabilização de identidades de gênero. Traz à luz do debate os conceitos de *tecnologia de gênero* de Teresa de Lauretis e de *tecnocultura*, proposto por Muniz Sodré. A maior

²⁰ É compreensível a dificuldade em dedicar transversalmente uma orientação interseccional a todos os debates empreendidos no material. O objetivo, conforme explicitado tanto no editorial e como sugerido no próprio tema, foi a discussão sobre gênero e sexualidade em interface com outros assuntos.

centralidade sobre como as questões do caderno são tratadas pela mídia é apresentada no final, em uma linha do tempo de 1971 a 2017²¹ em que são apresentadas as ficções televisivas da *Globo* em que a sexualidade e demais papéis sociais²² foram pautados.

Figura 1 – Linha do tempo (*Rede Globo*)



Fonte: Globo (2017).

²¹ No caderno impresso, a linha do tempo vai somente até 2016, deixando de fora *A força do querer*.

²² Não é explicado que “papéis” seriam esses. Ao ler o material, evidencia-se mais uma tentativa de resgatar narrativas com algum tipo de *merchandising social* do que propriamente a discussão de um “papel social”.

Figura 2 – Continuação da linha do tempo (Rede Globo)



Fonte: Globo (2017).

Embora o projeto do caderno seja idealizado por uma empresa de comunicação, consideramos que o debate acerca do papel da mídia para as questões de gênero, sexualidade e diversidade foi incipiente. O que foi encontrado sobre esta relação surge de modo isolado, sem uma exploração adensada, geralmente com fins ilustrativos da situação mais ampla tratada no artigo.

Apresentado parte do panorama midiático através deste *Caderno Globo*, seguimos com a exploração através da verificação de como a *diversidade* emergiu no meio jornalístico *online* entre junho e janeiro de 2020. A explicitação dos procedimentos efetivados nesta etapa está ilustrada adiante, na Seção 6. Com base no que foi identificado no *corpus*, as seguintes categorias foram criadas *a posteriori*, a fim de nos ajudar a descrever o conteúdo: a) termos relacionados ao ecossistema midiático: gêneros, veículos, meios de comunicação, programas, tecnologias; b) termos relacionados aos marcadores sociais da diferença; c) termos relacionados ao *ethos* empresarial: empresas, estágio, vagas, ações, organizações; d) nomes de personalidades; e e) pandemia. Observamos abaixo o que emergiu do total das 1.472 notícias para, em seguida, verificarmos as peculiaridades mês a mês.

Do *corpus* total, os 100 termos que mais ganharam destaque nas notícias que trataram sobre “diversidade” foram:

Figura 3 – Termos mais repetidos pela mídia sobre “Diversidade” (Total)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Nvivo*.

Entre os termos em maior destaque, temos a seguinte categorização:

Quadro 4 - Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “Diversidade” (Total)

Categoria	Expressões recorrentes
a) termos relacionados ao ecossistema midiático	virtual oscar campanha filmes live online digital tecnologia cinema
b) termos relacionados aos marcadores sociais da diferença	racial negros gênero lgbt feminina sexual mulheres trans branca religiosa

Quadro 5 - Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Junho)

Categoria	Expressões recorrentes
a) termos relacionados ao ecossistema midiático	imprensa jornal google notícias globo cobertura live
b) termos relacionados aos marcadores sociais da diferença	negros racismo racial
c) termos relacionados ao <i>ethos</i> empresarial	-
d) nomes de personalidades	Paulo
e) pandemia	pandemia

Fonte: elaborado pelo autor.

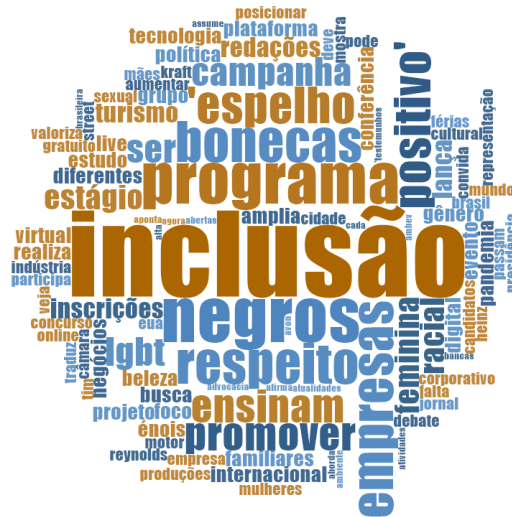
Iniciamos a coleta das notícias no mês de junho influenciados pelo fato de ser o *mês do orgulho LGBT*, ocasião em que a *diversidade* toma conta das redes, do *marketing* e dos principais veículos de comunicação. Partimos do pressuposto de que seria interessante iniciar a coleta sistemática nesta ocasião, apostando que as temáticas relacionadas à diversidade sexual e de gênero seriam hegemônicas. Entretanto, um fato de extrema gravidade e relevância política se sobrepôs à “celebração da diversidade”: George Perry Floyd Jr, estadunidense negro, fora brutalmente assassinado em Minneapolis (EUA), em 25 de maio, por um policial branco através de um estrangulamento por supostamente usar uma nota de 20 dólares falsificada em um supermercado. A morte de George Floyd gerou comoção global, e uma onda de protestos denunciando a violência policial contra pessoas negras tomou conta das redes e das ruas, invadindo o mês de junho com um fluxo extremamente alto de notícias abordando temáticas raciais. O levantamento revela esta pauta: os marcadores sociais mais mobilizados ao tratar sobre “diversidade”, dentro o total de 100 expressões mais repetidas, foram expressões que aludem ao universo racial, sendo que *negros* configura como o termo mais repetido nas notícias do mês de junho, conforme podemos observar pelo destaque na nuvem de palavras do mês. Portanto, observamos que no mês de junho as pautas relacionadas à *diversidade racial* tomaram

Neste mês, algumas premiações da indústria audiovisual internacional se destacaram entre as matérias que tematizavam a “diversidade”. O principal disparador desse destaque se deu após o ator negro Anthony Mackie, que interpreta o Capitão América dentro do universo *Marvel*, criticar a falta de atores negros nos bastidores da própria produtora pela qual é contratado. Ao mesmo tempo, a organização do *Oscar*, principal premiação do cinema mundial, anunciava a superação na meta de “diversidade” entre os novos membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas: 819 novos integrantes de diferentes perfis étnico-raciais, e mulheres. Além disso, neste mês chama a atenção como a questão da diversidade ganhou destaque em veículos de comunicação especializados no mercado financeiro e no mundo dos negócios após a divulgação de uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva para a Central Única das Favelas (CUFA), que afirmava que a “diversidade” e a inclusão poderiam trazer retorno financeiro às empresas: “Pesquisa mostra que a preocupação com diversidade gera lucro às empresas”, dizia o título de uma das matérias²³. Ainda no mundo corporativo, a *Ford* ganhou destaque por promover a II Semana de Diversidade e Inclusão no Brasil. O evento, que ocorreu de maneira virtual durante quatro dias, contou com formadores de opinião *youtubers*, jornalistas e atletas que palestraram sobre racismo, deficiência física e gênero.

Em agosto, coletamos 171 matérias. Os termos em destaque podem ser conferidos na nuvem a seguir, e no quadro, como se distribuem nas categorias:

²³ Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/pesquisa-mostra-que-preocupacao-com-diversidade-gera-lucro-as-empresas>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Figura 6 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Agosto)



Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 7 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Agosto)

Categoria	Expressões recorrentes
a) termos relacionados ao ecossistema midiático	campanha digital live tecnologia
b) termos relacionados aos marcadores sociais da diferença	negros lgbt feminina racial
c) termos relacionados ao <i>ethos</i> empresarial	empresas estágio negócios
d) nomes de personalidades	-
e) pandemia	pandemia

Fonte: elaborado pelo autor.

No mês de agosto não foi possível observar uma temática hegemônica conectada ao assunto “diversidade”. Palavras como “inclusão”, “respeito” e “promover” foram transversais aos mais variados tipos de notícias, que descreviam diferentes fenômenos ou curiosidades. Entre elas, podemos citar um caso do mercado de brinquedos que ganhou destaque pela ocasião do lançamento de bonecas negras. Na matéria da *Folha de São*

Paulo, intitulada “Bonecas negras ensinam respeito à diversidade²⁴”, a jornalista do veículo problematiza a falta de representatividade racial nos brinquedos infantis, apresentando iniciativas de artesãs e de grandes empresas que se esforçam para lançar bonecas negras. Além deste debate, que também repercutiu consideravelmente em outros veículos, tivemos outras notícias interessantes de serem destacadas pois ilustram como a “diversidade” vem sendo absorvida nos mais diferentes espaços. O canal de notícias online *Observatório G*, por exemplo, publicou uma matéria em que destaca o seguinte: “Grupo LGBT Católico lança livro digital gratuito: ‘Testemunhos da Diversidade’²⁵”. Outra matéria, publicada pelo *G1*, anuncia: “Nasa anuncia que vai revisar nomes de planetas, estrelas e galáxias que podem ser preconceituosos²⁶”, e no subtítulo, revela que “Especialistas em diversidade, inclusão e igualdade irão prestar consultoria”. Por último, para fins de ilustração, apresentamos um caso em que a “diversidade” se colou à pandemia do Covid-19, quando o *Estadão* lançou uma discussão cujo título era “Diversidade e inclusão no pós-pandemia: um motor para a recuperação econômica²⁷”.

Em setembro, 216 matérias foram coletadas. Os termos em destaque são representados na imagem e no quadro a seguir:

Figura 7 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Setembro)

²⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2020/08/bonecas-negras-ensinam-respeito-a-diversidade.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2021

²⁵ Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/grupo-lgbt-catolico-lanca-livro-digital-gratuito-testemunhos-da-diversidade>. Acesso em: 28 jun. 2021

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/08/05/nasa-anuncia-que-vai-revisar-nomes-de-planetas-estrelas-e-galaxias-que-podem-ser-preconceituosos.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2021

²⁷ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/diversidade-e-inclusao-no-pos-pandemia-um-motor-para-a-recuperacao-economica/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

de 2024²⁸". Outra premiação de peso, o *Emmy*, que contempla tanto produções de ficção para o cinema, como também para a televisão, também ganhou destaque. O evento ocorreu nesse mês e levantou discussões em torno da "verdadeira" representatividade de pessoas negras na indústria cinematográfica. O título da matéria da *Uol* indagou o seguinte: "Diversidade nas indicações do Emmy é ponto fora da curva ou progresso real?²⁹". O segundo ocorrido do mês de setembro que disparou muitas controvérsias ao redor do tema da "diversidade" foi o processo seletivo de *trainees* da *Magazine Luiza* exclusivo para candidatos negros. Em uma coluna de economia do site da *Uol*, o título da matéria questiona: "Trainee da Magazine Luiza e racismo reverso: diversidade gera resultados?³⁰" Tal fato gerou os mais variados tipos de debate em torno da centralidade dos recursos humanos para a promoção da diversidade nas empresas junto a debates de cunho social, como os privilégios da branquitude nos processos seletivos. O veículo *Correio 24 horas* anunciou: "Em busca de diversidade, empresas lançam processos seletivos exclusivos para minorias³¹". Na esteira da movimentação pioneira da *Magazine Luiza*, outras empresas, rapidamente, também decidiram promover processos seletivos nos mesmos moldes: "Globo abre vagas para negros em busca de mais diversidade³²", anunciara o *Terra*; e "Unilever abre programa de estágio com foco em diversidade: 'para todos'³³", publicara o *Yahoo Finanças*.

No mês de outubro, 224 matérias relacionadas à diversidade foram coletadas. Os termos mais destacados encontram-se na nuvem de palavras abaixo, e sua categorização, no quadro.

²⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2020/09/08/oscar-vai-exigir-mais-diversidade-em-indicados-a-melhor-filme-a-partir-de-2024.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2021

²⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/reuters/2020/09/14/diversidade-nas-indicacoes-do-emmy-e-ponto-fora-da-curva-ou-progresso-real.htm>. Acesso em: 28 jun. 2021.

³⁰ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/colunas/econoweb/2020/09/22/trainee-da-magazine-luiza-e-racismo-reverso-diversidade-gera-resultados.htm>. Acesso em: 28 jun. 2021.

³¹ Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-busca-de-diversidade-empresas-lancam-processos-seletivos-exclusivos-para-minorias/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

³² Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/globo-abre-vagas-para-negros-em-busca-de-mais-diversidade,5614d320bf96e1ce57728d99fdc4a3ebvypqn79b.html>.

³³ Disponível em: https://br.financas.yahoo.com/noticias/unilever-abre-programa-de-estagio-2021-com-foco-em-diversidade-para-todes-181218840.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAJAkMw6Y0oLfwUcJLC4mZVZQmSTROEH06L66Uq5ft2NGnM1hC7xaGiePDIUNC-5sR_e75XUpeHUgcQuiwvUqN0KrhS-FC2V85VpKacFYRG2q6hqHe3PCngD5zcPebaiX4KRh-Hvj77s78W7w97XWbyoTCEF3ZQKtLDk6M0afCROl. Acesso em: 28 jun. 2021.

Figura 8 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Outubro)



Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 9 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Outubro)

Categoria	Expressões recorrentes
a) termos relacionados ao ecossistema midiático	marca digital campanha musicais online
b) termos relacionados aos marcadores sociais da diferença	gênero racial
c) termos relacionados ao <i>ethos</i> empresarial	empresas estágio trabalho vagas gestão tim basf natureza
d) nomes de personalidades	rihanna
e) pandemia	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Os debates em torno da diversidade no jornalismo *online* seguiram reverberando o episódio do programa de *trainees* somente para pessoas negras do *Magazine Luiza*. Outras empresas de diferentes setores adotaram a prática de reservar vagas e processos seletivos inteiros para “minorias”, como a *Tim*, a *Basf* e a *Natura*. O jornal *O Tempo* resumiu

a questão: “De olho na diversidade, programas de trainee como o do Magalu viram tendência³⁴”. Este movimento fomentou ainda mais o entrelaçamento do mercado com a “causa” da diversidade, conforme é possível notar em várias matérias dedicadas em reafirmar a importância de estratégias orientadas para o público interno dos: “Empresários se reúnem para debater a respeito da diversidade e inclusão nas empresas³⁵”, citou o *Jornal da Economia Online*. Além dessas discussões, um evento marcou a agenda sobre diversidade no mês de outubro: o desfile organizado pela cantora pop Rihanna a fim de promover a *Savage Fenty*, sua linha de lingerie: “Com muito poder e diversidade, Rihanna estreia novo desfile no Amazon Prime³⁶”, divulgou a *Toda Teen*. O evento foi televisionado pelo canal de *streaming* da *Amazon* e deu visibilidade a modelos com diferentes tipos de corpos, tons de pele e cabelos.

Em novembro, o *corpus* totalizou 257 matérias, cuja sistematização pode ser visualizada na nuvem de palavras e no quadro que segue:

Figura 9 - Termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Novembro)



Fonte: elaborado pelo autor.

³⁴ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/de-olho-na-diversidade-programas-de-trainee-como-o-do-magalu-viram-tendencia-1.2392867>. Acesso em: 28 jun. 2021.

³⁵ Disponível em: <https://jeonline.com.br/noticia/23582/empresarios-se-reunem-para-debater-a-respeito-da-diversidade-e-inclusao-nas-empresas>. Acesso em: 28 jun. 2021.

³⁶ Disponível em: <https://todateen.uol.com.br/savage-x-fenty-com-muito-poder-e-diversidade-rihanna-estreia-novo-desfile-no-amazon-prime/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Quadro 10 – Categorização dos termos mais repetidos pela mídia sobre “diversidade” (Novembro)

Categoria	Expressões recorrentes
a) termos relacionados ao ecossistema midiático	-
b) termos relacionados aos marcadores sociais da diferença	racial negros lgbt mulheres trans branca
c) termos relacionados ao <i>ethos</i> empresarial	empresas carrefour setor mercado empreendedorismo tim
d) nomes de personalidades	biden
e) pandemia	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste penúltimo mês do ano, dois acontecimentos pautaram as notícias que tratavam sobre “diversidade”. O primeiro deles se deu em solo brasileiro, na cidade de Porto Alegre, que em resumo trata-se de um ato de espancamento promovido por um segurança do supermercado *Carrefour* contra um homem negro chamado Beto Freitas que acabou o levando à morte. O ocorrido se deu em 19 de novembro, data anterior ao *Dia da Consciência Negra*. A partir desta data, muitas notícias, matérias e colunas de opinião se dedicaram a tensionar o problema da violência contra pessoas negras, ocasião, também, em que o *Movimento Negro* igualmente protagonizou debates e protestos contra o genocídio da população negra no Brasil. A questão da “diversidade” surge no contexto do assassinato de Beto Freitas como uma ação tomada pelo *Carrefour* a fim de contornar o problema institucional ao qual sua imagem se vinculara: “No dia do assassinato, Carrefour lançou ‘manifesto pela diversidade’³⁷”. O debate, obviamente, tomou proporções mais amplas, sendo tomado como exemplo da importância de políticas para a “diversidade” em empresas. A *Folha* veiculou “Assassinato de Beto Freitas expõe falhas de

³⁷ Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/no-dia-do-assassinato-carrefour-lancou-manifesto-pela-diversidade>. Acesso em: 28 jun. 2021.

empresas em busca de diversidade, dizem especialistas³⁸". Outro evento que ganhou os holofotes dos veículos de comunicação jornalísticos foi a eleição presidencial nos Estados Unidos disputada entre o republicano conservador Donald Trump e o democrata progressista Joe Biden. Com a vitória do democrata nas urnas, veículos se dedicaram a comentar e conjecturar acerca do que a figura de Biden sinalizaria em diversas instâncias, como no meio empresarial. A *Você S/A* publicou: "Como a vitória de Joe Biden afeta o debate sobre diversidade nas empresas³⁹". Nessas eleições, um elemento que também disparou muitos comentários sobre diversidade foi o fato de a vice de Biden ser uma mulher negra: "Eleição de Kamala Harris é uma vitória da diversidade, celebram senadores⁴⁰". E enquanto nos EUA se comemorava tempos auspiciosos para a diversidade como consequência da vitória da chapa progressista, no Brasil, no final de novembro, as urnas das eleições municipais também fizeram reverberar comentários aludindo à "diversidade". O *O Globo* publicou: "Diversidade nas urnas deve ser celebrada: representação maior de negros, mulheres, gays e mandatos coletivos trazem novo ar à política⁴¹". A versão *online* da revista *Veja* também adotou um editorial positivo frente às candidaturas: "Os eleitos da diversidade: o pleito em 2020 funcionou, em certa medida, como uma reação à onda conservadora dos últimos anos na política⁴²". Por fim, destacamos que em novembro não foram observadas, entre as 100 palavras mais frequentes, termos relacionados à mídia.

Finalmente, em dezembro, coletamos 172 notícias que aludem à temática da diversidade. A nuvem de palavras com os termos em destaque a categorização dos mesmos, são encontrados a seguir:

³⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2020/11/morte-de-beto-freitas-expoe-falhas-de-empresas-em-busca-de-diversidade-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2021.

³⁹ Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/carreira/vitoria-de-joe-biden-o-que-muda-no-debate-sobre-diversidade-nas-empresas/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴⁰ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2020/11/12/eleicao-de-kamala-harris-e-uma-vitoria-da-diversidade-celebram-senadores>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/diversidade-nas-urnas-deve-ser-celebrada-24758368>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴² Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/os-eleitos-da-diversidade/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

personalidades, o cantor e ator Fiuk também ganhou destaque no final do mês ao postar, em seu *Instagram*, uma foto usando saia. O *GShow* publicou: “Fiuk usa look especial e manda recado: ‘salve a diversidade humana. Diferença não é defeito’⁴³”. Com a chegada do fim do ano e a aproximação do Natal, notícias sobre diversidade também remetem à data festiva: “No Natal, filmes sobre diversidade e inclusão⁴⁴”. O canal *online* da rádio *Brasil de Fato* comenta a programação de um de seus programas: “Em clima de Natal, programa Bem Viver mostra a diversidade de celebrações da festa⁴⁵”, dando visibilidade aos rituais de diferentes países, como Haiti e Cuba. Além destas notícias, outras relacionadas ao mercado financeiro também fizeram parte do *corpus*, como em todos os outros meses: “Nasdaq quer exigir diversidade no conselho das empresas⁴⁶”; bem como à área dos recursos humanos: “Diversidade: TransEmpregos cresce em 2020, mas objetivo é não precisar existir no futuro⁴⁷”. No universo infantil, a diversidade também foi tematizada, conforme exposto no *Jornal de Brasília*: “4 livros infantis para iniciar o tema diversidade com as crianças⁴⁸”. Por fim, damos destaque a um exemplo de caso em que o assunto foi tratado em interface com as telenovelas: “Mais diversidade nas novelas? Mudanças na direção da Globo indicam que sim⁴⁹”; e com a publicidade: “Diversidade racial na publicidade vive estagnação, indica pesquisa⁵⁰”.

Nesta subseção, quisemos evidenciar, a partir de um sobrevoo no discurso jornalístico online, que o termo “diversidade” vem sendo acionado, mobilizado, articulado, encaixado... nos mais plurais espaços, segmentos, mercados e lugares. E como

⁴³ Disponível em: <https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/fiuk-usa-look-especial-e-chama-a-atencao-salve-a-diversidade-humana-diferenca-nao-e-defeito.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/no-natal-filmes-sobre-diversidade-e-inclusao-3041535e.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/24/em-clima-de-natal-programa-bem-viver-mostra-a-diversidade-de-celebracoes-da-festa>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-dez-01/nasdaq-exigir-diversidade-conselho-empresas>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Dia-a-dia/Gestao-de-Pessoas/noticia/2020/12/diversidade-transempregos-cresce-em-2020-mas-objetivo-e-nao-precisar-existir-no-futuro.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴⁸ Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/literatura/4-livros-infantis-para-iniciar-o-tema-diversidade-com-as-criancas/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/videos/2020/12/02/uol-ve-tv-55-mais-diversidade-nas-novelas-mudancas-na-direcao-da-globo-indicam-que-sim.htm>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁵⁰ Disponível em: <https://istoe.com.br/diversidade-racial-na-publicidade-vive-estagnacao-indica-pesquisa/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

dizemos, trata-se de um panorama, ou seja, não tivemos a intenção de esgotar uma análise minuciosa de cada elemento representado nos quadros ou nas nuvens de palavras. Pelo contrário, quisemos demonstrar, sobretudo, como diferentes eventos do mundo social engendram debates acalorados em torno da temática da diversidade. Iniciamos a coleta com um destes eventos: o sufocamento de George Floyd, homem negro, por um policial branco nos Estados Unidos. Neste mês, pudemos observar muitas notícias abordando o tema destacando que precisamos de uma consciência sobre a *diversidade racial*. Foi o único mês em que *racismo* e *negros* ocuparam o lugar de destaque principal ao longo do período coletado. Em julho e em setembro, a indústria cinematográfica, com seus problemas de representatividade – sobretudo racial – nas telas e nos bastidores, que se tornam visíveis nas temporadas de premiações como *Oscar* e *Emmy*, fez disparar críticas sobre a *diversidade* no meio audiovisual internacional. Em agosto não observamos nenhum evento que pudesse concentrar uma discussão sobre a diversidade. Por isso, exploramos este mês para demonstrar o quão vasto é o campo de atuação em que a diversidade pode penetrar: no mercado de brinquedos, no religioso e na situação da pandemia foram alguns exemplos. Em realidade, ao longo dos seis meses, a diversidade foi pautada em contextos aleatórios – como no mercado de vinhos e de turismo –, mas que não foram trazidos à luz da descrição por não serem os elementos mais destacados. No mês de outubro, o processo seletivo de *trainee* apenas para pessoas negras condensou os debates sobre diversidade, com especialistas em RH, gestão de pessoas, consultores e empreendedores comentando o caso. No mesmo período, Luiza Trajano, CEO da *Magazine Luiza*, foi convidada para uma sabatina no clássico programa de entrevistas *Roda Viva*, tamanha a repercussão. Esse assunto rendeu tensionamentos sobre *diversidade nas empresas* até o início de novembro, quando o assunto “eleições” tanto dos EUA, para presidência; quanto no Brasil, para a prefeitura dos municípios, fomentou análises à luz da presença e promoção da diversidade tanto entre os candidatos, quanto em relação aos planos de governo. Tanto lá, quanto aqui, a diversidade foi celebrada pelos veículos de comunicação: nos Estados Unidos, por ter sido eleito um presidente progressista, Joe

Biden, junto de sua vice Kamala Harris, mulher negra. No Brasil, vários comparativos⁵¹ com 2016 foram realizados, e o cenário pareceu positivo para a “diversidade”, ou seja, mais mulheres e mais pessoas negras foram eleitas do que em anos anteriores. Já em dezembro, além de o assunto eleições seguir ressonando no início do mês, Fiuk, filho do renomado cantor romântico Fábio Jr., também ocupou certo espaço após postar uma foto de saia em seu *Instagram*. Em consequência do Natal, alguns veículos também dedicaram espaço para comentar sobre a diversidade de práticas culturais para a celebração da data.

Nossa conclusão, a partir desta análise descritiva, é que durante os seis meses observados, a “diversidade” manteve-se em sintonia com os acontecimentos históricos e com as movimentações políticas do Brasil e do mundo. Nesse percurso, alguns padrões foram observados, sobretudo a partir das nuvens de palavras com os termos mais repetidos. Entre eles, damos destaque à forte associação entre “diversidade” e a ideia de *inclusão*. Esta palavra aparece destacada em todos os meses e emerge principalmente em notícias relacionadas ao mercado. Aliás, dentre as temáticas, o que mais observamos foram portais de notícias do mundo dos negócios – o que chamamos de *ethos* empresarial – discutindo “a importância da diversidade”. Praticamente todos os títulos destas matérias confirmam: *investir em diversidade é bom para o seu negócio*. Daí, também surgem uma vasta quantidade de matérias ensinando “como fazer”, nos moldes de um manual com três, cinco ou sete passos. Portanto, é interessante observar como a “diversidade”, nos dias atuais, vai sendo “aplicada” nos mais diferentes contextos: desde uma engrenagem para que empresas potencializem seu valor na bolsa de valores de Nova Iorque; até uma palavra de ordem que denuncia o assassinato de George Floyd e Beto Freitas.

1.3 Panorama político

Nesta subseção, alvejamos demonstrar que *diversidade* e o léxico que a orbita – identidades, minorias/maiorias, grupos, diferença, igualdade, etc. – são, também, de interesse dos autores da atuação política. Não entraremos nos pormenores do que seria o

⁵¹ Entre eles, ver relatório produzido pela *Globo* disponível em: <https://gente.globo.com/representatividade-e-diversidade-nas-eleicoes-2020/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

campo político, mas podemos trazer algumas breves noções sobre o seu uso nesta tese. Talvez o lugar mais certo para uma definição do termo “política” seja o próprio *Dicionário de Política* organizado pelos cientistas políticos Norberto Bobbio, Nicolas Matteucci e Gianfranco Pasquino. A palavra, adotada desde Aristóteles, possui, claro, uma extensa história. Cientes das problematizações conceituais que estaremos deixando de fora, oferecemos ao leitor alguns trechos do verbete que nos parecem interessantes a fim de erigirmos uma noção minimamente condensada e útil, para esta subseção, do termo em debate.

De acordo com o autor, de um uso mais estrito que se relacionava às coisas *do* Estado, na época moderna *política* passa a aludir àquilo que *faz referência* ao Estado. Ou seja, seu significado expandiu-se, adentrando outras esferas. Política, assim, passa a ter a ver com “[...] forma de atividade ou práxis humana, [que] está estreitamente ligada ao [conceito de] poder” (1998, p. 954). Este excerto nos interessa pois traz à baila um elemento indissociável de nossas discussões teóricas e empíricas, que é a noção de *poder*. A partir de Bobbio, há uma tipologia moderna das formas de poder instituídas pelo Estado: poder econômico, poder ideológico e poder político. A primeira tem a ver com a posse dos meios de produção, mas nos interessam sobretudo estes dois últimos, uma vez que circulam mais no âmbito da representação. Resumidamente, “o poder ideológico se baseia na influência que as idéias formuladas de um certo modo, expressas em certas circunstâncias, por uma pessoa investida de certa autoridade e difundidas mediante certos processos, exercem sobre a conduta dos consociados” (1998, p. 955). Já “o poder político pertence à categoria do poder do homem sobre outro homem, não à do poder do homem sobre a natureza. Esta relação de poder é expressa de mil maneiras, onde se reconhecem fórmulas típicas da linguagem política” (1998, p. 955), como aquelas entre governantes e cidadãos.

Assumindo a dupla articulação entre *poder ideológico* e *poder político* conforme expostos por Bobbio, Matteucci e Pasquino, justificamos a escolha das nossas fontes documentais com as quais trabalhamos aqui. Para demonstrar que diversidade é questão de política, recorreremos aos discursos de posse presidenciais de três ex-Presidentes da República, mais o atual: Fernando Henrique Cardoso (FHC) (1995 – 2002, dois mandatos); Luiz Inácio Lula da Silva (2003 – 2011, dois mandatos); Dilma Rousseff (2012 – 2018, dois

mandatos, sendo o segundo interrompido por um processo de *impeachment*) e Jair Bolsonaro (2019 – atual, um mandato). Além dos discursos de posse das autoridades citadas, analisamos os três *Planos Nacionais de Direitos Humanos* elaborados e publicados via Decreto até então, buscando evidenciar como a “diversidade” foi contemplada nos documentos.

1.3.1 Discursos de posse de FHC a Bolsonaro

Conforme elucidado, observamos como a diversidade foi ou não estimulada nos discursos de posse de FHC, Lula, Dilma e Bolsonaro. Vale ressaltar que *discursos de posse* são especialmente importantes pois trata-se de um ritual realizado em 1º de janeiro do ano consecutivo ao resultado das urnas que elegera o/a candidato/a. Nele, o momento mais esperado é o enunciado à nação proferido pelo então mais recente Presidente da República eleito. O discurso, de modo geral, anuncia os principais pontos do programa do governo, esboçando um horizonte de novas oportunidades com a promessa de melhorar a vida de todos os brasileiros e brasileiras. Um discurso de posse, ainda, reflete a personalidade do novo Presidente, ou seja, sua identidade e imagem a ser comunicada. Os recursos são preponderantemente lexicais, por isso as palavras proferidas ganham tamanha relevância, precisando ser escolhidas cirurgicamente. São as primeiras palavras oficiais à população no papel de Presidente. Os modos com que a autoridade se dirige à nação, que nomes utiliza para se referir a ela, quem está sob o guarda-chuva desse bloco chamado “povo” sinalizam, por exemplo, que grupos específicos estão no radar dos programas sociais. Em suma, a cosmologia semântica de um discurso de posse representa a identidade do/a novo/a presidente/a diante de todos os públicos que compõem o território brasileiro, principalmente; mas também o estrangeiro.

Portanto, de modo específico, buscamos por expressões associadas aos marcadores sociais de raça/etnia, classe, gênero, sexualidade e religião, tendo em vista o objetivo de observar como diferentes grupos sociais foram visibilizados em tais enunciados. Além disso, nas ocasiões em que coube, identificamos como os meios de comunicação e a questão dos Direitos Humanos foram contemplados em tais discursos. Começamos a

apresentá-los em ordem cronológica, a partir dos discursos de posse de FHC (1995; 1999).

1.3.1.a FHC

Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), elegeu-se aos 64 anos, tomando posse em 1º de janeiro de 1995. Nas eleições presidenciais seguintes, reelegeu-se, garantindo o seu segundo mandato e tomando posse novamente em 1º de janeiro de 1999. Sumariamente, seus dois discursos de posse evocaram os seguintes termos:

Quadro 12 – Marcadores sociais nos discursos de posse de FHC

	PRESIDENTE(A)	FHC (1995)	FHC (1999)
MARCADOR SOCIAL	Raça/Etnia	escravos/escravidão abolicionismo minorias raciais negros indígenas	negros índios
	Classe	humildes trabalhadores	pobres trabalhadores desempregado
	Gênero	mulheres	mulheres
	Sexualidade	-	-
	Religião	-	igrejas

Fonte: elaborado pelo autor.

O discurso do ex-presidente citou grupos identificados em, principalmente, três marcadores sociais: raça/etnia, com os grupos *negros* e *indígenas*; classe, citando *trabalhadores* e *pobres*; e na dimensão do gênero, dirigiu-se especificamente às *mulheres*. No discurso do seu segundo mandato, fez uma referência, também, à *igreja*, convocando o marcador da religião.

No tocante à questão racial e étnica, FHC dedicou significativa importância ao longo dos seus discursos. No primeiro, de 1995, o ex-presidente fez referência a Joaquim Nabuco e ao abolicionismo:

Joaquim Nabuco, o grande propagandista do **aboliconismo**, pensava em si mesmo e em seus companheiros como titulares de um "mandato da **raça negra**" - mandato que não era dado pelos escravos, pois eles não teriam meios de reclamar seus direitos, mas que os **aboliconistas** assumiam mesmo assim, por sentirem no coração o horror da **escravidão** e por entenderem que os grilhões dela mantinham o País inteiro preso no atraso económico, social e político. Também nós nos horrorizamos vendo compatriotas nossos - e ainda que não fossem brasileiros -, vendo seres humanos ao nosso lado subjugados pela fome, pela doença, pela ignorância, pela violência. Isso não pode continuar! (CARDOSO, 1995, p. 26, grifo nosso).

Em seguida, continua seu discurso demonstrando a superação da lógica em que o grupo oprimido dependeria de um outro grupo hegemônico para libertar-se das suas mazelas:

Tal como o **aboliconismo**, o movimento por reformas que eu represento não é contra ninguém. Não quer dividir a Nação: quer uni-la em torno da perspectiva de um amanhã melhor para todos. Mas, ao contrário de Nabuco, eu tenho bem presente que o meu mandato veio do voto livre dos meus concidadãos. (CARDOSO, 1995, p. 26, grifo nosso).

Assim, historicizando a libertação dos escravos no Brasil na imagem de Nabuco, o então novo presidente realiza uma manobra discursiva colocando o novo momento político como um episódio histórico de liberdade, assim como fora o aboliconismo, à exceção que desta vez o povo teve condições de participar ativamente via o processo democrático.

Noutra passagem, já concluindo o seu discurso, FHC cita novamente grupos raciais/étnicos, além de mulheres e "minorias" de modo amplo:

Vamos assegurar com energia direitos iguais aos iguais; às **mulheres**, que são a maioria do nosso povo e às quais o País deve respeito, oportunidades de educação e de trabalho; às **minorias raciais** e a algumas quase minorias - aos **negros**, principalmente -, que esperam que igualdade seja, mais do que uma palavra, o retrato de uma realidade; aos **grupos indígenas**, alguns deles testemunhas vivas da arqueologia humana, e todos testemunhas da nossa diversidade. Vamos fazer da solidariedade o fermento, da nossa cidadania, em busca da igualdade (CARDOSO, 1995, p. 32, grifo nosso).

Consideramos esta passagem emblemática. Nela, o ex-presidente FHC sinaliza uma lógica distributiva de recursos que toma como princípio o fato natural e cultural de que somos diferentes. Ao afirmar a garantia de *direitos iguais aos iguais*, mas também às

mulheres, às pessoas negras e aos grupos indígenas, FHC assume a necessidade de políticas específicas para identidades social, econômica e politicamente marginalizadas. No fim, reúne todos esses segmentos no emblema da “diversidade”, convocando a “solidariedade” como instrumento para a construção de uma sociedade mais cidadã através da promoção do igualitarismo, atitude política que busca a extinção absoluta das diferenças intergrupos. Em seu discurso de 1999, quando inicia seu segundo mandato na Presidência da República, Fernando Henrique cita novamente esses mesmos grupos: “Não há democracia onde subsiste a violência. Onde ainda são desrespeitados direitos básicos das crianças e das **mulheres**, dos **negros** e dos **índios**.” (CARDOSO, 1999, p. 28, grifos nossos). Assentado na ideia de participação ativa e solidária entre os diversos grupos sociais que compõem a demografia brasileira, FHC valoriza a fortificação de uma política em direitos humanos: “O desafio está em transformar os Valores e as normas em práticas quotidianas. A Secretaria dos **Direitos Humanos** foi fortalecida institucionalmente para melhor cumprir sua missão” (1999, p. 28, grifos nossos).

Desde o seu primeiro mandato, FHC reconhece que tais mudanças no contexto de participação da sociedade civil não ocorrerão sem a participação ativa da mídia de massa:

Nossos meios de comunicação foram fundamentais para a redemocratização e têm sido básicos para a recuperação da moralidade na vida pública. Agora eles têm reservado um papel central na mobilização de todos para uma sociedade mais justa e melhor, mantendo sempre a independência crítica e a paixão pela veracidade da informação (CARDOSO, 1995, p. 32).

Para além do papel informativo da mídia, que se daria sobretudo através do consumo do gênero jornalístico, o ex-Presidente valoriza, igualmente, a centralidade dos meios para a promoção cultural e para a intensificação de uma cidadania mais igualitária:

Para exercermos na plenitude nosso mandato de acabar com a miséria, é preciso também acabar com a miséria espiritual; que os meios modernos de comunicação nos ajudem nessa tarefa. Ao lado da informação e do divertimento, vamos engajar nossas TVs numa verdadeira cruzada nacional pelo resgate da cidadania através do ensino, começando por uma intensa ação de alfabetização e formação cultural (CARDOSO, 1995, p. 31).

No excerto acima, FHC expande o conceito de miséria que usualmente é adotado, estendendo-o aos aspectos subjetivos e afetivos da vida humana. Em última instância, na

perspectiva do então Presidente da República, é tomando contato com a verdade dos fatos que a “real cidadania” seria promovida, pois o cidadão não apenas vota – mas vota informado, e quem faz esta ponte entre os acontecimentos do país e do mundo e a sala de estar da família brasileira, são os próprios meios de comunicação: “Quando os brasileiros puderem ser mais informados; [...] quando puderem pôr mais em perspectiva os acontecimentos e cobrar mais a coerência da ação do que fazer julgamentos de intenção, mais capacitados vão estar para o exercício da cidadania” (1995, p. 32).

Mas apesar do grande mérito desse “alimento espiritual” promovido pela cultura através dos meios de comunicação, a miséria que faz a barriga doer de fome também deve ser colocada em discurso. Na esteira de um programa de governo para todo mundo, independente de raça e gênero, FHC também destaca os “pobres”: “[o voto livre] veio também, e em grande número, dos excluídos; dos brasileiros mais **humildes**, que pagavam a conta da inflação sem terem como se defender [...]; dos **que ganham pouco** pelo muito que dão ao País nas fábricas, nos campos, nas lojas [...]” (CARDOSO, 1995, p.26-27, grifo nosso). Em meados dos anos 1990, catalisado pelo trauma da forte recessão econômica do início da década apoiada em recessão, inflação, confisco da poupança, entre outros desastres advindos do Plano Collor, FHC tenta mandar passar uma mensagem de esperança econômica: “Os **trabalhadores** brasileiros souberam enfrentar as agruras do arbítrio e da recessão e os desafios das novas tecnologias. [...] Chegou o tempo de crescer e florescer.” (1995, p. 25, grifo nosso).

Por fim, podemos dizer que os discursos de posse de FHC, principalmente o primeiro, foram proferidos em ritmo de modernização. O próprio sociólogo tucano traz em sua fala, várias vezes, a necessidade do Brasil de “se modernizar”. Os signos de modernização, ou os chamados “bilhetes para o mundo moderno”, podem ser identificados em seu discurso na representação dos grupos sociais subalternizados, no reconhecimento dado às políticas de direitos humanos e na relevância conferida ao acesso à tecnologia e aos meios de comunicação, e na agenda econômica de privatização (CARDOSO, 1999). A participação no mundo moderno e a entrada exitosa no século XXI se dariam mediante o sucesso nestes quesitos.

1.3.1.b Lula

Luiz Inácio Lula da Silva, metalúrgico e filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), elegeu-se aos 58 anos, tomando posse em 1º de janeiro de 2003. Nas eleições presidenciais seguintes, reelegeu-se, garantindo o seu segundo mandato e tomando posse novamente em 1º de janeiro de 2007. Em resumo, seus dois discursos de posse evocaram os seguintes termos:

Quadro 13 – Marcadores sociais nos discursos de posse de Lula

	PRESIDENTE(A)	Lula (2003)	Lula (2007)
MARCADOR SOCIAL	Raça/Etnia	-	negros índios
	Classe	-	trabalhadores pobres rico empresários origem social
	Gênero	mulheres homens Marisa (esposa) marido	Marisa (esposa) mulheres homens
	Sexualidade	-	-
	Religião	Deus bíblia	Deus credo religioso

Fonte: elaborado pelo autor.

O ex-presidente Lula citou, em ambos os discursos, dimensões dos marcadores de gênero, através das expressões *mulheres*, *homens*, *Marisa* e *marido*; e de religião, nos termos *Deus*, *bíblia* e *credo religioso*. Especificamente no segundo discurso de posse, também evocou as dimensões de raça/etnia, representada pelos grupos *negros* e *índios*; e de classe, a partir das expressões *trabalhadores*, *pobres*, *rico*, *empresários* e *origem social*.

No que se refere ao marcador de gênero, observamos que surge junto a outros grupos, como jovens e crianças:

O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de

mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro (LULA, 2003, p. 1, grifos nossos).

Quatro anos depois, o mesmo padrão é observado: “Nós temos que ter consciência de que o País precisa crescer, mas o que precisa crescer, também, concomitante com o crescimento da economia, [...] é o crescimento da melhoria da qualidade de vida das nossas crianças, das nossas **mulheres**, dos nossos jovens”. (LULA, 2007, p.5, grifo nosso). Junto às mulheres e outros grupos etários, observamos uma postura materialista no trato da melhoria da vida de tais grupos. Em 2003 e em 2007, o ex-Presidente Lula cita, respectivamente, “condições de vida” e “qualidade de vida” de tais sujeitos, trazendo ao discurso expressões do universo econômico como “gastar cada centavo” e “crescimento da economia”. Além desse paralelismo, Lula também evoca alguns papéis de gênero como marido e esposa, fazendo referência ao seu cônjuge Marisa Letícia Lula da Silva: “Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo.” (LULA, 2003, p. 2-3, grifos nossos).

Enquanto no discurso de posse do primeiro mandato Lula referenciou sua audiência através, majoritariamente, de nomes mais genéricos como “povo”, “nação” e o afetuoso “companheiros e companheiras”; grupos raciais/étnicos e de classe surgem no discurso do seu segundo mandato. Sobre o primeiro, o petista cita apenas uma vez, junto às mulheres: “Este Palácio precisa aprender a receber as minorias marginalizadas deste País. Este Palácio precisa aprender a receber os **negros**, os **índios**, as **mulheres**” (LULA, 2007, p. 3, grifos nossos). Quando ao marcador de classe, este surge com mais força, principalmente, através da representação da figura do *trabalhador*, conforme é possível notar:

Hoje, os **trabalhadores** conquistaram não apenas o direito de fazer acordos salariais melhores do que faziam antes, os **trabalhadores** conquistaram um aumento de salário mínimo que é o maior dos últimos 30 anos, os **trabalhadores** conquistaram o direito de entrar nesta Casa como se esta Casa fosse a casa deles, porque não pode ser diferente, o palácio de um governo tem que ser o palácio do povo brasileiro (LULA, 2007, p. 2, grifos nossos).

Ainda se aproximando de um vocabulário “de classe”, Lula (2007, p. 4, grifos nossos) diz: “Sou Presidente de todos sem me preocupar com a **origem social** de cada um”.

Estes três marcadores: gênero, raça/etnia e classe social também estiveram presentes nos discursos do seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, como vimos. Nos discursos de Lula, contudo, o marcador de religião emerge. No primeiro mandato, referências ao universo religioso surgem poucas vezes. Ao agradecer pela eleição como Presidente da República, Lula (2003, p. 2, grifos nossos) enuncia: “Eu apenas tive a graça de **Deus** de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões de brasileiros e brasileiras”. É no discurso do segundo mandato, entretanto, que Deus e outros elementos do “universo espiritual” atravessam toda a oratória proferida. Em seu discurso, de início, o ex-Presidente começa agradecendo pela segunda vez oportunidade de governar o país, e o primeiro “personagem” a receber a sua gratidão é Deus:

Hoje é para mim um dia de profunda emoção. Primeiro, porque ser Presidente da República do meu País, eu recebo isso como uma bênção de **Deus**, porque eu digo sempre que chegar onde eu cheguei, saindo de onde eu saí, eu só posso dizer que existe um **ser superior** que decide os destinos de cada um de nós e, por isso, eu estou aqui. (LULA, 2007, p. 1, grifos nossos).

Após, agradece ao seu vice, responsabilizando, por duas vezes, Deus pela presença da referida autoridade em sua vida: “Sou profundamente grato a essa convivência com meu companheiro José Alencar, meu vice-presidente da República. Este homem que, na minha opinião, também por obra de **Deus**, fez com que nós nos encontrássemos [...]” (LULA, 2007, p. 1, grifo nosso). E mais adiante, novamente: “[...] por conta de vocês, eu me transformei numa pessoa importante na política brasileira, e quis **Deus** que um belo dia eu encontrasse o José Alencar em Belo Horizonte” (2007, p. 1, grifo nosso). O “ser superior” surge, ainda, em outros excertos de seu enunciado, como quando justifica sua preferência pela escuta em detrimento da fala: “[...] vou continuar governando desse jeito: ouvindo cada vez mais, porque eu aprendi que, na sua sabedoria divina, **Deus** fez a gente com uma boca para falar menos e dois ouvidos para escutar mais, e isso falta um pouco na política nacional” (2007, p. 3, grifo nosso). Encaminhando-se para o fim do seu discurso, volta a acionar um teor religioso de agradecimento: “[...] eu quero, mais uma vez, dizer: obrigado, meu **Deus**, por vocês existirem e terem a compreensão que vocês têm, porque só vocês podem ajudar este País a dar o salto de qualidade que o nosso País precisa” (2007, p. 6, grifo nosso).

Voltamo-nos, agora, à presença do marcador de religião no discurso do seu primeiro mandato, pois consideramos que o ex-Presidente Lula foi capaz de amarrar elementos um tanto quanto conflituosos entre si – pelo menos atualmente, conforme revela a nossa própria pesquisa empírica:

E tenho fé em **Deus** que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na **Constituição** brasileira, está escrito na **Bíblia** e está escrito na **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (LULA, 2003, p. 3-4, grifos nossos).

O ex-Presidente Lula é reconhecido, popularmente, pela sua simpatia, diplomacia, cordialidade e capacidade de reunir grupos de diferentes orientações ideológicas para dialogarem entre si, a fim de produzir consensos que beneficiem a “todos”⁵². É o que denominamos, na Introdução desta pesquisa, de *pacto lulista*, a partir da análise de Santos (2018). Certamente, o excerto acima é uma das principais manifestações desse fenômeno. Deus, Constituição, Bíblia e Declaração Universal dos Direitos Humanos proferidas, harmoniosamente, numa mesma frase, representa a habilidade do ex-Presidente Lula para fomentar um sentimento de união entre o povo brasileiro. O petista, ao longo de sua trajetória política até o primeiro mandato, foi boicotado pela mídia hegemônica em inúmeras ocasiões⁵³. Não obstante, em seu discurso de posse de 2003, não deixou de reverenciar o papel dos meios de comunicação para o país: “Meus agradecimentos à **imprensa**, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país” (LULA, 2003, p. 4).

1.3.1.c Dilma

Dilma Rousseff, economista e filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), elegeu-se aos 63 anos, tomando posse em 1º de janeiro de 2011. Nas eleições presidenciais seguintes, reelegeu-se, garantindo o seu segundo mandato e tomando posse novamente

⁵² Para uma análise crítica sobre este perfil de governança lulista, ver Santos (2018).

⁵³ Ver texto de Perry Anderson (2011), originalmente publicado na *London Review of books*, traduzido para a Revista *Novos Estudos Cebrap*.

em 1º de janeiro de 2015. Em resumo, seus dois discursos de posse evocaram os seguintes termos:

Quadro 14 – Marcadores sociais nos discursos de posse de Dilma

	PRESIDENTE(A)	Dilma (2011)	Dilma (2014)
MARCADOR SOCIAL	Raça/Etnia	indígena	negros
	Classe	pobreza	pobreza pobres
	Gênero	mulher mãe pai	mulher
	Sexualidade	-	-
	Religião	Deus	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Nos dois discursos proferidos pela ex-Presidenta Dilma, grupos sociais vinculados aos marcadores de raça/etnia, através da representação da citação de uma mulher *indígena*; de classe, quando trouxe a expressão *pobreza* e *pobres*; e de gênero, nas palavras *mulher*, *mãe* e *pai*. Em seu primeiro discurso, também evoca um teor religioso, referindo-se a *Deus*, o que não se repete no seu segundo discurso.

Adentrando nas especificidades do que foi dito sobre cada marcador social mobilizado nas falas da ex-Presidenta, iniciamos pelo termo (dentre os marcadores) que mais se repetiu: *mulher*. Dilma foi a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe do Poder Executivo no país, o que não passou em branco em seus discursos. Seu primeiro discurso de posse inicia com esta constatação: “Eu estou feliz, como raras vezes estive na minha vida, pela oportunidade que a história me deu de ser a primeira **mulher** a governar o Brasil.” (ROUSSEFF, 2011, s/p, grifo nosso). Ela observa que tal fato não teria sido algo aleatório, mas sim um dos corolários de um processo de mudanças que havia iniciado com o seu antecessor Lula: “A vontade de mudança do nosso povo levou um operário à Presidência do Brasil [...]. A força dessas transformações permitiu que vocês, o povo brasileiro, tivessem uma nova ousadia: colocar, pela primeira vez, uma **mulher** na Presidência do Brasil” (2011, s/p, grifo nosso). A questão de gênero, na sua dimensão feminina, vai sendo tratada em um movimento espiral que trata a mulher tanto como a líder combativa, mas que também cuida de seus filhos – o povo – numa representação

próxima a do cuidado maternal. Este movimento pode ser observado num excerto do discurso do seu segundo mandato, quando ela enuncia: “Quero dizer para vocês que eu sinto imensa alegria por ter vencido os desafios e honrado o nome da **mulher** brasileira, dessa **mulher** que nós sabemos que são milhões de guerreiras anônimas que dão vida e carinho ao nosso país” (ROUSSEFF, 2015, s/p, grifos nossos). Tomando o país como filho, ela aciona os papéis familiares atravessados pelas construções de gênero: “O meu sonho é o mesmo sonho de qualquer cidadão ou cidadã: o sonho de que uma **mãe** e um **pai** possam oferecer aos seus filhos oportunidades melhores do que a que eles tiveram em suas vidas” (ROUSSEFF, 2011, s/p, grifos nossos).

A questão racial/étnica, nos discursos de Dilma, surge uma única vez em cada um dos enunciados. Em 2011, ela articula o marcador de gênero junto à dimensão indígena: Uma mulher, uma importante líder **indiana** disse um dia que não se pode trocar um aperto de mão com os punhos fechados. Pois eu digo: minhas mãos vão estar abertas e estendidas para todos [...]” (2011, s/p, grifos nossos). Em 2015, a representação racial surge, novamente, junto à de gênero, mas também à de classe e etária: “[...] nos últimos 12 anos aqui não se discrimina os pobres, não se esquece dos jovens, não se esquece dos **negros**, não se abandona as mulheres” (2015, s/p, grifo nosso). Acerca das representações de classe, a ex-Presidenta, em 2011, joga ênfase no seu combate à hipossuficiência econômica: “Acredito e trabalharei para que estejamos todos unidos pelas mudanças necessárias na educação, na saúde, na segurança e, sobretudo, na luta para acabar com a **pobreza**, com a **miséria**” (ROUSSEFF, 2011, s/p, grifos nossos). No discurso do mandato seguinte, ela celebra as conquistas “de classe” desde o período do governo Lula: “Nós resgatamos 36 milhões de pessoas da extrema **pobreza**, 22 milhões apenas no meu governo” (2015, s/p, grifo nosso). Por mim, apresentamos o marcador de religião, que foi referenciado somente uma vez no fim do discurso de posse do seu primeiro mandato: “O Brasil é uma terra generosa. Tudo que for plantado com mãos carinhosas e olhar para o futuro será colhido com abundância e alegria. Que **Deus** abençoe o Brasil e o povo brasileiro” (2011, s/p, grifo nosso).

Nos discursos de Dilma Rousseff, é bastante evidente a ênfase dedicada ao fato de ela ser uma presidenta mulher, o que, ao longo dos seus dois mandatos, foi um articulador de violências de gênero proferidas por uma sociedade estruturada em valores patriarcais.

Por este motivo, Dilma insiste em trazer à tona a especificidade feminina do seu corpo como um território simbólico ocupando o mais alto cargo público do país. Ademais, ela não apenas evoca as questões de gênero para falar de si, mas também para referir-se às suas “iguais” de todo o país, a “mulher brasileira”. Por fim, diferentemente dos outros presidentes mencionados até agora, Dilma não menciona sobre “direitos humanos” nem sobre “comunicação”.

1.3.1.d Bolsonaro

Jair Messias Bolsonaro, militar e, à época de sua eleição, filiado ao Partido Social Liberal (PSL), elegeu-se aos 63 anos, tomando posse em 1º de janeiro de 2019. Atualmente, ele não possui mais vínculo partidário e ocupa o cargo de chefe do Poder Executivo, encontrando-se no terceiro ano do seu mandato. Em resumo, os marcadores sociais enunciados pelo atual Presidente da República no seu discurso de posse encontram-se no quadro a seguir:

Quadro 15 – Marcadores sociais nos discursos de posse de Bolsonaro

	PRESIDENTE(A)	Bolsonaro (2019)
MARCADOR SOCIAL	Raça/Etnia	-
	Classe	-
	Gênero	-
	Sexualidade	-
	Religião	Deus

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao longo do seu discurso de posse, em se tratando dos marcadores sociais considerados, não citou nenhum grupo social que não os identificados pela representação de Deus. A abertura do seu discurso já traz este personagem: “Esse momento não tem preço. Servir à Pátria como chefe do Executivo. E isso só está sendo possível porque **Deus** preservou a minha vida⁵⁴” (BOLSONARO, 2019, s/p, grifo nosso). Na sequência, o Presidente evoca Deus como um dos pilares para as reconstruções que visa praticar:

⁵⁴ No dia seis de setembro de 2018, em meio à campanha presidencial, durante um comício na cidade de Juiz de Fora, Bolsonaro recebeu uma facada no abdômen em meio à multidão (G1, 2018).

“Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados pela nossa Constituição e com **Deus** no coração, [...] vamos promover as transformações que o País precisa (2019, s/p, grifo nosso). Segue seu discurso enaltecendo a capacidade produtiva do Brasil, que além de possuir tantas riquezas, também conta com a bênção divina: “Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por **Deus** e por um povo maravilhoso. Temos uma grande nação para reconstruir e isso faremos juntos” (2019, s/p, grifo nosso). E por fim, desencadeia uma sequência de referências a Deus, finalizando o seu discurso da seguinte forma:

Agradeço a **Deus** por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis.
Peço ao bom **Deus** que nos dê sabedoria para conduzir a nação.
Que **Deus** abençoe esta grande nação.
Brasil acima de tudo. **Deus** acima de todos.
Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela. (BOLSONARO, 2019, s/p, grifos nossos)

Outro elemento a se destacar no discurso de posse de Bolsonaro é sua referência aos direitos humanos como um dos responsáveis pelo desmoronamento moral do país: “Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos **direitos humanos** e da desconstrução da família” (BOLSONARO, 2019, s/p, grifo nosso).

O Discurso de Bolsonaro foi o mais sucinto entre todos os analisados. Conforme podemos observar através do relevo dado ao léxico religioso através da dimensão “Deus”, foi uma fala que buscou recuperar uma estabilidade ideológica que corresponda ao que o Presidente, conservador, entende como valores importantes para uma nação. “Deus acima de todos”, de um lado; e a crítica aos direitos humanos, de outro, revela que as transformações sobre as quais se refere estão mais no âmbito de uma reforma moral do que de um projeto econômico sustentável para o país que gere emprego, renda, educação e saúde. Grupos sociais como mulheres, negros ou trabalhadores e pobres não foram citados, sendo todos tratados na alcunha de “povo”, “nação” e “brasileiros”. Não foram feitas menções à dimensão da valorização da diversidade cultural ou à mídia.

1.3.2 Plano Nacional de Direitos Humanos

Ao longo deste estudo, estamos observando a aproximação que se estabelece entre o “discurso pró-diversidade” e o debate sobre direitos humanos no campo político-legislativo, o que também encontrará reverberação na fala dos nossos entrevistados mais adiante. De modo geral, a importância dada à promoção da diversidade é colocada no guarda-chuva dos direitos humanos, que contempla, também, muitos outros eixos de discussão, como a questão do meio-ambiente, do acesso à educação, moradia, etc. O Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH) é um documento que congrega um plano de ação para o país no que diz respeito ao desenvolvimento de tais eixos. O Brasil possui três PNDHs, produzidos em diferentes épocas. O primeiro plano foi elaborado em 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso, três anos após a Conferência Mundial de Viena.

A origem dos programas nacionais de direitos humanos está na Declaração e Programa de Ação de Conferência Mundial de Viena de 1993, organizada pela Organização das Nações Unidas, que instou os Estados a concatenar os esforços rumo à implementação de todas as espécies de direitos humanos. Na Conferência de Viena, o Brasil presidiu o Comitê de Redação (pelas mãos do Embaixador Gilberto Sabóia), atuando decisivamente para a aprovação final da Declaração e do Programa da Conferência Mundial dos Direitos Humanos de Viena, inclusive quanto ao dever dos Estados de adotar planos nacionais de direitos humanos. (CARVALHO RAMOS, 2018, p. 540).

Esta subseção tem como objetivo observar, sumariamente, como a noção de *diversidade* e grupos sociais marcador por gênero, sexualidade, raça/etnia e classe foram contemplados em cada um desses documentos. O PNDH-1, de 1996, pelo Decreto nº 1.904/1996, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. No PNDH-1 (BRASIL, 1996). No prefácio do PNDH inaugural, FHC já fornece destaque a alguns grupos que se beneficiariam das ações propostas no plano: “Este será, estou seguro, um marco de referência claro e inequívoco do compromisso do País com a proteção de mulheres e homens, crianças e idosos, das minorias e dos excluídos” (CARDOSO, 1996, p. 6). Na sequência, ele resume os principais temas abordados: “A maior parte das ações propostas neste importante documento tem por objetivo estancar a banalização da morte, seja ela no trânsito, na fila do pronto socorro, dentro de presídios [...]. Outras recomendações visam a obstar a perseguição e a discriminação contra os cidadãos” (1996, p. 6). Após as

palavras pessoas do ex-Presidente FHC no prefácio, a edição do PNDH-1 segue com a introdução, parte do documento em que há uma contextualização histórica e jurídica sobre o que são os direitos humanos, e também, novamente, dando ênfase às identidades coletivas contempladas pelo Plano:

Direitos humanos são os direitos fundamentais de todas as pessoas, sejam elas mulheres, negros, homossexuais, índios, idosos, portadores de deficiências, populações de fronteiras, estrangeiros e migrantes, refugiados, portadores de HIV, crianças e adolescentes, policiais, presos, despossuídos e os que têm acesso à riqueza (BRASIL, 1996, p. 7).

Embora cite um extenso rol de grupos – nem todos considerados “minorias”, dado que os direitos humanos são “de todos” – as ações propostas pelo PNDH-1 foram elaboradas pensando mais em ações que beneficiem esse “todo”, e não propostas orientadas a identidades específicas. Por isso, conforme posto no próprio Plano, as ações propostas recaem com maior ênfase nos direitos civis “[...] ou seja, os que ferem mais diretamente a integridade física e o espaço de cidadania de cada um” (BRASIL, 1996, p. 11). As propostas de ações são sistematizadas em quatro grandes eixos. São eles: “1) Políticas públicas para proteção e promoção dos direitos humanos no Brasil”; “2) Proteção do direito a tratamento igualitário perante a lei”; “3) Educação e cidadania. Bases para uma cultura de direitos humanos”; e “4) Ações internacionais para a proteção e promoção dos direitos humanos”. As ações específicas para os grupos mais marginalizados foram contempladas pelo segundo eixo, com suas subdivisões internas.

Nas ações direcionadas às *mulheres*, observamos uma preocupação centralizada no combate à violência física sofrida por esse grupo. Além de apoio e a ações que visem mitigar tais práticas, é posto, também “incentivar a pesquisa e divulgação de informações sobre a violência e discriminação contra a mulher e sobre formas de proteção e promoção dos direitos da mulher”; “[...] apoio ao projeto do Governo que trata o estupro como crime contra a pessoa e não mais como crime contra os costumes”; e

Incentivar a inclusão da perspectiva de gênero na educação e treinamento de funcionários públicos, civis e militares e nas diretrizes curriculares para o ensino fundamental e médio, com o objetivo de promover mudanças na mentalidade e atitude e o reconhecimento da igualdade de direitos das mulheres, não apenas na esfera dos direitos civis e políticos, mas também na esfera dos direitos econômicos, sociais e culturais (BRASIL, 1996, p. 27-28).

No que diz respeito à *população negra*, encontramos uma série de propostas de ações bastante concretas interessadas em fornecer visibilidade positiva às pessoas negras do país e sua cultura, compreendendo esta como uma estratégia fundamental no combate à discriminação racial. Dentre as ações, destacamos: “Inclusão do quesito ‘cor’ em todos e quaisquer sistemas de informação e registro sobre a população e bancos de dados públicos” (BRASIL, 1996, p. 29); “Desenvolver ações afirmativas para o acesso dos negros aos cursos profissionalizantes, à universidade e às áreas de tecnologia de ponta” (1996, p. 30); “Estimular a presença dos grupos étnicos que compõem a nossa população em propagandas institucionais contratadas pelos órgãos da administração direta e indireta e por empresas estatais do Governo Federal” (1996, p. 31); “Estimular que os livros didáticos enfatizem a história e as lutas do povo negro na construção do nosso país, eliminando estereótipos e discriminações; e “Incentivar ações que contribuam para a preservação da memória e fomento à produção cultural da comunidade negra no Brasil” (1996, p. 31).

Quanto à *população indígena*, o interesse maior foi fomentar políticas de proteção desta população, bem como instituir dispositivos que preservem e regularizem seu espaço nas terras brasileiras: “Assegurar o direito das sociedades indígenas às terras que eles tradicionalmente ocupam” (1996, p. 31) e “Dotar a FUNAI de recursos suficientes para a realização de sua missão de defesa dos direitos das sociedades indígenas, particularmente no processo de demarcação das terras indígenas” (1996, p. 32). Com os grupos indígenas, o papel da comunicação também é especificado:

Quanto à questão da visibilidade, é proposto “promover a divulgação de informações sobre os indígenas e os seus direitos, principalmente nos meios de comunicação e nas escolas, como forma de eliminar a desinformação (uma das causas da discriminação e da violência contra os indígenas e suas culturas) (BRASIL, 1996, p. 32).

O PNDH-1 também salientou ações envolvendo os meios de comunicação, para além de algumas citadas nos grupos anteriores. Na subdivisão “Conscientização e mobilização pelos Direitos Humanos”, é posto “Apoiar a representação proporcional de grupos e comunidades minoritárias do ponto de vista étnico, racial e de gênero nas campanhas de publicidade e de comunicação de agências governamentais” (BRASIL, 1996, p. 36). Quanto ao eixo orientado à Implementação e Monitoramento do PNDH, é

sugerido “desenvolver campanha publicitária no âmbito nacional, através dos vários meios de comunicação, com o objetivo de esclarecer e sensibilizar o País para a importância dos direitos humanos e do Programa Nacional de Direitos Humanos” (1996, p. 40).

O PNDH-2 foi instituído, também, por Fernando Henrique Cardoso, no último ano de seu governo, em 2002, sob o Decreto nº 4.229/02. Nele, além de haver um balanço sobre a efetividade das ações propostas em 1996, com foco nos direitos civis, há a elaboração de novas ações, desta vez mais orientadas aos direitos sociais:

O PNDH II incorpora ações específicas no campo da garantia do direito à educação, à saúde, à previdência e assistência social, ao trabalho, à moradia, a um meio ambiente saudável, à alimentação, à cultura e ao lazer, assim como propostas voltadas para a educação e sensibilização de toda a sociedade brasileira com vistas à construção e consolidação de uma cultura de respeito aos direitos humanos (BRASIL, 2002, p. 3).

No prefácio desta edição, assinado por FHC, o Presidente reconhece que “[...] o racismo ainda é um problema a ser enfrentado e que, nessa matéria, assim como em tudo que diz respeito à garantia de direitos humanos, é fundamental o engajamento de toda a sociedade brasileira” (CARDOSO, 2002, p. 5). Citando os avanços do PNDH-2, finalmente, surge a população LGBT+ e ações específicas para a o grupo em questão: “Inserimos, na pauta das políticas públicas, questões que até pouco tempo atrás eram consideradas tabus ou não recebiam a devida atenção, como a dos direitos dos homossexuais [...]” (2002, p. 5). Falaremos sobre as ações para este público em breve, iniciando pelas políticas orientadas às mulheres, mantendo o padrão da apresentação do PNDH anterior.

No PNDH-2, ações orientadas a grupos específicos ficaram compreendidas no eixo “Garantia do Direito à Igualdade”. Às *mulheres*, foram desenvolvidas propostas de combate à violência doméstica, assim como no Plano de 1996. Ainda, foi dada uma atenção a problemas de outros âmbitos de suas vidas no espaço público: “Incentivar a criação de cursos voltados para a capacitação política de lideranças locais de mulheres” (BRASIL, 2002, p. 15); e “Incentivar a geração de estatísticas sobre salários, jornadas de trabalho, ambientes de trabalho, doenças profissionais e direitos trabalhistas da mulher” (2002, p. 16). No âmbito das políticas para as mulheres, foram consideradas algumas categorias de

profissionais específicas: “Apoiar programas voltados para a defesa dos direitos de profissionais do sexo” (2002, p. 16).

A *população negra*, desta vez, foi citada como *afrodescendentes*. Observamos a presença de ações que buscam estimular um resgate histórico da escravidão dos negros no Brasil, de modo que torne visível a relação entre esse passado e reverberações nas condições de marginalidade que este grupo racial ainda se encontra: “Apoiar o reconhecimento, por parte do Estado brasileiro, de que a escravidão e o tráfico transatlântico de escravos constituíram violações graves e sistemáticas dos direitos humanos, que hoje seriam consideradas crimes contra a humanidade” (BRASIL, 2002, p. 16); e “Apoiar o reconhecimento, por parte do Estado brasileiro, da marginalização econômica, social e política a que foram submetidos os afrodescendentes em decorrência da escravidão” (2002, p. 16). E assim como no primeiro PNDH, ações voltadas à visibilidade da das pessoas e da cultura negra também estiveram presentes: “Incentivar o diálogo com entidades de classe e agentes de publicidade visando ao convencimento desses setores quanto à necessidade de que as peças publicitárias reflitam adequadamente a composição racial da sociedade brasileira e evitem o uso de estereótipos depreciativos” (2002, p. 17).

Sobre os *povos indígenas*, segue a preocupação com a garantia de demarcações e regulamentações de terras, bem como com o aperfeiçoamento de Leis, como o Estatuto do Índio (Lei nº 6.001/73). Ainda, há algumas iniciativas que buscam garantir a esses povos o acesso a serviços como saúde e educação de formas diferenciadas, respeitando as suas práticas culturais. No âmbito da representação étnica, propõe-se “promover um ensino fundado na tolerância, na paz e no respeito à diferença, que contemple a diversidade cultural do país, incluindo o ensino sobre cultura e história dos povos indígenas” (BRASIL, 2002, p. 19).

Uma das novidades deste documento, conforme trazido por FHC no prefácio, é a inclusão de ações orientadas às especificidades das minorias sexuais. No PNDH-2, a seção que discorre sobre essas ações está intitulada *Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais – GLTTB*. Acerca deste grupo são propostas medidas que visem amenizar a situação de marginalidade do grupo, posição em que são colocados, muitas vezes, por agentes do próprio Estado: “Apoiar programas de capacitação de profissionais de

educação, policiais, juízes e operadores do direito em geral para promover a compreensão e a consciência ética sobre as diferenças individuais e a eliminação dos estereótipos depreciativos com relação aos GLTTB” (BRASIL, 2002, p. 19). *Pari passu* a esta ação, também há a preocupação quanto à já citada estereotipização deste grupo, operação em que a comunicação adquire grande centralidade: “Promover campanha junto aos profissionais da saúde e do direito para o esclarecimento de conceitos científicos e éticos relacionados à comunidade GLTTB” (2002, p. 19); e “promover a sensibilização dos profissionais de comunicação para a questão dos direitos dos GLTTB” (2002, p. 19).

No tocante à mídia e ao seu papel para a promoção dos direitos humanos, o PNDH-2 reconhece que os meios de comunicação possuem papel na divulgação de canais de denúncias de violação de direitos fundamentais. No eixo de “Garantia do Direito à Liberdade”, há uma subdivisão especial para tratar sobre “Opinião e Expressão”. Nela, são elencadas 13 propostas de ação envolvendo os sistemas de comunicação do país. As preocupações giram em torno da coibição de programas “[...] que estimulem a apologia do crime, a violência, a tortura, o racismo e outras formas de discriminação [...]” (BRASIL, 2002, p. 11); de “propaganda de idéias neonazistas e outras ideologias que pregam a violência, particularmente contra grupos minoritários” (2002, p. 12). Sobre o acesso à produção e consumo de mídia, o documento sugere o apoio à democratização dos meios de comunicação, “assegurando a participação dos grupos raciais e/ou vulneráveis que compõem a sociedade brasileira.” Além disso, sugere fomentar “junto aos meios de comunicação, iniciativas destinadas a elevar a auto-estima dos afrodescendentes, povos indígenas e outros grupos historicamente vitimizados pelo racismo e outras formas de discriminação” (2002, p. 12).

O terceiro PNDH, lançado no governo Lula, seguindo a tradição dos outros dois PNDHs anteriores, também contou com um texto inicial publicado pelo Presidente em exercício. Lula discorre sobre a importância do documento, que se trata de um roteiro de ação elaborado conjuntamente com os 31 ministérios da época, além de brevemente historicizar o surgimento desta terceira versão: “Em janeiro de 2008, no Rio de Janeiro, durante cerimônia de homenagem aos mortos do Holocausto e de Auschwitz, convoquei uma ampla jornada de discussões, debates e seminários para atualizar o PNDH que o Brasil já possuía desde 1996, com uma importante ampliação em 2002” (LULA, 2010, p.

11). Na sequência, apresenta diversas ações e conquistas do seu governo que já se encontrariam alinhadas com a perspectiva dos direitos humanos, concluindo que:

Não haverá paz no Brasil e no mundo enquanto persistirem injustiças, exclusões, preconceitos e opressão de qualquer tipo. A equidade e o respeito à diversidade são elementos basilares para que se alcance uma convivência social solidária e para que os Direitos Humanos não sejam letra morta da lei (BRASIL, 2010, p. 13).

Importante mencionar que o PNDH-3 teve duas versões. Inicialmente, foi divulgado em 2009, sob o Decreto nº 7.037/09 e, alguns meses depois, uma versão atualizada, instituída sob o Decreto nº 7.177/10. De acordo com Carvalho Ramos (2018), o que ocorreu foi que a primeira versão do PNDH-3 provocou manifestações de descontentamento por parte da população. Segundo o autor, além de sugestões de ação polêmicas, a linguagem do documento passou a ideia de que as propostas seriam, na verdade, percebidas como de iminente implementação. Entre tais temas, havia, pela primeira vez, a sugestão de aprovação da lei de descriminalização do aborto, além, por exemplo, da extinção de símbolos religiosos de repartições públicas. A regulamentação da mídia também entrou em cena: uma das ações sugeridas foi a criação de um “[...] ranking nacional de veículos de comunicação comprometidos com os princípios de Direitos Humanos, assim como os que cometem violações” (BRASIL, 2010, p. 165), conforme a Diretriz 22 do documento. Esta recomendação, como as anteriores, foi revogada pelo Decreto nº 7.177/10 a partir da pressão de setores da sociedade que se viram alarmados diante de proposições “radicais” e que supostamente seriam implementadas imediatamente, com força de Lei.

Essa sensação gerou ampla repercussão negativa na mídia tradicional e em grupos organizados contrários a determinadas ideias defendidas no PNDH-3, em especial no que tange a descriminalização do aborto, laicização do Estado, responsabilidade social dos meios de comunicação, conflitos sociais no campo e repressão política da ditadura militar (CARVALHO RAMOS, 2018, p. 612).

Salvo o caráter retrógrado de revogar algumas propostas de ações – algo inédito até então, no âmbito dos PNDHs –, o documento obteve sucesso ao contemplar diversos segmentos e interfaces da prática dos direitos humanos. As ações direcionadas especificamente a grupos sociais minorizados foram apresentadas no Eixo III:

“Universalizar Direitos em um Contexto de Desigualdades”, especificamente na “Diretriz 9”, intitulada “Combate às desigualdades estruturais”. Nela, três grupos são contemplados: populações negras, povos indígenas e mulheres.

No que diz respeito às *mulheres*, os objetivos que visam a participação igualitária da mulher no espaço público, bem como o combate à violência doméstica, seguem como temas em questão. A novidade está na observação de que, pela primeira vez, foram elaboradas propostas de ação atentas às especificidades raciais do grupo: “Incentivar políticas públicas e ações afirmativas para a participação igualitária, plural e multirracial das mulheres nos espaços de poder e decisão” (BRASIL, 2010, p. 91); e “Elaborar relatório periódico de acompanhamento das políticas para mulheres com recorte étnico-racial, que contenha dados sobre renda, jornada e ambiente de trabalho [...]” (2010, p. 91). As profissionais do sexo também são contempladas na diretriz, e o papel da comunicação entra em cena: “Realizar campanhas e ações educativas para desconstruir os estereótipos relativos às profissionais do sexo” (2010, p. 91).

Quanto à *população negra*, as ações em direitos humanos seguem buscando o combate à discriminação racial através de dispositivos legais, como na ação de “Apoiar, junto ao Poder Legislativo, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial” (BRASIL, 2010, p. 86); e na proposta de “Elaborar programas de combate ao racismo institucional e estrutural, implementando normas administrativas e legislação nacional e internacional” (2010, p. 87). Ações orientadas à preservação e o reconhecimento de quilombos e à valorização do patrimônio cultural das populações negras também seguem como temáticas centrais.

Em relação aos *povos indígenas*, o enfoque segue em preservar a integridades das terras, protegendo, assim, a reprodução da cultura desses povos; bem como garantir o acesso à educação e à saúde. Há, também, o anseio em valorizar e respeitar o conhecimento produzido por esses povos: “Aplicar os saberes dos povos indígenas e das comunidades tradicionais na elaboração de políticas públicas [...]” (BRASIL, 2010, p. 89); e “Proteger e promover os conhecimentos tradicionais e medicinais dos povos indígenas” (2010, p. 89).

Quanto aos demais grupos socialmente marginalizados, estes encontram-se localizados em outra subseção do PNDH-3, intitulada “Diretriz 10: Garantia de igualdade

na diversidade”. Nela, há propostas de ações para a pessoa idosa, portadoras de deficiência, e para demais *identidades de gênero e sexuais*. Este último grupo está contemplado com sugestões de políticas afirmativas que favoreçam a visibilidade e o reconhecimento das pessoas LGBTQs+. No âmbito jurídico, o Plano visa “Apoiar projeto de lei que disponha sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo” (BRASL, 2010, p. 98) e “Promover ações voltadas à garantia do direito de adoção por casais homoafetivos”. No âmbito do reconhecimento social, existem propostas de ações para “Reconhecer e incluir nos sistemas de informação do serviço público todas as configurações familiares constituídas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), com base na desconstrução da heteronormatividade” (BRASIL, 2010, p. 99); “Desenvolver meios para garantir o uso do nome social de travestis e transexuais”, entre outros.

Conforme exposto anteriormente, o PNDH-3 buscou formas de regulamentar a mídia tendo em vista a sua função social para a visibilização de grupos e de temas sensíveis à população brasileira. Ainda que uma destas ações tenha sido revogada, outras seguiram no Plano, como “Promover o diálogo com o Ministério Público para proposição de ações objetivando a suspensão de programação e publicidade atentatórias aos Direitos Humanos” (BRASIL, 2010, p. 165); e “Suspender patrocínio e publicidade oficial em meios que veiculam programações atentatórias aos Direitos Humanos” (2010, p. 165). Além destas e outras sugestões, compreendidas na Diretriz 22 do documento, a mídia surge junto a outras demandas. Vimos, na parte que trata das questões específicas das mulheres, o problema da estereotipização das profissionais do sexo. Mas também encontramos, ao longo do Plano, ações dependentes dos meios de comunicação para que se efetivem, conforme citado no “Objetivo Estratégico III: Garantia do direito à comunicação democrática e ao acesso à informação”. Uma das ações sugeridas para o seu cumprimento é: “Incentivar a produção de filmes, vídeos, áudios e similares, voltada para a educação em Direitos Humanos e que reconstrua a história recente do autoritarismo no Brasil, bem como as iniciativas populares de organização e de resistência” (BRASIL, 2010, p. 167). Nesse sentido, os meios de comunicação são reconhecidos como instrumentos vitais para a promoção da democracia plena articulada à promoção dos direitos humanos no Brasil.

[...] aborda-se o papel estratégico dos meios de comunicação de massa, no sentido de construir ou desconstruir ambiente nacional e cultura social de respeito e proteção aos Direitos Humanos. Daí a importância primordial de introduzir mudanças que assegurem ampla democratização desses meios, bem como de atuar permanentemente junto a todos os profissionais e empresas do setor (seminários, debates, reportagens, pesquisas e conferências), buscando sensibilizar e conquistar seu compromisso ético com a afirmação histórica dos Direitos Humanos (BRASIL, 2010, p. 151).

Apresentados os três PNDHs, podemos destacar alguns pontos relevantes que demonstram, de forma evidente, que diversidade é questão de política. Quando, em 1996, o então Presidente Fernando Henrique Cardoso decide adotar um Plano Nacional de Direitos Humanos, tal escolha se apresenta muito alinhada aos próprios discursos que inauguraram sua posse como chefe do Executivo em 1995 e em 1999. Neles, FHC é enfático ao advogar por uma *modernização* do país. A noção de promoção de direitos humanos através de um plano nacional instituído formalmente via decreto não poderia ser mais moderna.

Como já fora dito, nossa leitura dos Planos buscou identificar o trato com a *diversidade*, ou seja, as maneiras com que diferentes grupos sociais não-hegemônicos se tornam o público de ações políticas específicas. Quais grupos são esses e os conteúdos destas ações foi o que mais nos interessou, especialmente quando alguma ação comunicacional era considerada. Em linhas gerais, podemos observar uma correspondência entre *táticas de reconhecimento* e *táticas de visibilidade*. Isso significa dizer que, geralmente, quando os Planos se referiam a grupos mais próximos de uma linha de abjeção no rol de grupos considerados, como LGBTs ou pessoas negras, mais presentes eram ações que buscassem realizar mapeamentos dessas fatias da população. No PNDH-1, por exemplo, é sugestionado o preenchimento do quesito cor nos formulários preenchidos pelos cidadãos em repartições públicas da União. No PNDH-3, é proposto que as organizações familiares compostas por dois homens, duas mulheres, etc., sejam contempladas em formulários do serviço público federal. Deixando as problematizações identitárias de lado sobre “marcar seu gênero num quadrado”, porque o gênero é algo fluido e etc., compactuamos com a ideia de que estas são ações de grande importância, pois é a forma que o Estado tem de reconhecer formalmente a existência dessas pessoas no meio de 211 milhões de brasileiros. Trata-se de integrar, cada vez mais e de forma mais

aperfeiçoada, as várias possibilidades de organizações identitárias, conjugais, etc., da população do país, que segue em constante mutação. Paralelo a isso, há as táticas igualmente relevantes, que buscam estimular a visibilidade pública de grupos socialmente marginalizados. Para isso, ações que buscam o resgate da memória de um povo, como a dos indígenas e da população negra, são de exímia importância. Nesse sentido, os endereçamentos midiáticos ocupam um lugar central. Todos os PNDHs propuseram ações junto aos meios de comunicação, no sentido de fomentar uma visibilidade midiática responsável de tais grupos.

Os PNDHs apresentados nesta subseção foram assinados, respectivamente, por FHC (PNDH-1 e 2) e Lula (PNDH-3). Vale destacar que ambos são, historicamente, adversários políticos na forma da rinha entre petista e tucano, sobretudo no que diz respeito às políticas econômicas de cada um que, claro, não são conduzidas isoladamente das políticas sociais. Ainda assim, ao observarmos o modo com que ambos conduziram o trato com o debate em torno dos direitos humanos, podemos dizer que tanto um, quanto o outro, foram excepcionalmente comprometidos com as preocupações de cunho social que orbitam o campo dos direitos humanos. Não nos preocupamos, neste estudo, em observar quais ações foram concretamente realizadas, ou até que ponto tudo isso serviu apenas de vitrine para marketing político para um ou outro presidente. Ainda que fosse, não podemos negar o impacto da representação de ver, pela primeira vez, grupos LGBTs+ e prostitutas sendo contemplados em um plano nacional de ação. O comprometimento com a diversidade na perspectiva dos direitos humanos foi progressivamente, ao longo dos três documentos, sendo cada vez mais e melhor esmiuçada através das já denominadas táticas de reconhecimento e de visibilidade. Conforme exposto pelo ex-Presidente Lula no PNDH-3, a diversidade é um pilar estruturante de qualquer sociedade que preze por uma convivência solidária.

Embora nosso enfoque tenha sido nos três PNDHs existentes, não podemos deixar de comentar a situação atual em que o debate dos direitos humanos ocupa na atual gestão presidencial, representada por Jair Bolsonaro. Embora ainda não tenhamos um documento oficial do governo sobre a questão, alguns movimentos do Presidente da República assinalam sua posição no tocante à questão da diversidade. Além das

declarações racistas⁵⁵, misóginas⁵⁶ e homofóbicas⁵⁷ proferidas ao longo da sua vida política, Bolsonaro – no exercício do seu cargo como chefe do Poder Executivo –, já deixou nítida qual sua relação com os direitos humanos. De acordo com relatório elaborado pelo *Human Rights Watch* (2020, s/p), “Durante seu primeiro ano de mandato, o presidente Jair Bolsonaro assumiu uma agenda contra os direitos humanos, adotando medidas que colocariam em maior risco populações já vulneráveis”. No tocante ao público LGBT+, por exemplo, o relatório resgata que “Em abril [de 2019], o presidente Bolsonaro disse que o Brasil não deveria se tornar um ‘paraíso do turismo gay’ e, em agosto [de 2019], disse que as famílias são apenas aquelas constituídas por um homem e uma mulher” (2020, s/p). Em informe lançado pela Anistia Internacional (2021), a organização reconhece que, no Brasil, “a escalada da retórica contrária aos direitos humanos prosseguiu, aumentando os riscos para defensoras e defensores dos direitos humanos”. E tratando sobre a pandemia de Covid-19, o relatório destaca:

A violência contra as mulheres aumentou em função das medidas adotadas para conter a disseminação da Covid-19. A pandemia expôs desigualdades profundas na sociedade brasileira, atingindo de modo desproporcional aquelas comunidades que já eram discriminadas. O fato de o Presidente negar constantemente a gravidade da pandemia de Covid-19 só fez agravar a situação (ANISTIA INTERNACIONAL, 2021, s/p).

Sobre o próximo PNDH, o que se sabe até então, é que o presidente, junto à Damares Alves, responsável pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, reúnem-se desde fevereiro de 2021 para lançar a próxima versão atualizada do documento, sem qualquer tipo de consulta pública⁵⁸, prevista para novembro de 2021 (CARTA CAPITAL, 2021). Entretanto, não há nenhuma nota oficial do Governo acerca deste assunto.

⁵⁵ Em 2017, Bolsonaro afirmou que quilombos serviriam apenas para “procriar” [sic]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0TicZmpwEQc>. Acesso em: ago. 2021.

⁵⁶ Em 2003, Bolsonaro declarou que não estupraria a então deputada petista Maria do Rosário pois ela não mereceria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvljc>. Acesso em: 04 ago. 2021.

⁵⁷ Em 2010, Bolsonaro assinalou que quando o filho começa a apresentar comportamentos homoeróticos (“meio gayzinho” [sic]), bastaria adotar a prática da violência física para corrigi-lo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JZtaYvzzeTQ>. Acesso em: 04 ago. 2021.

⁵⁸ O PNDH-1 foi elaborado através de consulta pública utilizando ligações telefônicas e fax. No PNDH-2 e 3, as consultas foram *online*.

Ao findar esta Seção da construção do objeto, demonstramos como a diversidade e o léxico que a orbita vem sendo pautado pelo *discurso científico, midiático e político*. Partimos, agora, para a apresentação do nosso quadro teórico-conceitual. Discorreremos sobre processos de *hierarquização da diferença* a partir de Louis Dumont, cujo debate nos direciona a uma tematização da *diferença* amparada por Flavio Pierucci e Rosiska Oliveira, apresentando uma dimensão política envolvendo a esquerda e a direita.

2. DIFERENÇA: COISA DE DIREITA OU DE ESQUERDA?

Iniciamos a primeira Seção do nosso corpo teórico com a seguinte citação:

Os sociólogos temem os psicanalistas e vice-versa. Ambos temem mais ainda os biólogos. Daí que o corpo, psiquismo e lugar social nunca se interpretam senão de maneira excludente, cada disciplina reivindicando para si, para o campo tão restrito de seu instrumental teórico, a explicação desse fenômeno de complexidade infinita que é um ser humano às voltas com a vida e com o seu tempo (OLIVEIRA, 1992, p. 97).

A passagem acima justifica a mescla teórica que os Estudos Culturais nos permitem realizar, o que não implica necessariamente em uma irresponsabilidade em nível epistemológico ou descompromissos em relação aos anseios políticos de tal paradigma. Nesta seção, queremos tratar da questão da diferença como antessala para pensar a diversidade. Diferença é questão, fenômeno, preocupação de diversos campos do saber. Em nosso estudo, nos interessam as discussões desenvolvidas sobretudo no campo sociológico, percebendo como o léxico da diferença foi sendo incorporado tanto pela direita quanto pela esquerda a fim de justificar seus projetos políticos e seus métodos de ação. Antes, entretanto, começamos essa jornada rumo à diversidade através do debate sobre hierarquia elaborado por Louis Dumont, autor cujo pensamento fornece as bases para pensarmos a elaboração de hierarquias via operações diferenciadoras que são tudo, menos neutras.

2.1 Processos de hierarquização

Em perspectiva *culturalista*, Dumont logra ao explicar um sistema *estrutural* da organização social. Em suas etnografias na Índia, seu principal *locus* de análise etnográfica, o autor preocupa-se em observar as práticas e os rituais internos a cada casta, verificando como se articulam umas às outras e de que forma, juntas, dão sentido à vida política e cultural indiana de forma orgânica. Especializado nesse sistema de castas, Dumont sugere que, enquanto alguns estudiosos do sistema de castas tradicionalmente as veem como uma anomalia, elas deveriam ser reconhecidas como uma instituição que

orienta jurídica e moralmente as ações individuais em nome do macrosocial (DUMONT, 1999).

Como resultado de seus estudos em diversas localidades indianas, o autor identifica que lá predomina um *modelo hierárquico e holista* de estratificação, o que significa dizer que os grupos, organizados em castas bem delimitadas e organizadas, representam o todo do social e funcionam em prol do funcionamento harmônico deste sistema. Uma organização hierárquica conforme a descrita por Dumont é típica de *sociedades tradicionais*, onde a *ideologia holística* prevalece de modo a valorizar a totalidade social em detrimento do que é individual (DUMONT, 1983; 1999). Nas *sociedades ocidentais*, entretanto, o autor observa outra organização.

Enquanto a Índia é reconhecida pelo autor como um modelo de sociedade tradicional, o Ocidente caracteriza-se como uma *sociedade moderna*. E para Dumont (e tantos outros), falar em *modernidade* é, em essência, falar sobre *individualismo*. Se no Oriente/sociedades tradicionais prevalece um modelo hierárquico centrado no todo (a sociedade), no Ocidente/sociedades modernas o centro da organização social é a parte (o indivíduo): “Ontologicamente a sociedade não existe mais, ela é apenas um dado irredutível ao qual se pode em nada contrariar as exigências de liberdade e igualdade” (DUMONT, 1997, p. 57). Portanto, em oposição ao modelo *hierárquico* de estratificação, Dumont observa que, no Ocidente, o *igualitário* prevalece. “O ideal de liberdade e de igualdade se impõe a partir da concepção do homem como indivíduo. Com efeito, se supõe que toda a humanidade está presente em cada homem, então cada homem deve ser livre e todos os homens são iguais” (1997, p. 59). A modernidade, em sua máxima individualista, implica um sistema de valores que, no imaginário popular, produz o *princípio moral* de que cada um possui uma identidade “básica”, única e nuclear, que existe apenas para cada um de si. Porém, como alerta o autor, esses princípios modernos habitam mais o imaginário do que a realidade empírica do mundo social. Na organização ocidental, uma prática acaba por corroer a utopia da igualdade plena: a produção de julgamento de valores: “Nós, modernos, não paramos de fazer julgamentos de valor;

damos valores desiguais as pessoas, coisas e situações” (DUMONT, 1999, p. 244, tradução nossa⁵⁹).

Ou seja, há uma contradição interna no modelo igualitário de organização social: a desigualdade produzida com base na distribuição diferenciada de valor. Desse modo, compreendemos que processos hierárquicos não são neutros. Sua existência não se justifica puramente para fins de “organização social”. Na hierarquia, a desigualdade é condição *sine qua non*: há o mais e o menos “importante”. A valoração dos componentes que constituem a hierarquia é o que distorce o modelo bidimensional previsto por Dumont (todo x parte), de modo que as “partes” podem ter diferentes valores entre si, produzindo hierarquias internas. Dumont comenta: “Acredito que a hierarquia não é, essencialmente, uma cadeia de comandos sobrepostos, nem uma cadeia humana de dignidade decrescente, nem mesmo uma árvore taxonômica, mas uma relação que pode sucintamente ser chamada de ‘o englobamento do contrário’” (1999, p. 239, tradução nossa⁶⁰, grifo nosso). Esta expressão representa uma organização social de estratificação em que *a hierarquia é organizada entre um todo e um elemento desse todo*. Por exemplo: as partes homem e mulher, tidas como opostas entre si, são partes de um todo chamado humanidade. O julgamento de valor, entretanto, configura um desnível de humanidade entre a “parte humana homem” e a “parte humana mulher”.

Assim sendo, o processo de valoração desigual torna-se o corolário de um sistema social moderno cuja ideologia individualista não sustenta a *diferença* entre as partes. No bordão “englobante” moderno “todos somos iguais”, algumas identidades – produzidas *na* diferença – são mais desiguais que outras; enquanto outras sequer são *reconhecidas*. Portanto, valor produz diferença no interior de uma relação hierárquica. Ao elaborar sobre o estatuto das sociedades modernas, Dumont observa que, ao mesmo tempo em que se celebram os ideais da igualdade, “[...] uma hierarquia continua a ser posta, e ela é, dessa vez⁶¹, ligada a características somáticas, fisionomia, cor da pele, ‘sangue’. Sem dúvida,

⁵⁹ No original: “We moderns have not stopped making value judgments; we give unequal values to people, things and situations”.

⁶⁰ No original: “I believe that hierarchy is not, essentially, a chain of superimposed commands, nor even a chain of beings of decreasing dignity, nor yet a taxonomic tree, but a relation that can succinctly be called ‘the encompassing of the contrary’”.

⁶¹ Porque noutros tempos históricos, como no Feudalismo, a hierarquia era organizada de maneiras mais objetivas: claro, nobreza, campesinato.

esses sempre foram marcas de distinção, mas agora tornaram-se a sua essência” (1999, p. 293, tradução nossa⁶²). O autor possui uma extensa análise sobre o nazismo em que observa como a categoria englobante de “nação” mobilizou desigualmente a valoração de outras categorias, como a raça⁶³. Assim, o pensamento de Louis Dumont inspirou e segue inspirando uma ampla gama de discussões interessadas em interpretar a produção de hierarquias a partir das diferenças entre sujeitos e grupos.

A pesquisadora brasileira dedicada aos estudos de gênero Maria Luiza Heilborn, em seu clássico artigo intitulado *Gênero e hierarquia*, incorpora alguns conceitos dumontianos para analisar a organização familiar de três casais⁶⁴ cariocas à luz da teoria da hierarquia articulada à categoria de gênero. Em suma, dentre suas análises, a autora compreende que “[...] a lógica interna ao domínio do gênero é hierárquica, fazendo com que os setores simbólicos acima relacionados [atividade/passividade] qualifiquem-se pelas propriedades de englobantes e englobado” (HEILBORN, 1993, p. 71). Portanto, as dimensões englobadas pela categoria “gênero” assumem hierarquias internas entre si pois valoradas desigualmente. Nesse sentido, conforme atestado pela autora, “a noção de valor em Dumont detém um lugar axial: ele é o elemento operador da diferença no interior de uma relação hierárquica” (1993, p. 55). Uma abordagem dumontiana também ressoa em Pierucci, autor que desbravamos a seguir, ao revelar o caráter ontológico da distribuição de valor: “Mesmo as sociedades mais simples, pouco diferenciadas, organizam-se em torno de pelo menos duas diferenças coletivas que hierarquizam as pessoas, alocam o poder e dividem o trabalho, as diferenças de sexo/gênero e idade/geração” (PIERUCCI, 1999, p. 105). Com base no que foi exposto, o pensamento de Louis Dumont parece propício para nos conduzir ao debate sobre diversidade – cujo conceito será matizado adiante. Antes, entretanto, cabe discorrermos sobre as implicações da noção de *diferença*.

⁶² No original: “[...] a hierarchical difference continues to be posited, which is this time attached to somatic characteristics, colour of the skin, ‘blood’. No doubt, these were at all times marks of distinction, but they have now become the essence of it”.

⁶³ Ver em Dumont (1983).

⁶⁴ Um composto por um homem e uma mulher; outro por dois homens; e outro por duas mulheres.

2.2 Diferenças naturais e construídas

Observando o recorte que o nosso estudo empírico apresenta (minorias progressistas/minorias conservadores), iniciamos esta discussão colocando em pauta (ou em xeque) como campos ideológicos distintos valorizam/desvalorizam a existência de algo que é observável a olho nu independente de matriz ideológica: as pessoas são diferentes umas das outras. O imediatismo desta evidência ocular é inquestionável, e é essa concepção empírica que fundamenta a discussão sobre *diferença*.

A noção que orbita o senso comum contemporâneo é que o debate sobre *diferença* é interesse exclusivo das alas progressistas é um equívoco. O sociólogo brasileiro Flávio Pierucci ilumina esta questão em *Ciladas da diferença*, obra indispensável para nossa discussão sobre o assunto. Nela, o autor afirma:

O pavilhão da *defesa das diferenças*, hoje empunhado à esquerda com ares de recém-chegada inocência pelos ‘novos’ movimentos sociais [...] foi na origem – e permanece fundamentalmente – o grande signo/desígnio das direitas, velhas ou novas, extremas ou moderadas (PIERUCCI, 1999, p. 19, grifos do autor).

Para acompanhar o seu raciocínio, vale retornarmos brevemente ao século XVIII, especificamente no episódio histórico da Revolução Francesa (1789 – 1799). De acordo com o historiador francês René Rémond, “o espírito da Revolução se define pela vontade de racionalismo [...]” (1974, p. 144-145, tradução nossa⁶⁵). Na efervescência da intensa mobilização de ideias que buscavam uma alternativa ao Antigo Regime⁶⁶, a Revolução representa, hoje, o nascimento da democracia moderna assentada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Embora tenha sido encabeçada por uma burguesia de economistas e filósofos interessada em organizar uma nova sociedade baseada no liberalismo, historiadores reconhecem que esta foi uma revolução social de massa (HOBSBAWN, 1996). Não cabe aqui discutirmos as diversas frentes que os revolucionários pretendiam reformar, nem sobre as controvérsias envolvendo a relação

⁶⁵ No original: “*L’esprit de la Révolution se définit par cette volonté de rationalisme [...]*”.

⁶⁶ Regime de sociedade vigente entre os séculos XV e XVIII na França, onde o sistema de organização se dava de forma *hierárquica* (clero, nobreza e burguesia), e cujo sistema de valores teocrático declaradamente orientava a vida política, econômica e social.

da burguesia masculina com as mulheres e os pobres⁶⁷. A nós, interessa sobretudo a retórica ideológica da *igualdade* que emanava do movimento, termo que se tornou a síntese da mobilização junto à publicação da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*. Este documento simbolizou o fim do anseio pela liberdade através de 17 artigos de cunho universalista, inaugurando o ideal moderno de que todos somos iguais. Já apresentamos a noção de igualdade como valor moderno em Louis Dumont, que nos ajuda a pensar sobre os problemas inerentes a este projeto de sociedade.

Mais de dois séculos depois desse episódio histórico, temos evidências suficientes para afirmarmos que a utopia de uma socialidade igualitária, conforme vislumbrado pelos ideários da Revolução Francesa não alcançou a sua plenitude. Muito pelo contrário: vem sendo, hoje em dia, objeto de disputa ideológica dos mais diversos movimentos sociais, grupos identitários e áreas do saber. Portanto, vale enfatizar que, contrário ao *slogan* revolucionário moderno, todos somos *diferentes*, e o primeiro grupo de pessoas a se lembrar disto foi a corrente contrarrevolucionária francesa do XVIII, atualmente reconhecidos como “a direita” daquele contexto histórico:

A certeza de que os seres humanos não são iguais e portanto não podem ser tratados como iguais, quem primeiro a professou e apregoou nos tempos modernos foi a direita. Para ser historiograficamente mais exato, foi a ultradireita do final do século XVIII e primeiras décadas do XIX, aliás a primeira direita a surgir na História, em reação à Revolução Francesa, ao ideal republicano de igualdade e fraternidade e a tudo quanto de universalismo e igualitarismo havia no movimento das ideias filosóficas do século XVIII (PIERUCCI, 1999, p. 19).

A direita conservadora torna a *diferença* o objeto de sua fixação, e essa preocupação assenta-se na constatação empírica de que, se olharmos ao redor, tudo o que vemos é diferença: ela está na natureza (obra de Deus), a um palmo de distância de nós. A sua certeza, entretanto, não orienta necessariamente operações morais ou políticas de distribuição de valor igualitárias (DUMONT, 1999). Pelo contrário: enfatizando o “direito à diferença”, o conservador propõe soluções políticas segregacionistas (PIERUCCI, 1999). Um exemplo é o resgate da identidade nacional engendrado na imagem de um “povo”

⁶⁷ Para essa discussão, ver François Furet, historiador referência entre os chamados ‘revisonistas’ da Revolução Francesa, conforme apontado pelo historiador Daniel Gomes de Carvalho (2019).

puro, intocado, um só: *sem diferenças, apesar das diferenças*. A fala do ex-Ministro da Educação Abraham Weintraub, conservador, em uma reunião ministerial presidida pelo Presidente Jair Bolsonaro de 22 abril de 2020 ilustra a questão:

Odeio o termo ‘povos indígenas’, odeio esse termo. Odeio. O ‘povo cigano’. Só tem um povo nesse país. Quer, quer. Não quer, sai de ré. É povo brasileiro, só tem um povo. Pode ser preto, pode ser branco, pode ser japonês, pode ser descendente de índio, mas tem que ser brasileiro, pô! (G1, 2020, s/p)⁶⁸.

Na natureza dessa tática discursiva, Pierucci reconhece que “o ‘direito à diferença’ [é retorcido] em ‘direito de um povo de permanecer como é, em sua terra natal e sem misturas’” (1999, p. 52). Para o autor, o uso que o segmento conservador faz desse direito vem após uma apropriação do termo pela esquerda.

Se a diferença foi inicialmente questão dos conservadores, é no surgimento de novos movimentos sociais que a expressão passa a ser apropriada e ressignificada ideologicamente pelos grupos progressistas. Até então, a diferença era questão de observação empírica natural e instrumento para manter culturas e nações “puras”. Agora, sob a perspectiva epistemológica do *construcionismo social*, diferença também passa a ser uma questão cultural (PIERUCCI, 1999). O movimento feminista dos anos 1960 e 1970 foi um dos precursores ao incorporar o ideal da igualdade a partir da retórica da diferença, o que implica até hoje em uma série de imprecisões no interior do movimento e em suas ações práticas no mundo social, cultural e político. Quem nos informa sobre esta questão é Rosiska Darcy de Oliveira:

Os anos 70 trouxeram um feminino ávido de igualdade, que buscava escapar de seus limites dissolvendo-se no universal. Esse feminino, no entanto, esbarrou na confusão entre universal e masculino. Uma noção unilateral de igualdade, em que o masculino travestido em universal é medida e ideal, confronta as mulheres ao paradoxo de ser, ao mesmo tempo, elas mesmas e o Outro (OLIVEIRA, 1992, p. 94).

A autora refere-se ao que foi diagnosticado por Louis Dumont na alcunha de “englobamento do contrário”. O que Oliveira denuncia é que o masculino se torna a

⁶⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/26/mpf-pede-explicacoes-a-weintraub-por-declaracoes-sobre-terminos-indigenas-e-povo-cigano.ghtml>. Acesso em 13 out. 2020.

própria categoria englobante universal de gênero, condicionando tanto o próprio masculino, mas também o feminino. A autora, então, realiza uma crítica em relação à “febre de igualdade” na qual o feminismo se assentou, vestindo mulheres de roupas masculinas, mas sem tocar na própria masculinidade: “[...] foi assim que essa igualdade nasceu capenga e a relação entre os sexos resultou numa estranha conta de somar: feminino + masculino = masculino” (OLIVEIRA, 1992, p. 56). A escritora, então, traz à baila o léxico da diferença, advertindo que “[...] a verdadeira igualdade é a aceitação da diferença sem hierarquias.” (1992, p. 74). Para a autora, mais do que elevar as mulheres à condição de igualdade dos homens, é necessário dissolver os mecanismos que sustentam tal desigualdade. Nesse projeto, “[...] é o paradigma da hierarquia que é atacado pelo questionamento de um de seus alicerces mais antigos e mais sólidos: a dominação das mulheres pelos homens” (1992, p. 46).

Cabe, portanto, ressignificar os termos a partir dos quais a hierarquia é produzida. Ou seja, ressignificar o próprio feminino: “Os interesses das mulheres estarão representados quando, no poder, uma mulher for capaz de agir como mulher, desafiando todo o estereótipo cultural que inferioriza a razão feminina como irracional e a sensibilidade feminina como sentimentalóide” (1992, p. 138). Este projeto é complexo, está em curso, e não cabe a nós, neste momento, destrincharmos o que os vários feminismos têm feito, 30 anos após a publicação da obra de Rosiska de Oliveira, para contribuir com a transformação radical das hierarquias de gênero⁶⁹.

O que ainda é pertinente mencionar, voltando à nossa discussão sobre o uso da diferença enquanto “bandeira” progressista, é a improdutividade que reside na sua insistência discursiva: “Afirmar a diferença entre homens e mulheres não é novo. O sexismo se apoiou nessa diferença para classificar as mulheres não só como diferentes dos homens, mas sobretudo como inferiores” (OLIVEIRA, 1992, p. 70). Pierucci compartilha da mesma crítica:

Que venha o movimento das mulheres frisar para o *uomo qualunque* que a mulher é diferente do homem, *quid novi?* Que venha o movimento negro em suas falas e em seus escritos bradar para uma sociedade como a nossa, que nasceu

⁶⁹ Para um debate atualizado sobre este ponto, ver as publicações recentes de Heloisa Buarque de Hollanda, como *Explosão feminista* (2018).

escravocrata e assim permaneceu durante séculos, e preconizar no cotidiano agressivo desta metrópole que ‘negro é diferente’, *quid novi?* Isto é o que todo mundo já sabe desde sempre, não choca ouvido algum, apenas confirma o já sabido e, pior ainda, legítima que a diferença seja enfocada e as distâncias, alargadas (PIERUCCI, 1999, p. 28).

A grande questão parece ser o que fazer após a constatação da diferença. A perspectiva progressista da diferença instaura um verniz emancipatório na retórica – já conhecida – da afirmação da diferença através do que Pierucci nomeia de “políticas do corpo”: nos setores progressistas feministas, negros, LGBTs+, a afirmação das diferenças corporais coletivas é o que mobiliza a organização de tais movimentos. O corpo, o direito de sua presença no espaço público⁷⁰ ser respeitada e a reivindicação por sua representatividade nas instituições – como na própria mídia – tornam-se pautas centrais nos movimentos de esquerda. Pierucci (1999), ainda que seja simpático às “políticas do corpo”, é profundamente desconfiado sobre os êxitos que tal estratégia pode angariar. Sua crítica baseia-se no argumento de que “[...] se fixamos a atenção no que é natural ou físico, ‘a natureza só nos apresenta diferenças’” (1999, p. 108). Assim, através de reivindicações marcando a diferença inscrita no corpo, dificulta a organização de mobilizações unificadas do setor progressista, uma vez que o corpo, enquanto dado da natureza, é repositório infinito de diferenças.

Ao longo do seu ensaio, Pierucci demonstra de que modo o conservador mobiliza com muito mais facilidade o léxico da diferença a seu favor pois, como já apontamos, são empiristas no sentido mais puro da palavra. Portanto, seu discurso não demanda abstrações complexas. Ao conservador, não interessa “o que está por trás”, as camadas do que está sendo visto a olho nu. O que importa é o que está ali à sua frente, verificável a olho nu, a obviedade⁷¹. Em sentido oposto, via correntes teóricas pós-estruturalistas, os segmentos progressistas mobilizam a “diferença” na chave da abstração e da desconstrução. São discussões altamente sofisticadas, e é aí que, para Pierucci, reside o problema.

⁷⁰ Atualmente, esta questão é largamente debatida pela filósofa Judith Butler, mais recentemente em sua obra *Corpos em aliança* (2018).

⁷¹ Formulação de teorias conspiratórias é uma exceção à parte quando confirma ou produz certa estabilidade em algum tipo de conflito psíquico que não compreende os dados da realidade. Veremos alguns exemplos ao longo da exposição da pesquisa empírica.

Na prática política quotidiana ou em outros contextos que não as academias e as publicações especializadas, as sutilezas desconstrucionistas não têm muitas chances de emplacar, assim como não tem melhor caminho a oferecer a inocência de superfície dos que se contentam em dizer: ‘diferentes, mas iguais’ (PIERUCCI, 1999, p. 49).

Esta última expressão – ‘diferentes, mas iguais’ – é emblemática para ilustrar a problemática discursiva que é defender, ao mesmo tempo, a *diferença* e a *igualdade*. É um nó conceitual extremamente difícil de desatar, demanda um investimento de abstração que muitos segmentos fora da academia não estão dispostos a enfrentar. Daí porque estratégias como políticas de cotas, por exemplo, são objeto de discussões inflamadas dentro do próprio segmento progressista. Esses embates nos mostram que “o campo semântico da diferença, como se vê, mostra-se particularmente vulnerável a estratégias de erosão de ambos os lados da luta ideológica” (PIERUCCI, 1999, p. 53).

Para o campo progressista, a solução, certamente, não é – ou não deveria ser – abandonar o debate sobre a diferença. Lutar pela igualdade via diferença sim, vale a pena; no entanto, como salientam os autores aqui apresentados, é necessária uma redefinição do discurso. Como Oliveira (1992, p. 109) sintetiza, “a revalorização da diferença não tem por que enfraquecer a luta pela igualdade, mas deve, certamente, redefini-la”. Em última instância, reclamar a diferença diz respeito a reconhecer a existência plena, democrática e segura de todos os modos de vida em uma sociedade moderna marcada pela busca frenética do uno.

Este projeto, como estamos observando (e essa discussão ainda não se esgotou), não deu certo. Se falamos tanto sobre o direito à diferença nos dias atuais é porque provavelmente algo saiu dos trilhos do trem que seguia rumo à sociedade unificada. Esse movimento pode ser traduzido no conceito de *diversidade*. A seguir, apresentamos um debate teórico entorno da expressão. Inicialmente, percorremos algumas áreas do saber a fim de demonstrar que seu uso é extremamente variado, para em seguida, estabelecer contornos conceituais precisos a partir de uma perspectiva sociológica junto a Renato Ortiz.

3. LIBERTÉ, IGUALITÉ, FRATERNITÉ... ET DIVERSITÉ?

Em abril de 2014, o *Grammarphobia*⁷², blog redigido por dois jornalistas nos Estados Unidos dedicados a explorar a etimologia e os usos de qualquer palavra, recebeu a seguinte questão de um visitante:

Eu estou ajudando a promulgar os critérios para recrutar novos membros de um quadro de diretores. No assunto está “diversidade”. Eu diria que atualmente é uma palavra-chave para pessoas não-brancas e não-homens. Ou seja, um homem branco, não importa quão diversa sua experiência seja, não proporciona diversidade. Outros dizem que “diversidade”, sem elaboração, poderia se referir à experiência. O que vocês acham? (GRAMMARPFOBIA, s/p, 2014)⁷³

Conceituar a palavra *diversidade* implica reconhecer a impossibilidade de fechá-la sob um conjunto delimitado e preciso de propriedades. Quando nos propomos a fornecer um *conceito*, estamos operacionalizando uma abstração a partir de uma realidade empírica com suas devidas particularidades (MENDONÇA, 1985). O significado do conceito é, portanto, produzido e torna-se válido somente se devidamente adequado à realidade. Daí, põe-se o desafio de conceituar um termo que se caracteriza pelo seu amplo sentido adquirido e aplicabilidade, ou seja, sua larga intensão⁷⁴ e extensão⁷⁵. O significado (ou a ideia) de *diversidade* espalha-se por diversos campos, sendo mobilizado de diferentes maneiras em cada um. Como um primeiro movimento a fim de desbravar seu significado, cabe resgatarmos a construção etimológica do termo de acordo com consulta no site *Online etymology dictionary*⁷⁶.

Diversidade tem sua origem na palavra em latim *divertere*, que significa “virar em diferentes direções”. Ainda na língua latina, outras variações do termo vão surgindo, como

⁷² Disponível em: <https://www.grammarphobia.com/blog/2014/04/diversity.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁷³ No original: “I am helping promulgate the criteria for recruiting new members of a board of directors. At issue is ‘diversity’. I say it is now a code word for nonwhite or nonmale. That is, a white male, no matter how diverse his experience, doesn’t provide diversity. Others say ‘diversity’, without elaboration, could refer to experience. What do you think?”

⁷⁴ Elementos que definem o conceito: suas propriedades e relações. Este conjunto de qualidades cria as condições para a elaboração de uma descrição capaz de explicar o conceito, garantindo uma aplicabilidade não-ambígua do mesmo (MENDONÇA, 1985).

⁷⁵ De acordo com Mendonça (1985, p. 18), “[...] é o conjunto de todos os objetos ou seres aos quais se pode aplicar o conceito”.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/diversity>. Acesso: em 13 abr. 2020.

diversus, “virado em diferentes formas”; e *diversitatem*, que por sua vez significa “contrariedade, contradição, desacordo”. Esse último termo, em latim, é apropriado pelo francês antigo⁷⁷ na palavra *diversité*, carregando em seu significado as ideias de “peculiaridade, excentricidade, *perversidade*”. A denotação essencialmente negativa da palavra *diversidade* perdura até o século XVII quando, nos Estados Unidos, seu uso passa a inspirar o nascimento da democracia moderna. Um dos primeiros registros escritos positivado do uso do termo está na obra do final do século XVII *O federalista*⁷⁸:

Do mesmo modo que hum Estado qualquer he dividido em diferentes districtos, e os seus cidadãos em classes diferentes com interesses e ciumes particulares, assim as diferentes partes dos Estados-Unidos estão separadas humanas das outras por hum sem-numero de circumstancias semelhantes, que produzem o mesmo effeito, posto que em mais extensa escala: e posto que **esta diversidade de interesses, pelas razões expostas n’outro lugar, póde ter benefica influencia sobre o governo**, depois de formado, he evidente que deve ter obrado de huma maneira opposta no acto de o formar. Que maravilha he, pois, que no meio de tantas difficuldades, a convenção se visse muitas vezes obrigada a apartar-se daquella perfeição ideal que o theorista engenhoso concebe no silencio do gabinete? (HAMILTON; MADISON, 1840, p. 76, grifo nosso).

A *diversidade* da qual se refere o excerto, obviamente, não está interessada nas questões de raça, de relações de gênero e sexuais. Estas não eram preocupações à época. A *realidade empírica* do uso do termo está pavimentada na questão das opiniões proferidas por determinados grupos de autoridade, responsáveis por solidificar o projeto democrático.

Contemporaneamente, disputas em torno do significado de *diversidade* revelam tensões promovidas por ações que miram a sua celebração. Como exemplo, podemos citar o episódio em que a escritora estadunidense Lionel Shriver⁷⁹ redigiu, em sua coluna na revista britânica semanal *The spectator*, duras críticas às políticas de inclusão da editora

⁷⁷ Língua derivada do “latim vulgar”, falada ao longo do segundo século II A.C. até o final do século V D.C. na antiga região de Gália (que hoje corresponde à França e algumas partes da Bélgica, Alemanha e Itália). A versão coloquial do latim foi sendo modificada após invasões germânicas no território, dando forma ao chamado francês antigo, que se tornara a língua oficial em Paris até o século XI, quando evoluiu para o francês médio e, no XVII, para o francês moderno (EINHORN, 1974).

⁷⁸ Obra de 1788 composta por 85 ensaios que argumentam a favor da Constituição dos Estados Unidos de 1787, discutindo o ajuste de alguns artigos do texto original.

⁷⁹ Jornalista e escritora estadunidense conhecida por vários *bestsellers*. Entre eles, o livro de 2003 *Precisamos falar sobre Kevin*, narrativa adaptada para o cinema em 2011, dirigido pela cineasta Lynne Ramsay.

*Penguin Random House*⁸⁰. A companhia tornou público o seu objetivo de fomentar a inclusão de autores/as e funcionários/as que representem a diversidade étnica, sexual e de gênero do Reino Unido até 2025. A escritora alegou que

Nós podemos seguramente inferir... que se um agente submeter um manuscrito escrito por um transgênero gay caribenho que largou a escola aos sete anos e se locomove pela cidade numa lambreta, ele será publicado, seja ou não o manuscrito incoerente, tedioso, meandroso e uma pilha de papel reciclado misturado (FLOOD, s/p, 2018)⁸¹.

A autora ainda atestou que deveríamos recuperar o significado original de diversidade, pois a proposta do seu sentido “geral” foi removida da linguagem: Seu pronunciamento foi recebido em muitos portais de notícias. O jornal britânico *The guardian* intitulou a matéria em que narra o ocorrido com a seguinte dúvida: “*A palavra “diversidade” realmente tem só um significado?*”⁸². É sobre essa discussão que nos debruçamos agora, percorrendo ilustrativamente seu uso em algumas áreas do conhecimento rumo à sua elaboração no campo das Ciências Sociais.

3.1 Diversidade sem dono

No universo da computação, a diversidade pode ser uma desvantagem. Embora não seja um termo empregado tecnicamente, ela “atrapalha” o funcionamento da indústria, fazendo com que *hardwares*, *softwares*, conectores, formatos, etc., não se comuniquem entre si. Portanto, quando se observam as limitações de conectividade entre os equipamentos eletrônicos, a diversidade técnica não é bem-vinda. Buscam-se, portanto, tecnologias universais para fins mercadológicos: a padronização é boa para que se atinja

⁸⁰ Conglomerado fundado em 2013 a partir da fusão entre as editoras *Random house* e da prestigiosa *Penguin group*. Esta última, fundada originalmente em 1935 no Reino Unido, revolucionou a prática da leitura da nação através da comercialização de livros a baixo custo. A editora teve um papel importante na disseminação dos ideais da Nova Esquerda britânica, publicando obras clássicas de Richard Hoggart e Stuart Hall, bem como fornecendo fundos ao Centro de Estudos Culturais Contemporâneos.

⁸¹ No original: “*we can safely infer ... that if an agent submits a manuscript written by a gay transgender Caribbean who dropped out of school at seven and powers around town on a mobility scooter, it will be published, whether or not said manuscript is an incoherent, tedious, meandering and insensible pile of mixed-paper recycling*”

⁸² No original: “*Does the word ‘diversity’ really has only one meaning?*” Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/jun/13/diversity-one-meaning-lionel-shriver-stein-pool>. Acesso em: 13 abr. 2020.

uma diversidade de consumidores mais ampla. O sistema operativo *Windows* pode se adaptar a diversos tipos de PCs (computadores pessoais), garantindo maior sucesso comercial. Já o sistema *MacOS* restringe seu funcionamento apenas para os equipamentos *Apple*, o que limita a sua expansão de mercado, embora ganhe em qualidade de produto. Entretanto, de modo geral, o mercado da tecnologia tende a criar condições de adaptações de consumo, com base em tecnologias universais, atingindo um público amplo.

No campo da Biologia e da Ecologia, a diversidade é encarada como algo positivo, caracterizando a convivência equilibrada entre diferentes componentes da natureza (espécies de animais e de paisagem) distribuídas na comunidade (espaço físico) em questão, podendo inclusive ser mensurada. Em um notório estudo⁸³ do final da década de 1960, um especialista no tema adverte: “Tem sido dito que a diversidade [...] eleva a estabilidade de uma comunidade, relaciona-se com a produtividade de uma comunidade, integração, evolução, estrutura de nicho, e competição” (McINTOSH, 1967, p. 392)⁸⁴. Em uma publicação mais recente, os autores também atribuem à diversidade um significado elementar no equilíbrio ecológico, destacando ainda a noção de *biodiversidade*: “[...] geralmente refere-se à totalidade de genes, espécies e biocenoses ou ecossistemas em uma área” (VOIGT; WURSTER, 2014, p. 201, tradução nossa)⁸⁵. O documento consultado pelos autores para se referir à questão da biodiversidade é um relatório da convenção de países submetido para discussão na *Convenção de diversidade biológica* de Paris, em 2011. No documento, os cientistas e autoridades relatam a preocupação com a *perda* da biodiversidade em nível global, destacando a relevância da pesquisa e da economia: “A ciência foi uma ferramenta vital para a investigação das raízes da perda da biodiversidade e para demonstrar as conexões entre questões de biodiversidade e outras, enquanto a economia foi chave para endereçar tais questões” (CBD, 2010, p. 10, tradução nossa)⁸⁶.

⁸³ Publicado na *Ecology*, um dos mais relevantes periódicos do campo da Ecologia em nível mundial, de acordo com o *Journal Citation Reports*.

⁸⁴ No original: “Diversity has been said to [...] enhance community stability, and to relate to community productivity, integration, evolution, niche structure, and competition”

⁸⁵ No original: “[...] it generally refers to the totality of genes, species and biocoenoses or ecosystems within an area”

⁸⁶ No original: “Science was a vital tool in the investigation of the root causes of biodiversity loss and to demonstrate the links between biodiversity issues and other issues, while economics was the key to being able to address the issue”.

Não resta dúvidas de que a diversidade, para as ciências biológicas, é algo bom, visto como indicador de “riqueza” e que deve ser amplamente estimulada e preservada.

Podemos falar sobre diversidade, também, na Arquitetura. No início da década de 1960, discussões políticas e planejamento urbano colidiram-se a partir do debate sobre os usos sociais das grandes cidades. Jane Jacobs, jornalista canadense e ativista política, propõe uma nova forma de observar e analisar os fenômenos urbanos tendo Nova Iorque como laboratório. Em uma de suas principais obras, a autora questiona: “como as cidades podem gerar uma mistura suficiente de usos – uma diversidade suficiente –, por uma extensão suficiente de áreas urbanas para preservar a própria civilização?” (JACOBS, 2011, p. 104). A autora destaca a potência das metrópoles em produzir diversidade – ainda que, muitas vezes, mal distribuída –, preocupando-se em como as cidades fornecem condições para que todos e todas coabitem harmonicamente e usem os espaços urbanos de maneira democrática. Ela levanta questões sobre a relação das vizinhanças com seus parques locais; a relevância da conservação de prédios históricos; a distribuição das fábricas, escritórios e pequenos comércios; bem como o fomento de atividades culturais. Jacobs, assim, defende uma diversidade planejada mediante diretrizes de zoneamento urbano geradoras do bem-estar social, mesmo estando ciente da imprevisibilidade que estará sempre em jogo: “Não resta dúvida de que as áreas urbanas com diversidade emergente geram usos desconhecidos [...] e perspectivas visuais peculiares. Mas não se trata de um inconveniente da diversidade. Trata-se da questão essencial, ou parte dela. Isso está de acordo com uma das atribuições das cidades” (2011, p. 167). Assim, a discussão sobre diversidade, na Arquitetura, inaugura-se de um ponto de vista subjetivo que reconhece o espaço urbano como um gerador de socialidades imprevisíveis, responsável por animar e sustentar usos diversos por diferentes grupos em nome de uma “cidade viva”.

Conforme é possível observar, a questão da diversidade pode ser articulada e valorizada em diferentes graus conforme a realidade empírica à qual está circunscrita. Da informática à arquitetura, a palavra encontra correspondências, sendo mobilizada reflexivamente, produzindo chaves de pensamento que levam às especificidades técnicas, biológicas, sociais e políticas de cada campo. Ou seja, a ideia de *diversidade* não se encerra em si mesma – ela alarga o debate em diferentes instâncias, como é possível observar,

também, no relatório da 31^a Conferência Geral da UNESCO que ocorrera em 2002, em Paris.

Este documento, chamado *Declaração universal da Unesco sobre diversidade cultural*, foi elaborado no contexto das tensões diplomáticas e culturais que sucederam o 11 de setembro nos Estados Unidos. O diplomata japonês Koïchiro Matsuura, diretor da UNESCO à época, introduz o texto do relatório salientando a urgência de se elaborar políticas que promovam e preservem a diversidade em nível global: “A Declaração Universal torna claro que cada indivíduo deve reconhecer não apenas o outro em todas as suas formas, mas também a pluralidade da sua identidade no contexto das sociedades que são, por si, plurais” (UNESCO, 2002, p. 11, tradução nossa)⁸⁷. O relatório também apresenta 12 princípios a serem seguidos para a promoção da diversidade, organizados em quatro eixos: Identidade, diversidade e pluralismo; Diversidade cultural e direitos humanos; Diversidade cultural e criatividade; e Diversidade cultural e solidariedade internacional. Por fim, é sugerido um plano de ação para a implementação da Declaração. São 20 proposições de estratégias para a promoção da “diversidade cultural” conforme compreendida pela UNESCO. No setor da educação, por exemplo, é sugerido fomentar a diversidade linguística, preservando o idioma local. A relevância da comunicação para a promoção da diversidade também é debatida. No que concerne à mídia e suas tecnologias, é sugerido encorajar a “literacia digital”, assegurando o domínio das novas tecnologias de informação e comunicação e uma cooperação internacional para que países em desenvolvimento tenham acesso facilitado aos “novos” aparatos, facilitando a disseminação do “digital”. Ainda, é observada a importância da “[...] produção, garantia e disseminação de conteúdos diversos na mídia e nas redes globais de informação e, para esse fim, promover o papel dos serviços de rádio e televisão públicos no desenvolvimento de produtos audiovisuais de boa qualidade [...]” (2002, p. 16, tradução nossa)⁸⁸.

⁸⁷ No original: “*The Universal Declaration makes it clear that each individual must acknowledge not only otherness in all its forms but also the plurality of his or her own identity, within societies that are themselves plural*”.

⁸⁸ No original: “*production, safeguarding and dissemination of diversified contents in the media and global information networks and, to that end, promoting the role of public radio and television services in the development of audiovisual productions of good quality*”.

Na Conferência em que a Declaração (UNESCO, 2002) foi proclamado o dia 21 de maio (dia de aprovação do relatório) como o Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento. Assim, anualmente nessa data, a questão da diversidade entra em pauta nas discussões da UNESCO. Em maio de 2018, a francesa Audrey Azoulay, diretora-geral da Organização, alertou para a necessidade de promover as culturas ameaçadas de homogeneização, colocando em questão, também, o debate identitário, mencionando que “ser capaz de construir livremente a própria identidade, tomando como base várias fontes culturais, assim como ser capaz de desenvolver de forma criativa o próprio patrimônio, são os fundamentos de um desenvolvimento pacífico e sustentável de nossas sociedades” (UNESCO, 2018). Já em 2020 e em 2021, o pronunciamento da diretora-geral fez referência à pandemia global do coronavírus.

Em maio de 2020, época considerada “início” da pandemia no mundo, Azoulay divulgou o seguinte pronunciamento: “Embora o COVID-19 não tenha obtido sucesso em restringir o diálogo entre culturas, as consequências a longo-prazo da crise, especialmente em termos econômicos, devem causar danos severos à diversidade, uma vez que períodos de crise são propícios à concentração e à estandardização. É essa a ameaça insidiosa que emerge” (AZOULAY, 2020, tradução nossa⁸⁹). No ano seguinte, em 2021, Azoulay publica a seguinte mensagem:

Por mais de um ano, a crise do COVID-19 precipitou uma crise de diversidade cultural. O fechamento de museus e lugares com Patrimônios da Humanidade e o cancelamento de festivais, concertos e cerimônias mergulhou o mundo da cultura em um angustiante estado de incerteza, ameaçando de modo particular criadores independentes, que são a força vital da diversidade cultural (AZOULAY, 2021, p. 1, tradução nossa⁹⁰).

A perspectiva adotada pela UNESCO sobre *diversidade* está em interface com a sua faceta “cultural” em perspectiva antropológica. Inclusive, na mensagem de 2021, Azoulay

⁸⁹ No original: “Although COVID-19 has not succeeded in curbing dialogue among cultures, the long-term consequences of the crisis, especially in economic terms, might inflict severe damage on diversity, as periods of crisis are conducive to concentration and standardization. It is this insidious threat that looms.”

⁹⁰ No original: “For more than a year, the COVID-19 crisis has precipitated a cultural diversity crisis. The closure of museums and world heritage sites and the cancellation of festivals, concerts and ceremonies have plunged the world of culture into a distressing state of uncertainty, threatening in particular independent creators, who are the lifeblood of cultural diversity.”

(2021, p. 2, tradução nossa⁹¹) referencia Claude Lévi-Strauss ao lembrar que “[...] a diversidade de culturas está atrás de nós, ao nosso redor e na nossa frente”. É uma forma de abarcar amplamente a *diferença* entre *culturas* diversas no conceito de *diversidade cultural*. Para Clifford Geertz (1999), influente antropólogo estadunidense, a *diversidade cultural* remete não apenas a grupos étnicos e nacionais, conforme tratado tradicionalmente pelo campo. Na atualidade, a expressão deve considerar, ainda, diferenças produzidas a partir do gênero, da raça, sexualidade, etc. A emergência desse debate se dá no cerne das críticas ao etnocentrismo⁹². Geertz, em diálogo com escritos antigos de Lévi-Strauss sobre a questão, argumenta que em um mundo segregado e incomunicável, a indiferença em relação à cultura alheia não colocaria a sua existência em risco. Mas isto muda no contexto de um mundo mais interconectado.

No passado, quando as chamadas culturas primitivas se viam apenas muito marginalmente envolvidas umas com as outras – chamando os seus próprios membros de “Os Verdadeiros”, “Os Bons”, ou simplesmente “Os Seres Humanos” e os outros, que estavam do outro lado do rio, de “macacos da terra” ou “ovos de piolho”, isto é, não, ou não completamente, humanos – a integridade cultural era prontamente mantida [...]. **Agora, quando está claro que este não é mais o caso, e todo mundo, cada vez mais apertado num pequeno planeta, está profundamente interessado em todo mundo e no que todo mundo faz, a possibilidade de perder tal integridade, por causa da perda de tal indiferença, paira no ar** (GEERTZ, 1999, p. 16-17, grifo nosso).

Para Geertz (1999, p. 32), “[...] o mundo está ficando, em todos os lugares, mais parecido com um bazar kuaitiano⁹³ do que com um clube de *gentlemen* inglês [...]”, o que

⁹¹ No original: “*the diversity of cultures is behind us, around us and in front of us*”.

⁹² Perspectiva que propunha a análise das *outras* culturas a partir do ponto de vista de um observador cuja cultura seria o ponto de partida, já que seria superior, para se pensar as outras. De acordo com o *Dicionário de antropologia* consultado, o etnocentrismo é uma tendência universal impossível de se desvencilhar por completo, uma vez que está presente, pelo menos, inconscientemente. Entretanto, o etnógrafo deve estar atento ao grau de tolerância ou relativismo empregado na interpretação de suas observações (SEYMOUR-SMITH, 1986). O antropólogo brasileiro Everardo Rocha (1988) complementa a elucidação, afirmando que o choque cultural é o pano de fundo da questão etnocêntrica. É quando o grupo do *eu* se encontra com o grupo do *outro*, circunstância em que as *diferenças* são constatadas, produzidas, hierarquizadas. O pesquisador Paulo Meneses (2000) complementa, declarando que o perigo do etnocentrismo reside no trato dos membros de outras culturas como sub-humanos, o que produz um pretexto para uma relação de dominação.

⁹³ A capital do país árabe concentra lugares de varejo conhecidos como bazares. Encontram-se pequenos estabelecimentos, um ao lado do outro, comercializando desde tapetes persas, antiguidades árabes, roupas e perfumes a carne, pimentas e outras especiarias. São espaços não apenas de compra e venda, mas também políticos e culturais.

o leva a crer que a resposta à diversidade é um desafio moral pois nos convoca a viver numa “colagem”, e não mais em quebra-cabeça com peças e bordas bem definidas. O conflito de valores instaurado pela profusão de pontos de vista compartilhado em um mesmo espaço social são condições ontológicas da diversidade cultural. Seu uso, portanto, deve nos levar a questionamentos acerca do que as partes dessas colagens são, de onde vêm e como se relacionam “[...] sem que ao mesmo tempo se embace o próprio sentido de localização e de identidade própria do indivíduo dentro dela” (1999, p. 33). O autor é enfático ao alegar que o desafio nisso é enorme: compreender a *diversidade* leva em conta o fortalecimento da imaginação e o aprimoramento da capacidade de ver.

No campo da Antropologia, o debate sobre *etnocentrismo* e *diversidade cultural* desembocam na problemática do *relativismo cultural*. Para Paulo Meneses (2000), enquanto o etnocentrismo trata-se de preconceito, doutrinação e formulação de uma falsa consciência sobre o *outro*, o relativismo cultural sugere uma mirada antropológica científica sobre a diversidade. Trata-se de uma ruptura epistemológica que inaugura uma nova dimensão para tratar a diferença sob aspectos teóricos-metodológicos. O autor pontua três elementos básicos que compõem o significado de “relativismo cultural”: a) todo o elemento de uma cultura é relativo em função dos elementos que a compõem; b) as culturas são relativas, ou seja, não há cultura de caráter absoluto capaz de determinar o que é feio e belo ou certo e errado *a priori*; e c) as culturas são equivalentes, quer dizer, não há critérios decisivos para se classificar as culturas que as definam como mais ou menos perfeitas. Com esses pressupostos, o relativismo cultural reverbera positivamente no interior dos estudos interessados pela diversidade ao passo em que tem como cerne o respeito à cultura do *outro*, tratando-a a partir dos seus próprios códigos simbólicos: “*Xamã* não é o mesmo que feiticeiro, *exu* não é diabo, *tupã* não é Deus; *totem* e *tabu* não têm tradução” (MENESES, 2000, p. 250). Desse modo, o relativismo cultural inspira repertórios teóricos decoloniais, a preocupação social com minorias e a organização política de movimentos sociais, como o antirracista e o feminista, e o surgimento de subculturas e contraculturas.

3.2 Definição sociológica

Até aqui, tentamos brevemente observar como a *diversidade* é incorporada em outros campos, dando maior ênfase ao entendimento antropológico sobre a questão, sob a alcunha da “diversidade cultural”. Percebemos que, no campo em questão, a problemática é tratada a partir de dois conceitos centrais: *etnocentrismo* e *relativismo cultural*. O esforço de resgatar sumariamente essas discussões pavimenta o percurso para introduzirmos uma discussão mais adensada acerca do próprio conceito de *diversidade*, incorporando concepções sociológicas à compreensão antropológica do tema. Para isso, é necessário esmiuçar alguns pontos. Como, por exemplo, a ideia de homogeneização das culturas, a forma com que a noção de identidade se inscreve nesse contexto, bem como o debate sobre pluralismo, incluindo ainda o conceito de “diferença”, que pode ir *ao encontro* ou *de encontro* com todo o debate pró-diversidade.

O sociólogo brasileiro Renato Ortiz, em entrevista concedida à revista *Cadernos Cenpec: pesquisa e ação educacional* (ORTIZ, 2015b), discute a sua obra *Universalismo e diversidade*, um dos nossos textos fundamentais para debater *diversidade*, que será retomado mais adiante. À certa altura da entrevista, após surgirem na fala dos interlocutores problemas e opiniões ligadas à educação, a gênero, a raça e etnia, etc., Ortiz comenta:

Observem como, nesta entrevista, o tema da diversidade vai mudando de figura. Uma coisa é falar de indígenas e negros, outra da diversidade em relação a um padrão curricular. Se considerarmos o mercado, teremos ainda outro nível de discussão. **A pergunta que se deve fazer é: “O que há por trás do termo diversidade?”**; ou ainda, “O que estamos dizendo com universalismo e diversidade?” (ORTIZ, 2015b, grifo nosso).

De fato, como vamos observando, o debate sobre diversidade é quase impossível de ser empreendido de modo único, ou seja, o seu conceito aplica-se de formas diferentes dependendo do objeto ao qual ele se refere. Para que consigamos circunscrever a querela da diversidade no eixo que nos interessa para esta pesquisa, vale recorrermos à historicização da emergência desse debate na esfera pública⁹⁴, aos delineamentos dos

⁹⁴ Conforme originalmente compreendido por Jürgen Habermas (2003) em 1962, é a dimensão onde ocorrem o debate de assuntos conectados às demandas da sociedade civil, funcionando como um espaço

pressupostos e premissas que habitam a noção de diversidade e à exploração dos usos contemporâneos do termo. Para essas discussões, nos amparamos majoritariamente em uma perspectiva sociológica decolonial (ORTIZ, 1994, 2008, 2015a, 2015b, 2016; BHABHA, 1991; MISKOLCI, 2016). Assim, acreditamos ser possível refinar o conceito de “diversidade” de modo que ele possibilite encaminhamentos interpretativos na sua relação com a realidade contextual e com os dados empíricos coletados na pesquisa de campo.

Inicialmente, cabe explicarmos o porquê desta filiação à chamada *abordagem decolonial*, conforme supracitada. O termo diversidade, por ser eminentemente polissêmico, permite que seja apropriado por um vasto leque de perspectivas. Entretanto, nem todas nos cabem. Seria claramente falho nos filiar-mos à diversidade conforme exposto pela biologia (apesar das aproximações em um nível bastante abstrato). Igualmente, seria um equívoco – do tipo epistemológico – não observarmos o contexto epistêmico do pensamento sociológico ao qual nos filiamos para compreender o termo em questão. Por isso, ao sugerir uma lente decolonial, assumimos que a linha de raciocínio adotada considera as especificidades epistêmicas locais – no caso, a realidade latino-americana e brasileira.

O pensador indiano Homi Bhabha (1991) nos ilumina quando comenta as estratégias do discurso colonial, que atua em negociação com o que reside no que ele chama das “margens do Ocidente”: “O poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente [transformada] em ‘outro’ e ainda inteiramente conhecível e visível” (1991, p. 188). Ele chama a atenção para o poder produtivo e generalista de muitos dos saberes produzidos pelo Ocidente, ressaltando a importância de um posicionamento reflexivo que seja capaz de compreender as articulações estratégicas do que ele chama de “coordenadas do saber”. Uma postura decolonial seria aquela que reconhece a inscrição dessas coordenadas na produção do “outro”. Resgatando a ideia das “margens do Ocidente”, podemos localizar o nosso lugar social e epistêmico como esse espaço fronteiro e marginal entre o “laboratório da modernidade” e um

mediador entre opinião pública e Estado. Mais contemporaneamente, seu conceito se alarga tendo em vista os processos de globalização e a presença das novas tecnologias no cotidiano, o que potencializa a formação de debates e a visibilidade massiva dos mesmos (THOMPSON, 2014).

imaginário de exotismo e selvageria. “É aí, na margem colonial, que a cultura do Ocidente revela sua ‘diferença’, seu texto-limite, assim como sua prática de autoridade desloca uma ambivalência que representa uma das mais significativas estratégias discursivas e físicas do poder discriminatório - quer seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano” (1991, p. 177).

Não queremos, ao nos posicionarmos “decolonialmente”, sugerir que seja simplesmente possível rejeitar, ignorar ou tomar como não-realista o saber ocidental. Como o próprio Bhabha (1991, p. 184) coloca, “[...] apesar do jogo no sistema colonial que se torna crucial para o exercício do poder, não considero as práticas e discursos da luta revolucionária como um lado outro/sob (d)o ‘discurso colonial’. Encontram-se historicamente co-representados e interagem mutuamente [...]”. Por isso, para não cairmos na armadilha da dicotomização colonizado/colonizador, compreendemos a abordagem decolonial como uma postura crítica, atenta aos processos de subjetividade e de subjetivação do saber/poder (cientes de que, de algum modo, estamos contaminados por eles). A condição processual complexa – em que uma parte se manifesta na outra e vice-versa – é o gancho para evocarmos o pensamento do sociólogo brasileiro Renato Ortiz, costurando os pensamentos que o levaram a problemática da diversidade no mundo contemporâneo.

O paradigma da complexidade (MORIN, 2011) é um dos pilares epistemológicos de Ortiz⁹⁵. Avesso às dicotomizações da natureza que for, o esforço intelectual do autor parte de uma premissa: em um mundo globalizado – o qual ele chama de modernidade-mundo⁹⁶

⁹⁵ O autor realizou sua dissertação de mestrado na França, sob orientação de Edgar Morin, fundador do paradigma.

⁹⁶ Renato Ortiz apropria-se do termo em questão no início da década de 1990 a partir das reflexões de Octavio Ianni. Este conceito abarca as discussões emergentes sobre modernidade e globalização. Se a modernidade, originalmente, diz respeito ao projeto eurocêntrico do sujeito centrado, com domínio sob a natureza e racional frente às esferas da vida social; a *modernidade-mundo* “seria um momento de radicalização das modernidades anteriores” (ORTIZ, 1994, p. 69). Implica desterritorialização, ressignificação das noções de tempo/espaço e corrosão da estabilidade da identidade nacional, processos impulsionados pela profusão da técnica. A mídia passa a ter um papel fundamental ao proliferar, em escala mundial, símbolos e referências culturais, mundializadas nos processos de circulação de bens e de imagens: “Uma cultura mundializada diz respeito a uma civilização cuja territorialidade se globalizou” (1994, p. 31). A categoria *mundo*, no pensamento de Ortiz, resume o caráter integrador de unidades sociais na situação globalizada do mercado, partilhando valores e éticas em nível global. Entretanto, isso não sugere uma homogeneização da cultura, o que significaria um aniquilamento da diversidade. Hoje, mais do que nunca, ela se faz profundamente presente.

–, é improdutivo pensarmos de forma compartimentada ou a partir de conceitos como, por exemplo, “imperialismo”, uma vez que com ele “[...] consigo nomear com facilidade o ‘agressor’, mas termino por enredar-me nas teias de uma categoria conceitual que possui pouco rendimento teórico quando aplicado à modernidade-mundo” (ORTIZ, 2008, p. 10). Esse conjunto de posições epistemológicas e premissas adotadas pelo autor deflagra em sua discussão sobre a evidência da *diversidade* e sua problemática: “Creio que a ‘diversidade’, isto é, a forma como a pensamos e a discutimos hoje, pode ser considerada um emblema⁹⁷ da modernidade-mundo” (ORTIZ, 2015a, p. 11). O autor, na *Apresentação* da sua obra *Universalismo e diversidade*, já situa temporalmente a sua elaboração sobre *diversidade*: a atualidade, o nosso tempo presente. Quer dizer, no campo das Ciências Sociais, a ideia sobre diversidade e a sua função se alteram conforme o trânsito na linha do tempo da história.

Ao resgatarmos os valores perpetuados entre os séculos XVII e XVIII no mundo Ocidental a partir do Iluminismo⁹⁸, é possível identificar a supervalorização da ideia do *uno* enfatizado na figura do *Homem*. Esse objeto, universalmente compreendido, assume o papel de representar homogeneamente (de um ponto de vista filosófico⁹⁹), a humanidade (ORTIZ, 2015a). “A noção de universal transforma-se radicalmente com o

⁹⁷ Inspirado pela antropologia durkheimiana e pelo pensamento do sociológico de Octavio Ianni, Renato Ortiz compreende o *emblema* como o elemento – material ou não – que resume um conjunto de transformações sociais latentes. Representa um aspecto da realidade de forma ampla, mas não esgota o seu significado. Tem a capacidade de condensar o “espírito da época” (ORTIZ, 2016).

⁹⁸ O *Dicionário de conceitos históricos* define o Iluminismo como um “momento” formado pela elite intelectual burguesa do continente europeu. Filósofos como Emanuel Kant, John Locke, Voltaire, entre vários outros pensadores forjaram esse momento na história do Ocidente. Apesar de incoerências de pensamento entre seus principais personagens, todos possuíam como lema a defesa do pensamento racional e a crítica a qualquer tipo de autoritarismo ou fanatismo, sobretudo o religioso. Seus elementos básicos, a razão e o progresso, influenciaram a produção das retóricas da burguesia da época, que se encontrava em estágio de desenvolvimento, bem como inspirou momentos históricos como a Revolução Francesa e a independência dos Estados Unidos. A orientação desenfreada pelo progresso através da ciência e da técnica levou pensadores do século XX a revisitar os pressupostos iluministas, identificando que na verdade o Iluminismo não libertou o homem de suas crenças, medos e mitos; mas criou novos dogmas, como o do cientificismo e a imposição de valores ocidentais sobre outras culturas e lugares (SILVA; SILVA, 2009). Renato Ortiz (1994) reconhece que o próprio capitalismo é um produto do pensamento do período iluminista, sendo estratégico para a promoção de valores universais em escala ampliada.

⁹⁹ Pois em uma lente histórica, é observável a diferença material entre sociedades no mundo. O que está sendo gestado, entretanto, é a unicidade interna imaterial dos sujeitos que represente filosoficamente a humanidade regida pela razão, conceito puramente filosófico. “No referencial de conduta humana no mundo, a razão pode ser entendida em dois significados subordinados: A) como faculdade orientadora geral; B) como procedimento específico de conhecimento” (ABBAGNANO, 2007, p. 824).

Iluminismo, ela libera-se das imposições religiosas e a explicação científica fundamenta-se na existência de um homem movido pela razão” (ORTIZ, 2008, p. 23). Nesse momento histórico, assume-se o conjunto de qualidades iluministas como positivas, capazes de mostrar o caminho que levaria a humanidade à razão. Assim, os ideários da liberdade e da igualdade perpetuados através da racionalidade humana forjam o pensamento Ocidental. São mais de 200 anos em que a diversidade é produzida enquanto uma ameaça que viria para desorganizar ou exterminar o padrão universal. O mito bíblico de *Babel* simboliza muito bem esta questão: “[...] a narrativa não deixa margem a dúvidas: a confusão das falas advém da interferência divina e a passagem do uno ao diverso é uma queda. A consequência é a incompreensão e a separação dos povos” (2008, p. 17). Entretanto, Ortiz identifica, no percurso do seu pensamento, que a valorização da diversidade vai ganhando outros contornos à medida em que o mundo se globaliza¹⁰⁰ e, em especial, se mundializa¹⁰¹.

Desde sua obra de 1994, *Mundialização e cultura*, através da análise da fragmentação das identidades nacionais¹⁰², Ortiz identifica o perecimento do poder do Estado e de sua autonomia na produção de sujeitos universais amparados na tradição: “No mundo em que o mercado torna-se uma das principais forças reguladoras, a tradição torna-se insuficiente para orientar a conduta” (ORTIZ, 1994, p. 119). Com o advento dos meios de comunicação de massa, as fronteiras culturais dos Estados entram em processo de dissolução, e é nesse contexto em que narrativas e universos simbólicos passam a ser compartilhados mundialmente. Desse modo, novas sensibilidades e a profusão de identidades emergentes minam a coesão nacional. Entretanto, o processo de mundialização não pressupõe uma homogeneização das culturas. Partes da identidade nacional ainda se fazem presentes no imaginário coletivo e na construção identitária

¹⁰⁰ Processos econômicos e tecnológicos de escala global. Tem a ver com estratégias mundiais de circulação de bens de consumo e com e fluxos globais do mercado financeiro (ORTIZ, 1994).

¹⁰¹ Processos culturais que se revelam a partir do cotidiano na circulação global da cultura. Manifesta-se porque o mundo se globalizou: “As inovações tecnológicas têm evidentemente uma influência na mundialização da cultura, formando a infra-estrutura material para que ela se consolide” (ORTIZ, 1994, p. 62).

¹⁰² Carregam consigo ideais iluministas na produção estatal da identidade dos sujeitos a partir de uma única narrativa materializada na língua oficial, na escola e nos símbolos nacionais como bandeiras, comemorações, hino e figuras históricas.

individual. Um exemplo disto é a preservação da língua, questão específica que é elaborada com mais ênfase em outra publicação, como veremos a seguir.

Em *A diversidade dos sotaques*, obra publicada em 2008, 14 anos após a anterior, Ortiz começa a desbravar a questão da diversidade de forma mais destacada. Para tal, usa a problemática da comunicação oral e escrita em um mundo cuja produção de conhecimentos científicos se expandiu globalmente. Embora seu objetivo seja analisar a centralidade da língua inglesa na ciência, vamos nos deter no que diz respeito à relação entre línguas e diversidade, questão que serviu de antessala para que o autor adentrasse no seu problema e que pode nos ajudar a identificar o percurso do pensamento do sociólogo no que diz respeito à *diversidade* enquanto *emblema*. A relação entre linguagem e língua serve para introduzir o debate: todos somos dotados de linguagem (característica universal da espécie humana), que se manifesta em múltiplas línguas. Encarando isso como um fato, a coexistência de várias línguas torna-se algo que deve ser compreendido como inerente ao mundo moderno, o que deflagra em uma concepção positivada da própria noção de diversidade. “Temos, pois, uma mudança de orientação: diversidade torna-se um valor a ser preservado e incentivado” (ORTIZ, 2008, p. 37). Resgatando a narrativa de *Babel*, Ortiz identifica que o mito deixa de ser uma “maldição” para tornar-se uma “benção”. Se até meados do século XX a diversidade habitava o domínio do irracional, estimulá-la torna-se um imperativo. O debate linguístico introduzido pelo autor, portanto, demonstra que o otimismo do *universal* cai por terra ao introduzirmos o debate da preservação das línguas. Um ponto de vista pessimista em relação ao monolinguismo se manifesta na desconfiança dos perigos do “pensamento único” e da “homogeneização cultural”. Nessa conjuntura, o otimismo em relação à diversidade (linguística) é um valor capaz de garantir a sobrevivência das línguas “sem Estado¹⁰³”, por exemplo, bem como a apreciação de identidades¹⁰⁴ na sua especificidade. Esse debate envolvendo universalismo, diversidade e identidade no contexto da modernidade-mundo ganha um fôlego substancial alguns anos depois.

¹⁰³ Aquelas que não representação a língua oficial de um Estado e cujos falantes, além de serem poucos, vivem em situação de subordinação (ORTIZ, 2008).

¹⁰⁴ Ortiz não explicita, mas sua noção de “identidade” aqui está circunscrita às identidades nacionais, étnicas e territoriais. Não está preocupado, por enquanto, no debate das identidades de gênero, sexuais, de classe, raciais ou geracionais.

Em *Universalismo e diversidade* podemos identificar o amadurecimento dessas questões, acompanhando a centralidade que o debate ganha no mundo social global e sobretudo no Brasil do pós-*Junho de 2013* até os dias atuais. Obra publicada em 2015, tem como intenção principal analisar a retórica do multiculturalismo e da globalização na interface com o discurso sobre diversidade, bem como no processo de produção das identidades. Preservando a noção geral de *modernidade-mundo* já discutida, Renato Ortiz identifica que a *diversidade* é uma reação ao projeto moderno de unificação do mundo: “As qualidades positivas, antes atribuídas ao universal, deslocam-se para o ‘pluralismo’ da diversidade” (ORTIZ, 2015a, p. 9). Contudo, isso não significa que *universalismo* e *diversidade* ocupem espaços polarizados. Enquanto muitos grandes relatos (LYOTARD, 1988) entram em colapso na modernidade-mundo, alguns metarrelatos, ainda se mantêm vivos. As narrativas religiosas¹⁰⁵ e ecológicas¹⁰⁶ são exemplos disso. “Na situação da globalização os relatos de vocação universalista, longe de desaparecerem, são reativados, inclusive como elementos de ‘resistência’, como o movimento alterglobalista, cujo intuito é encontrar os caminhos de ‘outra globalização’” (ORTIZ, 2015a, p. 30). Ou seja, apesar de muitas vezes o debate *universalismo x diversidade* inserir os dois termos em posições antagônicas, o autor observa que eles coexistem no contexto da modernidade-mundo, inclusive revelando o caráter positivo de alguns desses discursos. Abraçar a ideia de fragmentação do universal é uma forma de reagir à eclosão da diversidade. Nesse sentido, diversidade significa abertura para novas narrativas e outros mundos. Ela se exprime através da existência de sociedades justapostas no mesmo tempo e espaço (ORTIZ, 2015a). Mas fechar a definição de *diversidade*, conforme os esforços iniciais da seção, não é um processo intrincado:

¹⁰⁵ Antigas narrativas que pareciam ultrapassadas reemergem a fim de recuperar o seu papel fundamental na organização dos vínculos sociais no contexto de um Estado “laico”. Assim, relatos religiosos totalizadores recuperam uma memória coletiva adormecida e orienta a ação dos fiéis. Dessa vez, com apoio dos meios de comunicação, dispositivos móveis e outras tecnologias modernas que garantem o seu alcance mundial (ORTIZ 2015a).

¹⁰⁶ Influenciado por Edgar Morin, essas narrativas são tratadas por Ortiz desde 1994, quando o autor evidencia o âmbito ecológico como um movimento “sem pátria”, sem fronteiras e, portanto, planetário, universal. Ao recuperar esse ponto, Ortiz (2015a) argumenta que no discurso ecológico, o planeta Terra é a unidade à qual todos nós pertencemos, e que, portanto, precisa ser preservado através de uma cidadania planetária.

O termo diversidade é também **polissêmico**. Wieviorka¹⁰⁷ observa que ele não pertence ao léxico conceitual das ciências sociais. No entanto, é uma temática que marca diversas tradições intelectuais. **A antropologia nos ensina que a noção de diversidade encontra-se intimamente associada à ideia do Outro** (ORTIZ, 2015a, p. 21-22, grifo nosso).

A concepção antropológica do *Outro* na figura do nativo da tribo no final do século XIX revela a diversidade não apenas entre sociedades “primitivas” e as “ocidentais”, mas também a diversidade intragrupo: os antropólogos “[...] logo descobriram que os grupos indígenas não são apenas contrastantes à sociedade industrial: cada um deles constitui uma cultura específica, uma identidade própria. Guarani, nuer, hauçá [...] são elementos descontínuos, particulares, diversos uns dos outros” (ORTIZ, 2015a, p. 22). Décadas depois, com a edificação dos centros urbanos e o avanço do pensamento antropológico, o próprio campo reconhece que “a modernidade carrega em seu bojo um forte elemento diferenciador” (ORTIZ, 2015a, p. 24). A discussão sobre “diferença” se dá intimamente articulada à noção de diversidade. Entretanto, afirmar meramente que diversidade é diferença, não possui valor conceitual. As diferenças são determinadas no tempo-espaço, portanto devem ser qualificadas em termos contextuais: “toda diferença é produzida socialmente, sendo portadora de sentido histórico” (2015a, p. 31). Essa é a percepção que permite distingui-la da ideia de *pluralismo*¹⁰⁸, por exemplo.

Portanto, podemos afirmar que as condições da produção da *diferença* implicam diretamente nos conflitos – no significado antropológico do termo¹⁰⁹ – da diversidade em âmbitos estruturais e, também, no cotidiano das práticas. Isso quer dizer que a interação das diferenças no pano de fundo da diversidade esconde/revela a distribuição do poder.

¹⁰⁷ WIEVIORKA, M. **La diversité**: rapport à la ministre de l’Enseignement supérieure et de la Recherche. Paris: Robert Laffont, 2008.

¹⁰⁸ Embora evidencie uma não-universalidade com seu prefixo “plural”, pressupõe que a diferença deve ser organizada dentro de um *continuum*, um quadro hegemônico com função hierarquizante. Daí, perde-se a preocupação com o poder (ORTIZ, 2015a).

¹⁰⁹ Noção bastante cara a Antropologia, Sociologia e História, corresponde a disputas em torno de objetivos coletivos. Podem se manifestar através de passeatas ou via uma revolução. O conflito se dá em um contexto no qual prevalece um modelo de desenvolvimento social específico, envolvendo múltiplos agentes. “Assim, identificar apenas dois grupos, criando uma polarização, principalmente diante da complexidade humana, seria negligenciar a gama de possibilidades propostas pela diversidade social” (SANTOS, 2014, p. 546). Tais disputas permitem pautar discussões em torno de temas específicos, bem como favorece que grupos sociais marginalizados tornem-se visíveis e reconhecidos na esfera pública. Entretanto, nem todo o conflito social garante a sensibilização ampla da sociedade. Alguns, nem participam do debate público.

“Assim, o racismo afirma a particularidade das raças, para em seguida ordená-las segunda uma escala de valor” (ORTIZ, 2015a, p. 33). Portanto, é indispensável compreender as lógicas da produção do discurso sobre a diversidade, identificando as circunstâncias em que ele mobiliza relações de poder através da diferença, do “Outro”. Nesse cenário, Ortiz não perde a oportunidade de demonstrar as contradições da modernidade-mundo: a valorização deste Outro (na perspectiva da *diferença*), legitima uma lógica universalista de humanidade conforme a época das Luzes: “Tanto Axel Honneth quanto Charles Taylor enfatizam a dimensão do reconhecimento¹¹⁰ como elemento fundamental da realização do ser humano” (2015a, p. 34). O *reconhecimento* torna-se, assim, uma exigência universal moderna reprodutora de antigos ideais universais: democracia, igualdade, cidadania. Entretanto, contemporaneamente, tais valores não têm seu fim no imaginário do Homem universal, mas sim na resignificação das diferenças. Desse modo, valores universais e diversidade mobilizam-se entre si. É por isso que Renato Ortiz (2015a, p. 35) considera a ideia de *diversidade* um oxímoro: “ela exprime a coerência de algo que parece ser mutuamente excludente. Isso é possível porque o contexto se transformou”.

Para elucidar o conceito de *diversidade*, realizamos uma incursão no pensamento de Renato Ortiz em três obras fundamentais (ORTIZ, 1994; 2008; 2015a). Com essa estratégia, retomamos momentos históricos, como o período das Luzes, que nos leva à produção da lógica da razão universal no Ocidente. Recuperamos a noção de *modernidade-mundo*, que entra em cena no questionamento das certezas modernas, o que deflagra na negação da possibilidade da homogeneização cultural. É nesse debate que o pensamento sobre *diversidade* começa a ser gestado. Em um primeiro momento, através da rejeição ao monolinguismo e à preservação da diversidade de línguas como símbolos da prosperidade entre os povos. Essa questão continua a ser problematizada e, em um segundo momento a *diversidade* adquire a propriedade de *emblema* da modernidade-mundo. Ocupa um espaço primordial para pensar cultura e identidade no mundo

¹¹⁰ Abordaremos a problemática do *reconhecimento* na Subseção 4.2.

globalizado, mobilizando as noções de *diferença* e de *reconhecimento* para adensar o debate. Como o próprio autor menciona mais de uma vez (ORTIZ, 2015a, 2015b), o entendimento sobre “diversidade” é polissêmico. As relações inscritas no conceito de diversidade, conforme mencionamos, não encontram correspondência direta em todos os autores do campo das Ciências Sociais.

O sociólogo Richard Miskolci, pesquisador vinculado à *Teoria Queer*, refuta alguns dos argumentos expostos até aqui no que tange principalmente às ideias de *diversidade* e de *diferença*. Para compreender sua crítica, vale fornecer um breve panorama das principais preocupações da *Teoria Queer*. O “*queer*” surge no bojo dos novos movimentos sociais¹¹¹ estadunidenses da década de 1960 que tinham como objetivo central a luta por direitos políticos e a reivindicação dos direitos sobre o próprio corpo. É nesse segundo ponto, principalmente, em que começa a germinar os debates sobre sexualidade, desejo e prazer. Na instância intelectual e teórica, essa mobilização política ganha a alcunha de *Teoria Queer* na década de 1980. A teoria em questão tem como objeto a abjeção, ou seja, aquilo que se encontra fora do quadro de inteligibilidade do mundo Ocidental, tendo as preocupações que atravessam o corpo como centrais. “O *queer* busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos ‘normais’ quanto dos ‘anormais’” (MISKOLCI, 2016, p. 26). É na esteira dessa proposição que a crítica sobre *diversidade* se estabelece.

Em sintonia com Renato Ortiz, Miskolci também identifica que esse debate está arraigado no mundo social, principalmente na instância política: “quase todos os programas governamentais e *slogans* dos movimentos sociais vêm com esse termo [...]” (2016, p. 15). A posição adotada pelo autor estabelece uma diferença teórica incompatível entre *diversidade* e *diferença*. A partir da leitura da obra fundante da Teoria do Reconhecimento de Charles Taylor, Miskolci concorda que *diversidade* tem a ver com a compreensão das demandas por respeito a partir de grupos subalternizado cujos direitos não foram reconhecidos historicamente. Entretanto, na sua interpretação, o debate à luz da diversidade é colocado “[...] de forma que esses direitos particulares sejam

¹¹¹ Entre eles, os movimentos por direitos civis, antirracistas e as lutas feministas.

reconhecidos dentro de um contexto institucional universalista” (2016, p. 49). O autor sugere que diversidade tem a ver com tolerância, retórica também presente no discurso do multiculturalismo: “A diversidade serve a uma concepção horizontal de relações sociais que tem como objetivo evitar a divergência e, sobretudo, o conflito” (2016, p. 52). De acordo com Miskolci, a diversidade é traduzida na lógica da tolerância, quando o que se demanda é o *reconhecimento* do Outro. A noção de *diferença*, na perspectiva do sociólogo, cumpre esta função: “na perspectiva da diferença, reside a proposta de mudar as relações de poder [...], é necessário compreender o processo de subalternização pra mudar a ordem hegemônica” (2016, p. 51-52). Assim, o autor resume que a proposta *queer* enfatiza a perspectiva da *diferença* em detrimento da *diversidade* como alternativa para a incorporação do Outro na cena do reconhecimento como uma forma de encararmos as assimetrias das relações sociais.

Confrontando as perspectivas de Renato Ortiz e a de Richard Miskolci sobre *diversidade*, consideramos que os pontos da crítica de Miskolci foram resolvidas por Ortiz. Enquanto o Miskolci sugere uma equivalência entre diversidade e multiculturalismo, Ortiz realiza tal distinção: a abordagem multicultural é absorvida sobretudo pelos teóricos do *marketing* e economicistas. Na perspectiva do mundo multicultural, a sociedade seria formada como um caleidoscópio, “[...] instrumento que combinaria os fragmentos coloridas de maneira fortuita, em função do deslocamento do olhar do observador” (ORTIZ, 2015a, p. 33). Essa concepção, de fato, esvazia a noção do poder que estrutura esses “fragmentos”: “as interações entre as diversidades nada tem de arbitrarias” (2015a, p. 33). Outro ponto é o que Miskolci compreende acerca do próprio conceito de *diversidade*, algo que horizontaliza o poder. A essa concepção, como já demonstrado, Ortiz chama de *pluralismo*: “A impossibilidade da integração repousa na afirmação autônoma das partes, o que exigiria uma centralização do poder. O termo plural possui, portanto, uma conotação restritiva” (ORTIZ, 2015a, p. 32). Por fim, identificamos que enquanto Miskolci entende *diversidade* e *diferença* como valores separados e independentes – no qual a *diferença* teria um potencial de emancipação política superior –, Ortiz compreende que ambos os elementos fazem parte de um mesmo processo de organização social e de circulação do poder.

Esta pesquisa, vinculada aos Estudos Culturais e próxima à abordagem decolonial, toma os conceitos e perspectivas de Renato Ortiz para definir os contornos da temática da diversidade. Acreditamos que suas ideias sobre o termo expandem – no âmbito conceitual – os debates relacionados à diferença e à identidade, questões igualmente caras ao empreendimento teórico desta tese. Do ponto de vista prático, concordamos com Miskolci e a abordagem *queer* – ainda que não nos filieemos a ela – no reconhecimento da necessidade urgente de confrontarmos as hierarquizações da diferença organizadas pelo poder. Na próxima seção seguimos matizando alguns conceitos relevantes ao estudo, *identidade* e *reconhecimento* a partir de autores como Martín-Barbero, Axel Honneth e Rousiley Maia, sem perder de vista a problemática da diversidade.

4. IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO

Há um entrelaçamento inevitável entre os debates teóricos sobre reconhecimento, identidade e o papel¹¹² dos meios de comunicação. Nesta subseção, comentamos acerca destas aproximações de modo que, ao fim, seja possível situar a relevância da mídia para a problemática tratada. Iniciamos a discussão junto a uma perspectiva barberiana sobre identidade. Em seguida, nos direcionamos à ideia de “reconhecimento” conforme concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth. O autor ampara a sua reflexão 200 anos após o que Hegel discutira¹¹³ sobre “reconhecimento”, evidenciando os limites de um posicionamento filosófico metafísico descolado do universo empírico.

O paradigma de onde partimos para delinear o debate sobre *identidades, reconhecimento e comunicação* são os Estudos Culturais, sobretudo em sua versão latino-americana. De modo geral, os Estudos Culturais estão interessados em privilegiar o caráter dialético entre estrutura e práticas cotidianas, evidenciando a circulação do poder e as contradições que residem na relação das pessoas com a hegemonia. A mídia é compreendida como *locus* central de análise desde uma abordagem centrada no texto, mas principalmente na compreensão dos processos de produção de sentido por parte das audiências. A perspectiva latino-americana dos Estudos Cultura tem interesses balizadores as relações entre cultura e ideologia, privilegiando a cultura popular e sua relação com o poder deflagrado nos meios de comunicação (ESCOSTEGUY, 2001). Tais eixos teóricos possibilitam o desenvolvimento teórico e metodológico dos estudos de consumo midiático e de recepção. As subseções que seguem percorrem discussões interessadas ao âmbito dos Estudos Culturais, seja por uma aproximação teórica, empírica ou política, nos fornecendo os recursos conceituais necessários para a interpretação ulterior dos dados coletados.

¹¹² Há um extenso debate sobre o conceito de “papel” no campo da Sociologia. Neste projeto, identificamos o conceito de termo como aquilo que se espera de algo ou alguém. “Papéis” podem ser mais ou menos detalhados no seu roteiro de expectativas, abrindo brechas para diferentes graus de “afastamento do papel” (*role-distance*), o que pode causar experiências de conflitos sociais (BRUCE, YEARLEY, 2006).

¹¹³ Esta é uma discussão inacabada que não foi levada adiante pelo filósofo. Honneth declara que “[...] ele a sacrificou ao objetivo de erigir um sistema próprio à filosofia da consciência, deixando-a para trás, incompleta” (2003, p. 117).

4.1 Perspectivas barberianas sobre identidade cultural

Inicialmente cabe explicitar à qual noção de “identidade” nos vinculamos nesta pesquisa. Os Estudos Culturais, em sua abordagem latino-americana, é um terreno fértil para essa discussão. Este paradigma, geograficamente localizado, é valioso pois ele inscreve uma perspectiva que avança a partir de um pensamento decolonial¹¹⁴ acerca daquilo que fora produzido pela corrente clássica – a britânica – dos Estudos Culturais. É a partir dos escritos de Richard Hoggart, E. P. Thompson, Raymond Williams, Stuart Hall, entre diversos outros autores de variadas disciplinas, que o filósofo Jesús Martín-Barbero elabora a sua discussão em torno das identidades culturais, tendo a América Latina como laboratório, atualizando a discussão a partir das especificidades históricas do território latino.

Sua obra mais lida e debatida, *De los medios a las mediaciones*, publicada originalmente em 1987¹¹⁵, é considerada um “giro epistemológico” pois descentra a análise dos meios de comunicação para o lugar onde os seus usos ocorrem: no bairro, no cotidiano, na cultura. É o que alimenta a teoria das mediações, sua principal contribuição teórica para pensar comunicação, cultura e política. Sua interpretação sobre as diversas temáticas analisadas recai em discussões como a força mercantil do “Norte” na configuração das experiências das massas no nosso território; o conflito estabelecido entre esta hegemonia e as representações das telenovelas, por exemplo, através do seu melodrama; etc. (JACKS, SCHMITZ, WOTTRICH, 2019). Sobretudo, o autor está empiricamente preocupado em perceber quais os sentidos estão sendo produzidos e qual o alcance destes para a conformação das identidades socioculturais. Portanto, é nesse contexto que Jesús Martín-Barbero, há pouco mais de 30 anos, situa a sua discussão sobre identidade:

A nova compreensão do **problema da identidade**, em conflito não só com o funcionamento do transnacional, mas também com a chantagem

¹¹⁴ Luciana Ballestrin (2013), professora e doutora em Ciência Política, explica que o termo “decolonial” não deve ser confundido com “descolonização”. O primeiro sinaliza a transcendência da “face obscura da modernidade”; enquanto a descolonização indica em termos históricos, a superação do período colonialista.

¹¹⁵ A versão consultada para este projeto é a de 2001, na língua portuguesa, publicada pela Editora UFRJ.

freqüentemente operada pelo nacional, **surge inscrita no movimento de profunda transformação do político**, que leva as esquerdas latino-americanas a uma concepção não mais simplesmente tática, mas sobretudo estratégica quanto à *democratização*, isto é, enquanto espaço de transformação social (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 295-296, grifo nosso, itálico do autor).

A preocupação do autor recaía sobre as formações identitárias em um período em que os debates sobre os “efeitos” da globalização diante da abertura dos mercados eram a ponta da discussão. No âmbito acadêmico e intelectual, havia uma enorme preocupação em relação à preservação das identidades e culturas locais, regionais e nacionais dos povos do Sul. Em resposta à perspectiva dos “efeitos” que incidiriam de cima para baixo sobre estas culturas, Martín-Barbero observa que “a saída, então, é tomar o original importado como *energia*, potencial a ser desenvolvido a partir dos requisitos da própria cultura” (2001, p. 268, grifo do autor). O filósofo constata, a partir de análises históricas e estudos empíricos que, na América Latina, o discurso supostamente “homogeneizante” da mídia entra em conflito com a cultura e a identidade nacional produzida regionalmente por iniciativas políticas governamentais e através dos conteúdos jornalísticos, televisivos e radiofônicos. O melodrama, por exemplo, através do cinema mexicano, exerceu função central para a consolidação de uma identidade latino-americana. No meio disso, as identidades culturais latino-americanas se conformam via múltiplas práticas, sendo imprevisível calcular, de antemão, as consequências dessa tensão entre narrativas midiáticas importadas e regionais para a sua elaboração.

É aí que se inaugura a perspectiva do estudo dos usos sociais da mídia. Conforme Martín-Barbero, “o estudo dos usos nos obriga, então, a deslocarmos o espaço de interesse dos meios para o lugar onde é produzido o seu sentido: para os movimentos sociais e de um modo especial para aqueles que partem do bairro” (2001, p. 281). O movimento metodológico de se direcionar à cultura, ou seja, às pessoas, observando o seu entorno, suas práticas, opiniões, anseios, desejos e histórias de vida, orienta o trabalho do autor para analisar não apenas as relações entre pessoas e mídia, mas também para compreender a formação de identidades culturais. Em suas explorações, Martín-Barbero constata que “[...] a identidade não se choca apenas com a aberta homogeneização trazida pelo transnacional, mas também com aquela, disfarçada, do nacional, com a negação, a

deformação e a desativação da pluralidade cultural constitutiva desses países”. (2001, p. 295).

Cerca de 20 anos depois, no início do século XXI, noutro contexto político, tecnológico e cultural, Jesús Martín-Barbero recupera o debate sobre identidades. Atualizamos o seu pensamento sobre o assunto a partir de três textos: *Tecnicidades, identidades, alteridades: desubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo*, de 2007; *Uma aventura epistemológica*, entrevista de 2009 concedida à Maria Immacolata Lopes; e *As formas mestiças da mídia*, outra entrevista do mesmo ano publicada na *Revista Fapesp*.

Neste início de século, Martín-Barbero está ainda mais interessado em compreender as dinâmicas dos usos sociais das tecnologias de comunicação. Isso porque ele enxerga uma relação muito próximo entre as “novas” tecnologias, como a *internet*, as múltiplas possibilidades de usos criativos da mídia e de seus aparatos e a produção de identidade culturais a partir dos sujeitos. A esta condição, ele denomina de “tecnicidade”. Esta mediação já vinha sendo elaborada desde 2001, com a segunda edição de *Dos medios às mediações*, quando o autor passa a destacar o lugar central da tecnologia como um conector global, questionando acerca do seu estatuto social (MARTÍN-BARBERO, 2001). Com o passar de alguns anos, em entrevistas e textos publicados, o autor sustenta que nos encontramos em um contexto em que “saímos da visão instrumental da técnica, saímos da visão ideologista da tecnologia. A tecnicidade está no mesmo nível de identidade [...]” (MARTÍN-BARBERO, 2009a). Afirmar que a tecnicidade e identidade encontram-se de igual para igual sinaliza a impossibilidade empírica de se investigar identidades de modo descolado das relações dos sujeitos com a tecnologia. Afinal, como o autor observa, “[...] o que estamos necessitando pensar é a hegemonia comunicacional do mercado na sociedade, ou melhor, a conversão da comunicação no mais eficaz motor de desengate e inserção das culturas – étnicas, nacionais ou locais – no espaço/tempo do mercado e das tecnologias” (MARTÍN-BARBERO, 2007, tradução nossa¹¹⁶).

¹¹⁶ No original: “[...] lo que estamos necessitando pensar es la hegemonía comunicacional del mercado en la sociedad, o mejor, la conversión de la comunicación en el más eficaz motor del desenganche e inserción de las cultural – étnicas, nacionales o locales – en el espacio/tiempo del mercado y las tecnologías”.

Somado a isso, há o cenário da crise das identidades. O autor explica que essa paisagem vem se delineando a partir da fragmentação e espalhamento das referências para a produção das identidades individuais e coletivas. Se outrora a política, a religião e a escola eram os principais referentes, hoje eles estão espalhados noutras instituições, como a própria mídia. Quando a sociedade perde o seu centro de referência, “[...] as identidades que eram o centro do sujeito também deixam de sê-lo” (MARTÍN-BARBERO, 2009b). Nesse descentramento, junto a movimentos sociais e teóricos como o próprio feminismo¹¹⁷, afirma-se o caráter subjetivo e fraturado das identidades culturais no mundo contemporâneo. Em seus textos do início do século, Martín-Barbero fala, além das “tradicionais” identidades étnicas, locais e nacionais; das identidades geracionais, de gênero e sexuais. Para ele, estas “novas” identidades que habitam a paisagem cultural contemporânea têm adquirido uma dimensão protagonista no contexto dos conflitos internacionais, ao mesmo tempo em que reconfiguram os sentidos do laço social e as possibilidades de convivência em sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2007). Apesar dessa celebração, o autor não deixa de destacar a forma com que estas identidades são incorporadas nas operações comunicacionais do mundo globalizado:

Essa é a outra cara da globalização acelerando as operações de desenraizamento com que pretende inscrever as identidades nas lógicas dos fluxos: dispositivo de tradução de todas as diferenças culturais à língua franca do mundo tecnofinanceiro e volatilização das identidades para que flutuem livremente no vazio moral da indiferença cultural (MARTÍN-BARBERO, 2007, p. 79, tradução nossa¹¹⁸).

Frente a estas constatações: a) da fragmentação das bases subjetivas das identidades culturais contemporâneas; b) da emergência de múltiplas identidades através de movimentos sociais; c) da relação por vezes conflituosa entre as novas identidades e os sistemas de mídia globais; d) dos usos inquestionáveis das tecnologias para a produção da identidade no século XXI, (MARTÍN-BARBERO 2007; 2009a; 2009b),

¹¹⁷ Martín-Barbero (2007) considera que o feminismo inaugurou a afirmação do caráter múltiplo e fragmentado das subjetividades que compõem as identidades não através de postulados teóricos, mas sim como resultado do pensamento acerca das experiências de opressão.

¹¹⁸ No original: “Ésa es la otra cara de la globalización acelerando las operaciones de desarraigo con que intenta inscribir las identidades en las lógicas de los flujos: dispositivo de traducción de todas las diferencias culturales a la lengua franca del mundo tecnofinanceiro y volatilización de las identidades para que floten libremente en el vacío moral y la indiferencia cultural”.

o autor direciona a sua preocupação para a legitimidade das identidades culturais no contexto social e político do nosso tempo.

Acionando o pensamento de Charles Taylor¹¹⁹, Martín-Barbero coloca em questão a validação política destas identidades via a discussão sobre reconhecimento: “ao tornar-se expressiva de um sujeito individual ou coletivo, a identidade depende de, e por tanto sobrevive do reconhecimento dos outros: a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, já que é aí onde indivíduos e grupos se sentem depreciados ou reconhecidos pelos demais”. (2007, p. 84, tradução nossa¹²⁰). Antes de seguirmos articulando a perspectiva de Martín-Barbero sobre reconhecimento, vale discutir, a partir dos cânones, como a teoria do reconhecimento ganhou fôlego e estatuto de “teoria” a partir da década de 1990 e como o seu conceito pode ser articulado à pesquisa em comunicação.

4.2 Teoria do reconhecimento e suas contribuições para o campo da comunicação

A teoria do reconhecimento ganha maior alcance e operacionalização metodológica através das contribuições do filósofo alemão Axel Honneth. Decidido a dar continuidade ao pensamento de Hegel, no contexto acadêmico da Escola de Frankfurt, aproxima-se do campo da psicologia social através da figura de George H. Mead. Conforme esclarecido por Honneth, “com os meios construtivos da psicologia social de Mead foi possível dar à teoria hegeliana da ‘luta por reconhecimento’ uma inflexão ‘materialista’” (2003, p. 155). Axel Honneth, em diálogo com outros pensadores pós-hegelianos como Karl Marx e Michel Foucault, empreende sua teoria do reconhecimento a partir de uma reconstrução empiricamente sustentada do pensamento de Hegel.

Em sua obra *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, publicada originalmente em 1992, Honneth, via um extensivo diálogo entre os autores supracitados, empreende a ideia de que as identidades são forjadas intersubjetivamente via mecanismos de reconhecimento. A noção de intersubjetividade na relação humana adquire relevância central. A partir desta tese, o autor destaca a tríade fundamental que

¹¹⁹ Na subseção seguinte discorreremos sobre o pensamento do autor em maiores detalhes.

¹²⁰ No original: “Al tornarse expresiva de un sujeto individual o colectivo, la identidad depende de, y por lo tanto vive del, reconocimiento de los otros: la identidad se construye en el diálogo y el intercambio, ya que ahí donde individuos y grupos se sienten depreciados o reconocidas por los demás”.

promove o reconhecimento: amor, solidariedade/estima social e justiça. A falta destes elementos seria a faísca disparadora do desrespeito e dos conflitos sociais.

Nesse sentido, a diferenciação de três padrões de reconhecimento deixa à mão uma chave teórica para distinguir sistematicamente os outros tantos modos de desrespeito: suas diferenças devem se medir pelos graus diversos em que podem abalar a auto-relação prática de uma pessoa, privando-a do reconhecimento de determinadas pretensões da identidade (HONNETH, 2003, p. 214).

Em sua obra, a discussão sobre *luta por reconhecimento* é desenvolvida em defesa das identidades plurais, dissidentes e rejeitadas, vítimas do desrespeito e falso reconhecimento. Em alguns momentos de seus escritos, o autor resgata o vínculo entre reconhecimento e identidade, afirmando que toda a identidade é forjada através de uma expectativa de reconhecimento profundamente arraigada: “[...] se essas expectativas normativas são desapontadas pela sociedade, isso desencadeia exatamente o tipo de experiência moral que se expressa no sentimento do desrespeito” (HONNETH, 2003, p. 258). O filósofo destaca que as três experiências citadas são vividas, inicialmente, no plano individual, principalmente o amor. Este fator, estabelecido essencialmente na relação entre dois indivíduos, pode se dar na forma de maus tratos durante a infância, por exemplo. Os outros dois, representados nas práticas de desrespeito como injustiça e menosprezo, embora também experienciados de maneira individual, tendem a ser coletivos. E é a partir da experiência compartilhada que Honneth vislumbra possibilidades para a ação política na forma de lutas por reconhecimento.

Portanto, dando destaque a) à noção de experiência individual e coletiva; b) à construção de estima às identidades plurais; c) aos efeitos cognitivos e inconscientes das práticas de desrespeito e d) às alternativas para a resistência, o autor centra o seu pensamento sobre identidades inserindo os conceitos de “subjetividade” e de “relação” como pilares estruturantes do debate.

Tais conceitos são de fato marcantes nas discussões sobre identidade, tendo em vista o seu caráter relacional e inacabado. Charles Taylor (1994), filósofo canadense, é um autor importante para elucidar estas questões junto ao debate sobre reconhecimento. Ele aproxima-se das ideias de Alex Honneth, seu contemporâneo pois, assim como o alemão, tem como ponto de partida o pensamento de Hegel sobre “reconhecimento”. O autor situa

a premissa de que o reconhecimento é construído na relação intersubjetiva, ou seja, no contato com o outro, concordando com Honneth que o “reconhecimento” é característica *sine qua non* para que indivíduos e grupos tenham direito a exercer plenamente suas identidades. Em seu texto *The politics of recognition*, também de 1992, o autor dá ênfase aos problemas da conjuntura política para pensar sobre a promoção de políticas de reconhecimento.

Assim como Honneth, Taylor concorda que as questões sobre reconhecimento e identidade são preocupações modernas. O canadense traça uma breve historicização sobre a emergência deste debate, demonstrando que o colapso das hierarquias sociais estáveis fundadas no papel social da honra¹²¹ e as noções de dignidade e igualdade inauguradas pela democracia inflamam a reivindicação por políticas de reconhecimento. A articulação entre esses dois fenômenos instaura a possibilidade da autenticidade, ou seja, o ideal de que posso e devo ser respeitado seja qual for a identidade da qual nos aproximamos e que me apropriado para dar sentido ao meu modo de estar no mundo.

A importância do reconhecimento é agora universalmente apreendida em uma ou outra forma; em um plano íntimo, estamos cientes de como a identidade pode ser bem ou mal construída através do curso do nosso contato com outros. No plano social, temos a contínua política de reconhecimento igualitário. Ambos os planos têm sido moldados pelo crescente ideal de autenticidade, e **reconhecimento possui um papel essencial na cultura** que tem se desenvolvido ao redor desse ideal (TAYLOR, 1994, p. 36, grifo meu, tradução nossa¹²²).

O autor não chega a explicitar de que forma a temática do reconhecimento se espalha na cultura, delimitando-se, conforme já dito, ao espectro político do cotidiano. Axel Honneth demarca a relevância da cultura para os problemas do reconhecimento. Na conclusão de sua obra de 1992, o autor sugere que a sociedade moderna se desenvolveu

¹²¹ Taylor localiza a discussão do conceito de “honra” compartilhada à época do Antigo Regime dos séculos XV ao XVIII, explicando que o termo sinaliza um elemento de distinção. Honra, à época, é algo que nem todo mundo mereceria possuir, podendo ser um título de prestígio ou a posição ocupada na estrutura de classes (pertencer à classe aristocrática, por exemplo).

¹²² No original: “*The importance of recognition is now universally acknowledged in one form or another; on an intimate plane, we are all aware of how identity can be formed or malformed through the course of our contact with significant others. On the social plane, we have a continuing politics of equal recognition. Both planes have been shaped by the growing ideal of authenticity, and recognition plays an essential role in the culture that has arisen around this ideal*”.

a ponto de que a autorrealização individual e coletiva adquiriu a força necessária para vir a tornar-se um movimento político. Destaca, porém, que “[...] suas exigências só podem ser cumpridas a longo prazo quando ocorrem mudanças culturais que acarretam uma ampliação radical das relações de solidariedade” (HONNETH, 1992, p. 280).

À esta altura, parece ser conveniente realizar um deslocamento e aproximarmos o debate sobre identidade e reconhecimento ao campo da cultura através do papel dos meios de comunicação. Filiando-nos à perspectiva dos Estudos Culturais, compreendemos a mídia como parte integrante da cultura, desempenhando um papel estruturante ao sugerir, através de um alcance massivo, modos de ser e estar no mundo. No dossiê *Mídia, reconhecimento e constituição de subjetividades* da *Revista Contracampo*, o pesquisador britânico Nick Couldry revela que a primeira vez que Honneth deu atenção à mídia para avançar na sua teoria do reconhecimento foi em sua obra de 2014 intitulada *Freedom's right*.

Na obra, em constante diálogo com Habermas, Honneth reconstitui a formação da imprensa no final do século XIX, a ascensão e o “sucesso” do Nazismo na Europa considerando que este êxito só foi possível através do controle dos meios de comunicação. O filósofo alemão avança na reconstituição histórica, lembrando que a partir de 1960 movimentos de resistência em prol da democracia emergem junto a movimentos estudantis organizados de modo que “o debate sobre as condições de existência de uma democracia pública seria agora focado nas condições da mídia de massa” (HONNETH, 2014, p. 285, tradução nossa¹²³). Após confirmar a relevância dos meios de comunicação em suas reconstituições históricas, o autor conclui que

Se há uma conclusão-chave que podemos delinear nos quase duzentos anos de luta social e política por liberdade de comunicação no novo espaço comum de formação de vontade política, é que os direitos individuais garantidos pelo governo para expressar a opinião de alguém e ter participação política não é suficiente (2014, p. 289-290, tradução nossa¹²⁴).

¹²³ No original: “*The debate within the democratic public over the conditions of its own existence would now be refocused on the state of the mass media*”.

¹²⁴ No original: “[...] *individual rights granted by the government to express one’s opinion and participate politically are in no way sufficient*”.

Axel Honneth, escrevendo desde um contexto europeu e filiado à Escola de Frankfurt, é crítico em relação ao papel da mídia, defendendo exaustivamente que os meios de comunicação deveriam estar nas mãos do governo a fim de promover uma sociedade de fato democrática. Portanto, o ponto de vista adotado por Honneth (2014) em relação à mídia adquire um teor comum aos pensadores frankfurtianos. O autor não vislumbra possibilidades de viabilização de uma representação midiática democrática, que contemple diferentes identidades em sua pluralidade, em um sistema de mídia dominado por organizações privadas. Portanto, a lógica capitalista, entranhada na organização do ecossistema midiático, é o que deve ser combatido para que se comece a considerar uma mídia democrática que atue em prol das lutas por reconhecimento.

Pensando tais crítica junto ao paradigma dos Estudos Culturais, o posicionamento de Axel Honneth parece não levar em conta as estratégias que conglomerados midiáticos adotam em concordância e/ou negociação com a pauta de movimentos sociais, como veremos no Panorama Midiático. Afirmar que não é possível fomentar uma discussão democrática sobre as diferenças, que paute o reconhecimento, em um sistema de mídia privado, parece uma posição radical que não deixa brechas para as microrresistências internas ou para a capacidade de produção de sentidos orientada à ação por parte das audiências. Honneth comenta brevemente acerca da relação entre audiência e meios de comunicação:

Quanto menos pessoas possuírem estas habilidades [de aprender e praticar a crítica da mídia], esse processo de comunicação se articulará a posições socialmente elevadas com mais intensidade e se tornará um lugar seguro exclusivo das classes com educação formal. A parte da mídia de massa que ainda é comprometida ao seu ethos profissional está inevitavelmente abordando um estado de solipsismo elitista, que não é comparável à situação na primeira metade do século XX por conta do contrapeso cultural provido pelo movimento dos trabalhadores (HONNETH, 2014, p. 298-299, tradução nossa¹²⁵).

O autor, em seu posicionamento frankfurtiano no que diz respeito à mídia e à capacidade de agência dos sujeitos, parece partir da premissa de que a audiência é levada

¹²⁵ No original: “*The fewer who possess such skills [of learning and practicing critique], the stronger this communication process will shift upward socially and become the exclusive preserve of the educated classes. That part of the mass media still committed to its professional ethos is inevitably approaching just such a state of elitist solipsism, which is not comparable to the situation in the first half of the twentieth century because of the cultural counterweight provided by the labour movement*”.

à alienação por parte dos veículos de comunicação comandados por empresas privadas. Identifica ainda um desengajamento político por parte dos movimentos no que diz respeito à produção deste “contrapeso cultural”, permitindo, assim, que a mídia produza um discurso exclusivamente voltado às classes dirigentes. Honneth, desatento às dinâmicas da produção de sentido por parte da audiência e da economia política das empresas de comunicação no que diz respeito às suas estratégias de comunicação com público de massa, não observa o caráter dialético entre mídia e audiências. Não leva em conta movimentos de incorporação/cooptação/articulação que emissoras de televisão, por exemplo, adotam após longas pesquisas junto a diferentes grupos sociais a fim de produzir um filme, uma telenovela ou um anúncio publicitário. Portanto, apesar das importantes contribuições no que diz respeito à teoria do reconhecimento e sobre o pensamento do autor acerca do inquestionável papel dos meios de comunicação para a promoção democrática do reconhecimento, seu pensamento esbarra no pessimismo frankfurtiano. Como avançar?

Resgatando as ideias de Jesús Martín-Barbero, um crítico da Escola de Frankfurt, evidenciamos o que o autor tem a dizer sobre a relação entre reconhecimento e comunicação. De início, o autor afirma que “[...] o que galvaniza, hoje, as identidades como motor de luta é inseparável da demanda por reconhecimento e sentido” (2007, p. 81, tradução nossa¹²⁶). Matizando sua discussão sobre o tema, o autor evidencia duas estratégias para a produção do reconhecimento: a partir da inserção dos cidadãos nas decisões políticas que afetam as suas experiências vividas no cotidiano, defendendo ainda que os interesses promovidos por estas iniciativas devem atuar em prol de interesses em comum, e não em função do capital¹²⁷. O que Martín-Barbero introduz é a centralidade dos meios de comunicação como importantes agentes catalisadores de reconhecimento no século XXI: “[...] falar de reconhecimento implica [...] o direito à expressão nos meios massivos e comunitários de todas aquelas culturas e sensibilidades majoritárias ou minoritárias através das quais sua ampla e rica diversidade constitui nossos países (2007,

¹²⁶ No original: “*lo que galvaniza hoy a las identidades como motor de lucha es inseparable de la demanda de reconocimiento y de sentido*”.

¹²⁷ A perspectiva do reconhecimento fomentado a partir da participação política também é compartilhada por Honneth e por Taylor, conforme já fora desenvolvido.

p. 86, tradução nossa¹²⁸). O autor compreende que os aparatos tecnológicos são lugares privilegiados para que as identidades subalternas possam ser narradas em diferentes linguagens: oral, escrita e audiovisual. Dessa maneira, como fora discutido anteriormente, Martín-Barbero adensa e atualiza a relevância da mediação da tecnicidade de modo que, conforme relatado em entrevista “ligo tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade” (2009a, s/p.). A discussão do autor, portanto, recai não apenas na defesa da representação de diferentes grupos na mídia hegemônica. Também diz respeito à relevância de que diferentes grupos sociais possam atuar junto à mídia de massa, participando tanto das estratégias de produção midiática quanto das políticas de regulação, por exemplo. É com esse movimento, construído através da luta por parte de movimentos sociais ligados a pautas identitárias, que “[...] hoje a identidade se constitui na negação mais destrutiva¹²⁹, mas também mais ativa e capaz de introduzir contradições na hegemonia da razão instrumental” (2007, p. 81, tradução nossa¹³⁰).

A luta por reconhecimento, na perspectiva de Martín-Barbero, atua estruturalmente no sistema midiático pois o movimento complica os cânones dos formatos industriais. Compreendendo a mídia como um campo de *relatos* sobre diferentes grupos sociais, em uma conjuntura na qual as identidades “explodem” e demandam reconhecimento, os gêneros midiáticos, em meio à proliferação da técnica, se confundem e se hibridizam: “é a contaminação entre sonoridades, textualidades, visualidades, as matérias-primas dos gêneros” (2009b, p. 154). O autor explica que não é uma questão de intertextualidade, mas sim de um processo de transformação no estatuto dos gêneros midiáticos: “nesse ecossistema e nesses dispositivos se joga – se faz e se desfaz – a diferença entre os gêneros cujo estatuto tem deixado de ser puramente literário para tornar-se cultural, isso é questão de memória e reconhecimento” (2007, p. 82, tradução

¹²⁸ No original: “[...] *el derecho a la expresión en los medios masivos y comunitarios de todas aquellas culturas y sensibilidades mayoritarias o minoritarias a través de las cuales para la ancha y rica diversidad de la que están hechos nuestros países*”.

¹²⁹ O autor se refere às práticas discriminatórias de nacionalismo, xenofobia e de fundamentalismos religiosos.

¹³⁰ No original: “[...] *hoy la identidad se constituye en la negación más destructiva, pero también más activa y capaz de introducir contradicciones en la hegemonía de la razón instrumental*”.

nossa¹³¹). Para o autor, a internet é a principal tecnologia que complexifica as narrativas dos gêneros pois as apropriações e as “mestiçagens” produzidas pelos sujeitos tornam-se ainda mais imprevisíveis.

A aproximação entre experimentação tecnológica e estética faz emergir, nesse desencantado começo de século, um novo parâmetro de avaliação da técnica, distinto de sua mera instrumentalidade econômica ou sua funcionalidade política: o de sua capacidade de comunicar, isto é, de significar as mais profundas transformações de época que experimenta a nossa sociedade [...]. (MARTÍN-BARBERO, 2007, p. 94, tradução nossa¹³²).

Isto posto, identificamos a partir do pensamento de Jesús Martín-Barbero, que o debate sobre reconhecimento recai vigorosamente sobre o papel dos meios de comunicação de massa. O seu perspicaz argumento de que as tecnologias não são neutras e que, portanto, “constituem enclaves de condensação e interação de interesses econômicos e políticos com mediações sociais e conflitos simbólicos” (2007, p. 89, tradução nossa¹³³), abre um vasto campo de possibilidades para pensar práticas de reconhecimento através da mídia: em suas políticas de representação da diferença, num nível institucional; e nas suas práticas de uso, pensando junto à audiência. A articulação entre ambos os “níveis” é o lugar onde se travam e se desdobram as lutas por hegemonias (SIFUENTES, ZANINI, 2019) e por reconhecimento.

Apesar destas contribuições de Martín-Barbro, a temática do “reconhecimento”, conforme tratada neste projeto, não é uma prioridade teórica do autor. Suas pesquisas empíricas e reflexões, embora acabem discutindo práticas de reconhecimento através do debate sobre identidades, não aludem, de modo específico, diretamente uma teoria do reconhecimento. Portanto, cabe investigar como o campo da Comunicação vem aproximando esse debate. Nick Couldry, no editorial já citado, declara:

¹³¹ No original: “*En ese ecosistema y esos dispositivos se juega – se hace y deshace – la diferencia entre unos géneros cuyo estatuto ha dejado de ser puramente literario para tornarse cultural, esto es cuestión de memoria y reconocimiento*”.

¹³² No original: “*El acercamiento entre experimentación tecnológica y estética hace emerger, en este desencantado comienzo de siglo, un nuevo parámetro de evaluación de la técnica, distinto al de su mera instrumentalidad económica o su funcionalidad política: el de su capacidad de comunicar, esto es, de significar la más hondas transformaciones de época que experimenta nuestra sociedad [...]*”.

¹³³ No original: “[...] *constituyen enclaves de condensación e interacción de intereses económicos y políticos con mediaciones sociales y conflictos simbólicos*”.

Há muitas razões, portanto, para crer que o conceito de reconhecimento – e em particular, o reconhecimento como atualizado através de meios de comunicação social nas suas várias formas – é uma linha promissora de investigação teórica e empírica sobre teoria social e para a pesquisa em mídia e comunicação social. (COULDRY, 2018, p. 2).

Rousiley Maia, professora no Departamento de Comunicação Social da UFMG, é uma das pesquisadoras brasileiras interessadas nas discussões sobre teoria do reconhecimento, identidade e mídia. Em 2014, lançou o livro *Recognition and the media*, publicado em inglês pela editora *Palgrave Macmillan*. Na Introdução da obra, a autora recupera a discussão de Axel Honneth sobre reconhecimento, resumindo o seu propósito e observando que toda a sua teoria (pelo menos até *Freedom's right*), é associada às dinâmicas interpessoais face-a-face. Maia defende que “em sociedades contemporâneas complexas e multiculturais, lutas por reconhecimentos, em grande medida são – e precisam ser – mediadas”. É nesse contexto que os meios de comunicação entram em cena: “O processo de mediação que é empregado pela mídia é inevitável para a expansão de relações de reconhecimento e falso reconhecimento” (MAIA, 2014, p. 01, tradução nossa¹³⁴).

A pesquisadora, citando variadas autoras e autores, entre eles, Stuart Hall, situa a mídia como um espaço de circulação de discursos que constituem o tecido cultural e político da sociedade. É *locus* de articulação e negociação frente a uma ampla gama de disputas de opinião, discursivas e ideológicas. Desse modo, a mídia estabelece interface com as lutas por reconhecimento através de grupos cujos membros encontram-se em alguma situação de desvantagem social, econômica ou política. A autora esmiúça a sua tese em três níveis.

O primeiro deles trata do âmbito da *representação*. Maia resume que pesquisadores tendem a pensar a representação midiática em duas posições: a mídia oferece um conteúdo que impacta a forma com que indivíduos enxergam e valorizam a si mesmos. Por outro lado, há quem trate a mídia como uma grande fonte de referência para que pessoas e grupos imaginem outras possibilidades de ser, uma vez que os meios

¹³⁴ No original: “In contemporary, complex, multicultural societies, struggles for recognition to a large degree are – and need to be – mediated. The process of mediation that is employed by the media is unavoidable for the expansion of relationships of recognition or misrecognition”.

oferecem “modelos mentais” que se perpetuam na cultura. Ambas as perspectivas colocam questões que interessam à teoria do reconhecimento. Maia defende esta aproximação partindo da premissa – com a qual concordamos – de que representações midiáticas integram discursos culturais e políticos. Por isso, representações não possuem um significado universal, devendo, portanto, serem identificadas dentro de “padrões de representação”, conforme sugerido por Hall (1997). Esta abordagem “[...] é teórica e politicamente importante porque ela levanta questões sobre padrões de valor e tratamento que são intersubjetivamente acordadas com indivíduos e grupos em dada sociedade” (MAIA, 2014, p. 31, tradução nossa¹³⁵).

Em um segundo nível, a autora, aproximando-se das discussões da economia política da comunicação, também indaga a respeito da *produção* das representações. De acordo com ela, é importante reconhecer os profissionais da mídia como “endereçados” (*addressees*), e não como “fazedores” (*makers*) das representações. Isto porque eles estão implicados tanto na produção, quanto no terreno social mais amplo, sendo igualmente socializados pela mídia. “Portanto, eu entendo que uma atitude pelo reconhecimento é algo que deve ser trabalhada não apenas entre profissionais da mídia e aqueles afetados, mas por muitos outros grupos sociais” (2014, p. 32, tradução nossa¹³⁶).

Após estas considerações, Maia se antecipa afirmando que, através destas perspectivas, não está querendo minimizar as críticas às operações de poder que existem no ecossistema midiático. A autora reconhece elas atuam institucionalmente nas estruturas midiáticas, favorecendo majoritariamente as elites econômicas e políticas. No entanto, Maia observa que essa “regra” não deve ser tomada como verdade absoluta, sendo importante dedicar uma observação sobre como esse poder de fato circula: “vendo a mídia de massa como um lugar de luta, precisamos ser sensíveis aos complexos e geralmente contraditórios processos que ocorrem lá” (MAIA, 2014, p. 33, tradução nossa¹³⁷). Embora a autora não a situe dessa forma, acreditamos que esta observação sirva

¹³⁵ No original: “*is theoretically and politically important because it raises questions about patterns of value and treatment that are intersubjectively accorded to individuals and groups in a given society*”.

¹³⁶ No original: “*Therefore, I understand that the attitude of recognition is something that is worked out not only between media professionals and those affected, but by many other social groups*”.

¹³⁷ No original: “*In viewing mass media as sites of struggle, we should be sensitive to the complex and often contradictory processes that take place there*”.

como extensão da crítica anterior à Axel Honneth e sua análise absolutista acerca do papel da mídia nas lutas por reconhecimento.

O terceiro nível trata da esfera da *recepção midiática*, âmbito que mais interessa a esta pesquisa. Rousiley Maia fornece algumas contribuições para pensar os nexos entre a teoria do reconhecimento e o estudo das audiências empreendida via Estudos Culturais britânicos. A autora chama atenção para a colocação de Stuart Hall ao conceber as diferentes interpretações da audiência sendo mobilizados pelos níveis micro, mais íntimos e subjetivos; e pelo nível macro, organizado pelas estruturas sociais de determinado lugar e época. Esta articulação promoveria o que Hall denomina de “referenciais de conhecimento” (*framework of knowledge*) no seu modelo *encoding/decoding*. Maia considera que “essa abordagem é particularmente importante para a perspectiva teórica do reconhecimento pois coloca conflito social, interpretado de uma perspectiva cultural e histórica, na linha de frente do problema” (2014, p. 39, tradução nossa¹³⁸). Entretanto, a autora descarta o modelo teórico de Hall *encoding/decoding* devido a algumas limitações apresentadas por Janet Staiger em seu livro sobre estudos de recepção midiática¹³⁹. Maia considera que a perspectiva de investigar “*media practices*”, conforme apresentado por Nick Couldry (2012) em sua obra *Media, society, world: social theory and digital media practice*, faz mais sentido pois leva em consideração não apenas os sentidos atribuídos à mídia, mas como a audiência se relaciona com os meios de comunicação.

Enquanto a teoria do reconhecimento está centralmente preocupada com conflitos sociais e uma ampla gama de experiências de sofrimento relacionadas à individualização, socialização e inclusão social, os estudos de mídia oferecem uma série de evidências destes reais processos no cotidiano (MAIA, 2014, p. 41, tradução nossa¹⁴⁰).

A pesquisadora é contundente ao demarcar a relevância que estudos empíricos com audiências possuem para o campo dos estudos sobre *mídia e reconhecimento*:

¹³⁸ No original: “*This approach is particularly important for a recognition-theoretical approach because it places social conflicts, interpreted from a cultural and historical perspective, at the forefront of its concern*”.

¹³⁹ STEIGER, J. **Media reception studies**. New York: New York University Press, 2005.

¹⁴⁰ No original: “*While the theory of recognition is centrally concerned with social conflicts and a full range of experiences of suffering related to individuation, socialization and social inclusion, media studies offer an array of evidence of these real processes in everyday life*”.

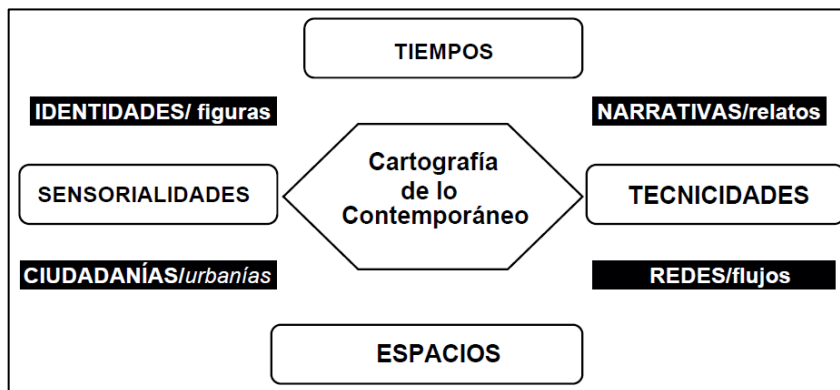
“Pesquisa empírica provê muitas rotas para investigar diversas formas de poder social envolvido nas representações midiáticas no cotidiano e nos usos da mídia por indivíduos que estabelecem opressão social mas também emancipação” (MAIA, 2014, p. 41, tradução nossa¹⁴¹).

Discutidos conceitos de relevância a esta pesquisa, seguimos apresentando o modelo teórico-metodológico ao qual nos filiamos para nos balizar ao longo das análises e interpretações. O mapa de Martín-Barbero apresentado na subseção seguinte continua tensionando alguns desses mesmos conceitos de forma profícua ao estudo.

4.3 *Sensorium* contemporâneo e mutações culturais

Aqui, objetivamos articular algumas discussões tratadas nas seções teóricas anteriores ao longo da apresentação do *Mapa sobre o sensorium contemporâneo* (RINCÓN, 2019). Este mapa, também reconhecido como um modelo teórico-metodológico (LOPES, 2018), foi apresentado por Jesús Martín-Barbero em entrevista concedida a Omar Rincón no ano de 2017. O mais recente mapa barberiano para investigar cultura, comunicação e política, apoia-se na configuração do que Martín-Barbero identifica como um outro *sensorium*, ou seja, na sensibilidade em perceber uma mutação cultural que vem transformando o mundo contemporâneo. Se há uma reconfiguração dos tempos em curso, há também a necessidade de adaptar, atualizar ou inventar novas chaves de compreensão do social. É disso que trata o modelo que segue:

¹⁴¹ No original: “*Empirical research provides many routes for grasping diverse forms of social power entangled in media’s everyday representations and individuals’ media uses that enact social oppression as well as emancipation*”.

Figura 11 – Mapa sobre o *sensorium* contemporâneo

Fonte: Martín-Barbero e Rincón (2019)

No mapa representado acima, há quatro mediações: identidades/figuras; narrativa/relatos; redes/fluxos; cidadanias/urbanías. Elas conectam elementos que constituem dois eixos: tempos/espacos e sensorialidades/tecnicidades. O primeiro eixo, entre tempo e espaco, trata-se de um processo constantemente elaborado. Parte-se do pressuposto que tanto tempo, quanto espaco, podem ter dimensões bem distintas para diferentes pessoas e culturas. Martín-Barbero e Omar Rincón sinaliza que o tempo adquire um estatuto ainda mais irregular. Enquanto o espaco diz respeito a algo mais fixo como, por exemplo, uma nação; o tempo é sentido. “A temporalidade varia entre a do pai, do professor, entre a de cada um, temos tempos diversos. [...] Hoje habitamos o tempo-cidade, o tempo-audiovisual, o tempo-virtual” (2019, p. 20, tradução nossa¹⁴²). “Habitar tempos” significa que vivemos em diversas temporalidades simultaneamente. É uma experiência cultural sem lugar fixo, mediada por tecnologias que nos levam a conhecer e a imaginar outros mundos sem sair de casa. O segundo eixo, sensorialidades/tecnicidades, nos fornece um capital teórico mais empiricamente observável e metodologicamente operativo. Este eixo ilustra a continuidade que existe entre a tecnologia (em sua dimensão técnica e cultural) e as práticas. Nesta relação, tecnicidade¹⁴³, implica novas formas com que, em grupo ou individualmente, pessoas se organizem social e politicamente, e se relacionem com a cultura. Ela, portanto, produz

¹⁴² No original: “La temporalidad varía del padre, del maestro, de cada uno, tenemos tiempos diversos. [...] Hoy habitamos el tiempo ciudad, el tiempo audiovisual, el tiempo virtual”.

¹⁴³ Mediação que vem sendo discutida por Martín-Barbero desde 1998, quando elaborou o Mapa Metodológico das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2001).

novas sensorialidades. “As tecnicidades não são ferramentas, nem as sensorialidades são o que não temos de inteligência. A sensibilidade habita tempos e são a força e potência para poder desenvolver a inteligência de uma época com suas tecnicidades e vice-versa” (2019, p. 21, tradução nossa¹⁴⁴). O eixo sensorialidades-tecnicidades, portanto, mobiliza transformações mutuamente, adquirindo um caráter interdependente.

A partir desta apresentação, discutimos a seguir as quatro mediações. Entretanto, ao invés de apresentá-las separadamente¹⁴⁵, argumentaremos de modo a dar maior centralidade ao debate sobre identidade e tecnicidade, articulando com o que já fora exposto até aqui, de modo a conduzir a discussão para a problemática do reconhecimento.

Conforme foi visto na Subseção 4.1 sobre *Perspectivas barberianas sobre identidade cultural*, o autor, desde a virada do século, vem colocando em grau de igualdade as dimensões de identidade e tecnicidade (MARTÍN-BARBERO, 2009a), apontando para a condição comunicacional mediada por tecnologias da produção de identidades. Esse argumento baliza, em grande medida, o debate apresentado pelas autoras na obra que desenvolve o quarto mapa do autor representado na Figura 1. A tecnicidade, desde a sua aparição no mapa barberiano de 1998, diz respeito ao estatuto social da técnica. Sua centralidade vai aumentando exponencialmente ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, conforme percebemos em artigos e entrevistas com Martín-Barbero, em conformidade com a profusão de novas tecnologias de comunicação. Esse acelerado desenvolvimento tecnológico motiva que a tecnicidade deixe de ser uma mediação, tornando-se parte de um eixo estruturante. Esta mediação é revista através da concepção de *narrativas* (SILVA; BASEIO, 2019). Afinal, a tecnicidade, conforme apresentada por Martín-Barbero, rejeita o caráter meramente instrumental da técnica, revelando a sua condição estruturante no mundo contemporâneo. Nesse contexto, as *narrativas* surgem no novo mapa entre tempos e tecnicidades pois elas encontram-se mediando a produção de relatos em múltiplas linguagens (como o hipertexto), oferecendo diferentes experiências de temporalidade. Daí, emerge a qualidade ritualística das *narrativas*: “A

¹⁴⁴ No original: “Las tecnicidades no son las herramientas, ni las sensorialidades son lo que nos queda de la inteligencia. La sensibilidad habita tiempos y son la fuerza y potencia para poder desarrollar la inteligencia de una época con sus tecnicidades y viceversa”.

¹⁴⁵ Isto já foi feito em Rincón (2019).

mediação narrativa sugere analisar os processos comunicativos na ótica das práticas, ocupando-se dos fragmentos, dos ritos e das repetições reproduzidas no tempo e espaço cotidianos” (SILVA, BASEIO, 2019, p. 180, tradução nossa¹⁴⁶).

Estando presentes na vida cotidiana nos mais diversos espaços: escola, política, conversas do dia a dia, etc., as *narrativas*, no contemporâneo, também adquirem outros modos de circular. A mediação das *redes* ilustra isso. Conforme apontam Brignol, Cogo e Martínez, (2019, p. 197, tradução nossa¹⁴⁷), em diálogo com o campo da cibercultura, “é nesse cenário que vemos emergir a noção de redes na trajetória de Martín-Barbero. Todos nos conectamos¹⁴⁸ diariamente através de WhatsApp, usamos Facebook, Instagram, Snapchat e outras redes”. O debate acerca das *redes* também encontra eco no que já fora desenvolvida acerca da tecnicidade. Pois esta mediação não tem a ver apenas com o caráter técnico das novas plataformas de comunicação, mas sim sobre os fluxos comunicacionais que nos interpelam diariamente através dessas novas tecnologias, o que transforma o sentido das *identidades*. Se antes elas eram forjadas num espaço material delimitado, hoje elas se configuram, também, no espaço das *redes*. Conforme sugerem Sifuentes e Zanini, “o autor [Martín-Barbero] crê que hoje grande parte das identidades são forjadas a partir dos aparatos tecnológicos, com modelos e padrões de conduta que surgem de espaços muito diferentes daqueles de décadas atrás” (2019, p. 249, tradução nossa¹⁴⁹). Ou seja, o estudo dos usos das *redes* e das *narrativas* que nela circulam¹⁵⁰,

¹⁴⁶ No original: “*La mediación narrativa sugiere analizar los procesos comunicativos en la óptica de las prácticas, ocupándose de los fragmentos, de los ritos y de las repeticiones reproducidas en el tiempo y espacio cotidianos*”

¹⁴⁷ No original: “*Es en este escenario que vemos emerger la noción de redes en la trayectoria teórica de Martín-Barbero. Todos nos conectamos diariamente a través de WhatsApp, usamos Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat y otras redes*”.

¹⁴⁸ Aqui, cabe uma crítica em relação ao enunciado pelas autoras, tendo em vista que, no Brasil, 30% de sua população ainda está desconectada. Neste percentual, encontram-se principalmente famílias de classes mais baixas ou que habitam zonas rurais (TIC DOMICÍLIOS, 2019). Outro aspecto importante, dentre aquelas pessoas com acesso à internet e a dispositivos, é levar em conta o tipo de uso feito por estas tecnologias, afinal apenas possuir celular com conexão 4G não significa necessariamente que as práticas de consumo explorem estas ferramentas.

¹⁴⁹ No original: “*El autor cree que hoy gran parte de las identidades son forjadas a partir de los aparatos tecnológicos, con modelos y patrones de conducta que surgen de espacios muy diferentes de los de décadas atrás*”.

¹⁵⁰ Produzidas tanto institucionalmente pelos veículos de comunicação, quanto por usuários organizados em *blogs*, *fóruns* e *chats*.

tornam-se elementares para a compreensão das *identidades* em tempos de mutação cultural do contemporâneo.

Essa mutação não tem a ver apenas com a profusão das possibilidades de uso das tecnologias, e sim com a qualidade destes usos. O *sensorium* contemporâneo sinaliza para uma instabilidade no indivíduo, na política e na sociedade (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019), o que redimensiona o cenário que já vinha sendo delineado da *crise das identidades* via Martín-Barbero, Stuart Hall, Homi Bhabha, entre vários outros autores. Se antes, até o século XX, há um desequilíbrio em curso das referências institucionalizadas (igreja, escola, família) para a produção identitária, hoje novos referentes são inaugurados, via *narrativas* no campo político, cultural e midiático, servindo de porto-seguro para grupos sociais que até então não viam possibilidades de expressão de si mesmos na cena pública – o que, igualmente, produz reações. Obviamente, esse movimento de ampliação e abertura de referentes para “novas” identidades faz ruir o já conhecido projeto de modernidade, perturbando o *status-quo* e despertando um intenso embate entre diferentes grupos sociais. “A identidade é sempre poder e disputa sobre a legitimidade de reconhecer-se e fazer-se reconhecer, seja individual, seja coletivamente” (SIFUENTES; ZANINI, 2019, p. 242, tradução nossa¹⁵¹).

A *cidadania*, nesse contexto, surge como uma mediação necessária que permite pensar a ação dos meios de comunicação na cultura, na política e na conformação de identidades culturais invisibilizadas e/ou estigmatizadas. A questão da *cidadania* está intimamente próxima dos debates sobre “reconhecimento” (BONIN, MORIGI 2019). Podemos considerar que esta mediação serve como um aporte teórico-analítico para investigar a dimensão midiática da questão do reconhecimento, envolvendo os usos das *redes* e o desenvolvimento de *narrativas*. No século XXI, “os novos movimentos sociais, étnicos, de gênero e ecológicos, mais que ser partidária ou ideologicamente representados, lutam para ser socioculturalmente reconhecidos” (2019, p. 227, tradução nossa¹⁵²). As *redes* produzem outros tipos de comunicação e de fluxos de símbolos no

¹⁵¹ No original: “*La identidad es siempre poder y disputa sobre la legitimidad en reconocerse y hacerse reconocer, sea individual, sea colectivamente*”.

¹⁵² No original: “*Los nuevos movimientos sociales, étnicos, de género y ecológicos, más que ser partidaria o ideológicamente representados, luchan para ser socioculturalmente reconocidos*”.

tecido social, o que encontra correspondência nos modos com que grupos sociais veem a si mesmos e aos outros, bem como nas práticas no que tange à construção de suas *identidades*. Em meio à disputa de *narrativas* mediadas pela técnica e socializadas conforme o que a tecnicidade sugere, “esse cenário é vivido pelas comunidades como ameaça à sobrevivência de suas culturas; mas, também, como possibilidade de romper com a exclusão e reinventar possibilidades de futuro” (2019, p. 228, tradução nossa¹⁵³). Martín-Barbero não se deixa levar nem pelo pessimismo em que nada sobra, nem por um otimismo celebratório da capacidade de agência dos sujeitos. Reconhece tanto a força da estrutura e das *narrativas* hegemônicas, quanto a competência de grupos sociais para ressignificar e recriar estas *narrativas*. Hoje, a *rede* é lugar privilegiado para práticas de contestação e negociação, fomentando: “[...] as possibilidades que a internet trouxe para a constituição de espaços de interação cidadã, que possibilitam o intercâmbio de experiências, o compartilhamento de visões de mundo e de propostas em articulações globais/locais” (2019, p. 230, tradução nossa¹⁵⁴). Além disso, Bonin e Morigi resumem o debate, em diálogo com as demais mediações, considerando que a ideia barberiana de *ciudadania*

Reconhece que muitas comunidades têm se apropriado das *redes* para transformar suas experiências em *relatos*, e aproveitam as possibilidades renovadas de convergência entre as oralidades e memórias culturais com as novas linguagens, escritura e *narrativas* emergentes através da tecnicidade digital (BONIN; MORIGI 2019, p. 232, tradução nossa¹⁵⁵, grifo nosso).

A mediação da *identidade* também aponta para a problemática do reconhecimento conforme apontado por Bonin e Morigi nas discussões sobre *ciudadania*. “[...] são importantes políticas de reconhecimento das diversidades e de conhecimento dos processos de identificação e sua importância para muitos grupos sociais” (SIFUENTES,

¹⁵³ No original: “Este escenario es vivido por las comunidades como amenaza a la sobre vivencia de sus culturas; pero, también, como posibilidad de romper con la exclusión y de reinventar posibilidades de futuro”.

¹⁵⁴ No original: “[...] las posibilidades que el internet trajo para la constitución de espacios de interacción ciudadana, que posibilitan el intercambio de experiencias, el compartimiento de visiones del mundo y de propuestas en articulaciones globales/locales”.

¹⁵⁵ No original: “Reconoce que muchas comunidades se han apropiado de las redes para transformar sus experiencias en relatos, y aprovechan las posibilidades renovadas de convergencia entre las oralidades y memorias culturales con los nuevos lenguajes, escritura y narrativas emergentes a través de la tecnicidad digital”.

ZANINI, 2019, p. 246, tradução nossa¹⁵⁶). Ainda costurando as mediações do novo mapa no debate sobre reconhecimento, podemos considerar que as *narrativas* adquirem relevância para o tema da *cidadania* na medida em que é por elas que são materializadas, compondo um tipo de “[...] a comunicação cotidiana, necessariamente presidida pelo simbólico e pelo imaginário” (SILVA; BASEIO, 2019, p. 181, tradução nossa¹⁵⁷). Que *narrativas*, ou gêneros comunicativos estão sendo “ritualizados” (SILVA; BASEIO, 2019) no cotidiano, através de quais práticas e o quanto nos permitem compreender o *sensorium* em sua dimensão *cidadã* é uma questão importante para a compreensão das mutações culturais contemporâneas. Evocando a problemática do reconhecimento, a mediação das *redes* – tanto em seu aspecto técnico das mídias sociais, por exemplo, quanto dos fluxos migratórios e do simbólico – representa a proliferação de vias pelas quais as *narrativas* podem ser contadas e as *identidades* reconstruídas. As autoras explicam que essa mediação diz respeito a esses processos que configuram uma transformação radical do lugar social na cultura (BRIGNOL; COGO; MARTÍNEZ, 2019). Nesse sentido, o acesso a estes espaços inaugura alternativas para a produção das *identidades* com vistas a uma luta por reconhecimento: “Podemos advertir que as redes digitais ocupam um lugar central na vida social e política, portanto, é um espaço de disputa que permite popularizar e visibilizar o acionar das organizações e dos coletivos sociais” (2019, p. 197, tradução nossa¹⁵⁸).

Nesta subseção, tivemos como objeto revisitar o novo *Mapa das mutações culturais e comunicativas contemporâneas* a partir da obra que destrincha cada elemento do modelo (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019). Nos detivemos na descrição dos eixos, elementos que atravessam sincronicamente e diacronicamente o mapa; e das mediações na tentativa de costurá-las. Nesse exercício, observamos aproximações muito nítidas entre todas elas: *narrativas*, *redes*, *cidadania* e *identidades*. A preocupação com as transformações estruturais no social em decorrência de processos de globalização; o caráter subjetivo e

¹⁵⁶ No original: “[...] son importantes políticas de reconocimiento de las diversidades y de conocimiento de los procesos de identificación y su importancia para muchos grupos sociales [...]”.

¹⁵⁷ No original: “[...] la comunicación cotidiana, necesariamente presidida por el simbólico y, por el imaginario”.

¹⁵⁸ No original: “Podemos advertir que las redes digitales ocupan un lugar central en la vida social y política y, por lo tanto, es un espacio de disputa que permite popularizar, expandir y visibilizar el accionar de las organizaciones y los colectivos sociales”.

simbólico do uso das tecnologias; o caráter político que se inaugura dos usos da mídia a partir de movimentos sociais são alguns temas que perpassam todas as mediações. Em especial, cabe destacar a sintonia do debate com a temática do reconhecimento. Sobretudo via a mediação da *cidadania*, o assunto emerge transversalmente em todas as demais mediações, conectando o *Mapa das mutações culturais* ao debate contemporâneo sobre diversidade e identidades culturais plurais em sintonia com a teoria do reconhecimento.

Tratando-se dos debates expostos ao longo das tematizações teóricas até aqui, identificamos uma demanda em relação a um trato complexo das identidades que seja capaz de responder às necessidades e inquietações teóricas e sociais do contexto contemporâneo. Apresentamos, a seguir, a perspectiva da interseccionalidade como uma ferramenta metodológica capaz de fornecer um arsenal de conceitos relevantes à pesquisa *implicada* de audiências, ou seja, comprometida politicamente com a singularidade dos sujeitos e de suas experiências. O feminismo negro, junto a autoras como Kimberlé Crenshaw e Avtar Brah, nos guia nesse enfrentamento.

5. INTERSECCIONALIDADE: ASPECTOS CONCEITUAIS E METÓDICOS

Discutir o conceito de “interseccionalidade” significa levar em conta a construção de uma mirada crítica e complexa acerca daquilo que forma o sujeito em suas dimensões materiais e subjetivas em relação com as estruturas de poder e o microssocial. Nesta Seção apresentamos o seu conceito “clássico” a partir da estadunidense Kimberlé Crenshaw, resgatando a perspectiva do feminista negro – berço¹⁵⁹ da ideia de interseccionalidade – e avançamos a partir da indiana Avtar Brah que insere a discussão próxima à perspectiva dos Estudos Culturais. Finalmente, aproximamos a interseccionalidade da noção de identidade e dos campos da comunicação e dos estudos de audiência.

Foi na década de 1990 que a estadunidense Kimberlé Crenshaw cunhou o termo “interseccionalidade” para construir “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (2002, p. 177). A autora é uma intelectual do campo jurídico e está pensando este conceito sob o prisma dos Direitos Humanos, dando destaque às injustiças que mulheres negras sofrem pelas ações judiciais. Por isso, Crenshaw está mais interessada em pensar a interseccionalidade como uma sobreposição de vias de opressão:

Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludente: o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Pensar interseccionalidade como sistema de opressões também ressoa no pensamento da brasileira Carla Akotirene. A autora, em diálogo com a pensadora feminista negra Patricia Hill Collins, propõe que a interseccionalidade não deve ser metodologicamente operacionalizada como uma soma de identidades, mas sim como uma via para interrogar as estruturas sociais que são materializadas nas identidades:

¹⁵⁹ O discurso de Sojourner Truth “*Ain't I a woman?*”, de 1861, em Ohio, é considerado um marco no relato de experiências de mulheres negras interessadas em denunciar não apenas a opressão racista, mas também a dominação sexista (DAVIS, 2016)

Mulher + negra + nordestina + trabalhadora + travesti + gorda, segundo a metodologia de Patricia Hill Collins, **trata-se da visão interseccional inválida** ao projeto feminista negro. A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. **Em vez de somar identidades, analisa-se quais as condições estruturais atravessam corpos**, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem **experiências modeladas por e durante a interação das estruturas**, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade (AKOTIRENE, 2019, p. 43-44, grifo nosso).

A elaboração, ainda que sucinta, de uma abordagem metodológica sobre a questão da interseccionalidade é uma contribuição importante da autora. Akotirene (2019), assim como Crenshaw (2002), ambas brevemente contextualizadas aqui, elaboram um vasto e qualificado pensamento sobre interseccionalidade a partir da experiência de mulheres negras, discutindo a sua presença no mundo como vítimas de uma série de opressões de raça, gênero e classe. Noutra perspectiva, menos ligada a uma concepção sistêmica de opressão e mais próxima da ideia de articulação (PISCITELLI, 2008) entre sujeitos e estrutura, destacamos a discussão de Avtar Brah, cuja noção de se apropria da noção de *experiência*¹⁶⁰, ajudando a elucidar a relação entre macro e microestruturas. Questões como essa dizem respeito à capacidade de agência dos sujeitos e aos modos com que se relacionam com o poder. Para discutir interseccionalidade Brah (2006), além de tratar da *experiência*, se aproxima também da ideia de *articulação* desde os Estudos Culturais, dialogando com as ideias de Stuart Hall. Para a autora, é pensando os marcadores como relacionados entre si, e não exclusivamente subordinados uns aos outros (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2019), que “[...] podemos focalizar um dado contexto e diferenciar entre a demarcação de uma categoria como objeto de discurso social, como categoria analítica e como tema de mobilização política” (BRAH, 2006, p. 353).

Para a autora, o produto da análise interseccional nunca terá caráter teórico totalizante. Ressalta que as interconexões entre marcadores como raça, gênero e classe devem ser explicadas “[...] como relações historicamente contingentes e específicas a determinado contexto”. (2006, p. 353). Interessada nas dinâmicas de interação entre o

¹⁶⁰ Muito cara para o pensamento feminista desde os seus primórdios, experiência vincula-se à ideia de que é nela – na experiência – que os sentidos são produzidos. Lugar de prática de atribuição de sentido, é também lugar de produção do sujeito. Não há, portanto, uma experiência verdadeira, tornando-se espaço de contestação, reiteração ou repúdio. São todas fruto da construção cultural (BRAH, 2006).

macro e o micro, ou entre estruturas e identidades, Brah vê na ideia de “articulação” a possibilidade de analisar as relações, por vezes conflituosas, entre discursos, práticas e posições de sujeito e subjetividades. Em seus debates sobre interseccionalidade, as noções de “diferença” e de “identidade” ganham estatuto de categorias analíticas.

Inicialmente, Brah se indaga, sob um viés interseccional, sobre como uma diferença se inscreve em outras diferenças. Mais do que preocupada com a “causa” do “respeito à diferença”, ou com as hierarquias de “diferentes” entre sujeitos de um mesmo grupo, Brah se questiona acerca da *produção da diferença*: quem a nomeia, quem a produz e a partir de quais critérios um determinado grupo é marcado como diferente. Daí, emerge o problema da conceituação da diferença que, segundo ela, pode ser definido de quatro formas: diferença como experiência; como relação social; como subjetividade ou como identidade.

A diferença como relação social “[...] refere-se à maneira como a diferença é constituída e organizada em relações *sistemáticas* através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais”. (BRAH, 2006, p. 362, grifo da autora). Podemos arriscar dizer que os metarrelatos caracterizam-se por essa essência explicativa totalizante capaz de atribuir valor às posições de sujeito, produzindo assim a norma e, conseqüentemente, a diferença. Contemporaneamente, com a multiplicidade de aparatos capazes de produzir e reproduzir narrativas, a mídia também cumpre essa função. Afinal, diferença como relação também pode ser entendida “[...] como as trajetórias históricas e contemporâneas das circunstâncias materiais e práticas culturais que *produzem as condições* para a construção das identidades de grupo” (2006, p. 363).

A discussão sobre diferença como subjetividade delinea pistas mais concretas para pensarmos identidade. Antes de definirmos a categoria, cabe situar que Avtar Brah compreende a subjetividade como produto da derrocada das grandes narrativas e da figura do Homem universal como figura unificada que ocupa o centro destes relatos. A partir da influência do pós-estruturalismo e dos debates decoloniais, a subjetividade passa a ganhar espaço de destaque na medida em que se compreende a “[...] noção de que o sujeito não existe sempre como um dado, mas é produzido no discurso” (2006, p. 366). Se em um primeiro momento essa constatação possa parecer problemática pois ela apaga a capacidade de agência do sujeito, segundo Brah, feministas evocaram a psicanálise para

argumentar a favor das brechas e das micropolíticas do cotidiano. Portanto, resumidamente, a noção de diferença como subjetividade diz respeito ao entendimento sobre “[...] os investimentos psíquicos que fazemos ao assumir posições específicas de sujeito que são socialmente produzidas” (2006, p. 368), concordando que estes investimentos podem se dar em diferentes níveis de concordância ou rejeição com o sentido hegemônico.

A noção de diferença como identidade, por outro lado, é mais ampla, abarcando as demais dimensões, podendo estar ligada a questões de experiência, de relação social e de subjetividade, afinal

Identities são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é *experimentada* como identidade (BRAH, 2006, p. 371, grifo da autora).

Portanto, a noção de identidade construída a partir da diferença diz respeito às condições precárias, contraditórias e instáveis que dão sentido ao mundo ao mesmo tempo em que produz *autorreconhecimento*. Brah destaca que a diferença também funciona como um elemento aglutinador de sujeitos que se reúnem em torno de uma identidade coletiva. “Identidade coletiva é o processo de significação pelo qual experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação – classe, casta ou religião – são investidas de significados particulares.” (BRAH, 2006, p. 372).

A autora avança em sua discussão sobre identidade tecendo uma costura interessante entre as noções de práticas e poder. A partir da concepção de diferença como identidade, Brah ressalta que ela é um regime subjetivo em eterna construção e reconstrução, processo este que se dá essencialmente através da invocação de discursos apresentando a visão do grupo social enunciador. Lembra, então, que “toda formação discursiva é um lugar de poder [...]” (2006, p. 373), e que não há lugar de poder “onde a dominação, subordinação, [...] ou as condições de afinidade, convivialidade e sociabilidade sejam produzidas e asseguradas de uma vez por todas” (2006, p. 373). A autora, então, conclui que o poder é *performatizado* em *práticas*, sejam elas econômicas, políticas ou culturais. São nessas instâncias em que as formações discursivas sobre as identidades

circulam, produzindo seus diversos efeitos. A conclusão, fruto deste raciocínio e em diálogo com Michel Foucault, é de que “se a *prática* é produtiva de poder, então a *prática* é também um meio de enfrentar as práticas opressivas do poder” (BRAH, 2006, p. 373, grifo da autora). A autora situa os meios de comunicação como lugar de “prática”: “A imagem visual também produz poder, donde a importância de entender o movimento do poder nas tecnologias do olho – artes visuais como a pintura e a escultura, prática do cinema e dança, e os efeitos visuais das tecnologias comunicação” (2006, p. 373).

Resgatando o debate sobre interseccionalidade em meio a este percorrido teórico sobre identidade a partir de Brah, podemos interpretar que a principal contribuição da autora é jogar luz sob a noção de agência dos sujeitos, mesmo em um contexto de opressão. Ao lançar mão de conceitos como *articulação*, *diferença como identidade* e de *práticas*, a autora sinaliza que, assim como a diferença pode ser construída interseccionalmente a partir de múltiplos discursos de opressão, ela também pode adquirir outros sentidos. Conclui, assim, que “é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política” (2006, p. 374).

5.1 Contribuições para a pesquisa de audiências

A discussão da qual trata Brah (2006) pode encontrar ressonâncias no campo da comunicação, em especial nos estudos interessados na relação entre sujeitos e mídia. Se, conforme a autora, a prática discursiva é produtora de poder, bem como de espaços de resistência, que lugar os meios de comunicação ocupam nessa configuração? Desde a consolidação dos Estudos Culturais, compreendemos a íntima relação entre processos de comunicação e a manutenção de diferentes posicionalidades: “Nas sociedades modernas, diferentes tipos de mídia são lugares especialmente importantes para a produção, reprodução e transformações de ideologias” (HALL, 2015, p. 105, tradução nossa¹⁶¹). Podemos falar de diversos tipos de formações discursivas¹⁶² que estruturam diferentes

¹⁶¹ No original: “In modern societies, the different media are especially important sites for the production, reproduction and transformation of ideologies”.

¹⁶² O debate sobre formações discursivas é longo e está relacionado a outras formações sociais das sociedades modernas, como as econômicas, as culturais e de conhecimento, e as da vida cotidiana. As

naturezas de representações e de processos comunicacionais. Dentre elas, damos destaque àquelas baseadas em concepções hegemônicas de gênero, sexualidade, classe, raça, geração, entre outros marcadores.

Rádio, televisão, filme, música popular, Internet, redes sociais e outros formatos e produtos da cultura midiática proporcionam materiais dos quais nós forjamos nossas próprias identidades, incluindo nosso senso de individualidade; nossa noção de o que significa ser homem ou mulher; nossa concepção de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, sexualidade; e de divisão do mundo em categorias de “nós” e “eles” (KELLNER, 2015, p. 7, tradução nossa¹⁶³).

A interseccionalidade pode servir como uma ferramenta analítica útil para o desvelamento e análise dos códigos que estabilizam as noções de gênero, sexualidade, classe e raça na mídia; bem como para explicar os diferentes sentidos produzidos pelas audiências no processo de recepção. Uma abordagem interseccional, portanto, pode contribuir para responder aos questionamentos de Brah (2006), que dizem respeito a como as diferenças são produzidas no plano dos meios de comunicação. Mais do que produzidas, também estamos preocupados acerca das condições em que elas são apropriadas, a partir de quais práticas e com quais reverberações para a produção de identidades.

Assim, consideramos que a interseccionalidade possa dar a sustentação necessária para tratar a produção de identidades. Afinal, no cenário de crise das referências e das subjetividades, o nosso tempo convoca diferentes paradigmas para problematizar os fenômenos do mundo contemporâneo, novos fluxos comunicacionais e descentramento das identidades. Nesse cenário, os estudos de audiência adquirem papel relevante ao colocar como questão central a produção e os usos do discurso midiático por sujeitos. Portanto, a fim de avançar e dar conta da complexidade das identidades culturais

discursivas abarcam discursos e representações. Diz respeito às coerências e às contradições de um conjunto de enunciado de determinado campo de saber (econômico, publicitário, feminista, etc.). Tais enunciados, repetidos e organizados, funcionam como uma matriz de sentidos que informa diversos âmbitos do mundo social, incluindo as identidades (JACKS, 2018).

¹⁶³ No original: “Radio, television, film, popular music, the Internet and social networking, and other forms and products of media culture provide materials out of which we forge our very identities, including our sense of selfhood; our notion of what it means to be male or female; our conception of class, ethnicity and race, nationality, sexuality; and division of categories of ‘us’ and ‘them’.”

contemporâneas, nos apropriamos da perspectiva da interseccionalidade, desvelando assim um conjunto de análises mais elaboradas sobre o objeto em questão.

De fato, este é um dos maiores desafios para o campo hoje, inquietação inclusive destacada pelo pesquisador colombiano Omar Rincón em sua fala de abertura do evento comemorativo dos *30 anos de De los medios a las mediaciones* na Fabico/UFRGS, em 2017. Levando em consideração o papel histórico da mídia de massa em proporcionar representações que estabilizam noções de gênero, sexualidade, geração e classe social; o debate sobre interseccionalidade é imperativo. Para além de analisar as ditas representações, é urgente articular essa perspectiva junto aos sujeitos que estão produzindo sentido sobre estas mensagens. Concordando com Gill (2007, p. 28, tradução nossa¹⁶⁴), a interseccionalidade, nesse contexto, pode permitir “[...] pensar sobre o entrelaçamento de discursos de raça, gênero, sexualidade, classe e por aí vai, rastreando diferentes padrões de desejo, desprezo, medo e exotização” no discurso dos sujeitos sobre a mídia em interface com as múltiplas mediações que compõem o contexto sociocultural de diferentes grupos sociais.

Em artigo publicado por Libardi e Jacks (2021), os autores avançam no debate sobre métodos de análise interseccional, identificando, a partir de abordagens feministas sobre o tema, que a abordagem *intercategorical* apresentada por McCall torna-se a mais apropriada para os estudos de audiências. A abordagem apresentada pela autora possui inspiração comparativa, situação em que se privilegiam grupos sociais variados para, *a posteriori*, identificar recorrências, antagonismos, etc. Vale mencionar, ainda, que esta abordagem pressupõe pontos de partida: é preciso definir, *a priori*, algumas “lentes” para observar o fenômeno ou objeto, ou seja, eleger marcadores sociais que, a partir da experiência do pesquisador com as categorias, possam ser mais relevantes. Isso, por óbvio, não impede a incorporação de outros marcadores nas análises posteriormente. Referente a essas escolhas, o antropólogo Carlos Henning diz que:

[...] não necessariamente é preciso desenvolver a análise de uma infinidade de marcadores em toda e qualquer análise social, mas atentar para o entrelaçamento daqueles que se mostram relevantes contextualmente, ou seja,

¹⁶⁴ No original: “[...] *thinking about the intertwining of discourses of race, gender, sexuality, class and so on, tracing different patterns of desire, contempt fear and exoticization*”.

partindo de análises atentas às diferenças que fazem diferença em termos específicos, históricos, localizados e, obviamente, políticos. (HENNING, p. 111)

Partindo deste conjunto de pressupostos, Libardi e Jacks, a partir do *paradigma construcionista* da interseccionalidade (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008) e filiados a uma *abordagem sociocultural* das audiências, concluem que:

[...] a estratégia qualitativa torna-se a possibilidade mais plausível para amparar, em termos metódicos e técnicos, os estudos realizados. Sendo o método qualitativo interessado nas questões não-quantificáveis e priorizando o nível da subjetividade, técnicas discursivas como entrevista, história oral, história de família, entre outras, são as mais indicadas. Investigar consumo midiático e recepção, atentando para as relações destas práticas junto à conformação das identidades em perspectiva interseccional, requer estratégias metodológicas que possibilitem que os interlocutores produzam narrativas sobre suas experiências (LIBARDI; JACKS, 2021).

Delineada a forma com que a *interseccionalidade* é apropriada nesta pesquisa, seguimos com a próxima Seção apresentando os procedimentos metodológicos adotados, levando em consideração o que foi tratado nesta subseção e, também, a partir das prerrogativas dos Estudos Culturais, perspectiva à qual o estudo se filia.

6. ESTRATATÉGIA METODOLÓGICA

A construção dos procedimentos metodológicos da pesquisa deve estar em sintonia com seu problema, objetivos e paradigma, e em diálogo com o tempo histórico no qual ela se situa. Lopes (2014) afirma que esta dupla preocupação – interna e externa – é princípio elementar na produção do discurso científico, preenchendo o estatuto de *princípio de responsabilidade científica*. Nesta seção, serão abordados os procedimentos metodológicos para coleta e análise dos dados da pesquisa, explicitando o método, as técnicas e operações realizadas. Visamos, portanto, contextualizar as decisões tomadas, evidenciando suas potencialidades e limites, com vistas a um maior rigor epistemológico e contribuindo para a qualidade do seu desenvolvimento.

Dividimos a exposição a partir da explicitação dos processos nas etapas observacionais e documentais. As escolhas metodológicas realizadas em cada etapa fundamentam-se em um campo epistêmico, ou seja, a um paradigma que funciona como um orientador de um conjunto de operações teórico-metodológicas. Lopes argumenta a favor da orientação paradigmática pois “são decisões que dizem respeito à utilização de modelos interpretativos de análise, à seleção e operacionalização de conceitos, à formação de hipóteses, ao uso de determinadas técnicas de coleta de dados, etc.” (2014, p. 91). O paradigma ao qual nos filiamos nesta pesquisa, como dissemos anteriormente, são os Estudos Culturais, com maior ênfase à sua linha de investigação latino-americana. Veremos, na subseção seguinte, os desdobramentos metodológicos consequentes desta filiação.

6.1 Estudos culturais e a abordagem qualitativa

Conforme elucidado por Lopes (2014), o método¹⁶⁵ é imposto pela teoria: “A teoria é que dota de rigor lógico a seleção e a combinação dos métodos” (2014, p. 104). O marco teórico dos Estudos Culturais, através da sua proposição política, de suas especificidades

¹⁶⁵ Lopes é específica ao diferenciar “metodologia” de “método”, indicando que o primeiro tem a ver com uma “metateoria”, determinando modelos teórico-metodológicos; enquanto o *método* “[...] é entendido como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação” (2014, p. 94).

epistemológicas e da seleção de seus objetos de estudo, reivindica uma abordagem metodológica que seja capaz de captar e articular essas dimensões nas práticas dos sujeitos deflagradas no cotidiano. Desde a fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* em Birmingham na década de 1960, pesquisadoras e pesquisadores da corrente inglesa, bem como latino-americanos, estadunidenses, australianos, etc., concordam que a centralidade do contexto da pesquisa ou, seguindo Lopes (2014), do *tempo histórico* em que ela se desenvolve, é crucial para pesquisas desenvolvidas no âmbito dos Estudos Culturais. Conforme colocado por Lawrence Grossberg (1997, p. 255, tradução nossa¹⁶⁶), “[...] resumindo, para os estudos culturais tudo é contexto e tudo é contextual”, o que pode implicar variados níveis de observação: é possível tratar do contexto da instituição onde ocorre o fenômeno observado (escola, fábrica, igreja, etc.), do bairro, de uma região urbana mais ampla; ou, ainda, contextualizar de acordo com as condições da globalização, por exemplo. Cabe ao autor, através das operações realizadas na construção do problema de pesquisa, tecer os limites deste contexto. Pois, se *tudo é contexto*, essa etapa descritiva não teria um fim. O contexto desta pesquisa, conforme desenvolvemos na *Introdução*, é o tempo histórico do *Brasil polarizado* deste início de século XXI, pós-Junho de 2013, num cenário de reconfiguração do espaço público e das lutas identitárias.

A delimitação teórica da pesquisa reúne, entre outras formulações, as *regras de interpretação*, sendo concebidas como parte integrante do processo metodológico (LOPES, 2014). Portanto, a estratégia metodológica deve responder às exigências da teoria em seus aspectos epistemológicos, ou seja, exige estar em sintonia com os compromissos paradigmáticos que a fundamentam. Os Estudos Culturais consagram o *método qualitativo* como preferencial em seus estudos. Implicados em uma perspectiva *compreensiva* e *construcionista* das relações socioculturais e no interesse político de investigar a circulação do poder¹⁶⁷, pesquisadores e pesquisadoras comprometidos com este marco teórico consideram que uma abordagem qualitativa “[...] tem sido inovadora

¹⁶⁶ No original: “[...] to put it succinctly, for cultural studies context is everything and everything is contextual”.

¹⁶⁷ Para Winter (2004, p. 119, tradução nossa), “[...] uma análise semiótica de um filme de Hollywood ou uma investigação etnográfica de mundos culturais sem menção às relações entre cultura e poder, não pertence aos estudos culturais”. No original: “[...] a semiotic analysis of a Hollywood film or the ethnographic investigation of cultural worlds with no mention of the relation between culture and power do not belong to cultural studies”.

ao resistir ao domínio dos procedimentos quantitativos e desenvolvendo novas alternativas teóricas e metodológicas” (WINTER, 2004, p. 121, tradução nossa¹⁶⁸). Nos Estudos Culturais, a opção pelo qualitativo e a relevância da descrição do contexto permitem uma investigação das práticas sociais de modo que não se perca de vista a dialética estabelecida entre o micro e o macro, o individual e a estrutura¹⁶⁹. A estratégia metodológica que delinea esta pesquisa é, portanto, fundamentada no método qualitativo. Resumindo, Flick, Kardoff e Steinke (2004, p. 28) definem que “a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”. Esse tipo de pesquisa fornece um conjunto de técnicas úteis para o trato com dados não-mensuráveis como relatos, práticas cotidianas e de consumo, interações entre humanos ou entre humanos e tecnologias, etc. A seguir, é explicitado de que modo este método é empregado no âmbito das técnicas de pesquisa observacionais.

6.1.1 Etapa observacional

Os dados observacionais dizem respeito à empiria da pesquisa, ou seja, àquilo que é coletado em pesquisa de campo e posteriormente analisado através da articulação teórica. Conforme elucidado por Lopes (2014), esta fase tem como objetivo empreender uma reconstrução empírica da realidade. A *experiência*, portanto, é o substrato essencial da pesquisa qualitativa, podendo ser analisada a partir de diferentes perspectivas.

A **técnica de pesquisa** qualitativa empregada para este estudo é a *entrevista semiestruturada*. A entrevista, por si só, é definida por Alonso (1995, p. 225), como “[...] um processo comunicativo pelo qual um pesquisador extrai uma informação de uma pessoa – o informante”. O contato entre pesquisador e entrevistado, portanto, é condição

¹⁶⁸ No original: “[...] *it has been innovative in resisting the dominance of quantitative procedures and developing new theoretical and methodological alternatives*”.

¹⁶⁹ O campo da Economia Política da Comunicação é conhecido por criticar o valor político dos Estudos Culturais. No estudo do cotidiano e das práticas, haveria um suposto esvaziamento das preocupações com a estrutura e a produção dos discursos ideológicos por parte das indústrias culturais. Embora esta insinuação encontre correspondência em alguns estudos, conforme observa Escosteguy (2001), muitos indícios já foram descritos demonstrando que as práticas podem ser *locus* privilegiados para se observar a reprodução do poder, bem como táticas de negociação e oposição. Sobre esta discussão, ver Jacks; Caparelli (2006), Repoll (2010) e Libardi (2019b).

básica da entrevista. A sua condição semiestruturada pressupõe que há um roteiro com temas a serem tratados e algumas perguntas direcionadas. Entretanto, o pesquisador é livre para explorar outras questões a partir das respostas do interlocutor. Duarte (2006, p. 66) expõe que “a entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador”.

A partir do problema de pesquisa e dos objetivos delineados, propomos a investigação junto a distintos grupos sociais. Nos filiamos ao campo da Sociologia, compreendendo que o termo *grupos sociais* “denota um número de indivíduos, definidos por critérios formais ou informais de associação, que compartilham de alguma identidade ou são ligadas por um padrão relativamente estável de interação social” (BRUCE, YEARLEY, 2006, p. 128, tradução nossa¹⁷⁰). Este conceito nos ajuda apenas em termos de seleção amostral. Em termos analíticos, aceitar significados universais e transpô-los para explicar as *experiências* individuais seria cair na armadilha da essencialização das identidades.

Os grupos sociais estudados, que constituem os dados primários desta pesquisa, são as minorias progressistas e conservadoras. As “minorias” foram definidas enquanto tal a partir do compartilhamento de uma *dimensão de subalternidade* de algum dos três marcadores sociais da diferença: *raça, gênero e sexualidade*. Por dimensão subalterna, compreendemos a(s) “parte(s)” (DUMONT, 1999) internas do marcador cuja distribuição do valor se dê de maneira desigual em decorrência das respectivas estruturas de *raça, gênero e sexualidade*. Ou seja, buscamos contemplar, em todos os entrevistados, pelo menos uma dimensão de subalternidade em algum dos seus marcadores sociais. No marcador de *raça*, a subalternidade encontra-se na sua dimensão não-branca, ou seja, em pessoas negras ou indígenas. No *gênero*, consideramos as pessoas não-homens-cis como aquelas marcadas por um gênero subalterno – a saber, mulheres-cis, pessoas trans e não-binárias. E no marcador de *sexualidade*, localizamos a subalternidade entre pessoas não-heterossexuais, ou seja, homossexuais (gays/lésbicas), bissexuais e pansexuais. É importante mencionar que entendemos que, mesmo entre as dimensões, há lógicas

¹⁷⁰ No original: “[...] denotes a number of individuals, defined by informal or formal criteria of membership, who have some shared sense of identity or are bound by relatively stable patterns of social interaction.”

internas de distribuição valor, a depender das situações da experiência. Quer dizer, na categoria gênero, as dimensões “mulher cis” e “mulher trans”, a medida de subalternidade não é a mesma: mulheres trans, em geral, têm maiores chances de sofrer violência e estigmatização a partir do que é hegemônico em termos de estruturas de gênero no mundo ocidental. O mesmo se aplica às demais categorias. Também, é importante destacar que o caráter apriorístico da seleção destes três marcadores sociais deixa aberta a possibilidade da emergência de outros componentes inesperados, como religião, língua, condições de saúde, etc.

Entrevistamos 20 pessoas – 10 progressistas e 10 conservadoras. Em termos práticos, selecionamos os interlocutores a partir de três estratégias: através da *técnica de bola de neve*, em que uma pessoa próxima ao pesquisador indica alguém para a entrevista, e em seguida esta sugere alguém do seu círculo social para também ser entrevistado. Entre as minorias progressistas esta prática foi a mais utilizada. Levando em consideração que o pesquisador se localiza politicamente no campo progressista, foi relativamente fácil encontrar as minorias de esquerda para entrevistar. Encontrar as minorias de direita foi mais complexo e demandou outras duas estratégias. Uma delas foi a partir do *Grindr*, aplicativo de relacionamento gay que funciona através de geolocalização¹⁷¹. Além desta, também fizemos buscas em variadas páginas do *Instagram* de direita, como *Conservadores do Brasil*¹⁷², *Mundo conservador*¹⁷³, *Gays com Bolsonaro*¹⁷⁴, *Mulheres com Bolsonaro*¹⁷⁵ e, também, no perfil pessoal de Jair Bolsonaro¹⁷⁶ e do atual presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargo¹⁷⁷. Nessas páginas e perfis, verificamos as postagens mais recentes buscando, nos comentários, perfis de minorias apoiadoras do conteúdo da postagem, o que já nos garantia a real filiação ao conservadorismo. Ao identificar alguma

¹⁷¹ A tela do aplicativo mostra uma sequência de pessoas, também conectadas ao aplicativo, que estão próximas ao usuário. Mesmo estando em Porto Alegre, é possível olhar perfil de pessoas em outros lugares. Foi assim, alterando a localização para diversas partes do Brasil, que abordamos diversos LGBTs+ explicando sobre o estudo, perguntando sua coordenada política e convidando-o/a para participar da pesquisa. Tivemos relativo sucesso com esta forma de procurar interlocutores.

¹⁷² @conservadoresbr.

¹⁷³ @mundoconservadorbr.

¹⁷⁴ @gayscombolsonaro.

¹⁷⁵ @mulherescombolsonaro.

¹⁷⁶ @jairmessiasbolsonaro.

¹⁷⁷ @sergiodireita.

minoria ativa dentre os comentários, íamos diretamente no perfil da pessoa e mandávamos uma mensagem *inbox* convidando para participar da pesquisa¹⁷⁸: Esta foi a estratégia que mais tivemos sucesso em conseguir pessoas que concordassem em participar do estudo.

Os **instrumentos** de pesquisa utilizados são questionário e roteiro de entrevista. O questionário foi enviado aos sujeitos pesquisados através de *link* para preenchimento no *Google forms*, o que agilizará a produção do relatório de dados quantitativos. O objetivo do questionário é levantar, panoramicamente, informações a respeito do consumo midiático das pessoas entrevistadas, sendo possível desenhar um cenário geral dos canais mais vistos, redes sociais mais acessadas, em que momentos do dia, etc. O questionário pode ser visualizado no Apêndice A.

O roteiro de entrevista tem como objetivo destrinchar as práticas de consumo midiático reveladas no questionário, bem como imergir em outros assuntos, como atividades da rotina, consumo cultural e as relações entre política, mídia e diversidade. A tematização destas questões é guiada por algumas perguntas-chaves. No entanto, alinhados com a técnica da entrevista semiestruturada, as questões do roteiro têm a flexibilidade necessária para que o contato entre pesquisador e entrevistado(a) ocorra de modo fluido e no tom de uma conversa informal. Essa dinâmica pressupõe, também, a geração de novas perguntas que possam surgir a partir da fala dos sujeitos entrevistados, enriquecendo a empiria da pesquisa. O roteiro pode ser visualizado no Apêndice B.

A conversa com os sujeitos entrevistados foi realizada através de plataformas de videoconferência, facilitando o acesso aos mesmos, uma vez que o contexto de pandemia de COVID-19 não permitiu que a pesquisa empírica pudesse ser realizada pessoalmente.

¹⁷⁸ A mensagem enviada teve o seguinte padrão, podendo variar sutilmente de acordo com a pessoa abordada: "Oi, [nome da pessoa]! Tudo bem? Primeiramente, desculpe a intromissão aqui. Me chamo Guilherme, sou de Porto Alegre, doutorando em comunicação na UFRGS. Minha pesquisa tem a ver com as múltiplas maneiras com que diferentes segmentos ideológicos vêm se relacionando com alguns conteúdos presentes na mídia hoje em dia. Gostaria de conversar com algumas pessoas que se consideram conservadoras, e acabei chegando ao seu perfil através de um comentário na página [nome da página/perfil] :) Então, lhe pergunto se você toparia contribuir com meu estudo! Funciona assim: inicialmente te mando um questionário com algumas perguntas simples sobre o teu consumo de mídia pré-pandemia e durante, e num segundo momento combinamos uma ligação por voz para aprofundarmos algumas questões. Tua identidade não será revelada em nenhum momento! Me diz se você tiver alguma dúvida. Muito obrigado pela atenção!"

Em seguida, realizamos a decupagem das entrevistas no *software Sonal*¹⁷⁹, que foram importadas para dois *softwares* de tratamento de dados qualitativos: O *Nvivo* v. 1.3 e o *Iramuteq* v. 0.7 alpha 2. Ambos têm múltiplas funcionalidades e permitem leituras dos dados a partir de diversos ângulos e camadas. Para este estudo, o *NVivo* facilitou a criação de categorias (*códigos*) por perfil/marcadores, por temáticas e também o cruzamento de múltiplas categorias através da criação de matrizes. Para que as categorias fossem criadas, precisamos eleger aquelas que nos interessariam e especificar de que forma o *software* entenderia que determinado termo da transcrição da entrevista deve ser incorporado a determinada categoria. Para isso, definimos um conjunto de palavras específicas que, ao nosso ver, estariam relacionadas a determinada categoria, conforme o Quadro seguinte:

Quadro 16 – Categorias e termos buscados (*Nvivo*)

CATEGORIAS	TERMOS BUSCADOS ¹⁸⁰
Classe	Classe; pobre; pobreza; rico; riqueza; elite; dinheiro; fortuna; grana; marginal; periferia; periférico; classista.
Gênero	Gênero; homem; mulher; masculino; masculinidade; feminino; feminilidade; guri; moleque; cara; rapaz; moça; misoginia; misógino.
Raça	Raça; cor; etnia; negro; preto; pardo; colorismo; branco; racismo; racista; branquitude.
Religião/Espiritualidade	Religião; religioso; deus; jesus; santo; bíblia; bíblico; evangelho; cristão; cristo; anjo; rezar; orar; oração; igreja; templo; missa; fé; sagrado; umbanda; roça; terreiro; macumba; pastor; espiritismo; espírita; ateu; ateísmo; batuque; ebó; axé; eparrei
Sexualidade	Sexualidade; LGBT; homossexual; gay; lésbica; bissexual; bi; viado; bicha; poc; sapatão; queer; homofóbico; homofobia; lesbofobia; bifobia.
Diversidade	Diversidade; diverso; diversificado.
Consumo midiático/Recepção	Consumo; mídia; televisão; TV; cabo; novela; jornalismo; notícia; programa; rádio; revista; jornal; internet; redes sociais; aplicativo; instagram; facebook; tinder; grindr; hornet; happn; tiktok; computador; celular; smartphone; tablet; streaming; netflix; download; baixar; pirata; fake.
Política	Política; progressista; conservador; direita; esquerda; comunismo; ditadura; partido; ministério; ministro; presidente; governador; prefeito; vereador; votação; votar; eleição; lei; PL; Fernando Henrique; FHC; Lula; Dilma; Temer; Bolsonaro.

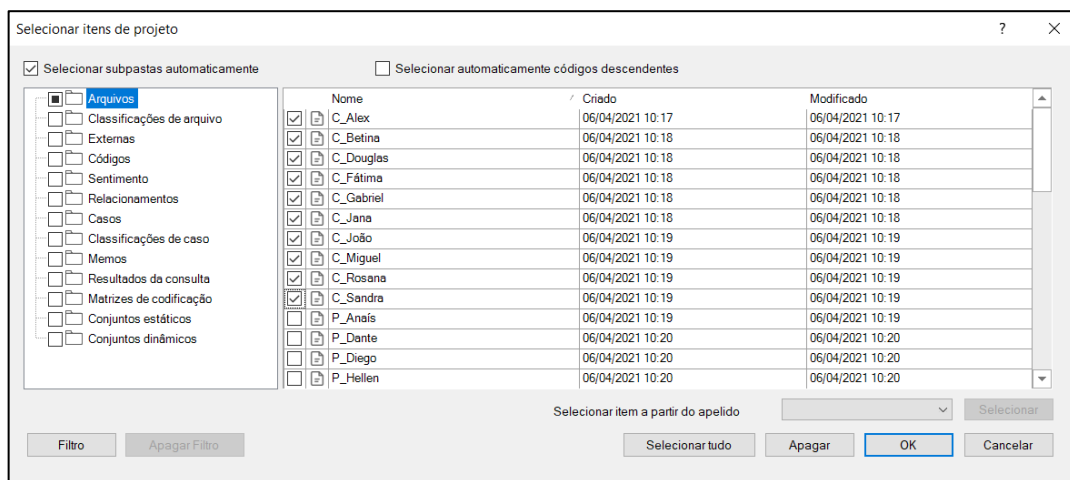
Fonte: elaborado pelo autor.

¹⁷⁹ *Software* de acesso livre elaborado para facilitar a transcrição de entrevistas através de atalhos e demais funcionalidades.

¹⁸⁰ Os termos desta coluna foram buscados no singular e no plural e no masculino e feminino, quando coube.

No *Nvivo*, utilizamos a ferramenta *Pesquisa de texto* para buscar os termos da categoria que gostaríamos de explorar. Inicialmente, selecionamos as transcrições em que o *software* realizaria a busca pelos termos. Para fins de exemplo, na imagem abaixo é possível ver que selecionamos todas 10 as entrevistas com conservadores (C_):

Figura 12 – Tela *Nvivo* 01

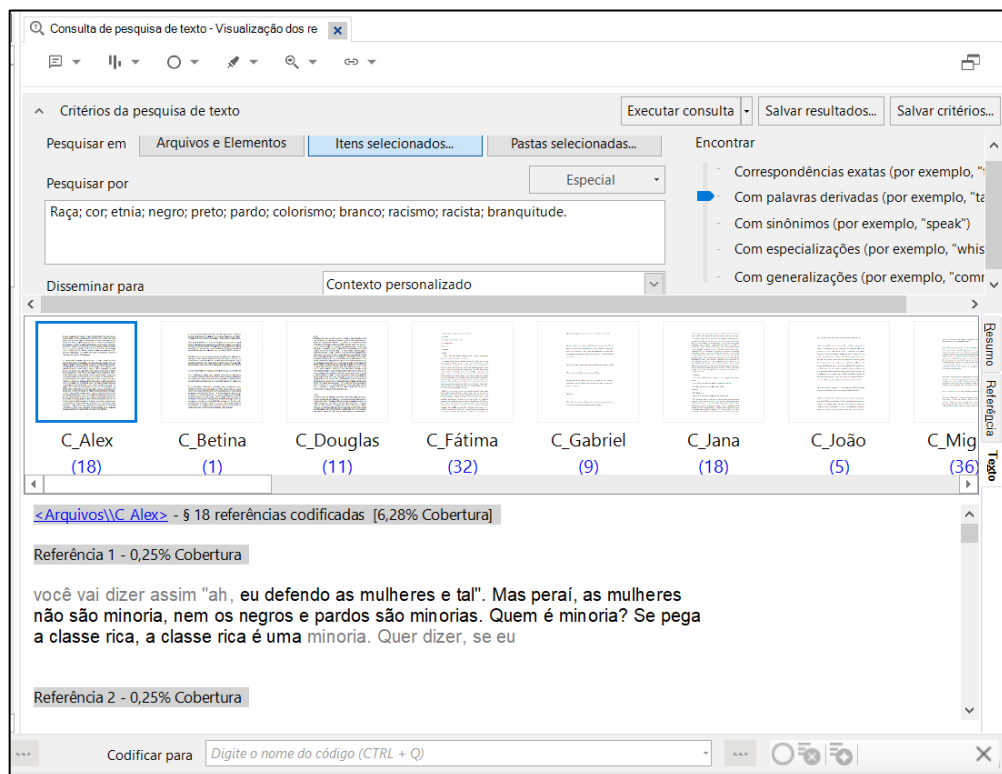


Fonte: *Nvivo*.

O segundo passo foi eleger a categoria a ser explorada. Por exemplo, *Raça*. No campo *Pesquisar por* inserimos todos os termos referentes à categoria, conforme Quadro anterior. Em seguida, definimos mais duas configurações para que os resultados da busca pudessem exibir tudo o que gostaríamos de ver acerca da categoria. A primeira, foi em *Encontrar*, local em que delimitamos que a busca pelos termos deveria ser *Com palavras derivadas*. Assim, garantimos que as variações em termo de número e gênero dos termos seriam localizadas também. Na sequência, em *Disseminar para*, escolhemos *Contexto personalizado* e definimos que o *software* exibiria 15 palavras antes do termo e 15 palavras depois. Assim, teríamos as 30 palavras em torno do termo. Esta quantidade é importante por dois motivos: um deles é subjetivo: garantir que teríamos como entender com mais precisão o contexto em que o termo estava sendo utilizado na fala dos interlocutores. O segundo motivo é técnico e diz respeito ao uso do outro *software*, o *Iramuteq*. Nele, a análise de padrões discursivos se dá analisando blocos de três linhas, no

mínimo. Com 30 palavras, conseguimos ter esta quantidade de linhas. Como exportamos os dados (excertos de transcrições) das categorias formuladas no *Nvivo* para o *Iramuteq*, esta decisão metodológica foi relevante. Explicaremos melhor os procedimentos com o *Iramuteq* em breve. Retomando o uso do *Nvivo*: com os arquivos (transcrições) em que a busca deveria se dar selecionados, os termos inseridos, a configuração em *palavras derivadas e contexto personalizado* (30 palavras), a consulta estava pronta para ser executada:

Figura 13 – Tela *Nvivo* 02

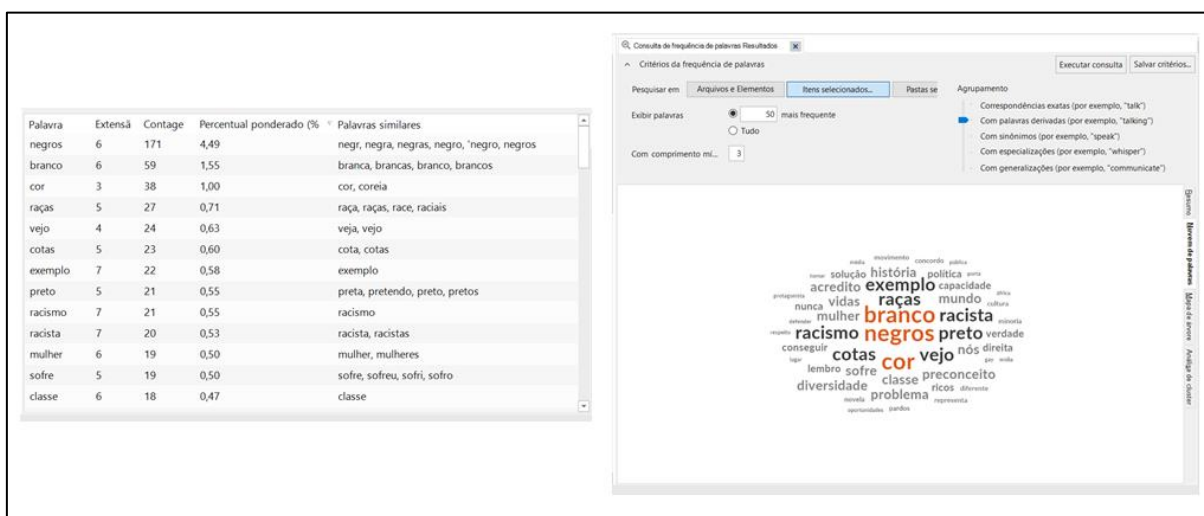


Fonte: *Nvivo*.

O resultado destas operações é a exibição de todos os excertos em que determinado termo surge na transcrição de cada entrevistado. Os números entre parênteses na Figura anterior indicam a quantidade de vezes que os termos buscados surgiram nas falas. Após isso, copiamos todas as referências e criamos a categoria *Raça*. Concluída esta etapa de organização da categoria, foi possível criar *Nuvens de palavras* com as expressões mais

repetidas a partir dos excertos coletados. A criação¹⁸¹ destas imagens permitiu visualizar as palavras que mais surgiram próximas aos termos buscados, conforme a Figura seguinte:

Figura 14 – Tela Nvivo 03



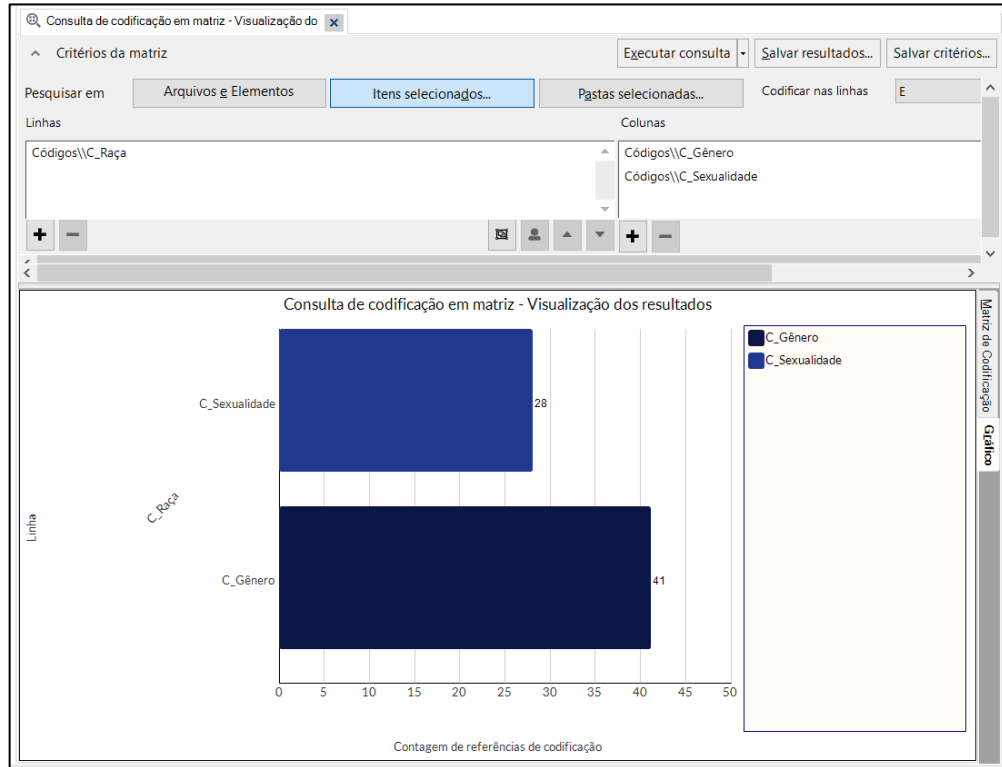
Fonte: Nvivo.

No Nvivo, também trabalhamos com a ferramenta de *Consulta de codificação em matriz*. Nela, é possível cruzar códigos, identificando que excertos de uma categoria aparece, simultaneamente, em outra. Em *Linhas*, inserimos uma categoria; e em *Colunas*, aquelas que seriam cruzadas¹⁸². Essa operação metodológica pode ser visualizada na imagem seguinte, que demonstra que, de todas referências contidas em *raça*, 28 tratam, também, de *sexualidade*; e 41, de *gênero*:

¹⁸¹ Também precisamos realizar algumas configurações. Inicialmente, elegemos quantas palavras gostaríamos que fossem exibidas na nuvem. Definimos uma proporção com base no número de palavras encontradas: entre 400 e 1.500, mostrar as 50 mais repetidas; acima de 1.500, as 75 mais frequentes. Após, indicamos que fossem consideradas palavras com, no mínimo, três letras. Por fim, configuramos que o *Agrupamento* se daria *Com palavras derivadas*, assim indicamos que o *software* contabilizasse, como uma mesma palavra, as suas anômalas. Ao *Executar consulta*, visualizamos todos os 50 ou 75 termos e tiramos do *corpus* aqueles sem valor interpretativo, como conjunções e artigos.

¹⁸² Por exemplo, a categoria *Raça* em linha e *Gênero* e *Sexualidade* em colunas. Dessa forma, conseguimos identificar que excertos de transcrições contidos em *raça*, também aparecem em *gênero* e *sexualidade*, nos ajudando a observar, assim, as interseccionalidades.

Figura 15 – Tela Nvivo 04



Fonte: Nvivo.

Além do Nvivo, como dissemos, fizemos uso do Iramuteq. Esse software de análise textual funciona através de Linguagem R. Portanto, inicialmente, instalamos o software estatístico R, programa que se integra ao Iramuteq permitindo a elaboração de gráficos via computação estatística. Acerca do seu funcionamento, o mais importante a se destacar para este estudo é que ele funciona através da identificação de *segmentos de texto* (ST), que equivale a um conjunto de cerca de três linhas – como dissemos anteriormente quando explicamos o porquê das 30 palavras no *contexto personalizado* no Nvivo. O aproveitamento de *segmentos de texto* diz respeito a quanto do material transcrito foi possível de ser organizado em segmentos de texto. De acordo com manuais (SALVIATI, 2007; TAVARES, 2019) Um aproveitamento abaixo de 70% significa que o material pode não ser representativo para análise.

No Iramuteq, nos valem de duas funções que nos ajudam a observar diferentes correlações entre os padrões semânticos identificados pelo programa. A *Classificação hierárquica descendente* (CHD) é representada na imagem de um dendrograma. As

primeiras palavras da lista das classes, também representadas em tamanho de fonte maior, costumam ser as mais relevantes para a descrição do agrupamento. Esta análise busca, nos ST, vocabulários semelhantes entre si, formando assim *classes* conforme os diferentes padrões lexicais. A disposição das classes no dendrograma indica a proximidade e oposição entre as mesmas. Classes de um mesmo bloco possuem mais relação ou proximidade entre si. Classes de blocos separados indicam que há pouca ou nenhuma relação entre elas.

A segunda função utilizada foi a *Análise de similitude* (AS), realizada através da *teoria dos grafos*¹⁸³, seu resultado auxilia na visualização da ligação entre as palavras do *corpus* reproduzindo a construção do discurso e dando maior destaque às palavras que serviram como base para a elaboração do raciocínio do entrevistado ou do grupo estudado. A visualização revela os elementos mais expressivos, que servem como base para o discurso, exibindo-os em fonte e intensidade maiores (nível do negrito). Estes, conectam-se a demais expressões através de ramificações de diferentes espessuras. Quanto mais espessa, mais forte é a correlação entre os termos conectados. Geralmente, conexões fortes indicam que a associação é recorrente em diversas entrevistas. Quando mais fraca, sugere que o vínculo pode ter surgido somente em uma entrevista.

Conforme evidenciado por Jacks et al. (2016), o uso de *softwares* na pesquisa qualitativa com grande número de dados é fundamental. Afinal, a pesquisa qualitativa, em muitos grupos de pesquisa ou até áreas de conhecimento, é considerada um “olhar”, quando não uma “arte”. O uso de *softwares* pode ser estratégico para contornar tais deficiências que resultam na falta de confiabilidade da pesquisa qualitativa. As autoras, cientes da crítica da “artificialidade” à qual densas entrevistas possam estar submetidas no uso de *softwares*, atestam:

Nesse processo de construção de conhecimento, destaca-se o papel do pesquisador antes, durante e após o uso das ferramentas informacionais – sua

¹⁸³ Ramo da matemática que estuda as relações entre objetos de um determinado conjunto.

capacidade de concepção e de produção, seu olhar acurado e sua sensibilidade, que devem estar presentes em todas as fases do processo. Apesar de todas as vantagens expostas sobre as ferramentas informacionais, elas não substituem o trabalho do pesquisador em nenhum momento; ao contrário, exigem que ele organize ainda mais seus processos de pesquisa e, em alguns casos, reinvente práticas de investigação analógicas para exercitar novas possibilidades de cruzamentos lógicos permitidos pelos programas (JACKS et al., 2016).

Portanto, no âmbito da descrição e análise do *corpus*, a técnica utilizada será a análise de conteúdo, que consiste em um modo de “estudar e analisar a comunicação de maneira objetiva” (MARTINS, TEÓPHILO, 2007, p. 95). É uma técnica de análise recomendada para o trato com grande número de dados (entrevistas), servindo para perceber padrões, identificar intenções, contradições e desvendar o contexto da mensagem. Já a interpretação dos dados, compreendida como a fase da articulação entre empiria e quadro teórico, será elaborada via princípios buscando “construir relações de sentido entre o fenômeno e o todo que se localiza num campo a-histórico [...]” (LOPES, 2014, p. 152). Este procedimento parece convergir tanto com o paradigma dos Estudos Culturais, quanto com o que fora delineado na construção do problema de pesquisa.

6.1.2 Etapa documental

Um dos tipos de pesquisa documental é a pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2006). Trata-se da busca por literatura que faz parte do referencial teórico e por pesquisas científicas que compõem o estado da arte. No campo científico, existem múltiplos discursos (publicações) acerca de assuntos bastante próximos, quando não iguais. O conceito de “cultura” por exemplo, pode ser debatido a partir da antropologia, da psicologia, da filosofia, etc. O mesmo vimos com o debate sobre *diversidade*. Uma das estratégias para delimitar o campo de possibilidades em relação à literatura, permanecendo atento a uma vigilância epistemológica (BACHELARD, 1996) é retornando ao marco teórico definido e observando quais autores debatem o tema; ou quais áreas/disciplinas/ correlatas podem contribuir para a discussão teórica em evidência. Os Estudos Culturais, por serem uma perspectiva aberta e interdisciplinar, permite articularmos outras abordagens com certa flexibilidade.

A pesquisa em dados documentais compreende, segundo Moreira (2006, p. 271), “a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. Trata-se de um “importante fio condutor para a memória de eventos, pessoas e contextos.” (MOREIRA, 2006, p. 274), baseada em informações contidas em documentos que não receberam nenhum parecer científico. Fachin (2006, p. 146) resume que a pesquisa documental diz respeito a “toda a informação coletada, seja de forma oral, escrita ou visualizada” caracterizada como “não oficial”. Dados documentais também são de grande valia para ajudar na definição de um tema de pesquisa (BEAUD, WEBER, 2007), pois muitas vezes dizem respeito ao mundo social em linguagens capazes de revelar outras camadas da realidade cotidiana. A mídia é um espaço que auxilia nessa tematização através de filmes, seriados, telenovelas e telejornais, por exemplo.

Neste estudo, a pesquisa documental se deu com o objetivo de contextualizar a diversidade em outras esferas do mundo social, demonstrando o trato da mesma em dois âmbitos: no midiático e no político. Para a contextualização midiática, realizamos a coleta diária de notícias reunidas pelo *Google* através da ferramenta *Alerta*. Via esta funcionalidade, programamos que o *site* de busca enviasse diariamente um resumo com todas as notícias publicadas por diferentes veículos de comunicação em que a expressão “diversidade” pudesse ser encontrada no título. De 1º de junho de 2020 a 31 de dezembro de 2020, reunimos o total de 1.472 notícias. *A posteriori*, elas foram importadas para o *NVivo*, programa utilizada para observar padrões em relação à forma como o jornalismo online abordou o tema da diversidade em suas notícias, utilizando a ferramenta *Nuvem de palavras*. Os resultados estão contemplados na Subseção 1.2.

Para perceber a questão da diversidade no âmbito político, realizamos a análise de dois conjuntos de dados: um deles foi a transcrição dos discursos de posse dos ex-presidentes Fernando Henrique Cardo, Lula, Dilma e do atual presidente, Bolsonaro. Nos mantivemos atentos aos modos de se dirigirem ao *povo*, ou seja, a quais *grupos sociais* referiam-se: mulheres, trabalhadores, negros, etc. Em seguida, nos debruçamos, também, sobre as três versões do *Plano Nacional de Direitos Humanos* (PNDH), buscando referências aos grupos sociais subalternizados e ao trato da “diversidade” de forma geral. Realizamos tais sistematizações de modo manual, ou seja, sem a utilização de *softwares*

de análise qualitativa tendo em vista que os *corpus* textuais eram pequenos. Os resultados podem ser vistos na Subseção 1.3.

6.2 Qualidade na pesquisa qualitativa

O método qualitativo pode ser, seguramente, descrito como uma das interfaces metodológicas que compõem o que Abraham Moles chama de *ciências do impreciso*. Conforme o autor discorre em sua obra, a dita “boa ciência” é aquela mensurável, com escalas e grandezas, capaz de identificar padrões comparáveis entre si. A ciência, sob o imperativo positivado (e positivista) da precisão produz, ao mesmo tempo, o caráter negativado de uma ciência *imprecisa*. “O próprio termo ‘imprecisão’ é uma derivação *negativa* da idéia de precisão, uma derivação que aparece necessariamente como lastimável” (MOLES, 1995, p. 24). Não cabe, aqui, nos estendermos sobre esse debate que encontra uma expressiva e calorosa discussão nos campos da Sociologia do Conhecimento e Filosofia da Ciência¹⁸⁴. Esse preâmbulo nos serve para afirmarmos que sim, a pesquisa qualitativa é frequentemente descreditada tendo em vista sua suposta falta de rigor metodológico, amostras percebidas como aleatórias e resultados impossíveis de serem generalizados, lidos como *imprecisos*.

Uwe Flick possui uma vasta produção no que diz respeito à qualidade na pesquisa qualitativa. Em uma delas, talvez a mais conhecida, o autor apresenta três critérios para a avaliação: *confiabilidade*, *validade* e *objetividade*. O primeiro diz respeito à origem dos dados, sobre como eles foram coletados, de onde vêm. A validade tem a ver com o grau de autenticidade do que é interpretado pelo pesquisador, se o que ele está apresentando é o que ele viu em campo. Esse critério leva à objetividade, que trata sobre a consistência dos resultados. Para ser considerada objetiva, os dados precisam ser analisados por dois ou mais pesquisadores e todos devem chegar ao mesmo resultado (FLICK, 2009). Esses três critérios têm origem na pesquisa quantitativa e, portanto, podem fazer sentido à pesquisa qualitativa apenas parcialmente. O próprio autor se pergunta: “Precisamos de critérios ou

¹⁸⁴ Para uma discussão complexa sobre esta questão, ver *Filosofia, história e sociologia das ciências* (PORTOCARRERO, 1994).

precisamos de estratégias para avaliação da qualidade?” (2009, p. 397, tradução nossa¹⁸⁵). Outras obras, organizadas e editadas pelo mesmo autor, contribuem de forma mais adequada para a questão da qualidade na pesquisa qualitativa.

A autora Ines Steinke, em obra editada por Flick, cita as três principais posições normalmente adotadas para a avaliação da pesquisa qualitativa: a) utilizando critérios quantitativos que, conforme já mencionamos, não parece adequado; b) produzindo critérios independentes; e c) rejeitando qualquer tipo de relação entre critérios e sistemas de referências. Este último, em outras palavras, diz respeito à ausência de critérios justificada, decisão que a autora atribui às “perspectivas pós-modernas”. Sendo assim, a produção de critérios independentes, ajustáveis e que façam sentido com a proposta de cada estudo qualitativo, é considerada a melhor alternativa para assegurar a qualidade da pesquisa: “O desenvolvimento de critérios para a pesquisa qualitativa deve considerar seu próprio perfil, quer dizer, suas características particulares, objetivos, pontos-de-partida científicos e metodológicos” (STEINKE, 2004, p. 186). A autora rejeita qualquer discussão conclusiva a respeito de critérios de avaliação, deixando claro que as especificidades de cada problema e objeto, bem como o “programa de pesquisa” (como os Estudos Culturais), é que irão incitar determinados critérios e formatos de garantia da qualidade de coleta, organização e análise dos dados. Essa organicidade, ao mesmo tempo que permite ao pesquisador abrir mão de critérios pré-determinados (como os quantitativos) e elaborar/se vincular a outros, pode atrapalhar na convenção do que é, por exemplo, um “bom dado”, conforme explica Rosaline S. Barbour (2018, p. 217, tradução nossa¹⁸⁶), noutra obra organizada por Flick: “O panorama [da qualidade na pesquisa qualitativa] é continuamente enlameado pelo fato de que várias tradições qualitativas têm diferentes ‘abordagens’ sobre o que constitui um dado e, conseqüentemente, o que é necessário para um ‘bom’ dado”. A autora se posiciona afirmando que um “bom dado” é co-construído na relação entre o pesquisador e o sujeito. Essa, por si só, é a prerrogativa básica da técnica da entrevista, como vimos em Alonso (1995). Ela avança, sugerindo que a qualidade de

¹⁸⁵ No original: “*Do we look for criteria or do we need strategies of quality assessment?*”

¹⁸⁶ No original: “*The picture [of quality in qualitative research] is further muddied by the fact that the various qualitative traditions have different ‘takes’ on what constitutes data and, therefore, what makes for ‘good’ data*”.

um dado qualitativo coletado em entrevista diz respeito não somente ao conteúdo do que é dito, mas também à sua forma, ou seja, ao modo como ideias e palavra são expressas.

Apesar de uma perspectiva não-formalista no que diz respeito aos critérios de avaliação da qualidade na pesquisa qualitativa, acreditamos que os elementos sugeridos por Steinke (2004) podem ser proveitosos para essa etapa. Por isso, resgatamos a autora que, embora defenda uma adaptação dos critérios, sugere que se leve em conta os seguintes princípios: a) *compreensão intersubjetiva*: documentação e codificação do processo de pesquisa de modo que o relatório seja claro e acessível; b) *indicação do processo de pesquisa*: explicitação dos procedimentos, escolha do método, regras de transcrição, estratégia de amostragem e os próprios critérios de avaliação; c) *fundamentação empírica*: existência de evidências empíricas suficientes que corrobore a teoria desenvolvida, validação das análises junto aos entrevistados; d) *limitação*: indicação dos limites pessoais, teóricos e metodológicos da pesquisa; e) *coerência*: verificação da validade dos desenvolvimentos teóricos e resolução das contradições; f) *relevância*: a teoria produzida a partir dos dados deve ser pertinente, facilitando a solução de outros problemas e contribuindo ao campo de conhecimento; e g) *reflexividade subjetiva*: descrição do grau de envolvimento subjetivo do pesquisador com a sua pesquisa de campo, seus interlocutores e no tratamento dos dados. A autora sugere que sejam utilizados vários dos critérios apresentados: “Para a avaliação de um estudo o uso de um ou dois dos critérios sugeridos aqui não é suficiente. Com base em vários desses critérios, pode ser possível decidir se o ‘melhor’ resultado possível foi atingido” (STEINKE, 2004, p. 190, tradução nossa¹⁸⁷). Nesta pesquisa, a avaliação da qualidade será observada nos níveis e fases do seu desenvolvimento da seguinte forma:

¹⁸⁷ No original: “For the evaluation of a study the use of one or two of the criteria suggested here is not sufficient. On the basis of several of these criteria it should be possible to decide whether the ‘best possible’ result has been achieved.”

Quadro 17 – Estratégia para construção da qualidade na pesquisa

PRINCÍPIOS DE QUALIDADE (STEINKE, 2004)	NÍVEIS DA PESQUISA (LOPES, 2014)				FASES DA PESQUISA (LOPES, 2014)			
	Episte- mológico	Teórico	Metódico	Técnico	Definição do objeto	Observa- ção	Descrição	Interpre- tação
Compreensão intersubjetiva				x	x	x	x	x
Indicação do processo de pesquisa	x				x	x	x	x
Fundamentação empírica				x			x	x
Limitação		x	x	x	x	x		x
Coerência	x	x						x
Relevância		x						x
Reflexividade subjetiva	x				x	x		x

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro acima demonstra, de forma sistematizada, como os princípios de qualidade na pesquisa qualitativa estão presentes no desenvolvimento do estudo. Para localizarmos a predominância de cada um dos critérios, nos apropriamos de Lopes (2014), que desenvolve um modelo metodológico para a pesquisa em Comunicação distribuídos em níveis e fases. Assim, temos as seguintes operações, articulando tanto o modelo de Lopes (2014) quanto os princípios da qualidade de Steinke (2004):

- a) A **compreensão subjetiva** diz respeito à forma com que o relatório é apresentado e a como seus dados podem ser tornados acessíveis. Portanto, é uma questão *técnica* que incide em todas as fases, se desdobrando na organização da escrita do e nas estratégias para disposição das fontes e dos dados primários através da sistematização das referências e da publicação dos dados coletados em repositórios;
- b) A **indicação do processo de pesquisa** torna-se uma questão de vigilância *epistemológica*, atravessando todas as fases da pesquisa;
- c) A **fundamentação empírica** é uma questão *técnica* pois se fundamenta mediante procedimentos de coleta e análise, estando evidente nas fases da descrição e interpretação dos dados;
- d) A **limitação** pressupõe o esclarecimento do delineamento das fronteiras *teóricas*, *metódicas* e *técnicas* que incidem sobre as decisões de ordem teórico-metodológicas e

técnicas do estudo, encontrando eco sobretudo nas fases de definição do objeto, observação e interpretação;

e) A **coerência** também se torna um problema de *epistemologia*, sendo observada na relação da interpretação dos dados com os desenvolvimentos teóricos presentes no referencial;

f) A **relevância** tem a ver com os avanços produzidos a partir do quadro *teórico* embasados nas interpretações dos dados;

g) A **reflexividade subjetiva** diz respeito à incidência de posicionamentos pessoais por parte do pesquisador no trato com o desenvolvimento do estudo. Está presente, portanto, naquelas fases que demandam a “decisão” da natureza que for. A fase da *descrição* seria a mais “imparcial” pois trata somente da apresentação textual dos dados coletados.

Contextualizada a *construção do objeto*, delineadas as teorias e conceitos que balizam o nosso *referencial teórico* e tendo explicitado os *procedimentos metodológicos*, seguimos para a apresentação dos dados coletados na pesquisa empírica junto aos interlocutores.

7. PRÁTICAS DE CONSUMO MIDIÁTICO DOS INTERLOCUTORES

A partir desta etapa, iremos conhecer o que os interlocutores deste estudo consomem em termos de mídia. Observar as práticas de consumo no mundo contemporâneo, sejam elas da natureza que forem, é de utilidade elementar para os estudos de identidade. Dado o estágio consolidado dos estudos de audiência no Brasil (JACKS, 2017) que, através da pesquisa empírica somada a inflexões teóricas (e vice-versa), cabe realizarmos um sucinto resgate teórico de alguns dos principais conceitos: consumo (midiático); sentidos; e usos. Ainda que, conforme Schmitz (2015, p. 255) “[...] se entenda que muitos destes processos se sobreponham nas práticas dos sujeitos e receptores [...]”, torna-se relevante delinear algumas especificidades de cada termo.

O primeiro conceito sobre o qual vale comentar é o de *consumo midiático*. Apoiadas na concepção de “consumo cultural” em García Canclini, as autoras Toaldo e Jacks (2013) propõem que o consumo de meios de comunicação adquiriria um estatuto diferente das práticas de consumo cultural. O ponto de vista defendido é o de que a mídia em si possui os seus próprios contornos enquanto *campo*, ou seja, suas próprias particularidades e *modus operandi*. Ou seja, ainda que possamos compreender a mídia no guarda-chuva da “cultura”, as análises podem tornar-se mais precisas ao reivindicarmos as especificidades do que é devidamente *midiático* – o que implica, em última instância, determinamos o que entendemos por “mídia”, e esta discussão foi realizada na Introdução deste estudo. Traçadas as devidas fronteiras, as autoras apontam que, na dimensão do consumo midiático, “ênfatiza-se seu entendimento como estudos da ordem da relação mais ampla com os meios de comunicação, sua presença no cotidiano pautando tempos, espaços, relações, percepções etc.” (2013, p. 8). Por conseguinte, enquanto o consumo midiático trata de aspectos mais abrangentes e contextuais da experiência entre sujeitos e meios de comunicação, outras práticas interessam-se por ângulos mais específicos.

Canclíni, em sua definição ampla de “consumo”, afirma que este seria “[...] um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (2006, p. 80). Conforme discutido por Schmitz (2015), embora o autor reconheça as noções/operações de *apropriação* e de *uso* inseridas na “macro operação” do consumo, ele não as discute. A autora, em seu enfrentamento conceitual da questão,

compreende que *usos* “[...] está mais voltado para uma ação, atitude, remanejo, emprego, posicionamento e até mesmo a aceitação ao que é consumido” (SCHMITZ, 2015, p. 266). Seria, portanto, um conjunto de operações que “podem se configurar como apropriações, aceitações, limitações, rejeições ou até mesmo outros tipos de usos” (2015, p. 267). Remetendo-se a Martín-Barbero, a autora conclui que “os usos falam para além da situação de classe, referem-se às competências culturais que atravessam as posições econômicas seja pela educação formal, mas também pelos saberes construídos a partir da etnia e da cultura local” (2015, p. 269). Em nosso estudo, conforme já apontado em nossos objetivos, observaremos os usos à luz de uma mirada interseccional dos marcadores sociais, contemplando também os posicionamentos políticos dos entrevistados, reconhecidos como conservadores ou progressistas.

Portanto, enquanto o *uso* diz respeito à assimilação do que consomem, a *apropriação* “[...] trabalha com a perspectiva de ação dos sujeitos sobre o que é consumido: ele toma algo para si, a partir de referências próprias” (SCHMITZ, 2015, p. 269). Apoiada em De Certeau, a autora pondera que a apropriação tem a ver com a processualidade do consumo, sendo considerado um tipo de *uso*: “[...] tal qual se considera copiar, rejeitar e aceitar a oferta midiática” (2015, p. 269). Pondera, por fim, que a especificidade da *apropriação* está na ideia de reelaboração e modificação do sentido.

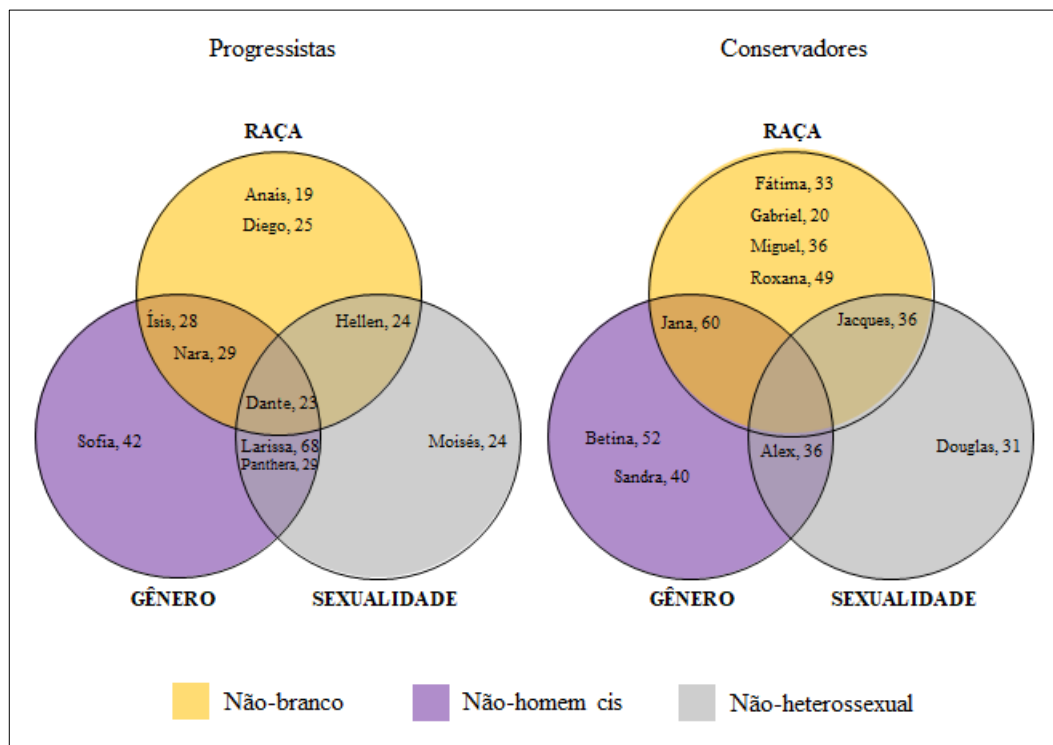
Cabe, finalmente, discorrermos sobre *sentido*: ainda seguindo Schmitz (2015), concordamos que sua produção acompanha todo o processo de consumo. Reservamos esta noção às operações realizadas pelos sujeitos, ou seja, no campo dos estudos de audiência, enquanto os receptores produzem sentido, a mídia fabrica significados. Os sentidos elaborados, portanto, não necessariamente se conformam ao significado originário veiculado pelo meio de comunicação em questão. É a partir desse entendimento que advogamos, junto a Martín-Barbero (1990), citado por Schmitz (2015, p. 270) que “para poder dar conta integralmente da significação inscrita nas mensagens, é preciso ver quem responde e o que se faz a partir dela, ou seja, as práticas dos sujeitos adquirem um primeiro plano”. O âmbito teórico-metodológico dos estudos de audiência interessados especialmente pelas práticas socioculturais envolvidas na produção de sentido denomina-se *estudos de recepção*. A partir de técnicas discursivas, a pesquisa em recepção adota uma postura radicalmente empírica, abordando o sujeito (produtor de

sentido) a fim de observar/explorar/sondar as mediações, as operações mentais e a articulação estabelecida entre suas interpretações e a estrutura social que o permeia – mas não necessariamente o condiciona. Concluindo, consoante a proposição de Toaldo e Jacks (2013, p. 8), “[...] os estudos de recepção podem se valer do consumo midiático como preâmbulo para conhecer as preferências e envolvimento mais profundos do público estudado, para a partir daí investir em um estudo de recepção” (2013, p. 8).

Averiguaremos, agora, um panorama descritivo das práticas de consumo midiático dos nossos entrevistados. Os dados apresentados foram coletados através de preenchimento de formulário disponibilizado *online* a cada um dos entrevistados, sendo complementados no curso das entrevistas semiestruturadas, quando houvesse necessidade. Detalhes sobre a construção destes instrumentos de pesquisa são encontrados na Subseção 6.1.1. Ainda, vale mencionar que nem todos os meios de comunicação ou práticas de consumo midiático foram explorados de forma equivalente entre todos os 20 sujeitos. Como padrão, consideramos relevantes as práticas de consumo de a) televisão (tradicional e *streaming*); b) rádio (tradicional e *streaming*); c) jornal e revista (tradicional e *online*); além de d) redes sociais. Com alguns interlocutores, demos mais ênfase ao consumo de um meio ou específico; já em outras entrevistas, a questão mais central pode ter sido outro aspecto do seu consumo de mídia. Frisamos, ainda que entre os 20 entrevistados, quatro são de figuras políticas relativamente conhecidas nas suas regiões de atuação. Seus nomes fictícios são: Larissa, Sofia (progressistas), Douglas e Betina (conservadores). Com estes entrevistados, o enfoque das nossas discussões foram temas mais conectados com aspectos mais amplos sobre mídia, polarização e minorias, ou seja, não averiguamos tanto suas práticas de consumo individuais pois consideramos mais valioso ocuparmos o tempo dos interlocutores com questões mais amplas sobre o cenário nacional que nos interessa investigar nesta pesquisa.

Nossos entrevistados foram selecionados obedecendo, portanto, ao recorde ideológico (progressista ou conservador) e à identificação com ao menos um marcador social da diferença produtor de processos de subalternização dentro da tríade raça, gênero e/ou sexualidade. Na página seguinte, apresentamos uma ilustração que localiza a distribuição de cada minoria entre os marcadores citados:

Figura 16 – Interlocutores organizados por raça, gênero e sexualidade



Fonte: elaborado pelo autor

Como podemos visualizar, entre os interlocutores progressistas, Dante – indígena, não-binário e pansexual – é o entrevistado cuja identidade é marcada pelas três dimensões de subalternidade de cada marcador. No grupo conservador, não localizamos ninguém no mesmo perfil de Dante. Os sujeitos, portanto, que mais se destacam no sentido de interseccionarem mais *diferenças* em suas identidades são Jana – mulher trans e negra –, Jacques – negro e gay –, e Alex – não-binário e bissexual. Seguimos descrevendo o perfil de cada um dos 20 sujeitos contemplados no estudo empírico, explorando suas práticas de consumo midiático.

Apresentamos as principais práticas de consumo midiático dos sujeitos investigados levando em consideração o recorde ideológico estabelecido entre progressistas e conservadores, iniciando pelos primeiros. Além desta segmentação, também exploramos o recorte temporal pré-pandemia de Covid-19 e no contexto pandêmico (momento em que se deu a pesquisa empírica), observando se o contexto de isolamento social, recomendado pela OMS e supostamente seguido pela população e pelos nossos

interlocutores. Trazemos à baía dados referentes à alguma especificidade nas práticas de consumo pré/durante a pandemia quando sinalizar alguma mudança de hábito relevante ao nosso estudo. Enfim, apresentamos tais resultados individualmente por entrevistado, junto de uma breve biografia e descrição das práticas de consumo midiático que fazem parte do seu cotidiano, o que será aprofundado na seção subsequente em interface com questões ligadas à diversidade e aos marcadores sociais da diferença.

7.1 Progressistas

Os sujeitos do estudo localizados no espectro conservador são os seguintes:

Quadro 18 – Interlocutores progressistas

ANAÍS	DANTE	DIEGO	HELLEN	ISIS
Idade: 19 R: negra G: mulher cis S: hetero	Idade: 23 R: indígena G: não-binário S: pansexual	Idade: 25 R: negra G: homem cis S: hetero	Idade: 24 R: negra G: mulher cis S: lésbica	Idade: 28 R: negra G: mulher trans S: hetero
LARISSA	MOISÉS	NARA	PANTHERA	SOFIA
Idade: 68 R: branca G: mulher trans S: lésbica	Idade: 24 R: branca G: homem cis S: gay	Idade: 29 R: negra G: mulher trans S: hetero	Idade: 29 R: branca G: não-binário S: pansexual	Idade: 42 R: branca G: mulher trans S: hetero
Legenda: R = raça; G = gênero; S = sexualidade.				

Fonte: elaborado pelo autor

ANAÍS

Anaís é uma jovem de 19 anos, moradora de um apartamento CHDU¹⁸⁸ do extremo leste da cidade de São Paulo e está no segundo ano de sua graduação em Letras, que cursa na Unifesp. Mora a 1h15 da universidade com sua irmã, mãe e pai, que é motorista de

¹⁸⁸ Sigla para *Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano* do Estado de São Paulo. Responsável por construir moradias para famílias de baixa renda, bem como realiza a regulamentação fundiária de domicílios irregulares para a população mais carente.

ônibus particular. Por conta do trabalho, seu pai não pôde deixar de sair de casa, entretanto Anaís, sua mãe e irmã mantiveram-se isoladas. Sozinha, gosta de ler e estudar, mas a maioria das suas práticas de lazer envolvem seus amigos. Embora venha de uma família conservadora, considera-se progressista, perspectiva que adotou após ter contato com debates nas aulas de sociologia, filosofia e história: “Daí eu me considero mais assim progressista porque, cara, eu sinto, sabe, eu vejo mudança desde que eu entrei na E-tec e até hoje, sabe?”. A jovem frequenta a igreja evangélica semanalmente desde criança junto de sua família. Comenta que, às vezes, discute com alguns membros da igreja à qual frequenta, definindo que “Jesus era um cara muito top, o que lasca são os seus seguidores”.

Televisão

Atualmente, Anaís consome televisão tradicional para acompanhar os cultos que são veiculadas em canais televisivos religiosos. Além disso, acompanha *Jornal Nacional (Rede Globo)*, quando não está empenhada nas atribuições da faculdade; alguns programas de comédia no *SBT*; e *Roda Viva (TV Cultura)*. Ainda, assume gostar de filmes, sobretudo do gênero documentário histórico. “Eu gosto de estudar sobre absolutismo também, eu gosto bastante de filmes que falam sobre isso. Principalmente os da França, da Europa num geral”. Entretanto, no *streaming*, seu costume maior é o de assistir a séries do *Netflix*, *AmazonPrime* ou *GloboPlay*. Estes dois últimos, acessa gratuitamente pois foi incluída no plano de assinatura de outra pessoa. No *streaming* da *Globo*, conta o seguinte: “[...] eu vejo alguns documentários interessantes, como o último que eu acompanhei que foi o da Marielle”. Questionada sobre o que achou do documentário citado, ela declara: “Ah, perfeito, chorei horrores. [...] Tu consegue se sentir ali totalmente sensibilizado, porque mostra a história dela, mostra as lutas dela, o papel dela como mãe [...]”. Além deste audiovisual, a entrevistada também citou *Democracia em vertigem*, relatando sua opinião: “Eu achei um documentário bem interessante e, claro, ele tem a tendência política, só que eu achei interessante por que ele mostra ali, a história, sabe?”. A programação de comédia, como já dito, é reservada à grade do *SBT*: *Eu, a patroa e as crianças*; *Todo mundo odeia o Chris*; e *Maluco no Pedaco*, dizendo que aprecia estas séries de comédia pois têm maior protagonismo negro.

Rádio

Sobre o consumo de rádio, Anaís assume que ouve “sem querer” junto com sua mãe, dada a falta de espaço físico que possibilite um melhor isolamento acústico entre as peças da casa: “[...] a rádio é o que ela escuta majoritariamente todo o dia, e como a gente mora em apartamento CDHU, eu acabo escutando junto porque a gente mora num lugar bem pequenininho”. Apesar disso, também escuta rádio sozinha, todas por *streaming*. Entre elas, *Metropolitana FM*; *Feliz FM*; e *Disney FM*.

Jornal e revista

Anaís é uma leitora assídua de jornais tradicionais. Entre eles, *Folha de São Paulo*; *Estadão*; e *MetroNews*. Os dois primeiros, passou a ler mais durante a pandemia. Nos jornais, gosta de acompanhar os cadernos sobre política, cultura, moda, viagem, alimentação e educação. Conforme assinalado no formulário *online*, não lê revistas físicas/*online* e nem jornais na *web*.

Redes sociais

A entrevistada considera que seu uso de redes sociais aumentou no contexto da pandemia. Anaís acompanha os conteúdos da *youtuber* Rita Von Hunty, considerando-a um exemplo de educadora a ser seguido: “[...] é incrível o trabalho que ela faz, sabe? Que nossa, ela pega texto pesado do Adorno, do Marx e ela coloca, assim, numa linguagem fácil. Em pequenos vídeos que fazem você se interessar pela leitura, sabe?”. Além de Rita, segue páginas no *YouTube* e *Instagram* que deem dicas de mestrado na França, pois é lá que quer fazer uma pós-graduação. “Sempre na escola a gente tem um ensinamento muito eurocentrado, e acho que, é um erro, isso, reconheço, mas planta uma certa sementinha nos alunos, de conhecerem um ambiente Europeu”. No *Facebook*, seu uso é mais restrito: “O *Facebook* eu não dou muita importância não. Eu vejo mais é meme, assim, e coisa engraçada do dia a dia”.

DANTE

Dante tem 23 anos e por conta da pandemia de Covid-19, voltou a morar com sua mãe e o padrasto em Campinas/SP. Antes disso, sua moradia era São Luiz, capital do Maranhão, onde estudava (presencialmente) Artes na UFMA. Em São Luiz, Dante morava sozinho¹⁸⁹ e tinha uma rotina que considerava ser “ao ar livre” e com bastante verde, elementos dos quais sente muita falta. Quanto às suas práticas artísticas, o entrevistado se considera um tanto engessado: “Eu assisti dois dias atrás uma performance de uma amiga minha, pelo *zoom* também, o primeiro contato que eu tive e eu aplaudo assim. Mas eu tenho muita preguiça na real de fazer o uso das tecnologias [...] na área do teatro, começar a performar assim virtualmente”. O entrevistado tem um marido estadunidense, que até antes da pandemia estava dando os encaminhamentos burocráticos para a estadia regular dele no Brasil, planos que precisaram ser interrompidos: “[...] quando veio a notícia de que os americanos precisavam imediatamente deixar o país, a gente meio que entendeu que vai ficar um pouco pro futuro né”. Dante não tem religião, mas acredita em Deus e energias superiores. É um jovem muito conectado com a natureza: “Então, eu sou descendente indígena né, então eu não sei, não vejo outro meio de ser se não estar em contato com a natureza [...] Eu sempre tive muita conexão com as plantas”. Ao ser indagado sobre se considerar uma pessoa progressista, ele confirma: “Acredito que sim, de acordo com todas as pautas que atualmente eu levanto [...], de acordo com o sentido de humanidade e da distribuição igualitária de poder né, políticas públicas...”.

Televisão

O consumo televisivo atual de Dante é praticamente inexistente: “Eu nem sei o que tem de noticiário, eu raramente assisto televisão”. Afirma que quando morava em São Luiz, sequer havia televisão na sua casa. Morando com sua mãe, às vezes ocorre de pelo

¹⁸⁹ Ainda que Dante se reconheça como pessoa não-binária, utilizamos o pronome masculino e não o neutro pois, ao longo da entrevista, foi este o pronome utilizado pelo próprio entrevistado ao referir a si mesmo.

menos escutar o que está passando na TV: “[...] na casa aqui da minha mãe também às vezes ela assiste uma novela, então dá pra escutar, ou ela comenta alguma coisa”. Entretanto, ele assume já ter assistido a alguns *reality shows* na televisão por *streaming*, como *Extreme Make Over (Netflix)*: “[...] eu acho que eu tô um pouco obcecado com design de interiores, assim, eu tenho muito prazer visual quando eu vejo casas assim, interiores com plantas, ruínas”. Dos canais por *streaming*, Dante também acessa *GloboPlay*. De acordo com o entrevistado, o que o motivou a assinar a plataforma de conteúdos *on demand* da *Rede Globo* foi a possibilidade de assistir à série *Em nome de Deus*. Sobre seu consumo de ficções seriadas brasileiras, ele complementa: “Eu gosto muito dessas minisséries nacionais também. Eu era apaixonado por *Hoje é dia de Maria* porque me remetia bastante ao *Mágico de Oz*. [...] As séries da *Globo* em geral, elas são muito bem construídas em relação a tudo isso que normalmente já me dá prazer visual”. Ao longo da entrevista, observamos que na verdade Dante conhece bastante de narrativas ficcionais e afins para alguém que se mantém afastado do consumo televisivo. Ao ser questionado se havia assistido a alguma telenovela, ele cita quatro: *O Clone*; *Caminho das Índias*; *Salve Jorge*; e *Velho Chico*, reconhecendo que “todas elas têm uma questão de cultura, de localidade então sempre me capta assim nesse sentido”.

Rádio

Dante não consome rádio tradicional, mas afirma conectar as plataformas de *streaming Spotify* e *Deezer* para ouvir músicas selecionadas por ele mesmo: “a minha playlist, ela é basicamente a minha playlist desde 2014 [...]. Eu tenho dificuldade de pesquisar algo novo”. Por conta desta resistência, ele afirma não confiar nas recomendações algorítmicas que estas plataformas produzem com base no seu consumo musical. Sobre seu gosto, ele se define como “chatinho”, embora tenha citado vários artistas de diferentes gêneros: *Björk*; *MGMT*; *Strokes*; e *The Killers*. Dante narra que sua “origem musical” é o rock, mas que acabou se afastando dessa identidade de “roqueiro” pela dificuldade interna do grupo em assimilar algumas diferenças. “Eu meio que fui desanimando com o tempo, porque a gente vai percebendo que enfim, diversos meios... [...] a gente sofre as mesmas retaliações assim, o movimento roqueiro, roquista,

metaleiro... ele é muito excludente de diversas formas”. Sobre artistas brasileiros contemporâneos LGBTQ+, o entrevistado diz não acompanhar.

Jornal e revista

O consumo de notícias de Dante se dá majoritariamente por veículos *online*, sendo eles: *Estadão*; *G1*; e *El País*, sendo que as redes sociais possuem um papel importante nesse acesso. *Mídia Ninja*, no *Instagram*, é uma das páginas que mais acompanha para se informar, principalmente porque dá ênfase às questões do seu grupo étnico-racial: “ela presta serviço realmente pra comunidade indígena, ela sempre mantém a gente informado em relação ao que tá sendo votado no Senado né, as PECs e tudo mais”

Redes sociais

Dante afirma ter passado a acessar mais as redes sociais digitais durante o isolamento social. Dentre elas, utiliza *Facebook*; *Instagram*; e *Pinterest*. A primeira rede social é a que menos utiliza. O seu uso acaba sendo mais para “se informar”: “Realmente não tenho muita coisa pra fazer lá. Quando eu acesso, são mais as informações né, que a gente vê compartilhadas né, pelos jornais virtuais e tudo mais”. Já as redes mais visuais, Dante acessa com mais frequência, sendo o *Pinterest* a sua preferida. Atualmente, tem acessado a plataforma para ver referências de casas que julga interessante, o que encontra eco no seu consumo de *reality shows* de arquitetura e decoração. Além deste uso, no *Pinterest*, Dante também gosta de colecionar com referências à cultura indígena, confessando sua surpresa quando teve contato com esse tipo de material: “Eu acreditava que nem tinha esse conteúdo na plataforma né”. Após incentivarmos o entrevistado a pensar em outros conteúdos que gosta de ver no *Pinterest*, ele diz: “Mas assim... tem algumas páginas também que eu costumo acompanhar que é sobre nudez”. O interlocutor, então, explica que possui grande interesse na questão da “desmitificação da nudez” na expressão fotográfica. Por fim, no *YouTube* diz seguir o canal *Planterina*

DIEGO

Diego tem 25 anos, é casado com uma mulher há três, com quem mora em Pinhais/PR e é auxiliar administrativo em um restaurante da cidade e, também, atendente de farmácia, tendo uma rotina bastante ocupada: “A minha rotina praticamente é acordar umas cinco e meia, ir pra academia, trabalhar, aí chego em casa agora umas nove, nove meia”. O entrevistado diz não ter sido viável ficar em casa em isolamento pelo fato de que os negócios onde trabalha são pequenos e dependem dos funcionários *in loco*: “O governo ofereceu um auxílio maior pra maiores empresas do que pra empresas pequenas. [...] Infelizmente a vantagem é pros grandes. Os pequenos eles não tão olhando”. Quanto às atividades de lazer, afirma que gosta de correr e visitar seu pai junto de sua esposa, em uma cidade vizinha. Em relação às suas práticas religiosas, ele diz já ter passado por diversas matrizes, mas agora está vinculado à Congregação Cristã: “Eu sigo a congregação no atual momento, questão religiosa, já conheci bastante religião, tô nessa agora, nessa firme”. Sobre posicionamentos políticos, o entrevistado se mostra reticente quanto à esquerda brasileira. Porém, mesmo assim, prefere se filiar ao campo progressista: “Ah, se for, no papel, no papel mesmo, eu me relaciono na esquerda. No prático, nenhum dos dois. Na prática atual, né, nenhum dos dois. Porque nenhum dos dois tá funcionando”. Ao ser questionado sobre o que significaria ser de “esquerda no papel”, ele explica: “Ah, a esquerda mesmo, é aquilo que é em prol ao trabalhador, que ajuda realmente a classe média”.

Televisão

Por conta do ritmo da sua rotina, Diego tem pouco tempo disponível para assistir à televisão. Esta prática era mais comum há algum tempo atrás: “Ah, pra assistir só quando era mais jovem, pra assistir desenho, esse tipo de coisa”. Seu uso da televisão, portanto, acaba sendo pontual nas ocasiões em que reserva um tempo específico para assistir a um filme ou a uma série. Entre elas, no formulário *online*, citou as que estão na *Netflix*: *Vikings*, *Sons of Anarchy*, *The Flash*, *Arrow*, *Gotham*, *Friends*, *How I Met your Mother*. É possível observar que Diego circula entre os gêneros de ação, com foco em histórias de super-heróis, e comédia. Em nossa conversa, ele admite assistir a essas programações

geralmente sem a sua esposa: “[...] tem coisas que ela gosta de ver, agora filme que ela não gosta, que tem muito sangue, filme das cruzadas, filme mais medieval, já não gosta”. Quando o entrevistado vai buscar o que assistir, ressalta que não segue as recomendações algorítmicas: “Eles só ficam mandando *Lúcifer*, umas séries meio besta. Tô fora”.

Rádio

Diego admite não ouvir rádio – nem tradicional, nem por *streaming*: “boto pra baixar o clandestino e já baixo. Não vou ficar baixando *Spotify*”. Sobre o processo de consumo pirata, ele explica que procura uma música ou álbum em um site específico com um vasto catálogo de canções antigas e atuais, e baixa. Ao tentar entender melhor a resistência em relação ao *Spotify*, ele explica: “O ruim do *Spotify* é que não tem as banda que eu curto, a maioria das bandas não tá no *Spotify*”. O entrevistado já tocou em bandas de rock e aprecia a produção local e regional de artistas nem tão conhecidos que não possuem meios de dar visibilidade às suas músicas nas plataformas de *streaming* mais conhecidas, valendo-se da pirataria, ou pagamento espontâneo, para fazer suas produções circularem. “Cê consegue fazer o *download* gratuito, algumas cobram, aí, um valorzinho singelo, ao menos o valor do custo do álbum né, custo de gravador e tudo mais”. Diego valoriza o fato de que o valor pago para alguns downloads seja revertido inteiramente¹⁹⁰ ao artista.

Jornal e revista

O entrevistado diz que lê o jornal impresso que fica disponível ao público em seu local de trabalho. O conteúdo do veículo é referente ao seu município: “a cada cinco dias tem um jornalzinho que chega lá, o semanal, só que é da região de Pinhais, né, próprio da região”. O entrevistado também comenta, com certo ar de ironia, ao mesmo tempo que de aprovação, a distribuição de um outro jornal “esquerdista”: “Tem também um jornalzinho

¹⁹⁰ De acordo com a revista *Valor* (2021), o *Spotify* paga 0,003 dólares ao artista responsável a cada *play* em uma canção de sua autoria. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/empreenda-se/noticia/2021/03/28/plataforma-de-streaming-cresce-ao-pagar-ate-50-vezes-mais-aos-artistas-que-streamings-tradicionais.ghtml>. Acessado em: 17 ago. 2021.

que entregam pra gente uma vez por mês, é de um pessoalzinho socialista, eles têm umas visão esquerdista boa, legalzinha, eles entregam, eles fazem por conta, a entrega é gratuita, ali”.

Redes sociais

Diego usa mais o *Facebook* e o *Instagram*. De acordo com ele, as utiliza para acompanhar personalidades do esporte, artistas que admira, colegas de musculação e demais amigos. Suas postagens têm mais a ver com o universo da saúde física: “Postagem própria é mais coisa de academia e comida da dieta do que qualquer outra coisa”. A preocupação com uma “vida *fitness*” é bastante presente nas práticas de consumo digitais de Diego. Ele ainda fala que segue “formadores de opinião” como Leo Stronda, Júlio Balestrini, entre outros, além de acompanhar o conteúdo de marcas de suplemento tais como *Growth* e *Max Titanium*.

HELLEN

Hellen tem 24 anos, mora em Porto Alegre com sua namorada e é estudante de Comunicação Social na UFRGS. No tempo livre, conta que gosta muito de visitar os pais, pessoas cuja companhia considera indispensável. No contexto de isolamento social, Hellen diz que passou por maus momentos, uma vez que sempre foi uma pessoa mais “da rua”: “Essa sensação de confinamento, causou algumas crises de ansiedade nos primeiros dias [...]. Não tô acostumada, trabalho na rua, vou pedalando pro trabalho. Enfim, encontrava os amigos, sei lá, pelo menos quatro vezes por semana de noite pra tomar uma ceva”. Assim como a entrevistada Anaís, considera que mudou muito desde que entrou na universidade, mas em sentidos diferentes. Hellen conta que seu ingresso no ensino superior a transformou em uma pessoa menos otimista, mais realista e, junto disso, algumas de suas características também foram sendo deixadas de lado: “Era uma pessoa bem mais criativa, pré-faculdade, tipo, bem mais otimista, fazia muitas atividades [...] e depois que entrei na faculdade, eu acho que de certa forma eu fui... sei lá, não sei nem como explicar, mas mudando a forma que eu vejo o mundo”. A entrevistada afirma que

não frequenta nenhuma igreja, embora considere-se bastante próximas das religiões de matriz africana. E sobre seu posicionamento político, assume ser de esquerda e antifascista, carregando essa “bandeira” em vários espaços da sua vida cotidiana: “Eu sou uma antifa rua, o tempo todo”.

Televisão

Hellen comenta que costumava assistir à televisão tradicional/aberta quando era mais nova, época da qual nutre algumas memórias afetivas em que se via representada na tela: “Eu não lembro, tipo na minha juventude, a não ser, sei lá... no programa do Serginho Groisman de madrugada, tipo, nem lembro o nome do programa dele... *Programa Livre* eu acho...”. Atualmente, entretanto, ela acaba vendo canais de streaming, como *Netflix*, *TelecinePlay*; *HBO Go*; *AmazonPrime*.

Redes sociais

A interlocutora utiliza as redes sociais para fins de informação sobre questões relacionadas aos movimentos sociais. Conta que em 2011, quando entrou no *Facebook*, conheceu diversos grupos fechados para discutir temas relacionadas a gênero e à raça, com vistas a organizarem passeatas e intervenções, como *Marcha das vadias* e *Marcha do orgulho crespo*: “Então, acho que a minha geração, é uma geração bastante facebookiana e que o Facebook fez muito parte de uma formação assim, política... de certa forma”.

Ísis

Ísis tem 28 anos e divide apartamento com dois amigos em Santa Maria/RS. Se considera uma pessoa bastante conhecida na cidade: “Se tu chegar em Santa Maria e perguntar pra um monte de gente quem é Ísis, todo mundo vai saber onde eu tô e vai saber quem é”. Com uma personalidade bastante marcante, Ísis se define com bastante autoconfiança: “Sou uma mulher negra sim, sou uma mulher trans sim, tenho 28 anos e não sou velha. Digo pra ti: [...] jamais eu vou deixar alguém me abater por dizer que eu sou

negra, ou porque eu sou uma mulher trans, ou porque eu sou mais velha. [...] Tenho muito orgulho disso aqui: da minha cor, de ser o que eu sou”. A entrevistada realiza trabalhos específicos conforme é procurada para ajudar em tarefas mais domésticas: “Eu não tenho medo de trabalho: se eu tiver que fazer uma faxina, eu faço; se tiver que cuidar de um senhor eu cuido; se eu tiver que capinar um pátio, eu capino”. Antes da pandemia, Ísis contava com suas performances *drag* como importante fonte de renda, o que no momento não é mais possível de realizar por conta das políticas de isolamento social. Nos momentos de lazer, sobretudo no cenário não-pandêmico, gosta muito de caminhar pelas ruas – sempre na companhia de amigos, segundo ela: “Tipo, se eu acabo saindo sozinha eu já vejo muitos olhares tortos, e eu estando acompanhada, a pessoa que está do meu lado tenta fazer com que a minha atenção volte só pra ela, entende? Aí eu não preciso estar cuidando as pessoas me cuidarem, me olharem com olhos tortos”. Nos momentos sozinha, navega por diferentes formas de entretenimento: “[...] aí eu fico entretida no mundo dos livros, eu olho filme, eu gosto de olhar vídeos no *YouTube* – sou apaixonada, sabe? Eu gosto muito disso. Procuo muita música MPB que eu gosto também”. A relação de Ísis com o plano espiritual é bastante importante, e sua prática religiosa se dá através da Umbanda, seguindo a tradição da mãe e da avó. “Eu hoje tô onde e tô porque eu acredito nos meus orixás, porque se eu não acreditasse ou não tivesse outro tipo de crença e não acreditasse em Deus, hoje em dia eu pudesse estar na rua, jogada embaixo de uma marquise, com fome”. Por fim, sua posição política se define como “de esquerda”, embora acredita que o melhor seria que não houvesse esse tipo de divisão: “[...] nem esquerda e nem direita, entrassem num consenso, eu acho que não precisaria existir rótulos também, né? ‘aí eu sou de direita’ ou ‘aí eu sou de esquerda’; ‘eu apoio o Bolsonaro’ ou ‘eu apoio o Lula’ – isso aí vai dar uma briga, sempre acontece”.

Televisão

Questionada sobre sua prática de assistência de televisão, Ísis responde: “Eu não assisto muita TV, eu gosto mais de olhar novela só”. E ao ser indagada acerca de quais telenovelas ela acompanha, ela elenca: “Eu começo na *Malhação* as seis horas da tarde, aí depois da *Malhação* tem a *Novo Mundo*. Depois, às 19h45 tem a *Totalmente Demais* e

depois, às 21h45, tem a *Fina Estampa* - e eu não olho mais nada”. Entretanto, apesar de acompanhar tantas histórias na tela da televisão, ela diz que não gosta tanto assim das narrativas, pois as que realmente valem a pena são as telenovelas mais antigas. E estas, ela assiste pelo celular: “Eu chego a olhar novela antiga pelo telefone. Eu gosto de olhar *Terra Nostra, Porto dos Vilares, Cravo e a Rosa, Sinhá Moça* – então são novelas de época que eu adoro”. A entrevistada reconhece, ainda, que com o isolamento social ela passou a ver mais televisão, ainda que sua resposta inicial à pergunta tenha sido que não costuma ver TV. Além das ficções seriadas, Ísis também assume gostar muito de ver filmes, principalmente os da *Tela Quente (Rede Globo)*. Descrevendo mais suas práticas em torno da televisão, Ísis também menciona que não assiste, de modo algum, à emissora *Rede Vida*: “Eu acho uma emissora mesquinha, só de religiosos onde que a cultura dos outros não existe e não presta”. Sobre os gêneros televisivos, Ísis também revela não gostar dos telejornais: “Se a minha vida já tá uma merda, por que eu vou ver mais tragédia? Não né?”.

Rádio

O consumo musical de Ísis é bastante diversificado. Ela assume gostar de todos os gêneros musicais, à exceção de *rock*. Mas apesar de afirmar gostar de “quase tudo”, ela confessa: “Mas a minha preferência se eu fosse parar pra ouvir e dizer que é uma das coisas que eu gosto é MPB – eu gosto de Caetano, eu gosto de... Bethânia. São clássicos que eu costumo ouvir”. A entrevistada diz escutar uma rádio específica, a *CFM 100.9*, principalmente quando está fora de casa, ocasiões em que sintoniza a rádio no seu celular e a ouve nos fones de ouvido: “Então eu também não tenho o costume de baixar músicas no telefone, então é uma coisa que, tipo, só escuto rádio” (Ísis, 2020). Destacamos, portanto, que Ísis prefere a programação musical da rádio FM do que a operação de baixar músicas específicas ou até mesmo usar o *Spotify*. Mas no ambiente doméstico, a entrevistada assume ouvir música em uma televisão que permite o acesso à internet, o que lhe confere a possibilidade de acessar o *YouTube Premium* e colocar *playlists* de clipes/músicas, além de acatar sugestões de conteúdos da própria plataforma: “Eu tenho uma *playlist* já, então eu acho que o aparelho já sabe mais ou menos selecionar os meus

gostos [...]. No momento que coloco um cantor ele já entra nessa minha pasta e já começa a tocar as mesmas músicas... Não as mesmas músicas, mas os mesmos embalos, sabe?”.

Jornal e revista

Como citamos anteriormente, Ísis diz não gostar de consumir notícias, o que foi reforçado em um outro momento da entrevista: “[...] notícia é só pra trazer tragédia pra vida da gente. Então, no momento que tu escuta tragédia, parece que tua vida vai de mal a pior, então eu não costumo muito ouvir notícias”. A entrevistada admitiu, entretanto, que busca se informar especificamente sobre a situação da pandemia na sua cidade e Estado, e apenas isso.

Redes sociais

Ísis utiliza muitos sites de redes sociais. No formulário, ela destacou *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube*, *Snapchat*, *TikTok* e aplicativos de relacionamento. Apesar disso, na entrevista com a interlocutora, apenas o *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* emergiram de forma mais espontânea. O uso do *Facebook* emergiu quando ela contou que estava buscando cenas da Ivana, personagem trans da telenovela *A Força do Querer* (*Rede Globo*): “[...] eu procuro no *Facebook* onde tem a parte dos vídeos – ali geralmente tem as novelas antigas. Mas eu não acompanho todas porque não tem todos os capítulos”. Ísis se referiu ao *Instagram* quando ostentou o fato de já ter morado com uma drag queen muito conhecida da região, “fazendo uma propaganda” e citando o seu “@” na plataforma para que pudéssemos procura-la. No *Instagram*, Ísis diz seguir *@magentacianureto*. Das redes sobre as quais conversamos, o *YouTube* foi a que mais trouxe elementos interessantes. Ísis revelou: “Então eu tô esperando a poeira abaixar agora um pouco pra mim poder voltar, mas em breve eu terei um canal no *YouTube* só de entrevistas: eu vou entrevistar as beldades de Santa Maria, os que foram hinos, né? Foram os ídolos do movimento LGBT antigo”. Como referência de formato, a entrevistada explica: “[...] aqui nesse quarto vai ser o meu novo talk show, digamos assim”. No *YouTube*, ela também segue alguns canais, como os de *@leonabrilha* e *@todegraça*. Além deste uso, Ísis também comenta que assiste

a filmes pelo *YouTube*, explicando o seu processo: “Geralmente eu coloco assim: procurar filme de terror e aí acabo achando uma lista imensa, extensa, né?”.

LARISSA

A entrevistada tem 68 anos, é mestra em Sociologia e atua como Psicanalista. Além disso, em 2020, foi candidata à prefeita da capital de um estado brasileiro popularmente reconhecido conservador. Dada a densidade das questões que trazia e do seu pouco tempo disponível, não conseguimos dar atenção às suas práticas ou a uma descrição da sua biografia conforme vimos fazendo com os demais sujeitos do estudo.

MOISÉS

Moisés tem 24 anos, é formado em Relações Públicas e por sete anos trabalhou na área política. Atualmente, mora em Caxias do Sul, onde atua como Coordenador de Marketing e Comunicação de uma escola de ensino médio e técnico, atuando também como professor na área de *marketing*. Nos seus momentos de lazer, Moisés tem como *hobbies* natação e bicicleta. Também afirma gostar de ler livros técnicos da sua área para se manter atualizado e, apesar de gostar, não chega a considerar esta atividade um lazer “[...] não é tanto um *hobbie* assim, é mais ossos do ofício, e eu gosto bastante”. Além dessas atividades, também desempenha papel como escoteiro voluntário, em nível internacional, o que propicia ao entrevistado contato com pessoas de outros países e culturas. Com relação à religião, Moisés diz no passado já ter participado do Movimento Jovem da Igreja Católica da sua cidade, mas que no presente, se considera uma pessoa que não acredita em Deus, mas se considera espiritualizado “Eu acredito que exista algo, enfim, a se acreditar e tal, mas hoje a minha relação com a fé é muito mais de um movimento de vida assim, de energia, uma troca mais mútua entre o universo e a gente, do que uma questão de fé e de pedir, agradecer...”. Sobre seu posicionamento político, Moisés se considera de centro-esquerda.

Televisão

Sobre o consumo de TV, Moisés passou a utilizar mais os serviços de *streaming* *Globoplay* e *Netflix* com a pandemia. Dentro das plataformas, Moisés declara ser “muito aleatório”, pois consome conteúdos bastante diversos, indo de programações infantis como *Power Rangers*, até conteúdos mais adultos nacionais, como a série da *Hebe* e *Sessão de Terapia*, presentes no *Globo Play*. Entretanto, afirma consumir mais conteúdos norte-americanos, com preferência pelas ficções seriadas de contexto médico, como *Grey’s Anatomy* e *The Good Doctor*. Quando questionado sobre novelas, Moisés afirma não acompanhar nenhuma, porém, quando está com o namorado, eventualmente assiste algum capítulo específico, sugerido pelo companheiro, por conter alguma temática de interesse. Sobre o consumo de produtos voltados para o público LGBT, Moisés informa não consumir: “Não consumo conteúdos nichados assim do público LGBT, muito raro.

Rádio

Com a saída da área política no campo profissional, Moisés afirma ter parado de consumir conteúdos de rádio tradicional: “[...] eu não tenho mais essa demanda, que as minha pautas são bem programadas com a imprensa, que eu sei quando vai sair, então eu não tenho mais a necessidade de ficar pendurado no rádio”. Mais tarde, na conversa, admite ainda ouvir esporadicamente a *Rádio de Caxias* e a *Rádio Gaúcha*, para acompanhar seu time de futebol quando este está jogando. Sobre o consumo de música, é totalmente feito por *streaming*, no *Spotify*. As preferências do interlocutor vão de *John Mayer* à *Britney Spears*, mas ressalta que hoje consome mais músicas brasileiras, como MPB, além de confessar ser grande fã da cantora *Ivete Sangalo*.

Jornal e revista

Apesar de Moisés consumir jornais em ambas as plataformas, tradicional e *online*, sua forma de consumo está ligada à sua rotina de trabalho na área da comunicação. Por isto, descreve que todos os dias antes de dormir, sempre lê as notícias *online* recém-

publicadas do jornal *Zero Hora*, “[...] à 00h02 eu abro o app, folheio o jornal assim, vejo se tem pautas minhas assim [...], pra eu já encaminhar alguma coisa, já encaminhando de madrugada ainda, coisa para agência, enfim, produzir conteúdo de nota de resposta”. Na manhã seguinte, ao chegar no trabalho, por uma questão de hábito, folheia o jornal físico, mesmo que já tenha lido as notícias na madrugada anterior. O entrevistado reforça que a leitura do jornal físico só ocorre quando está no trabalho. Além do jornal *Zero Hora*, também costuma ler *online* o jornal da sua região chamado *O Pioneiro*. Sobre os assuntos e colunistas que costuma acompanhar nos jornais, informa ler sobre cultura e educação, por conta do seu trabalho, e política, por ser uma temática de grande interesse. Ainda cita a colunista *Roseane de Oliveira*, e os colunistas *Nivaldo Pereira*, seu ex-professor e *Pedro Guerra*, que também é amigo pessoal.

Redes sociais

Nas redes sociais, Moisés informa não acompanhar páginas, canais, blogueiros ou qualquer conteúdo de maneira fixa, e reforça: “[...] eu olho *stories* de quem tá passando e era isso. Mas não ativo o sininho de nenhum canal no *YouTube*, nada”. Entretanto, enquanto trabalhava no meio político, confirma que utilizava o *Facebook* para acompanhar páginas de direita, além de também acompanhar blogs bolsonaristas para se manter informado, e quando necessário, utilizar as informações levantadas “[...] para eu consumir o conteúdo, ver o que tá sendo dito, pra gente poder fazer o contraponto e poder puxar pro nosso lado depois, né?”. O entrevistado também faz uso do *Twitter*, rede social que o faz se sentir por fora de algumas “pautas” que viralizam entre os seus amigos: “A minha *timeline* do *Twitter* quando tem coisas novas de *RuPaul’s*, eu tenho que sair do *Twitter*, porque eu não posso interagir com ninguém, porque eu não sei o que as pessoas tão falando”.

NARA

Nara tem 29 anos, trabalha com telemarketing há dois, mora com os pais, um irmão e uma sobrinha em Santos, São Paulo. Antes da pandemia, a entrevistada também fazia

aulas de dança e trabalhava como DJ nas sextas-feiras e sábados à noite, o que rendia uma remuneração extra. No entanto, com a pandemia, sua única atividade é o trabalho presencial com telemarketing, e ainda comenta que a remuneração não é suficiente para realizar o desejo de sair da casa dos pais. Sobre lazer, Nara revela que costuma sair com amigos, mas evita aglomerações, pois mora com uma pessoa pertencente ao grupo de risco para agravamento da Covid-19. Em relação ao seu posicionamento político, embora considere o atual momento do Brasil “uma lástima”, e demonstre preocupação com o legado que será deixado pelo governo atual, Nara reconhece não gostar e nem entender sobre política e, portanto, não saberia informar, “Eu odeio política”, “Só voto porque sou obrigada, porque tem que votar”. Quando questionada sobre alguma figura política que deteste, entretanto, Nara é taxativa: “Acho que o Bolsonaro, eu odeio ele”.

Televisão

A relação de Nara com o consumo de televisão tradicional, segundo ela, é raro, assistindo esporadicamente a algumas programações “[...] tipo, eu vejo, mas não todos os dias”. No passado, comenta que costumava acompanhar novelas como *Laços de Família*, *A Favorita*, *Celebridade* e *Beijo do Vampiro*. Porém, atualmente diz não conseguir manter a atenção neste gênero midiático, pois tem sua atenção mais voltada para as redes sociais no seu *smartphone*. Apesar de não assistir à TV aberta com assiduidade, Nara confessa gostar de assistir ao *reality Big Brother Brasil* “[...] prende bastante e eu gosto de ver, então eu vejo e não tem problema”. Já o consumo da entrevistada nas plataformas de *streaming Netflix* e *Globoplay* é focado em séries dos gêneros romance e suspense, sendo *Pretty Little Liars*, sua preferida; e filmes de gêneros diversos, desde ação como *Velozes e Furiosos*, até musicais adolescentes como *High School Musical*. Apesar de citar a série de temática LGBT *Pose* e *Legendary* como exemplo de conteúdos sobre o universo trans, Nara afirma ainda não ter assistido, mas pretende fazer no futuro.

Rádio

Com relação à música, Nara se diz uma grande amante, fazendo uso diário do *streaming Deezer*, cuja assinatura está vinculada ao seu plano de telefonia móvel da operadora *TIM*. No cenário musical, apesar de ter suas *setlists* como DJ mais voltadas para o *pop* e o *funk*, a entrevistada se diz eclética, ouvindo esses estilos e, também, sertanejo e música gospel “Se a letra da música me prendeu, eu vou ouvir”. Nara ainda revela apreciar muito grupos femininos como *Little Mix*, *Now United*, *Fifth Harmony*, sendo *Pussycat Dolls* o seu favorito.

Redes sociais

Nara faz uso frequente das redes *Facebook*, *Instagram* e *Tik Tok*, entretanto, revela não seguir páginas de notícias, sendo *Hugo Gloss* a única página que segue ligada à esta temática. Com relação a blogueiras, comenta seguir *Gabi Brandt*, *Manu Gavassi* e *Renata Santi*, procurando consumir conteúdos ligados principalmente à maquiagem e à moda. Ela também ressalta acessar o *Tik Tok* diversas vezes ao dia, já tendo feito algumas publicações, como um *challenge*¹⁹¹ de maquiagem com a participação de amigas. No *Youtube*, procura por conteúdos para se divertir “[...] não é um conteúdo que prende, entendeu? É uma coisa pra te distrair. É pela distração”. Questionada sobre esses conteúdos, ela comenta gostar de assistir a “histórias de casais”, e há algum tempo, consumia o conteúdo postado no *YouTube* dos canais *Nosso Canal* e *Matheus Mazzafera*, além do canal da atriz *Giovana Ewbank*.

¹⁹¹ *Challenges*, “desafios” em tradução livre para o português, são missões que alguma pessoa inventa e que se dissemina entre os usuários da rede. Essas tarefas geralmente envolvem a produção de vídeos fazendo algum passo de dança, dublagem, maquiagem, etc.

PANTHERA¹⁹²

Panthera tem 29 anos, faz licenciatura em Artes Visuais e estuda questões relacionadas a gênero e arte. Seu pai é professor e ex-militante do Partido Comunista do Brasil e sua mãe fez parte da fundação do PT, além de ter trabalhado no governo de Luiza Erundina, ex-prefeita de São Paulo. Ê¹⁹³ entrevistade mora com a mãe e o irmão no bairro periférico Vila Matilde, localizado na zona leste de São Paulo, onde também ministrava aulas de artes e atualidades em uma escolinha da região três vezes por semana, antes da pandemia. Ê entrevistade comenta participar de um grupo de pesquisa na ESPM, entre diversas outras atividades extracurriculares “Eu tô sempre escrevendo também, pesquisando, lendo muito, eu leio muito, eu leio compulsivamente. E estudo, é uma compulsão que eu tenho, real”. Panthera também ressalta a importância das suas atividades do dia-a-dia, como o cuidado com a mãe, já idosa, e com irmão dependente químico, sendo ambos parte do grupo de risco para agravamento de Covid-19. Elu exalta que o contexto da pandemia trouxe uma grande mudança nas suas atividades diárias, além do confinamento em casa, para proteção da mãe e irmão, também cita as aulas que no momento ministra via aplicativo *online* “[...] aí veio essa pandemia, essa confusão, essa maluquice, eu acho que tudo mudou [...], eu dou aula pela internet, por esse aplicativo horrroso...”. No que toca a questões relacionadas a lazer, Panthera se considera “uma pessoa muito de alma velha”, pois afirma gostar de ficar em casa, e quando sai, é para reuniões na casa de amigos, ou eventualmente a eventos públicos ao ar livre, como os promovidos pelo Sesc. Com relação à sua religiosidade, após ter passado boa parte da vida como praticante do espiritismo cardecista, ê interlocutore conta ter encontrado uma forte afinidade com a Umbanda, religião que pratica atualmente “A Umbanda é uma religião muito afetiva, muito afetuosa, de muito acolhimento [...] eu acho que isso foi muito, foi muito, isso foi uma coisa que me agrada muito...”. Sobre seu posicionamento político, a

¹⁹² O nome desta pessoa diferencia-se dos demais a fim de manter um paralelo com o nome social utilizado por elu, que faz referência a um animal semelhante.

¹⁹³ Panthera reconhece-se como pessoa não-binária, adotando o gênero masculino, feminino e, também, o uso da linguagem inclusiva em seus enunciados ao longo da entrevista. Tratando do sujeito entrevistado em questão, realizamos o uso da linguagem inclusiva para nos referirmos a elu a fim de demarcar, também, a legitimidade desta gramática, apesar das muitas discussões inconclusivas em torno do tema.

entrevistada deixa claro que é de esquerda, inclusive filiada a um partido de esquerda: “Eu sou filiado ao PT e eu acho que isso diz muito do meu posicionamento político”.

Televisão

No que se refere ao consumo de produtos televisivos, Panthera afirma que o único produto que costuma assistir ao vivo da TV aberta é o programa *Roda Viva*, que também é transmitido pelo *YouTube*. A entrevistada comenta que esporadicamente acessa o aplicativo *Globoplay* para assistir programações específicas, após a transmissão na TV. Em geral, ela baixa no seu smartphone o programa em que alguma personalidade de seu interesse fez uma participação. Com relação a filmes, Panthera cita diversos títulos estrangeiros, desde o filme experimental, *Powaqqatsi*, até o grande clássico *Poderoso Chefão*. Também cita *Incêndios*, *Babel*, *Scarface*, *O Perfume de Mulher*, além de dois filmes brasileiros, *Estômago* e *Carandiru*. O último, é considerado por ela um dos melhores filmes brasileiros já lançados.

Rádio

Ê entrevistade revela usar com grande frequência serviços de *streaming* de música. Cita o *Spotify* mas indica que seu consumo majoritário ocorre no *YouTube*. Ao ser questionade sobre a preferência pelo *YouTube*, elu conta que essa predileção se dá pelo aspecto visual fornecido por esta plataforma: “[...] eu gosto muito de ver as pessoas tocando, eu gosto muito de ver o show, mesmo que seja vídeo do show [...] então às vezes o *YouTube* me permite esse recurso né, da visualidade, das pessoas fazendo o som”. Outro fator por trás desta preferência, é a maior gama de possibilidades musicais abarcadas pelo serviço, em relação ao *Spotify* “[...] tem álbuns muito específicos, de artistas às vezes muito conhecidos, que não foram pro *Spotify*, porque são álbuns que assim, cara, cê vai ver, alguém quase não ouve [...]”. Um exemplo trazido por Panthera é uma parceria musical de Gilberto Gil com Jorge Benjor, gravada nos anos 1970 e que elu indica estar ouvindo com grande frequência atualmente. Em adição aos pontos já comentados, Panthera também afirma apreciar as recomendações dadas pelo *YouTube*. Sobre seus gostos musicais, ela

diz ouvir de *Alcione* a *Baco Exu do Blues*, salientando ser bastante eclético, passando por *Rei da Pisadinha*, sendo o sertanejo o único estilo musical que não gosta. Quando indagado sobre o consumo de rádio tradicional, ele conta no passado ter sido ouvinte de rádios tradicionais de São Paulo, como a *Rádio da USP*, cuja programação julga muito interessante “[...] se eu entrasse na programação da Rádio USP eu com certeza ouviria assim a rádio, sabe...”. Outra rádio que costumava ser ouvida e foi citada pelo entrevistado, é a *Nova Brasil FM*, que tem foco em música brasileira. Entretanto, Panthera reforça novamente sua inclinação pelo *YouTube*, em contrapartida às rádios tradicionais “[...] eu acho que o *YouTube* te permite uma facilidade e uma comodidade muito grande da música, de você construir o que você quer ouvir assim. É muito legal você escutar o repertório do outro né, é muito legal você escutar como o outro constrói a sonoridade”.

Jornal e revista

Como leitor assíduo e apreciador de textos impressos, Panthera possui um acervo de revistas. Dentre elas, está a revista *Cult*, que costumava ler com frequência no passado; e a *Suplemento Pernambuco*, sua leitura de revista física atual, ainda que, por vezes, acabar desviando de temas da atualidade. Apesar disso, o entrevistado reforça a relevância das temáticas debatidas na revista: “Então teve aqui, teve texto da *Patricia Hill Collins*, falando da literatura negra, dentro do jornal, teve literatura russa feminista na era da revolução [...], eles têm umas coisas muito malucas e é muito interessante, porque é sempre uma abordagem fora da curva”. Panthera ainda exalta características físicas da revista, como cor, tamanho e diagramação, que considera pontos altos em relação à sua versão digital, que confessa já ter tentado ler, mas sem sucesso, por achar esse tipo de leitura cansativa. “A materialidade faz totalmente a diferença né, não tem jeito”. Apesar de, como no questionário, ter passado a ler notícias com frequência menor durante a pandemia, Panthera costuma acessar as plataformas online *Folha de São Paulo*, *Globo*, *Mídia Ninja*, *Jornalistas Livres*, *Brasil 247* e *O Globo*.

Redes sociais

Panthera passou a fazer uso mais frequente das redes sociais durante a pandemia, entretanto, com ritmo menor de publicações. Ela utiliza *Facebook*, *Instagram* e aplicativos de relacionamento. No *Facebook*, seu interesse de consumo é mais voltado para grupos de trabalho, para procurar emprego e grupos de discussão sobre as temáticas de arte e gênero: “[...] acabam sendo lugares importantes, também assim onde sempre aparece uma referência interessante, um texto interessante, uma chamada de publicação interessante pra algum dossiê”. É entrevistada também revela consumir conteúdos de maneira aleatória nesta rede social, conforme aparecem no seu *feed*. Com relação ao *Instagram*, além de também consumir conteúdos entregues pelo seu *feed*, confessa recentemente ter desenvolvido o hábito de acompanhar alguns conteúdos de influenciadoras digitais, de poder econômico elevado, que ela chama de “blogueiras distópicas”, com objetivo de transformar a reflexão gerada dessa observação em material textual “[...] eu ainda tenho desejo de escrever uma publicação independente, alguma publicação, que seja... como se fosse um pequeno jornal, só com as coisas absurdas que eu vejo nessas blogueiras”. Entretanto, relata não seguir essas personalidades no *Instagram*, apenas consome seus conteúdos acessando diretamente os seus perfis, como ocorre com as publicações da influenciadora *Flávia Pavanelli*. Ainda sobre o *Instagram*, informa também acompanhar artistas visuais, colecionadores de arte e editoras de livros.

SOFIA

Sofia tem 42 anos, é presidenta de uma ONG pró direitos de pessoas LGBTs desde 2017 e reside em São Paulo. Como sua atuação na ONG é voluntária, precisa dividir seu tempo com um trabalho remunerado. No passado, conta ter trabalhado com projetos e equipamentos de atendimento à população LGBT no governo federal, durante a gestão de outros governos, atividade que precisou deixar com o decorrer de alguns acontecimentos no cenário político recente do país: “Aí teve o golpe e eu saí louca fugida, porque eu não ia ficar trabalhando com o Temer, porque eu não sou doida e não queria isso no meu currículo”. Entretanto, seguiu seu trabalho em São Paulo e na Bahia, na coordenação de

projetos voltados para a população trans. Diante do cenário atual onde a extrema direita está em evidência, se considera uma revolucionária, confessando ironicamente pensar em revolução armada. Porém, se classifica com ressalvas, como pessoa de esquerda: “Eu sou uma pessoa de esquerda, mas eu transito, de acordo com o momento, em certas vertentes.”. Posteriormente, Sofia comenta ser filiada ao PT. Já em relação ao aspecto religioso, a entrevistada declara acreditar em energia, e se relacionar bem com práticas religiosas de diferentes vertentes, todavia, não vê de forma positiva as instituições religiosas “Eu não consigo ter uma boa relação com a instituição religião, mas com o sentimento religião eu consigo....”.

Televisão

Sobre seu consumo televisivo, Sofia revela ser grande consumidora de telenovelas, das antigas às mais novas na TV aberta. Também menciona assistir os programas *Esquenta* e *Amor & Sexo*. A interlocutora comenta fazer uso da plataforma de streaming *GloboPlay*, onde cita ter acompanhado recentemente a novela *Fera Radical*.

Jornal e revista

Apesar de Sofia assistir a jornais matutinos, com a finalidade de se informar para o dia, confessa não gostar da prática: “Eu gosto de me informar, mas eu não sou muito de assistir jornal, só assisto de manhã, pra ver o que vai render no dia...”. Sofia declara apreciar a leitura de revistas *online* sobre política, como *Carta Capital* e *Esquerda Online*. Como informando no questionário, também tem hábito de se informar pelas páginas *Esquerda Online*, *Tele 10*, *Intervozes* e *Brasil 247*.

Redes sociais

Sofia vê as redes sociais como importante oportunidade de ter acesso a opiniões de outras pessoas em relação à política, não ficando condicionada apenas ao que é informado pelas grandes mídias “[...] eu acho que as redes sociais trouxeram essa oportunidade de

ver além daquele site ou daquela empresa de comunicação, o que as pessoas acham sobre aquilo, então eu vou muito buscar a opinião das pessoas”. Entretanto, revela não seguir figuras específicas nas redes, pois seu comportamento de consumo não se fixa apenas na opinião de uma ou outra pessoa, sendo mais aleatório, abordando desta forma uma gama maior de perfis e visões “[...] eu não sigo ninguém, sou muito desorganizada, então hoje vou ler *Gilberto de Carvalho*, mas semana que vem eu não quero ver e quero ver... quero ver alguém que seja menos pensador...”. A rede social utilizada pela entrevistada é o *Facebook*, ela ainda comenta não saber utilizar o *Instagram* “[...] Não é a ferramenta que eu sei usar, porque eu parei no tempo quanto a isso...”.

Apresentados os perfis de cada um dos interlocutores do estudo, exibimos agora uma análise geral acerca dos elementos mais correspondentes entre todos eles.

individualmente, para depois também demonstrarmos a análise de similitude entre os termos mais recorrentes em seus discursos.

7.2 Conservadores

Os sujeitos do estudo localizados no espectro conservador são os seguintes:

Quadro 19 – Interlocutores progressistas

ALEX	BETINA	DOUGLAS	FÁTIMA	GABRIEL
Idade: 36 R: branca G: não-binário S: bissexual	Idade: 52 R: branca G: mulher trans S: hetero	Idade: 31 R: branca G: homem cis S: gay	Idade: 33 R: negra G: mulher cis S: hetero	Idade: 20 R: negra G: homem cis S: hetero
JANA	JACQUES	MIGUEL	ROXANA	SANDRA
Idade: 60 R: negra G: mulher trans S: hetero	Idade: 36 R: negra G: homem cis S: gay	Idade: 36 R: negra G: homem cis S: hetero	Idade: 49 R: negra G: mulher cis S: hetero	Idade: 40 R: branca G: mulher cis S: hetero
Legenda: R = raça; G = gênero; S = sexualidade.				

Fonte: elaborado pelo autor

A seguir, avançamos com a descrição das breves biografias e das principais práticas de consumo midiático de cada um dos interlocutores.

ALEX

Alex tem 36 anos, é natural de Sorocaba, interior de São Paulo. Desde 2004 reside em Porto Alegre, quando veio estudar Engenharia de Minas na UFRGS. Após dois anos, decidiu trocar de curso, por não sentir afinidade com sua área de estudo “[...] quando eu tava cursando eu vi que não era realmente o que eu gostava, não era o que eu queria. Eu sempre gostei mais de Humanidades mesmo...”. Com isso, o entrevistado fez novo vestibular para o curso de História, se formando em 2013. Atualmente, apesar de ter retornado para a universidade e estar matriculado no curso de Museologia da UFRGS, está

estudando para a seleção do programa de pós-graduação em Museologia e Patrimônio. Alex diz ser uma pessoa bastante caseira, e suas práticas de lazer se resumem em produzir música, pois ressalta ser músico amador e também comenta ser um leitor ávido, consumindo muitos conteúdos ligados à arte “[...] gosto muito de ver as pinturas, uma coisa que eu posso passar horas vendo o livro de um pintor ou um museu onde tão as obras...”. No tema religião, Alex comenta ser sido criado dentro da ideologia cristã, embora confesse ter sido ateu durante a adolescência. Atualmente diz não frequentar igrejas, mas se apresenta como defensor dos ideais cristãos: “[...] o papel que ela [religião] tem na minha vida é importante, é central. Eu acho difícil que uma pessoa siga uma religião sem que essa religião tenha uma grande influência na vida dela”. Alex classifica seu posicionamento político como centro-direita, porém apresenta uma série de críticas em relação à esquerda.

Televisão

Alex comenta não assistir à TV aberta e tampouco por *streaming*, acessando a plataforma *Netflix* eventualmente para assistir ao programa *RuPaul's Drag Race* e à série *Black Mirror*. Ocasionalmente, também afirma assistir a vídeos no *YouTube*, plataforma em que também tem um canal de música.

Jornal e revista

Com relação a jornais e revistas, informa também não consumir impressos ou digitais “[...] eu praticamente não olho mais sites de notícia”. Esporadicamente, diz acessar o portal *G1* para se informar sobre quais são as pautas do momento, sem necessariamente ler as notícias, “[...] eu só entro pra dar uma olhada assim, pra ver o que tá sendo discutido, quais são os assuntos, o que tá acontecendo de forma geral. O que tá chamando a atenção das pessoas, o que a mídia tá publicando”. Este comportamento, é explicado pelo entrevistado como falta de confiança na mídia “[...] eu não confio na interpretação que eles costumam dar aos fatos, aos acontecimentos. Por isso, que eu geralmente não leio as matérias”.

Redes sociais

Apesar de reforçar algumas vezes durante a entrevista consumir pouca mídia, Alex confirmar ser usuário do *Instagram*. Conforme o que respondera no questionário, ele passou a acessar mais a rede para manter o contato com conhecidos durante a pandemia.

BETINA

Betina tem 52 anos, é cabeleireira e empresária. Há 30 anos possui salão de beleza próprio em uma cidade do interior do Espírito Santo, se declarando apaixonada pelo que faz. De início, a entrevistada fez questão de deixar claro ser praticante do catolicismo “[...] eu nasci católica, me identifico com a minha religião e amo ser católica”. Nos seus momentos de lazer, gosta de assistir a filmes e séries. À época da entrevista, era candidata à prefeita da sua cidade, salientando a intenção de trabalhar na reintegração social de jovens meninas trans, que se encontram na prostituição “[...] na minha trajetória política, eu defendo muito essas meninas que estão na rua, eu inclusive tenho um programa que eu tô desenvolvendo que caso eu venha a ser eleita prefeita, eu quero implantar esse programa aqui, para tirar essas meninas da rua”. Betina relata ter interesse na temática política desde jovem e afirma que este aumentou muito nos últimos anos: “[...] [De] uns anos pra cá eu comecei a ficar mais atenta com tudo que vem acontecendo, entendeu? E insatisfeita, na verdade, um pouco insatisfeita. Eu até pensei um tempo atrás em sair do Brasil, que tava muito esquisito...”. A entrevistada ainda declara, sem rodeios, seu posicionamento político alinhado com a direita “[...] é sabido e notório que eu sou eleitora do presidente atual [Bolsonaro]. Eu era uma opositora veemente da ex-presidente [Dilma].” Apesar de relatar ter esse posicionamento, muitas vezes criticado por ser uma mulher trans, destaca: “Eu sou de direita porque eu gosto de ser de direita. Eu não tenho que dar satisfação a ninguém porque eu sou de direita”.

Televisão

A entrevistada afirma não acompanhar nenhuma programação de TV aberta, embora confesse ter acompanhado novelas assiduamente no passado “[...] eu era muito noveleira, um tempo atrás”. Atualmente, com pouco tempo disponível, prefere utilizá-lo para leitura de notícias pela *internet*: “O tempo que eu tenho, quando eu chego em casa, eu vou ver o noticiário como é que tá, tudo que tá acontecendo no mundo todo. Eu gosto de me informar das coisas, sabe o que tá acontecendo”. Conforme respondido no questionário, a entrevistada costuma assistir a filmes e séries em plataformas de *streaming*, chegando a citar o seriado norte-americano *Ponto Cego* durante a conversa.

Jornal e revista

Como Betina tem predileção por se informar através da leitura *online*, alguns dos portais de notícias que costuma acompanhar são a *Folha de São Paulo*, *Uol Notícias* e a *Veja*, a fim de estabelecer comparações entre as matérias publicadas pelos veículos “Comparo como se fala do mesmo assunto em dois jornais diferentes”. Ela informa, ainda, que após esta leitura inicial, costuma procurar em canais de direita posicionamentos de formadores de opinião sobre os mesmos assuntos, como Caio Copolla.

Redes sociais

Betina diz não frequentar as redes sociais, fazendo um uso mais pontual do *Facebook* e *Instagram* a fim de divulgar a rotina da sua campanha política.

DOUGLAS

Douglas tem 31 anos, é ator de formação e, também, graduado em Direito pela Faculdade Unichristus de Fortaleza, Ceará, onde reside. No seu tempo livre, gosta de ler e praticar atividade física, se considerando um atleta. O entrevistado conta ser envolvido com o meio político há bastante tempo, tendo exercido função de assessor parlamentar

no passado. Embora fale que a política não ocupava um lugar de destaque em sua vida, conta que em 2018, com a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência, fundou um movimento de gay que apoiam o então atual Presidente da República, inspirado pelo movimento *Gays for Trump*, dos Estado Unidos, explicando “O *Gays for Trump* é um movimento de gays conservadores nos Estados Unidos, alguns que defendem estado mínimo, que defendem menos interferência do estado na individualidade de cada pessoa e tal, e aí eu acabei trazendo esses valores para cá, pro Brasil”. O entrevistado revela que se sentia solitário, e se surpreendeu com o engajamento no seu movimento “[...] me achava sozinho, porque realmente a gente tem aquela ideia que todo gay tem que ser de esquerda, todo gay tem que ser de movimento social progressista, e não”. Douglas se classifica como cristão e conservador “[...] eu cresci num lar cristão, então eu fui me identificando. Eu só não sabia que o nome daquelas coisas que eu concordava era conservadorismo”.

Televisão

Sobre o consumo de mídias tradicionais, Douglas informa não ter um aparelho televisor em sua casa. Com relação ao *YouTube*, informa que eventualmente utiliza a plataforma para conteúdos muito pontuais.

Jornal e revista

Douglas afirma não acompanhar os veículos mais tradicionais de comunicação, por não confiar na imparcialidade dos editoriais “São todos enviesados. Todos têm, dependendo do espectro, pra mais ou pra menos, um pouco de viés progressista, esquerdista, que eles vão passar a notícia para frente com o viés deles [...]”. Com isso, o entrevistado costuma se informar por canais de mídias alternativas de direita, como *Conexão Política*, *Politz*, *The Clue* e *Terça Livre*, que segundo ele, entregam conteúdo previamente filtrado, não sendo necessária checagem posterior sobre os fatos apresentados, como necessitaria fazer com os veículos mais tradicionais “[...] esses veículos já fazem filtro”. Também relata receber notícias através de grupos de *Whatsapp*, *Telegram* e *Signal*. Nos grupos, de acordo com o interlocutor, as notícias também já

possuem uma checagem de veracidade: “A gente que tá envolvido com política acaba tendo sorte das coisas já virem filtradas para gente”.

Redes sociais

Nas redes sociais, Douglas informa utilizar *Instagram* e *Twitter*, destacando o crescimento nacional e internacional do movimento que fundou, além da sua própria página pessoal nas redes: “Hoje o movimento tá com quase 34 mil só no *Instagram* [...]. Hoje eu tô com quase 18 mil seguidores no *Instagram*. Eu tô com quase 42 mil seguidores no *Twitter*. Meu *Twitter*, no último mês, bateu meio milhão de impressões diárias”. Cabe mencionar que Douglas utilizou sua página pessoal do *Instagram* para compartilhar publicamente a mensagem enviada pelo pesquisador em que o convida para participar do estudo.

FÁTIMA

Fátima tem 33 anos, é casada há sete e tem uma filha de dois anos. É residente do Rio de Janeiro, trabalha como jornalista no Canal Saúde da Fiocruz e também possui uma empresa de comunicação. Com a pandemia, a entrevistada diz que apesar de algumas mudanças na sua rotina de trabalho presencial, segue fazendo as mesmas atividades que fazia anteriormente, e comenta em tom de lamento ser impedida de frequentar alguns espaços “[...] eu fui tolhida, fomos, né, todos, tolhidos de certas liberdades [...]. Minha família ama praia, eu amo praia, a gente ficou impedido de ir, shopping, eu amo shopping, que mulher não ama shopping? E também não podia ir”. Nos seus momentos de lazer, gosta de visitar a casa dos seus pais, estar entre amigos, sair para comer, assistir a filmes e séries, além de praticar exercícios físicos. Confessa também gostar de escrever, e no momento, está trabalhando numa devocional. No que tange ao tema religião, Fátima é cristã protestante e declara: “Eu amo estar na igreja [...], meu marido é diácono, e eu sou a tia do berçário, então a gente tem as nossas responsabilidades ali”. Quando questionada sobre a importância da religião na sua vida, ela afirma “Jesus na minha vida é tudo, e com Ele não tem religião, é só Ele”. Apesar de concordar com seu marido, e se classificar

politicamente como de extrema direita, brinca: “[...] eu sou xiita, ele fala”, debochando da sua radicalidade. Emenda, entretanto, se dizendo tolerante com pessoas de visões políticas diferentes da sua, pois acredita no diálogo “[...] eu sempre uso como exemplo a minha chefe, que é umbandista, esquerda, Lula Livre, e é minha amiga. E a gente consegue manter o respeito dentro dessas diferenças todas”. Ainda no tema política, ela declara: “Eu votei no Bolsonaro, eu amo o Bolsonaro, eu sou fã do cara, porque eu acho ele muito correto”.

Televisão

Fátima relata não assistir a nenhum conteúdo de TV aberta, sendo uma das motivações, o grande volume de notícias ligadas à pandemia de Covid-19 e o fato de seu pai trabalhar na área da saúde, na linha de frente de enfrentamento ao vírus. Ela lembra ter sido atingida por uma notícia que desencadeou uma crise de ansiedade: “Morreu umas tantas mil pessoas e tal, mas só que eu falei, caramba, meu pai tá na linha de frente, ele vai pra casa, ficar com a minha mãe e aí vai matar a família inteira, fiquei nesse surto psicótico e desde então eu não vejo mais televisão”. A partir de então, a entrevistada alega utilizar o aparelho de TV apenas para assistir às plataformas *Netflix* e *YouTube*, em que as programações preferidas são desenhos animados, por conta da filha bebê. Além dos programas infantis, comenta que depois que sua bebê dorme, gosta de assistir a séries estrangeiras de gêneros diversos, citando *Green Leaf*, *Rainha do Sul*, *La Casa de Papel*, *Designed Survivor* e *Ponto Cego*. Quando questionada sobre o consumo de mídia televisiva antes da pandemia, ela relembra apreciar programações dos canais *GNT* e *Discovery Home and Health*, canais em que assistia a programas ligados à comida e à “vestidos de noiva”.

Redes sociais

A entrevistada revela ter mudado bastante sua relação com as redes sociais nos últimos anos. Anteriormente, comenta que “arrumar confusão nas redes sociais” era seu *hobby*. O foco das suas discussões era a política e comenta “[...] questões políticas mexem comigo, de verdade, e porque, assim, são coisas que eu quero respostas e as pessoas nunca

tem pra me dar, então me irrita [...]. E era isso, assim, então eu, se eu via um *post* eu ia lá e quebrava pau”. Porém, por conta da sua aproximação com a igreja, passou a acreditar que esta atitude era incoerente com o que sua religião prega “[...] veio caindo a ficha [...]: ‘para de ser problemática, cara, tu tem que ficar em paz com geral, você tá surtando com todo mundo. Você não tá transmitindo Cristo com as suas atitudes’”. Hoje em dia, descreve que sua página do *Instagram* se resume a sua rotina, que seria sua dieta, família, exercícios e conteúdos religiosos. Ainda informa que nas redes sociais, não segue nenhuma página ou perfil ligado ao jornalismo ou veículos de comunicação, se informando portanto, através de postagens que aparecem no seu *feed*, e pelo próprio marido “[...] vou perguntando pro meu marido a respeito e ele sempre me responde pontualmente o que eu quero saber sobre esses assuntos, assim, mais específicos”. Entretanto, no questionário *online*, informa seguir as páginas *Mulheres com Bolsonaro*, *Discipulai* e *Amor à Palavra*.

GABRIEL

Gabriel é estudante universitário do curso de Serviço Social na UNOPAR, faz parte de uma ONG e mora no interior de Pernambuco, na cidade de Petrolândia, e recentemente inaugurou uma loja de roupas e perfumes. Em função da pandemia, comenta que sua rotina tem se resumido a aulas à distância, mas ressalta que o restante das suas atividades diárias não mudou, por ser uma pessoa mais reservada e caseira. Relata usar suas horas vagas para se manter atualizado, através do uso das redes sociais e leituras de *sites* de notícias. Com relação à sua religiosidade, diz não praticar nenhuma religião específica, mas acredita em Deus e reforça “Eu não tenho religião, eu tenho Cristo”. No campo político, Gabriel acredita estar mais alinhado com a direita, devido à importância dos valores familiares fomentados por esta ala, o que vai ao encontro dos seus ideais.

Televisão

Sobre seu consumo televisivo, Gabriel aponta assistir majoritariamente à programação do canal *SBT*. Este hábito, segundo ele, foi adquirido da sua família “Todo santo dia minha família sempre assistiu o *SBT*. Os outros canais era raramente”. Dentro

da grade da emissora, os conteúdos que costuma acompanhar vão desde novelas infantis como *Carrossel*, *Poliana* e *Chiquititas* à programas como *Operação de Risco* e *Mega Senha*. Em relação às plataformas de *streaming*, revela já ter sido assinante da *Netflix* e do *Telecine Play*, mas comenta “[...] acabei cancelando, que eu também não gosto de tá muito assistindo não, aí eu resolvi economizar mais um pouco”.

Rádio

O entrevistado utiliza serviços de *streaming* para ouvir música e notícias. Também costuma ouvir a *Rede Brasil*, *Jovem Pan* e *Record News* na rádio FM.

Redes sociais

Gabriel relata ter se tornado um usuário ainda mais assíduo das redes sociais durante a pandemia, espaço em que costuma falar muito sobre política, especificamente na sua página do *Facebook*. Já no *Instagram*, revela ter duas páginas: uma pessoal, que é aberta; e uma fechada, destinada especificamente à exposição de suas opiniões. Ele comenta que este perfil é fechado devido à comentários contrários às suas ideias que recebia no seu perfil aberto “[...] eu criei um grupo fechado já pra aceitar apenas aquelas pessoas que eu vejo que gosta, que faz uma leitura e que não se sentiria chateado [...], no meu outro, algumas pessoas tavam vindo com muito mimimi”. Ele comenta seguir páginas ligadas à política, como *Te Atualizei* e *Jacaré de Tanga*, que ele descreve como páginas que unem política com humor, e além destas, também segue a página oficial de Jair Bolsonaro. Ainda, ressalta que também segue no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, páginas de outros políticos, ligados à esquerda, e justifica “[...] por conta que eu penso diferente, não quer dizer que eles façam alguma coisa pelo povo. Alguns ainda pensa na população”. O entrevistado também comenta utilizar com frequência o *Whatsapp*.

JANA

Jana tem 60 anos, é cabeleireira, estudou até à sexta série e mora em uma pequena cidade localizada no Balneário do Espírito Santo. Sua única atividade diária é o trabalho, apesar de ser candidata à vice-prefeita de uma pequena cidade vizinha. “Eu não estou empenhada na campanha, porque eu moro em cidade diferente”. Sobre suas atividades de lazer, conta que gosta de ler e viajar. Perguntada sobre sua religião, conta ser candoblecista, porém, não está frequentando a roça neste momento por sentir preconceito em relação à sua presença, uma vez que é uma mulher trans: “[...] quando eu comecei a sentir, tá, eu me afastei. Eu desfiz minhas coisas, tá, pedi ao vento misericórdia, me afastei”. Sua visão política é conservadora e conspiracionista, citando em diversos momentos uma suposta doutrinação comunista implementada pela esquerda, que estaria presente em diversos setores da sociedade “A esquerda, ela sempre comprou, todo mundo, lentamente [...] anos e anos, trabalhando todo o Brasil. Ela formou professor universitário [...], ela formou professor de escola de primeiro e segundo grau, ela fez políticos, tá? Comunistas, tá? Ela fez a imprensa comunista...”. A entrevistada ainda declara ter votado em Jair Bolsonaro “[...] eu sou a favor do Bolsonaro. Tá? Eu sou a favor dele, porque ele veio e fez várias coisa, que a gente tava sendo massacrado”.

Televisão

A entrevistada comenta utilizar a plataforma *Netflix*, além da TV a cabo *RCA*. No *streaming*, conta assistir principalmente a séries estrangeiras, como *Lúcifer* e *Pose*, porém, também diz ter assistido à série nacional *O Doutrinador*. Na TV a cabo, gosta de acompanhar conteúdos do canal *National Geographic*, citando o programa *Mundo Animal*, e menciona uma segunda emissora voltada para temáticas envolvendo cirurgias plásticas.

Jornal e revista

Jana informa não consumir conteúdo de jornais, afirmando ter se tornado uma pessoa alienada e ainda comenta “Para que que eu vou ver jornal? Para eu ver as notícias

que são todas maquiadas do jeito que eles querem passar? Apavorar, aterrorizar o povo? Não, não vejo não, bicho, prefiro não ver”. Para a entrevistada, o lugar mais confiável para acessar notícias são suas redes sociais.

Redes sociais

Com relação às redes sociais, Jana diz fazer uso do *Twitter*, *Instagram* e *Facebook* para se manter atualizada e ainda comenta “... no *Instagram* não tinha notícia, hoje em dia virou um telejornal”. Apesar disso, confessa não seguir páginas específicas, dando a entender não ser necessário “[...] as pessoas publicam 24h sobre política, sobre crime, sobre assassinato, sobre roubo, sobre corrupção. Pra que que eu vou sentar na frente da televisão para assistir?”. Jana também revela ter o hábito de fazer comentários provocativos nas suas redes “Eu sou aquela pessoa que eu ponho minhoca na cabeça das pessoas e saio. Eu faço como, o bom, todo doutrinador. Entro, ponho a incerteza e saio, sou xingada e saio. E deixo um monte de interrogação no ar”.

JACQUES

Jacques tem 36 anos, é natural de Parnaíba e há 13 anos reside em Terezina, Piauí. O entrevistado mora sozinho e trabalha na área do marketing digital, atuando como *social media*. Durante a noite, quando não está trabalhando, comenta gostar de escutar música e estudar. Entretanto, confessa não ter muito tempo livre, pois é pré-candidato à cargo político em Terezina. Com relação à religião, Jacques se declara cristão evangélico, o que considera parte importante de sua vida, embora relate que no passado precisou se afastar da igreja por ser homossexual “[...] eu saí da igreja e comecei a viver minha vida conforme eu queria”. Porém, por ter uma ligação muito forte com a religião, pouco antes da pandemia voltou a frequentar a igreja, e confessa que neste aspecto foi bastante afetado pelo afastamento social “[...] quando teve essa pandemia, que não podia, foi uma coisa que me afetou bastante, porque eu acho que a fé da gente tem que tá sempre em primeiro lugar. E foi algo que fez até com que eu me esfriasse um pouco na fé, na época”. Quando questionado sobre o seu posicionamento político, Jacques afirma que gosta de ser

considerado conservador, por achar que a nomenclatura extrema direita é distorcida pela mídia “[...] então é essa extrema direita que a mídia colocou pra si, para colocar os conservadores como pessoas que são até mesmo sanguinárias”. Ele também comenta ter sido um dos fundadores do movimento *Gays de Direita*, mas diz ter se desvinculado do movimento em função do seu retorno à igreja “Mas aí eu peguei pelo fato também da minha conversão, do meu retorno pra igreja, eu preferi largar rótulo de gay de direita, de gay seja o que for, seja o que for...”.

Televisão

Sobre seu consumo de televisão tradicional, afirma não assistir à programas de TV aberta há mais de um ano “As mídias tradicionais pra mim, perderam muito o seu foco”. Inclusive, comenta não ter aparelho televisor em sua casa. No passado, revela que tinha o hábito de assistir às novelas da *Rede Globo* e cita que uma das últimas que acompanhou foi *Império*. No entanto, explica ter deixado de consumir este produto pois atualmente “[...] todas as novelas que eles fazem, são novelas voltadas pra um viés progressista”. Com relação às plataformas de *streaming*, o entrevistado relata fazer uso da *Netflix*, onde costuma assistir às series norte-americanas, como *Grey’s Anatomy*, *House of Cards*, *Dinastia* e *Scandal*.

Jornal e revista

O entrevistado declara não acompanhar veículos de mídia tradicional por não sentir seus ideais representados nela “[...] a mídia tradicional, ela tava totalmente voltada para os seus ideais [...] eu não vejo representatividade na mídia para o bem do povo brasileiro”. Com isso, procura se informar em páginas conservadoras *online*, como *Brasil Paralelo* e *Brasil Sem Medo*.

Rádio

No serviço de *streaming*, o entrevistado informa consumir música sertaneja e gospel, justificando: “sertanejo universitário eu gosto, pelo fato de eu ser evangélico eu gosto muito de música gospel”. Apesar dessas preferências, afirma também consumir músicas de outros artistas, inclusive de espectro político diferente do dele. “Até muitas pessoas que me questiona pelo fato de eu ser considerado, eu me considerar conservador, gostar de músicas de pessoas que são declaradas atualmente como de esquerda”.

Redes sociais

Por trabalhar com redes sociais, Jacques comenta fazer uso frequente de *Facebook* e *Instagram*. Devido ao seu posicionamento político, relata já ter sido alvo de ataques no *Facebook* por parte do movimento LGBT+ “[...] pelo fato da minha sexualidade e por apoiar o Bolsonaro”. O interlocutor ainda contou que, via *YouTube*, consome os conteúdos de Olavo de Carvalho e Padre Paulo Ricardo, e complementa “[...] foram as pessoas que abriram os meus olhos para o que é o conservadorismo [...] eu posso dizer que eles foram os meus mentores ideológicos”.

MIGUEL

Miguel tem 36 anos, é advogado e doutorando em Direito em uma universidade da região metropolitana. Na sua pesquisa, trabalha com sociologia da burocracia e advoga nas áreas de Direito Administrativo e Direito do Consumidor. Referente à sua trajetória educacional, conta ter frequentado ensino privado do colégio até o doutorado, classificando seu perfil socioeconômico como classe média emergente. Comenta ser definido como negro pelo IBGE e complementa “[...] eu sou negro mesmo, filho de negros, de uma família negra”. O entrevistado diz ser *nerd*, pois gosta de passar tempo com jogos *online* nas suas horas livres. Sua outra atividade de lazer era frequentar suas aulas de luta, atividade que precisou deixar de lado por conta da pandemia. Sobre o aspecto religioso, se denomina cristão “[...] eu sou o típico brasileiro católico não praticante”. Ainda, comenta fazer

uma separação entre religião e academia “Quando eu baixo o acadêmico, eu basicamente não toco no assunto e faço uma supressão bem forte”. Com relação ao seu posicionamento político, se declara de direita conservadora, e reforça não apoiar o atual presidente Bolsonaro, brincando: “A parte boa de ser de direita é que eu posso fazer esse tipo de comentário que ninguém se importa. Pode chamar o nosso presidente de cão sarnento ...”. Miguel confessa também participar da *Associação Nacional dos Pesquisadores Pretos* e da *Associação Nacional de Advogados Negros* mas, por conta de seu posicionamento político, sua atuação é mais discreta “Mas é aquilo, bem *low-profile*, porque ali não tem muito de direita...”.

Televisão

Sobre seu consumo de conteúdos televisivos, Miguel afirma ter retomado a antiga prática de assistir a desenhos animados japoneses na plataforma *Crunchyroll*, por achar que atualmente todas as ficções seriadas estão tentando abordar questões ligadas à política. Embora comente não se importar, reforça que o problema é o excesso “[...] hoje em dia tá tudo muito político”. Relata que, no passado, assistia ao canal do *YouTube Porta dos Fundos*. Porém, após perceber uma tomada de posicionamento político progressista pelo canal humorístico, parou de acompanhar “[...] agora se vocês claramente só querem fazer piada contra o meu lado, bom, daí eu sou obrigado a ter um posicionamento”. Também comenta utilizar as plataformas de *streaming Netflix* e *Amazon Prime*, canal em que costuma acompanhar as séries estadunidenses *Lovecraft Country* e *The Boys*. Também, Miguel afirma assistir ao canal *CNN*, por sua imparcialidade “[...] a *CNN* consegue fazer algo muito difícil, que é não criticar o Governo, quando o Governo toma uma atitude política que é perfeitamente razoável e constitucional, só não é algo progressista...” (MIGUEL, 2020).

Rádio

Com relação à rádio tradicional e aos serviços de *streaming*, Miguel afirma não consumir e comenta “[...] eu não costumo consumir rádio e o seu equivalente na internet,

podcast, eu basicamente não tenho paciência pra ficar uma hora escutando alguém falando”.

Jornal e revista

Miguel também acessa os sites de conteúdos jornalísticos *G1* e *Folha de São Paulo*, que se dão geralmente no fim do dia, quando possui maior tempo hábil para se informar: “Eu saio de manhã, chego em casa já a noite, fico no computador, vejo as notícias pelo computador”. Complementa, relatando como era sua prática antigamente: “Eu não tenho tempo pra televisão, eu já era assinante inclusive da *Globo News*, através da *Sky*, tudo, mas era uma coisa que eu tava pagando pra não utilizar. Então e peguei, cancelei assinatura, vendi televisão e hoje me informo somente via internet mesmo”.

Redes sociais

Nas redes sociais, Miguel costuma acompanhar no *Facebook* a página *Conservadorismos Independentes*, que apesar do conteúdo conservador, explica não estar alinhada com o Governo Federal “[...] é uma página atacada por todas outras páginas de conservadorismo, porque ela não diz amém pro presidente a cada passo”. Acrescenta, ainda, acessar a página *Direita Forte*, que possui posicionamento similar ao da citada anteriormente.

ROXANA

Roxana tem 49 anos, diz estar “separada do marido” e mora com a filha de 25 anos em Ananindeua, segunda maior cidade do Pará. Informa ter se graduado em Pedagogia para fins de conhecimento, não tendo exercido a profissão “Talvez um dia exerça com os meus netos, no dia que eu os tiver”. Além disso, também é formada em Estética e atuou como comerciária durante toda a vida. Comenta ainda trabalhar na venda de cosméticos de maneira autônoma, apesar de ser aposentada por questões de saúde “[...] eu fui obrigada a me aposentar de uma forma precoce”. Apesar de se perceber como negra,

salienta ser miscigenada “[...] sou miscigenada como todo o Brasileiro, porque, porque eu tenho um bisavô europeu, Português, né, de Lisboa”. Roxana diz ter uma relação intensa com a religião, sendo frequentadora da Igreja Batista. Durante a pandemia, ela e a filha costumam sair majoritariamente para ir à igreja. Nos seus momentos de lazer, revela que gosta de ler, orar e assistir a documentários. Também conta que ela e a filha são engajadas na causa animal, tendo oito cães e dois gatos adotados em casa. Politicamente, no passado se declarava “petista”. Inclusive, conta que participou de uma propaganda do partido “[...] eu era petista como te falei, cheguei a aparecer na propaganda nacional...”. Entretanto, descreve profunda decepção com os supostos escândalos de corrupção da legenda de esquerda, se vendo atualmente mais identificada com o atual Governo Federal “[...] me feriu, me feriu me dói, e por isso eu deixei de lado né, e aí me surgiu, surgiu uma oportunidade pro presidente Bolsonaro, né?”. No momento, a entrevistada é filiada ao Partido Patriotas por influência da filha, que foi candidata à vereadora na cidade pelo partido: “[...] mais por conta que a minha filha, ela era, foi candidata a vereadora, aí eu me filiei com ela, porque ela é bem engajada”.

Televisão

A entrevistada relata não assistir à TV aberta por não gostar das programações “Não assisto nada. Eu não gosto, só isso”, e ainda reforça não gostar de telenovelas. Mais tarde, confessa que a última narrativa de ficção seriada que assistiu foi *O Clone*. Sobre seu consumo em plataformas de *streaming*, conta esporadicamente assistir à documentários na *Netflix*, quando cita uma produção sobre a Coreia do Norte. Quando questionada sobre filmes, a entrevistada diz gostar do gênero ficção, citando os filmes *Matrix*, *Senhor dos Anéis* e *Star Wars*. Além disso, cita o filme *40 dias: o milagre da vida*, assistido no cinema, que possui fundo religioso e conta ser baseado em história real. Na televisão, também não tem o hábito de assistir aos telejornais, justificando que: “Eu acho que os jornais são muito tendenciosos, eu não gosto também. Eles tentam te manipular, né. Eles não trabalham com imparcialidade, eles são parciais”.

Rádio

Roxana não consome rádio tradicional, mas comenta se informar através do programa *Pingo nos Is*, pelo *Spotify*. Sobre música, a entrevistada diz ter o hábito de adquirir a mídia física, como forma de valorizar os artistas que aprecia “[...] normalmente quando eu gosto do cantor, eu costumo comprar o CD dele pra ajudar, incentivar o trabalho do cara, ou da moça...”. Sobre suas preferências musicais, declara ser eclética, gostando de tudo, menos de funk: “[...] eu só não gosto de funk. De funk não”. Questionada sobre os artistas que aprecia dentro música popular brasileira, cita *Flávio Venturini*, *Cássia Eller*, *Biquini Cavado*, *Legião Urbana*, *RPM*, *Menudos* e *Draco Rosa*.

Jornal e revista (tradicional e online)

Sobre o jornal impresso, diz ler raramente, apenas quando tem a oportunidade. Então, para se informar, a entrevistada utiliza redes sociais, busca informações no *Google* e eventualmente lê notícias no portal *G1*. Ainda, conta acessar o site da *Gazeta do Povo*, pois gosta dos conteúdos da colunista *Madelaine Lacksco*.

Redes sociais

A principal função das redes sociais para Roxana é a busca por informação, uma vez que não acompanha nenhuma mídia tradicional, como salientado anteriormente. Durante a entrevista, ela cita em alguns momentos a utilização do *Instagram* e *Whatsapp* para esta finalidade. Além disso, afirma que gosta de acompanhar conteúdos *online* de algumas personalidades adventistas, como a neurocientista *Dr^a Rosana Alves* e o arqueólogo *Rodrigo Silva*. No *YouTube*, Roxana revela que o que assiste com mais frequência são as pregações religiosas: “Assisto ao vivo todos os dias, prontamente meia-noite eu assisto, tem pregação meia-noite”.

SANDRA

Sandra tem 40 anos, é solteira e há quatro voltou a morar com os pais na cidade de São Paulo. A entrevistada é formada em administração e chegou a trabalhar para uma multinacional no passado. Por questões ligadas à saúde mental, mudou de carreira, sendo atualmente empreendedora no ramo da costura, trabalhando de casa. Sobre sua rotina, conta ser basicamente de trabalho, focada em desenvolver o seu negócio, que nasceu de um *hobby*. Nos seus momentos de lazer, gosta de assistir a filmes, além de viajar para o interior e passar tempo com a família e amigos. Ela conta gostar de animais, tendo um *bulldog* francês de estimação. A entrevistada se diz cristã evangélica, e em diversos momentos reforça sua conexão com a religião, se considerando uma pessoa de ligação forte com Deus “[...] e eu estudo, eu estudo a bíblia, eu aprendo mais de Deus, eu converso com Deus, eu tenho um relacionamento com Deus ...”. No aspecto político, se considera conservadora por conta dos seus valores morais “[...] eu fico dentro da categoria de direita, de família mais conservadora e tudo mais”.

Televisão

A entrevistada afirma não assistir à programas de TV aberta, por acreditar que a mídia é manipuladora, chegando a classificar a *Rede Globo* como partidarista “[...] eu não assisto *Rede Globo* pra nada, absolutamente nada. Pra mim, esse é um canal que não existe. Eu não gosto de nada partidarista, eu gosto que tem a notícia nua e crua”. No decorrer da entrevista, complementa dizendo ter posicionamento similar em relação a outras emissoras “Não só a *Rede Globo*, seja ela qual for, *SBT*, *Record* principalmente, que se diz uma instituição que fala que é cristã, mas pra mim... Eu discordo de muitas coisas, assim, só pra ganhar audiência...”. Em contrapartida, Sandra comenta consumir conteúdos da emissora de TV a cabo *Discovery Channel*, citando a preferência por atrações com temáticas ligadas à natureza, além dos programas policiais. Já sobre plataformas de *streaming*, a interlocutora relata utilizar a *Netflix* ocasionalmente, não lembrando o nome da última série que assistiu. Com relação a filmes, Sandra cita diversos títulos durante a entrevista, que estariam principalmente dentro dos gêneros drama, romance e terror. Ela

afirma que seus favoritos são *E o Vento Levou* e *Orgulho e Preconceito*, e explica “[...] não só por causa do romance, mas por causa de época, de lugares, essas coisas assim me fascinam...”. Além destes, ela ainda cita *Corrente do Bem*, *Um Sonho Possível* e *À Procura da Felicidade*, que segundo ela, são exemplos de filmes “relacionados à situação de fé”. Dentro do gênero terror, mostra uma predileção para enredos envolvendo paranormalidade, pois afirma já ter passado por experiências espirituais. Ela conta ter assistido *Annabele*, *A Freira*, *O Exorcismo de Emily Rose* e *O Exorcista*, e comenta, rindo: “Eu acho muito engraçado o comportamento das pessoas diante de situações paranormais [nos filmes]”. Também revela ter assistido ao filme nacional *Bruna Surfistinha*, e por conta dos seus valores conservadores, apresenta forte crítica à produção e complementa “[...] eu não quero que o governo financie isso mesmo, quero que o governo financie escola”.

Jornal e revista

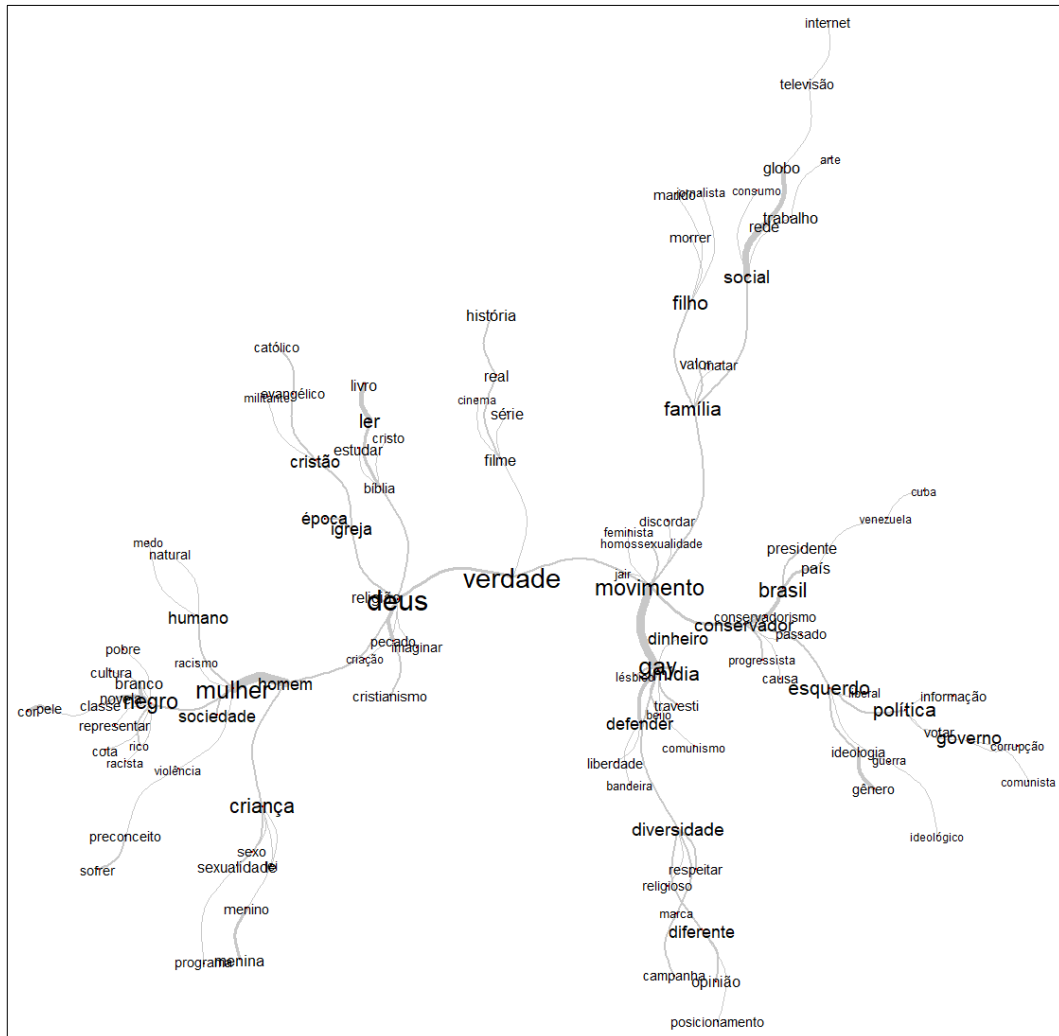
No consumo de notícias, Sandra diz se informar através de abaixo-assinados que costuma receber frequentemente, geralmente ligados com a causa animal. Também comenta ser impactada por publicações sobre política nas redes sociais, quando aparecem no seu *feed*. Mas reforça estar com sua atenção mais voltada para o seu trabalho, não buscando informação em quaisquer plataformas. A entrevistada relata ter o hábito de conversar diariamente com seus pais, e acaba se atualizando através deles. Também comenta que seu pai costuma assistir ao canal *CNN* e ouvir o programa de rádio *Pingos nos Is*. Entretanto, quando está pesquisando sobre alguma notícia específica, diz procurar plataformas diferentes, inclusive no *G1*: “[...] eu busco em tudo, eu busco até no que eu odeio, que é no *G1*...”. No passado, a interlocutora revela que costumava acompanhar sites como *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *Globo*, além das revistas *Veja*, na versão impressa, e *Super Interessante*. Ela conta que deixou de ler esses veículos durante a última campanha presidencial de 2018, quando relata ter percebido um viés manipulador nos editoriais “[...] foi durante a última eleição presidencial. Era a mente do editor dele que puxava pra um candidato que eles queriam que fosse o candidato alheio. E até hoje é muito isso...”.

Redes sociais

Sobre redes sociais, Sandra comenta recentemente ter diminuído muito o seu uso, dado o grande volume de publicações de teor político “[...] restringi cerca de 95% que eu uso de rede social, que é *Instagram*, *WhatsApp*, *Facebook*, e pouquíssimo uso *Twitter*, é literalmente pro meu trabalho, porque, eu vou ser sincera, eu tô muito de saco cheio, porque hoje a gente vive uma enxurrada de informações políticas, é muita gente que fala demais...”. Entretanto, sem informar em qual rede social, relata seguir algumas figuras pró-governo como a ex-jogadora de vôlei *Ana Paula* e *Bia Kicis*. Especificamente sobre o *Instagram*, que cita ser sua rede preferida, ela afirma ter quatro perfis: um pessoal, dois de trabalho e um do seu cachorro de estimação. Suas publicações são majoritariamente sobre seus produtos, e ela ainda diz seguir páginas e pessoas relacionadas ao seu trabalho, na área da costura criativa. Além das redes já apresentadas, a entrevistada também faz uso do *Pinterest* e *YouTube* em busca de conteúdos relacionados ao seu nicho de atuação profissional.

Assim como fizemos junto aos progressistas, exibimos agora a Análise de Similitude dos discursos do grupo de minorias conservadoras:

Figura 18 – Análise de similitude (conservadores)



Fonte: elaborado pelo autor através do software Iramuteq.

A análise de similitude acima revela quatro termos em destaque: **negro**; **mulher**; **deus**; **verdade**; e **movimento**. A partir de **negro**, observamos a conexão com expressões sobre cor de pele entre outras, como *cotas* e *pobre*. Conectado a esse termo, há **mulher**, que se ramifica em expressões como *humano* e *criança*. Esta, leva aos termos *sexo* e *sexualidade*. **Deus** conecta-se a expressões do universo religioso (*pecado*; *cristianismo*; *igreja*). A expressão **verdade**, que está entre *deus* e *movimento*, se liga a produções audiovisuais (*filme*; *cinema*; *série*). Já **movimento** centraliza três ramificações. Uma delas nos leva, com pouca consistência, às expressões *feminismo* e *homossexualidade*, que se

ligam ao termo *família* que por sua vez está conectado com elementos da mídia (*globo; televisão*). Outro eixo que emerge de *movimento* ramifica-se fortemente na expressão *gay*, cujas ramificações nos levam de volta à temática religiosas (*religião*); políticas (*defender; comunismo*); e, também, assim como *família*, as conexões desembocam em questões midiáticas e de consumo (*marca; campanha*). O terceiro desdobramento de *movimento* é *conservador* e *conservadorismo*. Desta expressão, emergem várias outras do universo político e ideológico (*cuba; venezuela; esquerda; votar; corrupção*). Nesse âmbito, com menor relação, também há expressões como *gênero, informação* e *guerra*.

A seção esquadrinha o que emerge a partir dos entrevistados levando em consideração as dimensões dos seus perfis selecionados *a priori* em termos de raça, gênero e sexualidade. O movimento é comparativo entre interlocutores com os mesmos marcadores, mas de coordenadas políticas opostas.

8. IDENTIDADES EM PERSPECTIVA COMPARADA

Nesta seção, temos como objetivo explorar panoramicamente os temas mais recorrentes através de um recorte ideológico e, também, a partir *marcadores sociais da diferença* em perspectiva *interseccional*. Isto é, considerando as divergências entre os interlocutores em termos de posicionamento ideológico, mas também levando em consideração somente aquilo que compartilham em termos de gênero, raça e sexualidade. Este investimento ocorre a partir das inquietações acerca daquilo que, talvez, sujeitos que compartilhem do(s) mesmo(s) marcadores sociais possam compartilhar, independentemente de filiação ideológica, em relação às tematizações discursivas. Os resultados são apresentados comparativamente a partir de uma leitura descritiva dos resultados gerados na *classificação hierárquica descendente*¹⁹⁴ e, também, através da *análise de similitude*, ambas geradas no *Iramuteq*¹⁹⁵. Posteriormente, apresentamos também um gráfico em que é possível observar comparações acerca dos marcadores sociais que emergem de forma articulada na fala dos entrevistados.

8.1 Por raça

Pessoas não-brancas (negras e indígena)

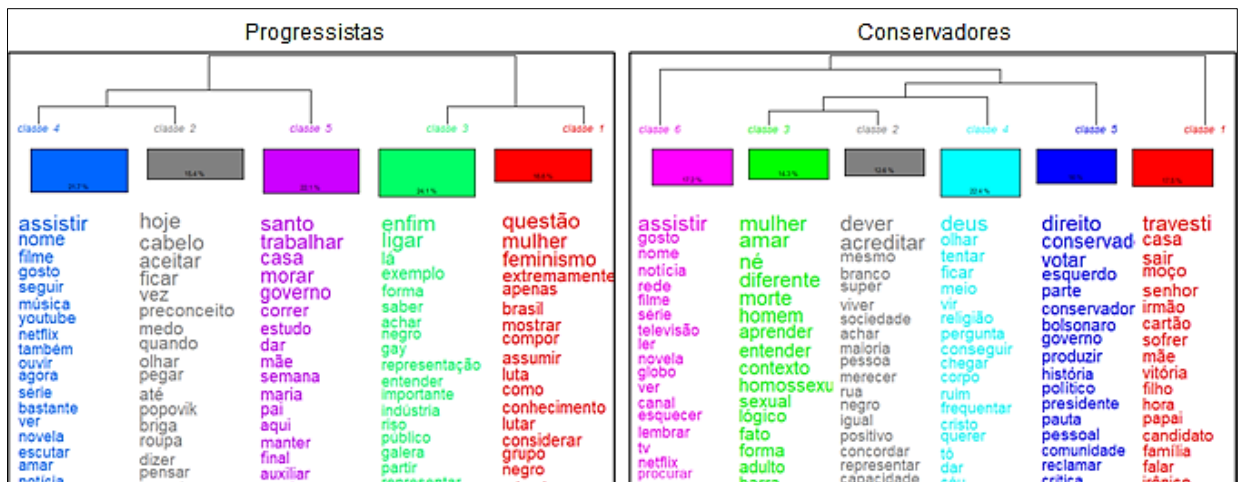
Os gráficos elaborados dizem respeito às entrevistas com os seguintes **progressistas**: Anaís, Dante; Diego; Hellen; Ísis; e Nara. Os **conservadores** são: Fátima; Gabriel; Jana; Jacques; Miguel; e Roxana.

¹⁹⁴ Na descrição dos dendogramas, nos referimos aos progressistas com a letra “p”, e aos conservadores com “c”.

¹⁹⁵ Para mais detalhes, consultar Seção 6 sobre os procedimentos metodológicos.

Classificação Hierárquica Descendente

Figura 19 – CHD (pessoas não-brancas, comparativa)

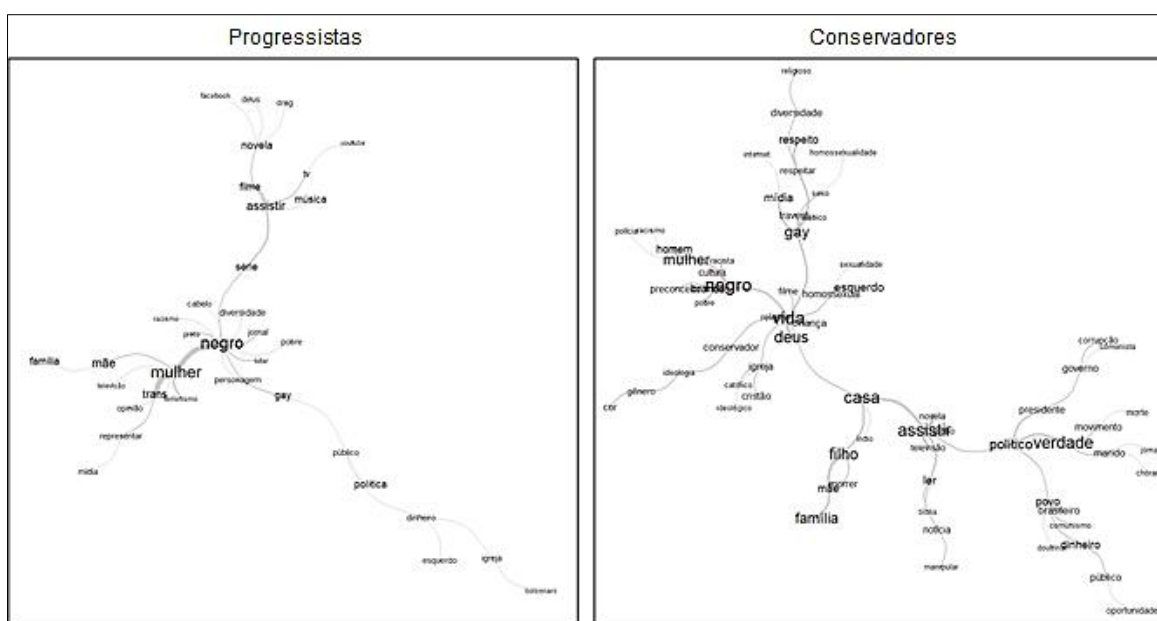


Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na figura acima, verificamos um comparativo que revela quais classes de vocabulários mais se aproximam e quais mais se afastam em cada um dos segmentos ideológicos considerando as especificidades dos interlocutores negros. O que há em comum entre as pessoas negras progressistas e conservadoras é a presença da *Mídia* (p: classe 4; c: classe 6). Contudo, enquanto esta classe liga-se a temáticas de *Preconceito* (p: classe 2) no segmento progressista, com o público conservador ela aparece isolada. Esta é a única classe que ambos possuem em comum. Em relação às especificidades, visualizamos que entre as pessoas progressistas negras há um debate próximo entre *Feminismo* (p: classe 1) e *Representação* (p: classe 3), além da descrição do *Cotidiano* (p: classe 5). No segmento das pessoas conservadoras negras, notamos uma pulverização de temáticas abordadas, o que se traduz nas classes *Contexto trans* (c: classe 1), *Religião* (c: classe 4), *Política* (c: classe 5), *Gênero/Sexualidade* (c: classe 3) e *Sociedade* (c: classe 2).

Análise de Similitude

Figura 20 – AS (pessoas não-brancas, comparativa)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na representação acima, observamos que tanto entre os progressistas negros, quanto entre os conservadores, a palavra **negro** ocupa lugar de destaque, conduzindo a léxicos comuns e diferentes em cada segmento. Igualmente, ambos possuem a palavra **mulher** como uma das ramificações que surgem a partir da expressão racial. No entanto, entre os progressistas, o marcador ainda se desdobra em expressões ligadas ao consumo de mídia e à sexualidade; enquanto entre os conservadores, remete às expressões *pobre*, *cultura* e *racista*. No mais, entre os progressistas, a palavra *mulher* – mencionada anteriormente – aparece em bastante destaque, conectando-se a papéis e expressões de gênero. Entre os conservadores, *mulher* também se faz presente, mas com um pouco menos de ênfase, ligando-se fortemente à expressão *homem*. Ainda referente às demais palavras destacadas entre os conservadores, temos a dupla **vida/deus**, que se difunde em elementos políticos, sexuais e midiáticos. *Igreja*, expressão de cunho religioso, aparece timidamente nos progressistas entre as palavras *política* e *bolsonaro*. Os conservadores também enfatizam as expressões **casa**, remetendo a figuras familiares; **assistir**, ligando-se a expressões midiáticas; e **político**; evocando termos que aludem ao governo e ao país.

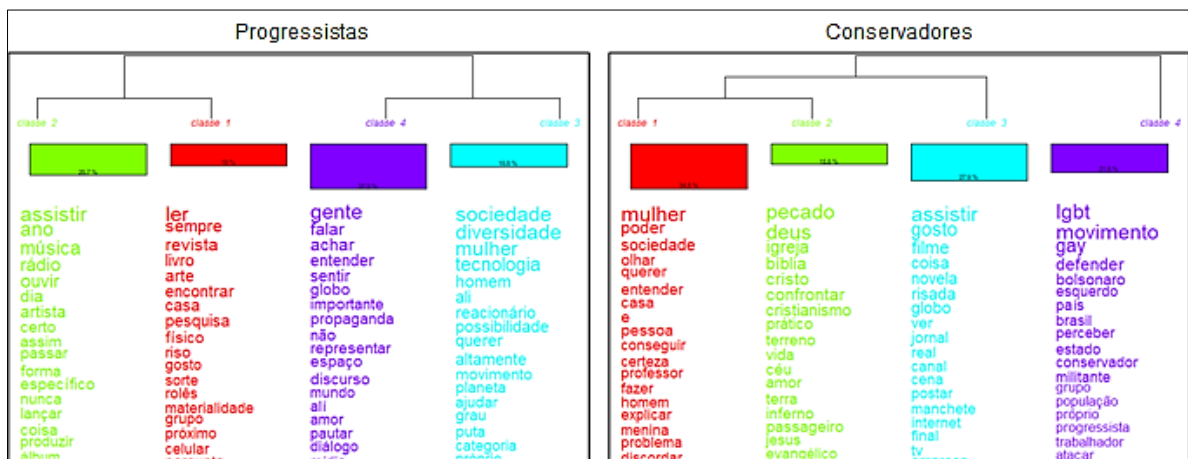
Essas palavras que se destacam entre os conservadores também se fazem presentes entre os progressistas, mas surgem com menos ênfase e como uma ramificação de outra expressão mais relevante.

Pessoas brancas

Os gráficos elaborados dizem respeito às entrevistas com os **progressistas**: Larissa; Moisés; Nara; Panthera; e Sofia. Os **conservadores** são: Alex; Betina; Douglas; e Sandra.

Classificação Hierárquica Descendente

Figura 21- CDH (pessoas brancas, comparativa)



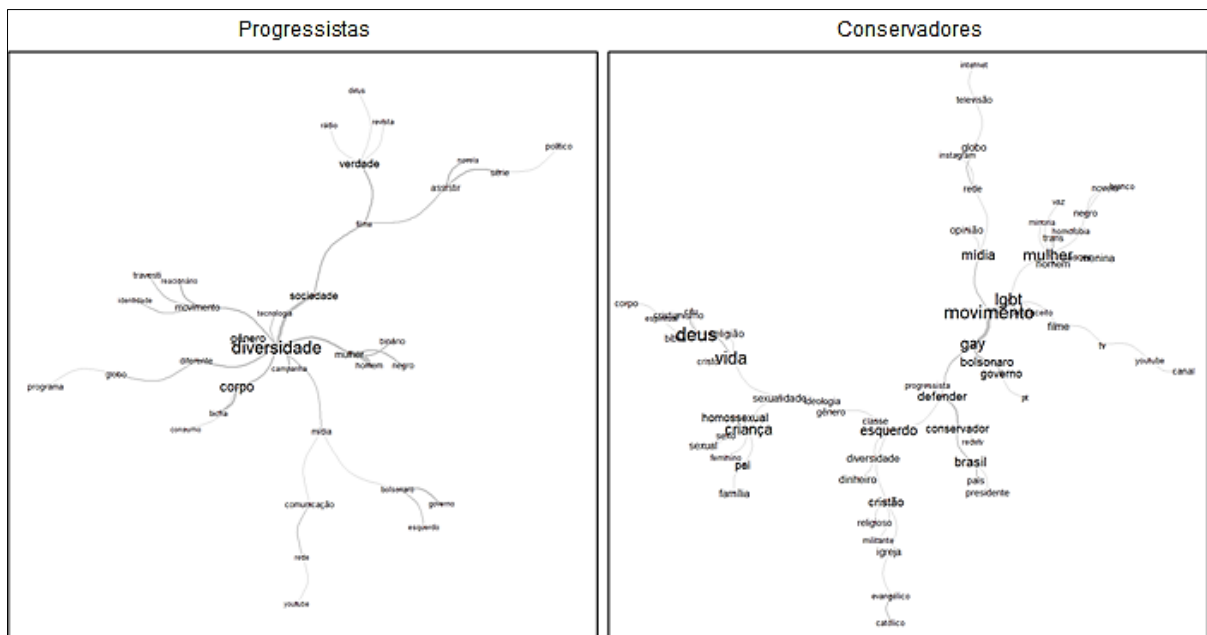
Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na figura acima, verificamos um comparativo que revela quais classes de vocabulários mais se aproximam e quais mais se afastam em cada um dos segmentos ideológicos considerando as especificidades dos interlocutores brancos. O que há de comum entre os dois grupos é a presença da *Mídia* (p: classe 2; c: classe 3) enquanto organizador de uma categoria específica. Entre os progressistas, a mídia surge bastante relacionada a expressões sobre *Consumo Cultural* (p: classe 1); enquanto nos conservadores, emerge de modo mais genérico e isolado. Em relação às especificidades, os progressistas tematizam questões amplas sobre *Responsabilidade Social* (p: classe 3) e *Representação* (p: classe 4). Já os conservadores são mais específicos, tratando de temas

ligados à *Sexualidade* (c: classe 4), *Gênero* (c: classe 1) e *Religião* (c: classe 2), sendo que estes dois últimos se articulam com mais ênfase, dada a proximidade no dendrograma.

Análise de Similitude

Figura 22 – AS (pessoas brancas, comparativa)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na representação acima, não observamos correspondência de palavras destacadas entre os dois segmentos ideológicos. Entre os progressistas, a palavra **diversidade** centraliza o desencadeamento das demais expressões. Entre os conservadores, as similitudes são mais complexas, com quatro termos em destaque: **vida/deus**; **esquerda**; **movimento**; e **mulher**. Estas expressões mais centrais para o público conservador também existem entre os progressistas, mas em outras disposições e sem ligações tão fortes entre outros termos. *Diversidade*, entre os progressistas, remete a questões do marcador de gênero de mídia. Entre os conservadores, a palavra *diversidade* aparece timidamente como uma ramificação da palavra **esquerda**. As expressões sobre gênero e mídia surgem como ramificações das expressões centrais **movimento** e **mulher**.

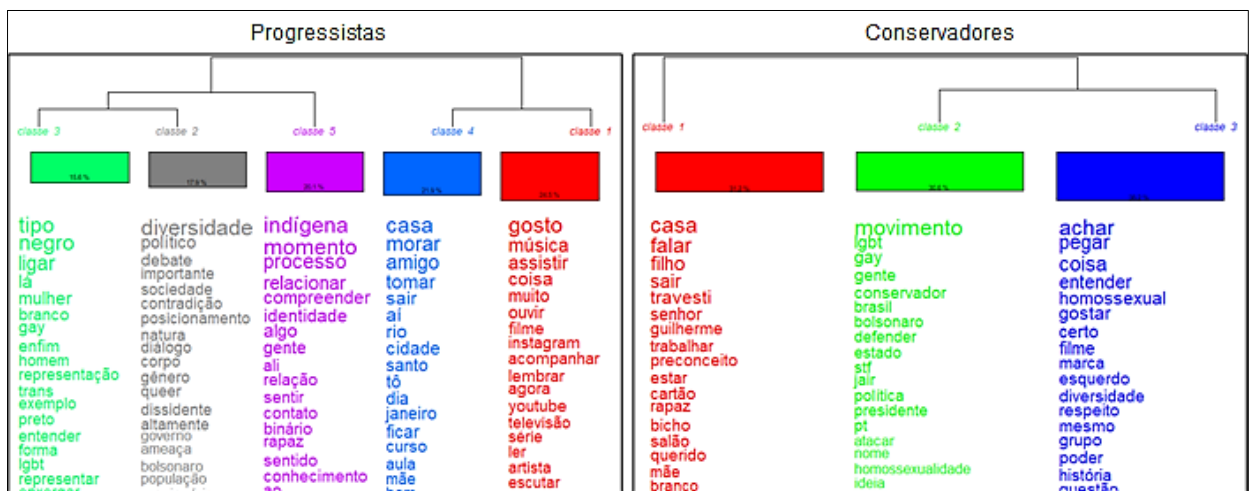
8.2 Por sexualidade

Pessoas LGBTQI+

Os gráficos elaborados dizem respeito às entrevistas com os **progressistas**: Dante; Hellen; Larissa; Moisés; e Panthera. Os **conservadores** são: Douglas e Jacques.

Classificação Hierárquica Descendente

Figura 23 – CHD (pessoas LGBTQI+, comparativa)



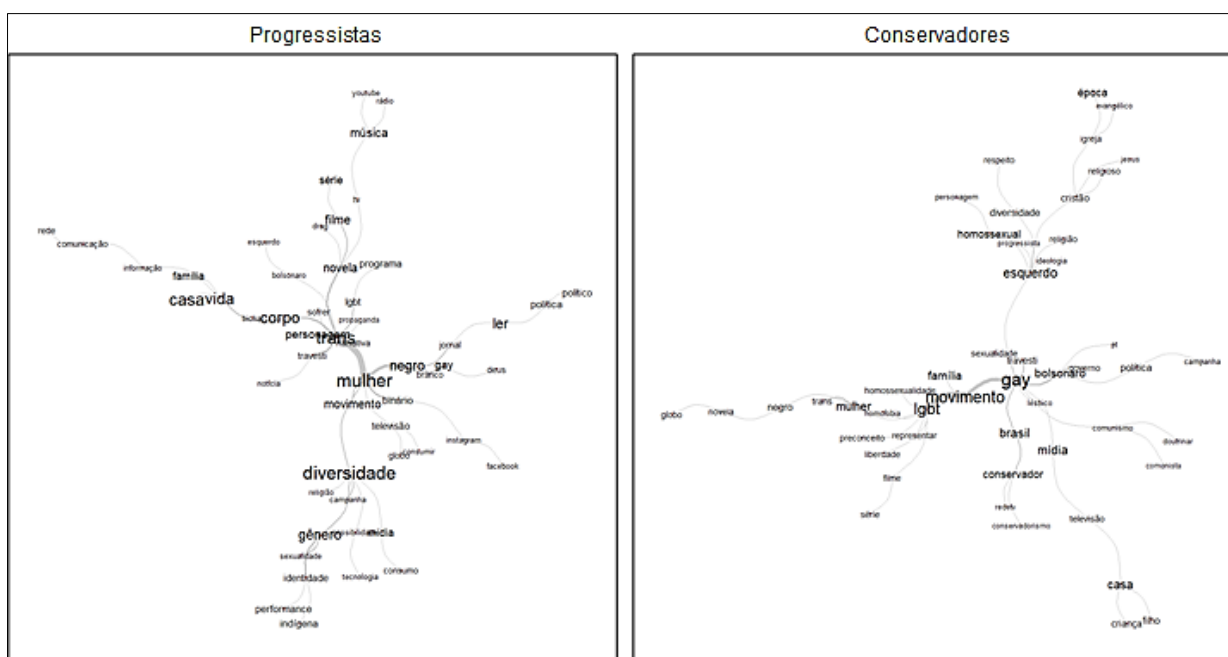
Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na figura acima, verificamos um comparativo que revela quais classes de vocabulários mais se aproximam e quais mais se afastam em cada um dos segmentos ideológicos considerando as especificidades dos interlocutores LGBTQI+. O que há em comum entre os progressistas e os conservadores deste perfil é a presença do *Cotidiano* (p: classe 4; c: classe 1) como elemento que se sobressai. No caso dos progressistas, esta classe está próxima ao léxico relacionado à *Mídia* (p: classe 1), enquanto nos conservadores, suas rotinas não possuem tanta aproximação com as demais classes do segmento, sendo elas *Sexualidade* (c: classe 2) e *Narrativas* (p: classe 3). No espectro progressistas, identificamos ainda as classes *Identidade* (p: classe 5), *Política* (p: classe 2) e *Representações* (p: classe 3). Estas duas últimas posicionam-se mais afastadas dos

aspectos sobre *Cotidiano* do que as classes dos conservadores *Sexualidade e Narrativas* mantêm-se em relação à mesma.

Análise de Similitude

Figura 24 – AS (pessoas LGBTQs, comparativa)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na representação acima, não observamos correspondência de palavras destacadas entre os dois segmentos ideológicos. Entretanto destacamos que, em ambos os perfis, palavras relacionadas ao marcador de gênero/sexualidade compõem a lista dos termos com mais ênfase. Entre os progressistas, as expressões são **trans** e **mulher**; entre os conservadores, a palavra **gay**. Este marcador de sexualidade conecta-se indiretamente a elementos midiáticos e diretamente à palavra *bolsonaro*. Entre os progressistas, o termo que faz relação com *bolsonaro*, é *trans*, porém sem muita saliência. O termo *gay* também se faz presente junto aos progressistas, entretanto com menos ênfase e ligado a um marcador racial. Por parte dos conservadores, as expressões *trans* e *mulher* também estão presentes, sutilmente relacionadas uma à outra. Enquanto entre os conservadores as

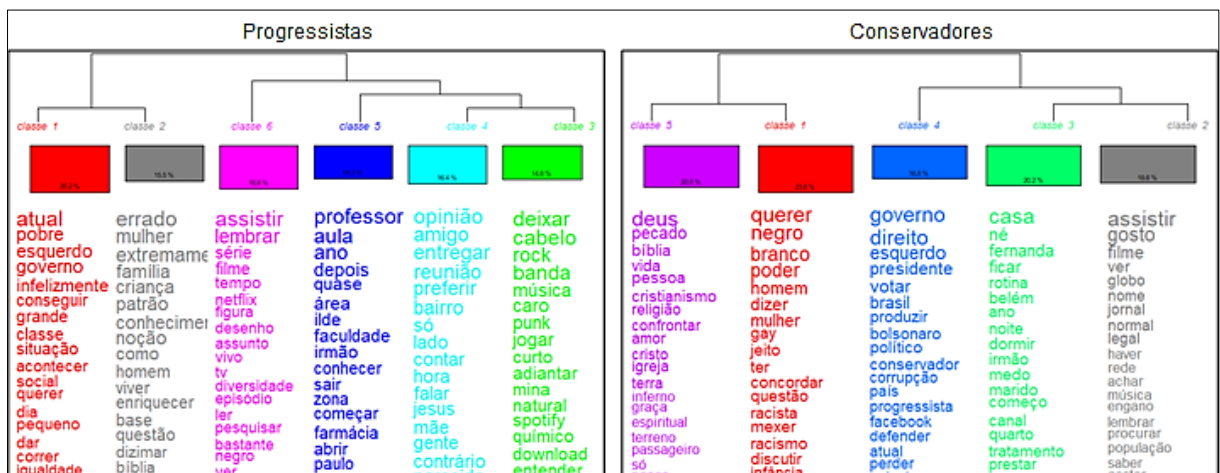
expressões midiáticas surgem de termos como *gay/movimento/lgbt*; entre os progressistas a mídia emerge das próprias palavras em destaque *trans* e *mulher*.

Pessoas cis-heterossexuais

Os gráficos elaborados dizem respeito às entrevistas com os **progressistas**: Anaís; e Diego. Os conservadores são: Fátima; Gabriel; Miguel; Roxana e Sandra.

Classificação Hierárquica Descendente

Figura 25 – CHD (pessoas cis-heterossexuais, comparativa)



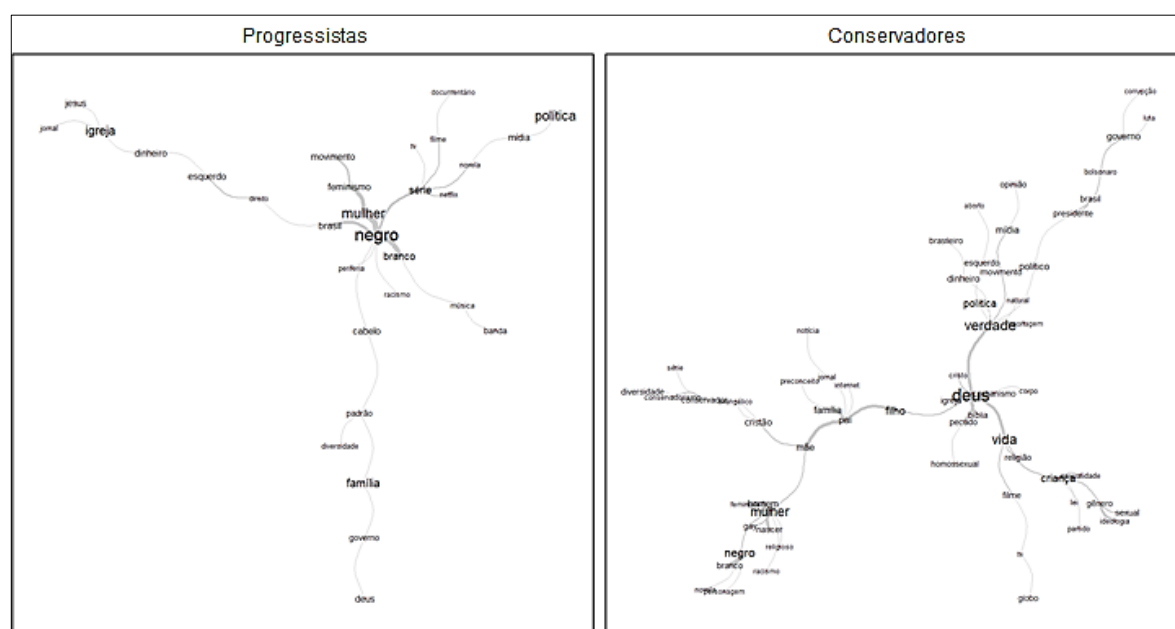
Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na figura acima, verificamos um comparativo que revela quais classes de vocabulários mais se aproximam e quais mais se afastam em cada um dos segmentos ideológicos considerando as especificidades dos interlocutores cis-heterossexuais. O que há em comum entre eles são as classes *Mídia* (p: classe 6; c: classe 2) e *Cotidiano* (p: classe 4; c: classe 3). No entanto, enquanto entre os conservadores estas duas classes aparecem vinculadas; nos progressistas, *Mídia* surge afastada das outras classes, e *Cotidiano* emerge em articulação com *Música* (p: classe 3). Destacamos, ainda entre os progressistas, a presença da classe que trata sobre *Educação* (p: classe 50, e também o grupo de duas classes formado por *Classe (social)* (p: classe 1) e *Gênero* (p: classe 2), que se localizam em

oposição às demais classes. No espectro das pessoas conservadoras localizamos, além das classes já citadas, *Política* (c: classe 4), *Religião* (c: classe 5) e *Minorias* (c: classe 1). Estas duas últimas, conectadas entre si no mesmo desmembramento, opondo-se mais fortemente às classes sobre *Mídia e Cotidiano*.

Análise de Similitude

Figura 26 – AS (pessoas cis-heterossexuais, comparativa)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na representação acima, não observamos correspondência de palavras destacadas entre os dois segmentos ideológicos. Entre os progressistas, as palavras que se sobressaem são **negro** e **mulher**, ambas em forte conexão mútua. Delas, emergem temáticas relacionadas à política, à religião e sobre consumo midiático. Esses temas também aparecem entre os conservadores, mas relacionando-se a outras ramificações. Nesse segmento, **deus** é a expressão de onde a maioria das ramificações surgem. Termos relacionados à *sexualidade* e à *corpo* orbitam a palavra *deus*. Dela, ainda surgem ramificações que nos conduzem à identidade de gênero *mulher*, conectada diretamente à identidade racial *negro*. De **deus**, também surgem ramificações que nos levam às

expressões *verdade* e *vida*. Nelas, encontramos expressões relacionadas à religião, à infância e à política, temas também presentes entre os progressistas, mas em menor ênfase.

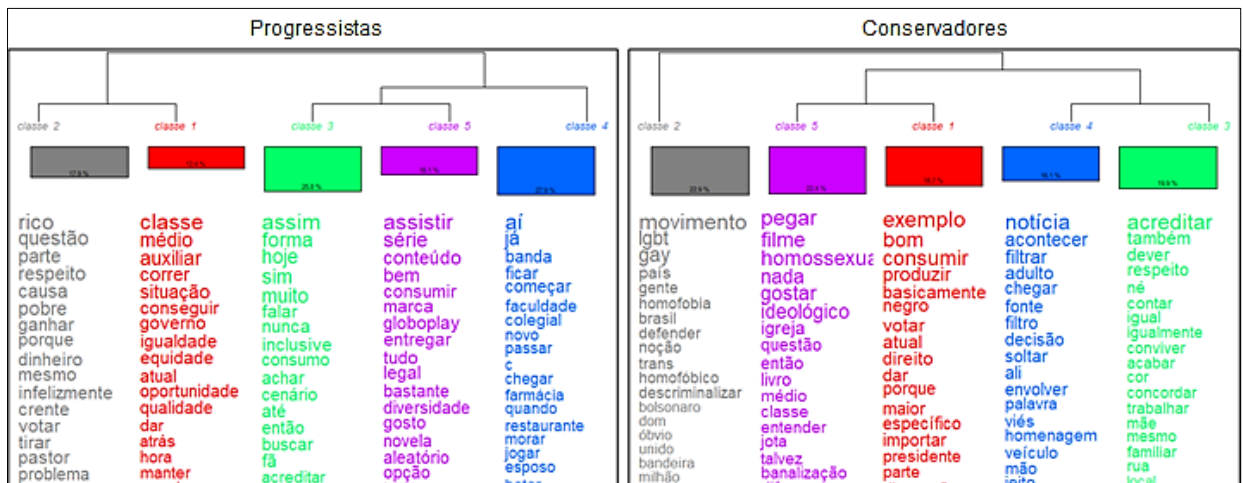
8.3 Por gênero

Homens cisgêneros

Os gráficos elaborados contemplam as entrevistas com os seguintes **progressistas**: Diego e Moisés. Os **conservadores** são: Douglas; Gabriel; Jacques; e Miguel.

Classificação Hierárquica Descendente

Figura 27 – CHD (homens cis, comparativa)



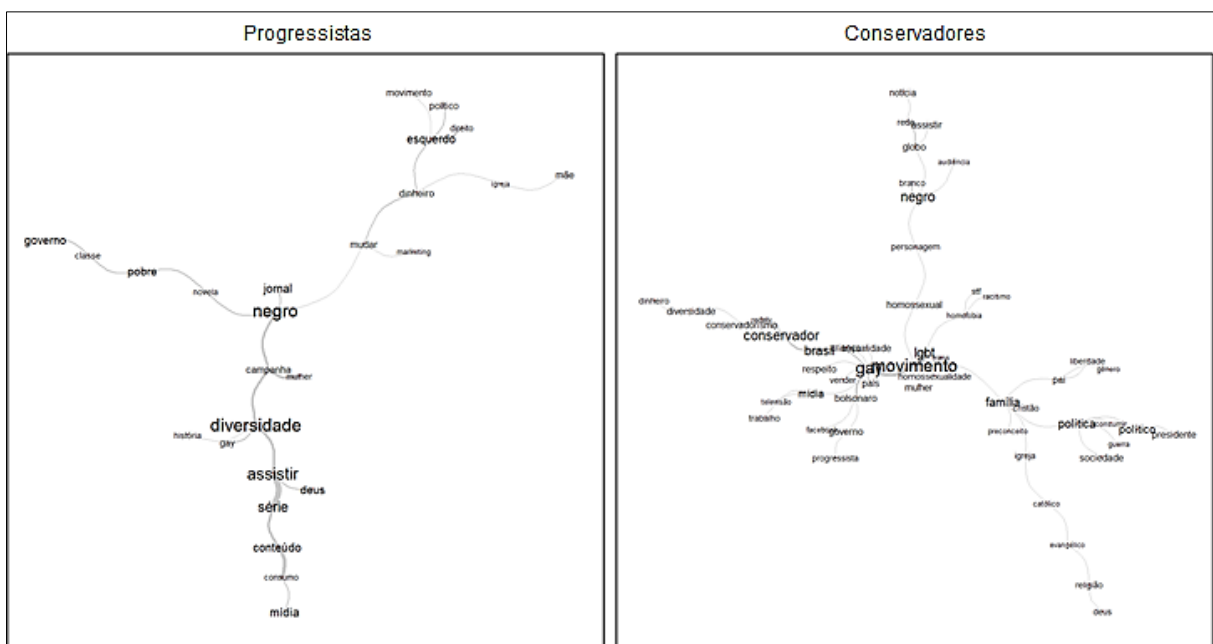
Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na figura acima, verificamos um comparativo que revela quais classes de vocabulários mais se aproximam e quais mais se afastam em cada um dos segmentos ideológicos considerando as especificidades dos interlocutores homens cisgêneros. O que há em comum entre os progressistas e os conservadores é a classe *Mídia* (p: classe 5; c: classe 4). Nos progressistas, ela se relaciona a *Consumo* (p: classe 3), afastando-se em maior grau de *Responsabilidade Social* (p: classe 2) e *Classe (social)* (p: classe 1). No âmbito

conservador, *Mídia* está relacionada à *Sociedade* (c: classe 3). Ambas, opostas à *Sexualidade* (c: classe 2). As classes *Políticas* (c: classe 1) e *Ideologia* (c: classe 5), deste mesmo segmento, aparecem mais intensamente afastadas dessa classe.

Análise de Similitude

Figura 28 – AS (homens cis, comparativa)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na representação acima, não observamos correspondência de palavras destacadas entre os dois segmentos ideológicos. Na imagem dos progressistas, a palavra central é **negro**. Já entre os conservadores, é **gay/movimento/lgbt**. Ou seja, o que há em comum é o fato de ambas representarem um marcador social de subalternidade. Quanto aos homens cis progressistas, observamos que o marcador racial em questão se ramifica com mais ênfase em questões sobre *diversidade*, expressão relevante dado o seu tamanho, e outras expressões que remetem à *mídia*. Entre os conservadores, o marcador de sexualidade remete a vários outros elementos. Entre eles, assim como os progressistas, a expressões sobre *mídia*. Além desta, *gay* também conduz a termos relativos à *religião* e à

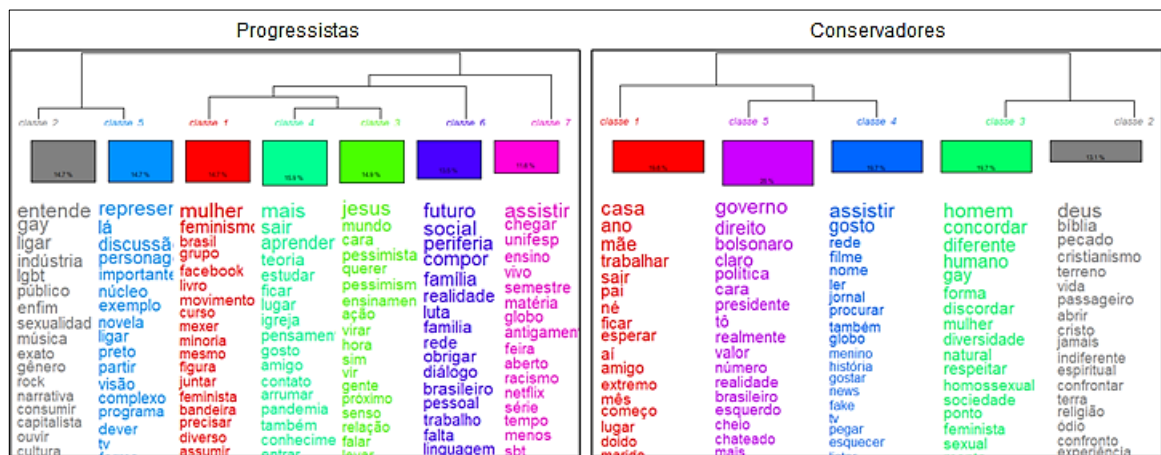
política. Estas duas temáticas também aparecem entre os progressistas, mas em menor intensidade e vinculados sutilmente às palavras *dinheiro* e *esquerda*, respectivamente.

Mulheres cisgêneros

Os gráficos elaborados referem-se às seguintes **progressistas**: Anaís e Hellen. As **conservadoras** são: Fátima; Roxana; e Sandra.

Classificação Hierárquica Descendente

Figura 29 – CHD (mulheres cis, comparativa)



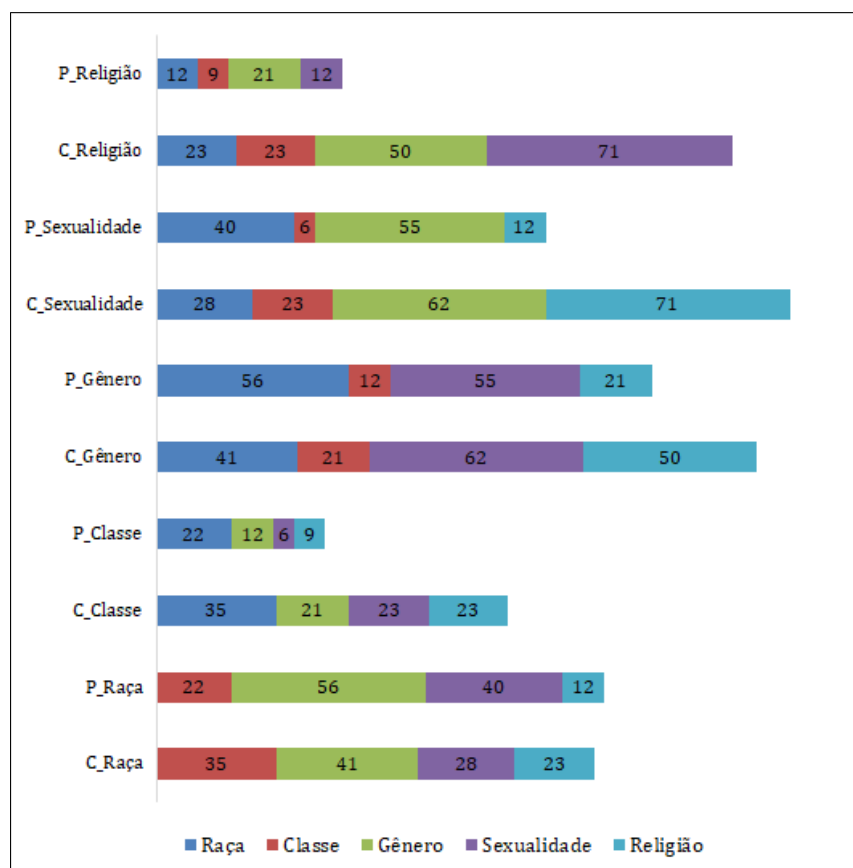
Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Iramuteq*.

Na figura acima, verificamos um comparativo que revela quais classes de vocabulários mais se aproximam e quais mais se afastam em cada um dos segmentos ideológicos considerando as especificidades das interlocutoras mulheres cisgêneros. O que há em comum entre as progressistas e as conservadoras são as classes *Cotidiano* (p: classe 4; c: classe 1), *Mídia* (p: classe 7; c: classe 4) e *Gênero/Sexualidade* (p: classe 2; c: classe 3). Junto às progressistas, observamos que *Cotidiano* se vincula à classe sobre *Valores*. Já com as conservadoras, *Cotidiano* surge sem conexão direta com outras classes, ao mesmo tempo em que opõe-se das classes sobre *Religião* (c: classe 2) e *Gênero/Sexualidade*. No que diz respeito à classe sobre *Mídia*, entre as progressistas ela

Apresentados os perfis a partir das identidades nos termos das dimensões de raça, gênero e sexualidade, abaixo exibimos mais um esforço comparativo em que é possível perceber a frequência com que cada marcador social surge considerando as suas diferenças em termos de posicionamento ideológico:

8.4 Intersecções possíveis

Gráfico 1 – Marcadores sociais por ideologia política



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Nvivo*.

No gráfico acima, através de um panorama quantitativo, podemos visualizar as *interseccionalidades* mais mencionadas no discurso de progressistas (P_) e conservadores (C_). Os números no gráfico referem-se à quantidade de *referências* encontradas pelo *Nvivo* em relação aos marcadores em questão. De início, portanto, podemos observar que o marcador social mais referenciado pelos progressistas foi *gênero*; enquanto entre os

conservadores, *sexualidade*. Exploremos, então, cada um dos marcadores para ver se existem aproximações ou discrepâncias em relação à ênfase no discurso.

Em relação à **religião**, observamos que os progressistas fazem pouquíssimas alusões, o que se opõe radicalmente ao discurso dos conservadores, que mobilizam o marcador fartamente. Quando os progressistas se remetem à religião, o que mais articulam são assuntos relacionados a *gênero*. Já os conservadores concentram-se nas questões envolvendo *sexualidade*, seguido de *gênero*. Quanto à **sexualidade**, temos que os progressistas articulam o debate em torno do marcador de *gênero* e, de forma também expressiva, de *raça*. Observando os conservadores, identificamos que o enfoque recai na *religião* e, também, em *gênero*. As tematizações sobre *classe* em intersecção com *sexualidade* também indicam uma diferença expressiva se comparado aos progressistas. No que tange a **gênero**, o que verificamos é que os progressistas articulam também, de forma equilibrada, os marcadores de *raça* e *sexualidade*. Os conservadores também articulam *sexualidade*, mas em segundo lugar vem, novamente, *religião*. Quando os interlocutores abordam alguma questão de **classe**, notamos que os progressistas articulam este marcador mais à *raça*. Em relação aos conservadores, constatamos que há um equilíbrio em relação às intersecções feitas no discurso, sendo que a mais enfatizada é, também, *raça*. Por fim, o marcador de **raça**, entre os progressistas, é mais intimamente articulado entre os marcadores de *gênero* e de *sexualidade*. Também, junto aos conservadores, *raça* articula-se à *gênero*, seguido de *classe*.

Com base no que foi apresentado através das ilustrações e descrições desta Seção, podemos concluir que a **religião** se apresenta como um tema muito recorrente entre os interlocutores conservadores. É o que aglutina todas as *diferenças*, pelo menos no discurso. Tanto nos CHDs quanto nas ASs e, posteriormente, no gráfico das intersecções, observamos que este marcador estrutura muitas conexões de falas desse grupo. Chamamos a atenção à correspondência entre a presença da **sexualidade** nas tematizações sobre **religião** no Gráfico 1, e o fato de que, entre as pessoas cis e heterossexuais conservadoras, o léxico religioso ter sido igualmente presente.

Relacionando as diferentes dimensões do mesmo marcador social, temos leituras entre conservadores e progressistas. Entre estes, comparando negros e brancos, observamos os assuntos tomam rumos diferentes. Enquanto os negros tratam em seus

discursos sobre questões da própria *negritude* e também sobre *mulher*; os brancos abordam temas mais amplos, como *diversidade* e *sociedade*. Em relação aos LGBTs e às pessoas cis-heterossexuais, identificamos que os LGBTs possuem vários núcleos de assuntos: *diversidade, gênero, corpo, trans* e *mulher*. Esta expressão de gênero – *mulher* – é o que há em comum com as pessoas cis-heterossexuais progressistas, cuja outra referência mais abordada é *negro*. Entre homens-cis e mulheres-cis, notamos que *negro*, também, é o que conecta ambos em termos temáticos. O que os diferencia, é que os homens-cis tendem a tematizar mais aspectos sobre *mídia*, enquanto elas tratam de *mulher*.

Realizando o mesmo tipo de comparação entre os conservadores, temos o seguinte: entre negros e brancos, o que emerge em comum são assuntos ligados a *deus*, à *vida* e à *mídia*, sendo que os negros falam, também, sobre aspectos de *negritude*. Entre LGBTs e pessoas hetero-cis, o que os une, também, é *deus*, além de *figuras familiares*. A diferença que mais se sobressai é que LGTBs também remetem com ênfase ao próprio *movimento lgbt+*. Por fim, entre homens cis e mulheres cis, *deus* e *família* é onexo em comum entre ambos os gêneros. Os homens-cis, por sua vez retem-se com especificidade à expressão *gay*, enquanto as mulheres tratam sobre elas mesmas – *mulher*.

Com base nestas múltiplas articulações entre diferentes dimensões envolvendo marcadores sociais e coordenadas políticas, tentamos, aqui, traçar um panorama dos elementos que mais emergiram no diálogo com os entrevistados. Conforme mencionado por Akotirene (2019), a *interseccionalidade* não é sobre uma soma de opressões. As expressões das opiniões são todas, sempre, circunstanciais e podem estar expressando opiniões e julgamentos sobre si mesma ou sobre o *outro*. Por enquanto, não adentramos no nível do “o que é dito” acerca destes marcadores e como, no discurso, se entrelaçam em variadas articulações entre os diferentes grupos. Vamos compreender com maior complexidade do que se tratam estas verificações de padrões nos discursos a partir da próxima Seção, quando começamos a apresentar os nossos dados nossas entrevistas com excertos de falas e demais análises.

9. SENTIDOS GERAIS SOBRE A DIVERSIDADE

Após apresentados os perfis de cada interlocutor, bem como suas práticas de consumo de mídia em linhas mais gerais e a ênfase dada aos marcadores sociais em seus discursos, seguimos adiante na exploração do nosso material empírico observando a relação desses sujeitos com o tema da diversidade. Conforme estamos vendo ao longo deste estudo, a *diversidade* – palavra que remete a uma ideia abstrata –, vem sendo simbolizada mediante uma ampla gama de representações na mídia, como vimos na Subseção 1.2; matizes políticos, conforme ilustramos na Subseção 1.3; e conceitos, de acordo com o que fora discutido na Seção 3. Cabe, agora, nos embrenharmos entre as falas dos nossos entrevistados e apresentar os sentidos que estas representações de diversidade adquirem de forma espontânea. Elaboraões sobre o que entendem por diversidade, claro, surgiram em vários momentos em nossas conversas, direta ou indiretamente. Entretanto, nesta seção, nossa atenção está dirigida para a respostada dada a uma pergunta específica, que foi reproduzida para todos os sujeitos do estudo: “*O que lhe vem à mente quando eu falo a palavra ‘diversidade’?*”

Para termos contato com um panorama descritivo das relações da audiência com o tema em questão, nos valemos do *software Nvivo*, que nos auxiliou a partir da ferramenta de *Nuvem de palavras*, mostrando as expressões mais enfatizadas quando os sujeitos falaram sobre “diversidade”. Alguns elementos presentes na nuvem podem não receber atenção neste momento pois serão tratados *a posteriori*. No mais, como veremos, quando o termo emerge, nem sempre está colado a alguma “questão midiática”, o que, de antemão, já revela a penetração do conceito nas múltiplas esferas da vida social. A discussão é apresentada a partir do recorte progressistas/conservadores, mantendo um olhar atento às especificidades de cada minoria ativa marcada, interseccionalmente, por raça, gênero e sexualidade.

9.1 Perspectivas dos Progressistas

Os termos relacionados ao tema *Diversidade* nas 10 entrevistas, totalizando 83 referências para análise. Somando as palavras individuais temos o total de 661 termos. Os

50 mencionados com maior frequência são representados através da visualização da nuvem de palavras a seguir:

Figura 31 – Nuvem de palavras sobre “diversidade” (Progressistas)



Fonte: elaborado pelo autor através do NVivo.

Na imagem acima, observamos que as palavras mais recorrentes são *exemplo*, *diverso* e *sociedade*. Bastante presentes, também temos *movimento*, *gênero*, *mulher*, *representa*, entre outras. E com menos expressividade, ainda que relevantes, *negros*, *gay*, *produções*, *pauta*, *campanhas*, entre outras.

A palavra *diverso*, que alude à *diversidade*, foi a expressão mais repetida, uma vez que os entrevistados, muitas vezes, repetiam o termo ao definir o que é, para eles, “diversidade”. Diego¹⁹⁶, usa uma metáfora lúdica. Para ele, diversidade é “Um baralho. Várias cartas diferentes. É isso que vem a minha mente”. Ele segue, indo além: “Então, diversidade é pra tudo. Literalmente pra tudo. Não existe uma coisa que vai ser só aquilo, a não ser que você queira, que nem, aí não tem diversidade, ‘eu só quero usar camisa preta’, aí não vai ter diversidade no meu guarda-roupa”. Observamos uma concepção de diversidade relacionada à condição *sine qua non* da existência: a diferença está em todos os lugares.

Nem todos os interlocutores responderam prontamente à pergunta que explorou o que entendem por diversidade. Moisés¹⁹⁷ foi um dos entrevistados que ficou vacilante com o questionamento: “Diversidade? Me vem à mente pessoas diferentes, eu acho. Eu

¹⁹⁶ Homem cis, negro, heterossexual.

¹⁹⁷ Homem cis, branco, gay.

não sei se é isso que tu quer que eu responda”. Notamos, aqui, uma preocupação quanto às expectativas projetadas na figura do pesquisador, o que nos esforçamos para contornar. Encorajamos o entrevistado e adensar sua resposta: “Eu acho que diversidade me vem à cabeça um gordo, uma pessoa deficiente, uma negra, um gay, um índio... Sabe...”. A entrevistada Sofia¹⁹⁸ também cita uma lista de coisas que a remetem à ideia de diversidade: “Se tu falar diversidade eu vou pensar que é mato e floresta; a sexualidade, entendeu? [...] Eu vou pensar: diversidade na cidade, por exemplo, eu vou pensar nos territórios, né? Eu, enquanto nortista, se tu falar diversidade eu vou pensar nessa diversidade geográfica e vou pensar geopolítica, entendeu?”. Sofia é uma mulher simples, que trabalha como presidenta de uma associação LGBTQ+ em São Paulo, já tendo passado por outros trabalhos vinculados à mesma causa em Brasília. Sua experiência de trânsito pelo Brasil, assumindo a identidade de nortista em diferentes espaços geográficos, logo se engata com o que ela entende por diversidade.

Ísis¹⁹⁹, por sua vez, supera de certa forma uma leitura “corporificada” da diversidade. Ela ofereceu uma leitura que, num primeiro olhar, soa ingênuo, mas que adquire potência ao longo do seu raciocínio. Ela começa dizendo: “Pra mim, diversidade é todas as pessoas, não só os LGBTQ, não só os negros, não só os quilombolas, não é só as pessoas que têm religião de matriz africana – é em geral”. Enquanto Diego diz que diversidade é “pra tudo”; Ísis complementa dizendo que diversidade é “pra todos”. Ou seja, nada muito distante do senso comum, afinal de contas, como observamos “diversidade” pode percorrer transversalmente qualquer dimensão do espectro social, daí a dificuldade em reduzi-la a uma coisa só. Entretanto, Ísis segue com sua resposta e fornece um ponto de vista bastante singular: “É que nem eu te falo: se eu pegar e te falar que a *Miss Universo*, que foi uma mulher negra²⁰⁰, ela pode ser englobada na diversidade? Pode, porque ela é diversificada. São coisas que é totalmente diferente, mas ao mesmo tempo é igual, é normal ser aquilo, tu entende?” A entrevistada realiza uma operação lógica que coloca o binômio diversidade e igualdade no mesmo patamar: é normal ser diferente. Cáímos, portanto, na discussão já encetada por estudiosos das *diferenças*

¹⁹⁸ Mulher trans, branca, heterossexual.

¹⁹⁹ Mulher trans, negra, heterossexual.

²⁰⁰ No *Miss Universo* de 2019, a vencedora foi a modelo Zozibini Tunzi, sul-africana de 26 anos.

(PIERUCCI, 1999; OLIVEIRA, 1990). É possível ser diferente e ser igual? Em termos lógicos, talvez não. Mas o mundo social e, principalmente, o psiquismo e produção de identidades não obedecem às leis de uma lógica linear. Ísis é uma mulher trans negra e, para ela, é “normal” ser negra. Entretanto, ela reconhece que em lentes sociológicas, “ser negro” carrega consigo uma série de implicações que posicionam o sujeito dotado desta característica em alguns passos mais distantes do reconhecimento social que pessoas brancas recebem. Para Ísis, diversidade tem a ver com ser diferente e ser igual, ao mesmo tempo.

Portanto, para esse grupo de cinco sujeitos progressistas, diversidade tem a ver com “tudo” e com “todos”. Apesar de usarem categorias bastantes amplas, há um direcionamento mais específico para os corpos. Remetem, portanto, à variedade de tipos de pessoas: gordas, magras, pretas, brancas, femininas, masculinas, PCDs²⁰¹, homossexuais, etc. Os marcadores sociais da diferença, portanto, apresentam-se como o ponto de partida no exercício dos entrevistados para falar sobre o que se trata a noção de diversidade. Agora, vamos adentrar nas opiniões de outros cinco sujeitos, que apresentaram algumas ponderações relevantes.

Quando questionados sobre os sentidos da diversidade, alguns entrevistados preferiram não dar uma resposta tão objetiva pois algo lhes incomodava nessa palavra. Como exemplo, podemos citar Dante²⁰², que adota uma leitura até mesmo conservadora de “diversidade”, no sentido de que, se olharmos ao redor, tudo o que veremos é diferença: “Eu não sei necessariamente se eu concordo com o termo diversidade né. Porque diversos todos nós somos”. Assim como os entrevistados anteriores, Dante também reconhece a condição *sine qua non* da diferença na existência humana. Ele, então, sugere: “[...] a gente precisa entrar na pauta né das subjetividades, eu acho”. Dante elabora a sua noção de superação da diversidade rumo à centralidade das subjetividades da seguinte forma: “[...] é as nossas corpos, corpos, corpes, visibilidade com transparência né, e responsabilidade. Construir né, pontes, construir esses movimentos que vem a partir do conhecimento e do afeto de nós entre nós mesmos”.

²⁰¹ Portadores de Deficiência Física.

²⁰² Pessoa não-binária, indígena, pansexual.

Panthera²⁰³ compartilha de uma perspectiva similar, entretanto se posiciona de forma bastante incomodada:

Ai, eu tenho muita preguiça desse discurso hegemônico da diversidade, sabe, “*Ai, a gente precisa proporcionar diversidade de pensamento, a diversidade de corpos, a diversidade de não sei o que...*”. Todo mundo quer, todo mundo quer um espaço confortavelzinho, todo mundo quer o gostosinho num sentido de assim, todo mundo quer... ninguém quer abrir mão do seu espaço de privilégio pra diversidade (PANTHERA).

Para elu, a promoção da diversidade não é efetiva enquanto uns não abrirem mão de certos privilégios, pois é assim que a diferença poderá ser incluída e mantida no espaço em questão. Cita, como exemplo, as políticas de diversidade no ambiente acadêmico:

Quando a gente falar de diversidade, não tá falando só de ter um monte de corpo diferente na academia, a gente tá falando do quanto a academia acolhe esses corpos diferentes, né. Quanto a academia tá disposta a abrir mão de privilégios pra dialogar com os corpos diferentes, né (PANTHERA).

Assim, Panthera se aproxima da perspectiva de Dante quando arremata o seu raciocínio advogando que a real diversidade só existe quando há acolhimento: “Dialogar com os corpos diferentes, que eu digo assim, de acolher os corpos diferentes”.

Ainda em perspectiva similar a um entendimento sobre “diversidade” via uma “política dos afetos”, Larissa²⁰⁴, ao descrever o discurso adotada em sua campanha política para prefeita, descreve: “O nosso discurso é um discurso voltada exatamente para isso, para a solidariedade, para sustentabilidade e pra justiça social.”, e conclui que: “não há solidariedade se não houver um acolhimento total e absoluto das diversidades”. Questionamos Larissa se ela pensou em fazer um uso estratégico da expressão “diversidade” em sua campanha como parte do seu *marketing* político. Para a nossa surpresa, ela preferiu justamente se afastar do termo: “[...] eu pensei em usá-la, mas ela não seria lida com a leitura que nós estamos fazendo agora. A leitura que ela vai ser lida é a diversidade de autorizar alguém do gênero masculino a passar por feminino, porra. Então você mostra a lua e a pessoa olha para a ponta do seu dedo”. Larissa, vale lembrar,

²⁰³ Pessoa não-binária, branca, pansexual.

²⁰⁴ Mulher trans, branca, lésbica.

é uma mulher trans candidata à prefeitura de uma cidade bastante conservadora. Sua identidade de gênero, conforme ela nos conta, foi sucessivamente atacada e utilizada como artifício para deslegitimá-la. Seu receio, com o uso da palavra “diversidade”, seria transformar a sua campanha política em uma campanha estritamente a favor da pauta trans. Larissa, enquanto candidata à prefeita, possuía esta preocupação, mas muitas outras, mais assentadas no ideal da solidariedade. Para além da exploração da “diversidade” em sua campanha política, Larissa, mestra em Sociologia, também delimitou o que entende por diversidade através da teoria *queer*: “Não tem palavra que mais define a diversidade do que a teoria queer, porque a teoria queer, na sua essência, quer acabar com todas as identidades em nome da diversidade. [...] O que é o queer se não é a negação de todas as identidades, né, se não a afirmação categórica da diversidade”. Daí, ela critica o uso do “Q”, para “queer”, na sigla “LGBTQ...”, uma vez que essa operação “identitizaria” esse movimento que é justamente anti-identitário.

Hellen²⁰⁵, de forma similar ao que fora dito por Panthera, também concorda que “diversidade”, hoje, se esvaziou de sentidos: “É que bah, a gente fica falando essas palavras, tipo, empoderamento, representatividade, diversidade, parece um monte de palavra esvaziado hoje, tá ligado?”. Tenta, então, resumir o que é diversidade pra ela: “Mas eu acho que o significado de diversidade é esse, tá ligado, é tipo, diversificar as coisas, tipo, não tem como muito fugir disso”. Apesar da definição tautológica, Hellen problematiza a questão com base na sua experiência profissional como publicitária:

Mas a questão é, que quando se usa a diversidade, pouco se enxerga pra além daquelas caixas, que eu tinha comentado agora a pouco, tá ligado? Porque eu acho, por exemplo, quando um publicitário pensa “*Ah, temos que diversificar a nossa campanha.*” Ele já pensa, tá, vamos botar, um gay, um negro, um japonês, tá ligado? Só que tipo, tá tudo dentro de um... de um *script* ali, tá ligado? (HELLEN).

Novamente, a metáfora da “caixa” surge para representar algo que vem sendo enfatizado por esses entrevistados: que diversidade, hoje, trata-se mais da inclusão artificial de estereótipos em determinados espaços do que a construção de uma rede de apoio, afeto e solidariedade com a diferença. Por esse motivo, a diversidade também é

²⁰⁵ Mulher cis, negra, lésbica.

vista como uma questão de conquista, conforme apontado por Nara²⁰⁶: “Pra mim diversidade é uma batalha que a gente sempre tem que lutar porque político, presidente, prefeito não vão lutar com a gente, porque somos minorias e não entende o nosso lado, então não adianta a gente querer lutar com eles, então tem que lutar por nós mesmos”.

Anaís, ao refletir sobre suas representações de “diversidade”, ela diz: “Eu penso em tudo aquilo que é fora do padrão. Aquele padrão imposto pela sociedade, padrão tradicional”. A interlocutora, como vimos em seu perfil, frequenta a igreja evangélica. Talvez motivada pela presença da religião em sua vida, ela aprofunda sua resposta, definindo melhor o que seria o “padrão” imposto pela sociedade: “[...] a questão daquilo que não tá dentro de uma caixinha, sabe? Aquilo que não precisa de um livro sagrado pra delimitar se é certo, aquilo que simplesmente o ser humano pode fazer por vontade própria, sabe?” Notamos, aqui, uma ideia de diversidade conectada a uma ideia liberal clássica²⁰⁷ do indivíduo livre para criar e exercer sua própria identidade. Melhor dizendo, uma questão de cidadania. Anaís não foi a única jovem que compartilhou desta ideia de diversidade. Inclusive, a alusão da diversidade ao ideal de liberdade emergiu, também, junto aos conservadores, conforme veremos.

Com base nessas definições trazidas pelas minorias progressistas, podemos concluir que existe um certo dilema subjetivo para colocar em palavras, de forma objetiva e clara, o que é diversidade. Verificamos, a seguir, como a palavra “diversidade” repercute entre os conservadores.

9.2 Perspectivas dos Conservadores

O software *Nvivo* identificou termos relacionados ao tema *Diversidade* nas 10 entrevistas, totalizando 57 referências para análise, menos que entre os progressistas. Somando as palavras individuais temos o total de 449 termos. Os 50 mencionados com

²⁰⁶ Mulher trans, negra, heterossexual.

²⁰⁷ Uma das teses de Noam Chomsky (2007) é que o liberalismo clássico, em sua radicalidade, tem uma postura essencialmente subversiva ao *status quo* produzido e mantido pela ordem hegemônica: “[...] creio que se pode dizer que as idéias liberais clássicas, em sua essência, embora não da forma como foram desenvolvidas, são profundamente anticapitalistas” (2007, p. 12).

Para Alex²⁰⁹, a possibilidade plena da diferença é o que está inscrito no cerne conceito de diversidade: “Diversidade é você poder ser diferente dos outros, poder montar suas próprias ideias, sem se encaixar em padrões pré-concebidos. Isso é diversidade”. Ele avalia que, nessa ampla concepção, ela é tomada como algo naturalmente bom: “Então, a diversidade é sempre colocada em termos positivos”. Finalmente, ele pondera: “Só que assim [...], ao mesmo tempo ela traz conflitos inevitáveis”. Portanto, na visão de Alex, ainda que a diversidade possua esse verniz de “coisa positiva”, a ausência da diversidade, teoricamente, é o que garantiria uma coesão social mais eficiente: “Uma sociedade que é homogênea, ela tende a ser muito mais harmônica entre si [...]”.

O raciocínio de Miguel²¹⁰, quando questionado sobre o que compreende por “diversidade”, vai sendo elaborado ao encontro do que pensa Alex. Miguel inicia dizendo: “Diversidade, na minha cabeça, é inerente à desigualdade”. Enquanto o entrevistado anterior situa a diversidade na chave da *diferença*, este identifica a *desigualdade* como elemento que constitui, invariavelmente, a diversidade. Miguel, avançando em sua definição de “diversidade” junto à noção de “desigualdade”, diz que, inevitavelmente, algumas sociedades serão mais machistas ou mais racistas que as outras. Atendo-se ao marcador racial, ele dá o seguinte exemplo:

Se um grupo do interior do RS quiser só ter relacionamentos entre eles pra conservar o que eles acham que seja uma cultura alemã – que eu sei que não existe na Alemanha porque eu já fui lá e já perguntei, eles acham isso muito bizarro –, se eles quiserem fazer *cosplay* de nazismo, ou *cosplay* de idade moderna alemã, eu não me importo tanto com isso. Eles têm uma outra forma de ver o mundo, eu tenho a mínima vontade de interagir com eles, eles têm a mínima vontade de interagir comigo, todo mundo paga os impostos e mantém as estradas (MIGUEL).

Seu exemplo, portanto, se aproxima da perspectiva de Alex, uma vez que ambos identificam a homogeneidade, ou seja, a *ausência de diversidade*, como uma engrenagem mais oportuna para o desenvolvimento social. Nesse sentido, cada *diferença* seria como uma pedra no meio do caminho da coesão sociocultural, e o investimento para assimilá-

²⁰⁹ Pessoa não-binária, branca, bissexual.

²¹⁰ Homem cis, negro, heterossexual.

la – ou tirá-la do caminho – traria mais prejuízo do que ganhos, dada a condição inexorável do conflito que reside na *diversidade*, uma vez que a distribuição dos recursos econômicos e simbólicos são, desde sempre, *desiguais*. Importante destacar que esses “poréns” que acompanham a fala destes dois sujeitos são uma observação crítica sobre o funcionamento pleno (e idealista) da diversidade no mundo contemporâneo, análises que os mesmos forneceram espontaneamente para, provavelmente, afastar o conceito de diversidade do seu uso comum. Portanto, apesar de suas reflexões, em nenhum momento mencionaram que diversidade “é ruim” e não deve ser promovida.

A entrevistada Betina²¹¹ concorda que a diversidade deve ser incentivada e respeitada: “Eu acho maravilhoso ter diversidade. Eu acho tudo de bom. Só que porque as pessoas não respeitam a diversidade mesmo? Eles querem tanto a diversidade, mas por que não respeitam a diversidade? Eu faço parte de uma diversidade”. A entrevistada, mulher trans, considera-se como parte integrante de uma diversidade e assume não ser respeitada em virtude da *diferença* inerente à sua identidade, marcada na categoria de gênero. Ela prossegue explicando o contexto no qual não se sente devidamente reconhecida: “[...] dentro da esquerda, eu faço parte de uma diversidade que agride a eles, entendeu? Que eles não podem me aceitar, entendeu? Eu sou uma pessoa diversa, mas eu não sou aceita por eles”. Ao situar sua explicação, Betina coloca o “respeito à diversidade” como discurso proferido pela esquerda. Ela, enquanto conservadora, identifica que, na verdade, mais do que promover o respeito às diferenças, a esquerda prioriza um posicionamento político pariforme. Tais observações da entrevistada a levam para a seguinte explicação acerca do que entender por diversidade: “Na verdade, quando eu ouço a palavra ‘diversidade’, me lembra coisa mesmo de ideologia de esquerda, entendeu? Me remete à ideologia de esquerda”. Betina, portanto, entende que, para a esquerda, a política exerce uma função de filtro avaliativo sobre que diferenças serão contempladas pela ode do “respeito à diversidade”: “Eles [integrantes da esquerda] sempre levam a uma conotação política, entendeu? [...] A diversidade na religião, a diversidade no gênero, a diversidade... Então, tudo leva à política”. Em sua experiência de não ser reconhecida por grupos de esquerda, mesmo compartilhando de marcadores sociais que a colocam à margem em diversos

²¹¹ Mulher trans, branca, heterossexual.

setores do mundo social, ela resume que reconhecimento das diferenças “Deixa de ser diversidade, passa a ser polaridade. Polarizado sempre. Não existe diversidade, existe polaridade. Ou é lá ou é cá”.

A entrevistada Roxana²¹², ao definir “diversidade”, também cita a questão do respeito e como ele é falho quando se trata da esquerda respeitar o seu posicionamento político conservador:

E diversidade, o mundo é diverso, né, nós temos que respeitar as diferentes opiniões, as diferentes pessoas, os diferentes pontos de vista. Mas quando eu, eu Roxana, não sou respeitada no meu posicionamento, eu não tô sendo também ferida? Tipo, só porque eu sou preta, eu sou obrigada a participar desses movimentos aí? Eu sou obrigada a me vitimizar? (ROXANA).

A interlocutora é uma mulher negra e, assim como Betina, cita o setor progressista para denunciar a intolerância a uma real diversidade. Roxana associa, também, a questão do “vitimismo” como algo inerente ao conceito de “diversidade” conforme pautado pelos discursos da esquerda, dizendo não se filiar a ele. “[...] ‘ah, sabe, ah, porque eu sou preto, porque eu sou uma vítima; porque eu sou preta...’, gente, vítima de quê? Eu não sou vítima de nada, gente!”.

Douglas²¹³ foi outro entrevistado que, ao ser convocado a definir “diversidade”, evoca o problema do vitimismo: “Hoje, diversidade para mim é uma coisa vitimista”. Ele explica, aludindo à literatura de ficção, que reconhece a importância da diversidade, entretanto menciona que o uso desenfreado acabou esvaziando o seu significado: “É que nem aquele livro do Orwell. Quando você usa as palavras sem sentido nenhum, elas acabam ficando realmente sem sentido [...]. Hoje, eu entendo o que é diversidade, eu entendo que é necessário diversidade. Mas, eu não uso essa palavra”. Lhe perguntamos que palavra usaria no lugar de *diversidade*, e o entrevistado respondeu: “Eu prefiro respeito. Umas das coisas que eu mais uso, respeito e liberdade. Liberdade e respeito são “as coisas bonitas demais”.

²¹² Mulher cis, negra, heterossexual.

²¹³ Homem cis, branco, gay.

“Respeito”, como podemos observar na nuvem de palavras, foi uma palavra muito repetida pelos sujeitos. Fátima²¹⁴ diz: “Diversidade me vem muita coisa, assim, muitas coisas diferentes. E que podem conviver no mesmo ambiente, tudo junto. Sabe? O negro, o branco, o gay, o umbandista, o católico, o evangélico, todo mundo vivendo de boa, cada um respeitando o seu espaço”. Também aludindo a “respeito”, a entrevistada Josi²¹⁵ responde: “Diversidade? Eu vou falar pra você, Guilherme, diversidade seria todo mundo, de qualquer tipo de opção sexual que você tenha. Isso é respeito”. Ela conclui, dizendo que “Diversidade é isso, é você estender a mão pro próximo. Seu amigo é travesti, tá na pior, você tentar ajudar”. Josi, que é uma mulher negra transexual, aludiu ao marcador de sexualidade para referir-se ao que entende por diversidade. Roxana, entrevistada sobre a qual já falamos, também realiza esse movimento quando começa a elaborar sua resposta: “Ah, hoje em dia eles tentam falar de diversidade, usando mais a questão, né, do homossexualismo. Das várias maneiras de ‘amor’, que pra mim é amor entre aspas, porque não tem nada a ver sexo com amor”.

O entrevistado Jacques²¹⁶ observa a tendência em tratar a diversidade somente no espectro das diferenças de sexualidade: “Quando se fala em diversidade, a gente imagina logo a questão do LGBTQYZ etc. e tal”. Ele adota um tom debochado ao referir-se às letras do grupo das minorias sexuais identificadas como “LGBTs+”. Jacques segue, dizendo que, em realidade, não há por que falar em “diversidade”: “[...] pra mim essa questão da diversidade não... nós somos todos iguais né, perante a lei. A própria Constituição fala, então eu vejo essa necessidade de separação de seres humanos”. Notamos uma noção importante de segregação junto à ideia de diversidade.

Por fim, os enunciados de Sandra²¹⁷ repetem esse padrão identificado de tratar a diversidade sob a ótica da sexualidade e da segregação. De início, na verdade, ela trata a diversidade em um ângulo positivo. Ao perguntarmos o que lhe vem à mente quando falamos “diversidade”, ela primeiramente responde: “Depende. Sabe por quê? Porque diversidade, pra mim, são as variedades gerais, de tudo, de cor, de roupa, de fisionomia,

²¹⁴ Mulher cis, negra, heterossexual.

²¹⁵ Mulher trans, negra, heterossexual.

²¹⁶ Homem cis, negro, gay.

²¹⁷ Mulher cis, branca, heterossexual.

de aspecto físico, de pensamentos, de religião, de tudo. É extremamente abrangente, é tudo”. Sandra segue sua resposta, passando a descrever como ela acha que a diversidade vem sendo entendida atualmente:

Só que hoje o discurso de diversidade está voltado para sexualidade [...]. Hoje a diversidade está restrita a opções sexuais, cor de pele, segregações, que são pensamentos separatistas social, porque como eu vou separar uma sociedade dizendo pra pessoa que o outro diminui ela por ela ser quem ela é (SANDRA).

Como podemos observar, a interlocutora desenvolve sua ideia identificando que o “discurso da diversidade” é parte de uma estratégia que tem como objetivo final produzir uma espécie de separatismo social. Esta é uma questão que alcança outras proporções quando colocada em interface com as percepções acerca das representações da diversidade na mídia, o que será visto adiante.

9.3 Perspectivas comuns

Investigamos, nesta seção, os sentidos produzidos em torno da temática da diversidade entre os dois grupos ideológicos do estudo. Resumidamente, retomamos algumas especificidades. Entre os progressistas, faz-se bastante presente uma perspectiva de diversidade como construção e manutenção de uma rede de diferenças. Os entrevistados que mais destacaram esse ponto de vista sobre a diversidade foram Dante, Panthera e Larissa. Os dois primeiros, reconhecem-se no espectro de gênero não-binário, enquanto Larissa identifica-se como uma mulher trans. Ainda, vale destacar que os três possuem elevado capital cultura, e investem um tipo específico engajamento intelectual nas suas práticas de consumo midiático e cultural cotidianas. Têm opiniões fundamentadas e contundentes sobre muitos aspectos que lhe são importantes, sobretudo aqueles relacionados aos marcadores de raça e de gênero. Assumem uma posição crítica diante do tema “diversidade” e o modo como vem sendo endereçado no senso comum. Por isso, considerarem a diversidade muito mais do que uma *aglomeração de diferenças*, trazendo a questão dos cuidados intragrupais e das políticas que operem a favor da sobrevivência dos corpos diferentes que ocupam as ruas e as instituições.

Essas colocações superam, assim, a perspectiva de que diversidade é estritamente questão da copresença de “tudo” e de “todos”. Nada há de errado nesta definição, que foi compartilhada por minorias progressistas e conservadores, entretanto esta colocação parece contribuir para outra crítica que emergiu entre alguns progressistas, que é a banalização da palavra “diversidade”. Além dos três sujeitos já citados, Hellen também aponta para o desvirtuamento do termo, denunciando certa vulgarização nos usos individuais da diversidade e em suas representações sociais. Isto lhes provoca certo grau de incomodação pois não se sentem satisfeitos com as limitações de tais representações. Fazem alusão à metáfora da diversidade numa “caixa”, ou seja, organizada, regulada e, em última instância, esvaziada.

Assim como os progressistas, os conservadores, à exceção de Jacques, indicam que sim, a diversidade é útil e é boa. E tal qual os progressistas, a perspectiva da *diversidade esvaziada* encontra ressonância espectro ideológico conservador. Entretanto, diferente dos interlocutores de esquerda, que não indicam culpados claros por essa tendência à banalização, os conservadores são objetivos quanto aos responsáveis pelo fenômeno: a esquerda. Conforme foi explicitado, os conservadores, ao responderem o que é diversidade, trazem algo positivo em suas respostas, mas, logo em seguida, emendam uma relativização, deixando nítido que hoje a diversidade esvaziou-se de sentido porque os membros da esquerda deturparam a expressão e a igualaram a *vitimismo* e à *sexualidade*.

Por isso, os sentidos que possuem de diversidade resvalam mais para uma noção de *liberdade*, o que se cola às prerrogativas da doutrina econômico-política liberal. Esta noção é elaborada a partir de suas próprias experiências enquanto minorias conservadoras. Ao longo das entrevistas com este segmento, ouvimos, repetidas vezes, que “Não é porque eu sou [*incluir alguma minoria aqui*] que eu tenho que ser de esquerda”; e o que escutamos é justamente uma crítica aos movimentos de esquerda que querem aprisioná-los no progressismo. Sentem-se tolhidos e desrespeitados pois observam que a esquerda não respeita, principalmente, seus vínculos com a religião e com a família. Também adentraremos nesta questão a seguir.

Portanto, enquanto as minorias progressistas discutem o esvaziamento da diversidade pelo uso banalizado do termo nos discursos hegemônicos e por uma

representação da diferença higienizada; os conservadores concordam que o termo se banalizou, mas responsabilizam a própria esquerda por isso.

Em última análise, podemos conceber que tanto os progressistas, quanto os conservadores, têm um “inimigo” em comum: o espírito capitalista-midiático, que para os conservadores, funciona a favor de uma “nova ordem mundial”; e que, para os progressistas, atua a favor do mercado neoliberal selvagem. Vamos esmiuçar essas questões na seção que se inaugura agora, esquadrinhando os sentidos sobre a diversidade, mas a partir das práticas de consumo midiático.

10. MINORIAS PROGRESSISTAS E CONSERVADORAS EM BUSCA DE RECONHECIMENTO

Nosso objetivo, nesta Seção, é adentra no universo do consumo midiático e das práticas de recepção entre os grupos de minorias progressistas e conservadores em interface com a tematização da diversidade. Nosso interesse aqui, alinhado aos objetivos do estudo, é verificar o que pensam sobre a “pauta” da diversidade na mídia e como se relacionam, se sentem e se afetam por essas representações, observando de que maneira avaliam a contribuição da mídia para o *reconhecimento* dos grupos subalternizados dos quais, teoricamente, fazem parte.

Apresentamos os resultados a partir do que emergiu das entrevistas em cada grupo ideológico, verificando, inicialmente as recorrências dos marcadores citados quando trataram de questões midiáticas através do uso do *Iramuteq*, em perspectiva quantitativa. O *software* nos ofereceu uma leitura panorâmica dos dados através da ferramenta *Matrizes de codificação*, cujo funcionamento geral já foi explicitado na Seção 6, Também, posteriormente, utilizamos a ferramenta de *Nuvem de palavras* do *Nvivo*, que nos forneceu um detalhamento acerca das expressões que mais surgiram em torno da temática do *reconhecimento* e, a partir daí, iniciamos a exploração qualitativa.

Na perspectiva do *reconhecimento* conforme entendemos a partir de Honneth (1992), Taylor (1994) e Maia (2014), vamos inicialmente observar seus relatos de (não-)pertencimento de forma descolada da mídia. Em seguida, vamos às questões midiáticas e observamos se as suas elaborações *reconhecimento* num espectro mais amplo repercute nas suas relações com as representações das diferenças na mídia. Começamos a discussão dos dados a partir dos entrevistados de esquerda, os progressistas.

10.1 Progressistas, narrativas e políticas do corpo

De início, investigamos o que os interlocutores relatam têm a dizer acerca de relatos sobre reconhecimento e pertencimento. Para tornar a elaboração desse quadro de sentidos algo operacionalizável, dada a grande quantidade de dados discursivos, realizamos o seguinte procedimento no *software NVivo*: elegemos as palavras

“representação²¹⁸” e “representatividade²¹⁹” como expressões a serem buscadas nas falas de todos os interlocutores, pois entendemos que estas expressões, ao serem utilizadas na linguagem cotidiana, remetem a uma questão de produção, avaliação, ou qualquer comentário que nos leve ao debate que nos interessa, que é o *reconhecimento*. Após esta coleta, elaboramos a seguinte nuvem de palavra, com os 40 termos mais destacados:

Figura 33 – Nuvem de palavras sobre “reconhecimento” (Progressistas)



Fonte: elaborado pelo autor através do *Nvivo*.

O *software* localizou 88 referências, que são excertos de transcrições – vale lembrar –, em que os termos citados surgem nas falas dos sujeitos entrevistados. De modo geral, identificamos que ao referirem-se às questões de reconhecimento, fazem majoritariamente alusão às questões de gênero (*mulher; trans*) e ao elemento racial (*negra*), o que também ficou explícito no Gráfico 2, adiante, que representa a sobreposição

²¹⁸ É um conceito extremamente amplo e complexo no campo das ciências sociais. Filiando-nos aos Estudos Culturais, compreendemos que *representação* tem a ver com a produção de códigos que informam acerca de um grupo ou cultura, constituindo cosmovisões a partir da organização de uma estrutura de significados. No *Dicionário de estudos culturais latino-americanos* (SZURMUK; IGWIN, 2009), o verbete “representação” está acompanhado da concepção de que não há representação objetiva, pois todas elas são construções subjetivas.

²¹⁹ Tem a ver com a autenticidade das representações, ou seja, mostrar (representar), com contexto. Relaciona-se com o que Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998) denomina como aquele(s) que representa(m) a “expressão da base”. O autor também situa um conceito de *representatividade* junto ao modelo de *representação política* como “espelho”. Pensando a representação política nesses termos significa que a função representativa está mais centrada “[...] sobre o efeito de conjunto do que sobre o papel de cada representante” (1998, p. 1102). Na linguagem do autor, o “organismo representativo” seria dotado de um “[...] microcosmos que fielmente reproduz as características do corpo político”. (1998, p. 1102). No caso do nosso estudo, a representatividade, portanto, refere-se à qualidade da minoria representada em emular os valores e a ideologia do seu grupo.

entre a categoria *Mídia* e os marcadores sociais. Em mesmo nível de importância, aparecem expressões ligadas aos meios de comunicação, como *mídia* e *novela*. Com menos centralidade, também detectamos expressões sobre práticas, meios e gêneros, tais como *consumo*; *conteúdo*; *jornal* e *romance*. Ainda, podemos citar expressões relacionadas a marcadores sociais, identidades e figuras públicas, como *gays*, *corpos*, *thammy* e *maju*. Importante destacar que esses termos não aparecem isolados no discurso, ou seja, alguma expressão sobre identidades, nos enunciados, pode estar conectada a algum comentário sobre telenovela, por exemplo. Apresentada a nuvem de palavras, vamos observar alguns relatos referentes ao reconhecimento de forma mais ampla, conforme enunciado na apresentação da Seção.

10.1.1 Relatos de discriminação

Para esses entrevistados, o pleno *reconhecimento* de suas identidades fica comprometido via práticas de violência das quais são ou foram vítimas. A forma com que os interlocutores e interlocutoras relatam episódios de discriminação flutua entre narrativas de sofrimento, mas também de autonomia e de tomadas de consciência e de ação. Algumas interlocutoras negras relataram episódios de racismo. Anaís diz: “É que eu gosto, assim, de sair, então eu já escutei pessoas falando do meu cabelo, assim, pelas minhas costas. Já tiveram pessoas que quiseram tocar pra ver, assim, se era verdade mesmo, se era cabelo real”. Além de racismo, a entrevistada também menciona que já sofreu preconceito por frequentar a igreja, fato que não parece incomodá-la tanto pois entende o ponto de vista de outros em relação a grupos religiosos: “[...] as pessoas têm um certo preconceito sim ao falar que alguém é da igreja. Mas isso é normal porque até eu tenho esse preconceito quando alguém fala pra mim, porque pessoas dentro da igreja são vistas como pessoas, assim, ignorantes no sentido de não aceitar uma outra verdade”. A sua observação sobre “as verdades” às quais pessoas conservadoras se apegam são abordadas na Seção seguinte.

10.1.1.a A Intolerância religiosa e o racismo

Sobre a relação entre religião e intolerância, Diego conta que na Congregação que frequenta, não observa que a diversidade seja um problema: “[...] todo mundo fala que crente é preconceituoso e tudo mais, mas na real, na Congregação não tem essa questão. [...] Jesus disseminou o amor, não disseminou o ódio, a crítica, o preconceito. Jesus falou, ‘amanhã todos vão amar a si mesmo, ao próximo como ama a ti mesmo’, essa é a questão”. Explorando a temática dos preconceitos, Diego conta sobre os momentos em que sofrera xingamentos por conta da sua raça: “[Preconceito] pela cor já, desde pequeno sempre tem uma pessoa, ah, ‘o neguinho, não sei o que, oh preto do cacete’”. Atualmente, jovem adulto, o entrevistado diz que percebe práticas de racismo mais veladas: “Hoje em dia tem gente que é, mas assim, não fala tão abertamente. É aquele racismo escondido dentro das palavras”.

Ainda que Diego reconheça que discriminação racial contra pessoas negras exista, e que já fora vítima do problema, ele expande a noção do racismo: “Japonês sofre preconceito, maior clichê de todos, ‘ah, o pinto pequeno’, desculpa a palavra. Todas têm: o polaco, albino, ‘ah, seu polaco, branquelo, sua mãe não te pintou, tirou cedo do forno’, então sempre tem. Então é respeito a todas as cores, todas as etnias”. Diego foi o único entrevistado progressista que apontou o racismo como problema de qualquer raça/etnia que seja objeto de xingamento ou chacota.

Por uma perspectiva diferente da de Diego, Ísis também destoa em relação aos demais interlocutores negros, afirmando nunca ter sofrido racismo: “E o fato de ser negra é que hoje em dia, quer dizer, até hoje eu não sofri racismo, mas um dia se eu sofresse racismo, tu ía me ver na capa do jornal”. Pedimos para ela dar mais detalhes desta impressão, e então ela diz: “Claro, que pessoa que nunca passou por ti pela rua, te olhou da cabeça aos pés e fez uma cara de nojo, quem nunca? Então, mas mais escancarado de chegarem em mim e falarem que eu sou negra ou que eu sou trans, eu nunca sofri preconceito, sabe?”. Ísis não reconhece esse tipo de atitude como uma violência, concluindo: “Por isso que eu me considero uma pessoa de sorte”. Entretanto, no desenrolar da entrevista, ela vai, aos poucos, assumindo que algumas formas de tratá-la a incomoda, mesmo entre seu círculo de amigos. Pedimos para que ela nos contasse como

seus amigos a descrevem, e ela responde: “Eles me descreveriam: a Ísis, uma mulher trans, negra, de 28 anos, que gosta de balada, gosta de bebidas, gosta de sair, gosta de frequentar lugares em que ela seja bem-vinda [...]”. Nos chamou atenção que, após o nome, o que ela usa como características para defini-la, são os marcadores de gênero, raça e de idade. Curiosos com o desenrolar do seu raciocínio, questionamos por que ela usou essas expressões tão prontamente. E então ela responde: “É que, tipo assim, eu nunca vi um amigo meu me descrever como ‘é uma mulher’. Não, eles sempre dizem ‘é uma mulher trans’”. Indagamos seu sentimento em relação a isto: “Isso, pra mim, me afeta muito, mas eu não dou muita bola e muita ênfase a isso”. Percebemos que Ísis oscila entre o revelar-se afetada e o negar que isso lhe causa sofrimento. O que ela objetivamente menciona que lhe incomoda é o fato de outras pessoas acharem que ela é mais velha, ainda que Ísis avalie isso como algo positivo, pois relaciona com a sua sabedoria: “[...] as pessoas acham que por eu ser do jeito que eu sou, o jeito que eu falo, a articulação que eu uso é de uma pessoa mais velha, sabe? Sempre acharam que eu tinha uns 40 anos – sempre! Eu digo que é tudo uma questão de estudo, questão de ler [...]. Eu aparento ser mais velha? Não, né?”.

10.1.1.b A violência de gênero e a LGBT+fobia

Relatos de transfobia também se fizeram presentes. A entrevistada Nara relata um episódio bastante cruel que havia ocorrido recentemente, à época da entrevista:

Eu sofri também agora há pouco tempo que meu pai tentou me matar na rua. [...] Assim, com meu pai eu sei que ele não gosta de mim, então eu passei duas semanas fora de casa, nem olhei pra cara dele mais, mas hoje em dia ele vai ter que aceitar que eu não vou mudar por conta dele. Espero que a pandemia acabe logo pra eu poder sair dessa casa. (NARA)

Ela ainda reflete: “É a realidade, né? A nossa realidade é essa mesmo: batalhar. Não que ninguém tivesse sua batalha, só que a nossa [de pessoas trans] é um pouco mais rígida”. Nara, apesar de ser negra, não evocou situações em que pautasse a sua negritude, dando mais ênfase à sua identidade de gênero. Ainda sobre relatos de transfobia, Larissa conta sobre sua crise quando, depois de uma vida assumindo papéis masculinos e tornando-se pai e avô, passou a tomar consciência da sua identidade de gênero:

[...] eu não consegui, eu fui parar numa UTI por causa disso, porque não caiu a ficha que eu sou pai, marido, avô e travesti. Mas essas coisas não batiam! Não batiam por quê? Porque um filho da puta de um movimento reacionário que não admite que bata, porque quando eu apareci, as questões eram assim, 'você gosta de mulher?' 'não pode', como não pode? Vai a puta que pariu, hein! (LARISSA).

Além disso, Larissa menciona sofrer preconceito intragrupo, ou seja, entre pessoas trans e de todo o espectro LGBTQ+ motivados pelas funções de “pai” e “avô” que ainda faz questão de sustentar. A entrevistada, então, desabafa:

E eles [os conservadores] acham que o movimento LGBTQ é progressista. Não é. É altamente reacionário. [...]. Não aceitam eu, [...] como não aceitam a nossa grande Rogéria, que sempre disse que “eu sou Astor Barroso Pinto”. “Nossa, que desserviço?”, “Isso é um desserviço à causa!” À puta que pariu! Ela sempre foi “Astor Barroso Pinto, não quero operar, tenho o pinto, sou gay e sou uma mulher”. [Isso] deixa os caras loucos, porque aqui sim você tá entrando com a diversidade, né (LARISSA).

Panthera também traz alguns relatos: “[...] já fui impedido de entrar até em um ônibus do Rio de Janeiro, já fui impedido de acessar lugares, já fui impedido... já sofri violência física, enfim, são inúmeros casos de micro e de macro violências né”. Também menciona sobre algumas práticas de violência discursiva que sofrera no ambiente acadêmico, ponderando o seguinte: “Eu acho que é isso também né. Eu fui a primeira pessoa não-binária e a primeira pessoa – que eu vou utilizar assim, mas é com muitas ressalvas – eu fui a primeira pessoa trans a entrar dentro do programa de comunicação”. Dante aponta para a violência da abjeção da não-binariedade que marca sua identidade de gênero: “[...] Quando eu falo sobre sofrer transfobia eu sofro só que na questão de descredibilização do meu gênero, de não existência, de não acesso, de não respeito a nome social, porque sim, eu também faço uso do nome social”.

Por fim, sobre homofobia, Moisés – único entrevistado progressista gay – diz nunca ter experienciado nenhum episódio de violência: “Se sofri, não percebi. Seja uma violência verbal ou enfim, que devo ter sofrido, óbvio, acho que é meio padrão assim. Algum xingamento que eu não tenha escutado e tal, mas nunca chegou, nunca me atingiu de uma forma direta, nem verbal, nem física, de nenhuma forma”.

No que diz respeito às violências sofridas pelo grupo progressista de minorias com os quais conversamos, podemos observar que não é consenso que todos se reconhecem

como vítimas de violências – sejam físicas, discursivas ou simbólicas. Moisés, homem gay e branco, diz nunca ter sido vítima de homofobia. Ísis, mulher trans e negra, menciona nunca ter sido vítima de racismo ou de transfobia. Entretanto, ela declara sentir-se incomodada quando é apresentada por outras pessoas do seu círculo de amizades, embora não reconheça como um ato de racismo ou transfobia. Noutro extremo, temos Anaís, mulher trans, que conta sobre seu pai, que tentou matá-la. Ela precisa dividir o mesmo lar que ele, situação agravada pela necessidade do isolamento físico em decorrência da pandemia de Covid-19. Larissa também relata sobre ter sido hospitalizada em virtude da sua saúde física que ficara debilitada em função do seu sofrimento psíquico. Panthera e Dante, ambas pessoas não-binárias, relatam agressões em detrimento do gênero com os quais elus se identificam.

É importante resgatar essas narrativas de violência que a maioria dos nossos entrevistados e entrevistadas citou sofrer ao longo de suas vidas. A recorrência destes episódios fornece um contexto que nos aproxima acerca do modo como se veem e se sentem em um mundo que reconhece precariamente suas existências ou que tenta aniquilá-las. Na perspectiva do problema do *reconhecimento*, a sua reivindicação coloca-se entre múltiplas instâncias de discriminações motivadas por raça, gênero, sexualidade e religião. Agora, vamos observar a percepção dos entrevistados sobre a função dos meios de comunicação para a produção de *reconhecimento* através das representações da diversidade.

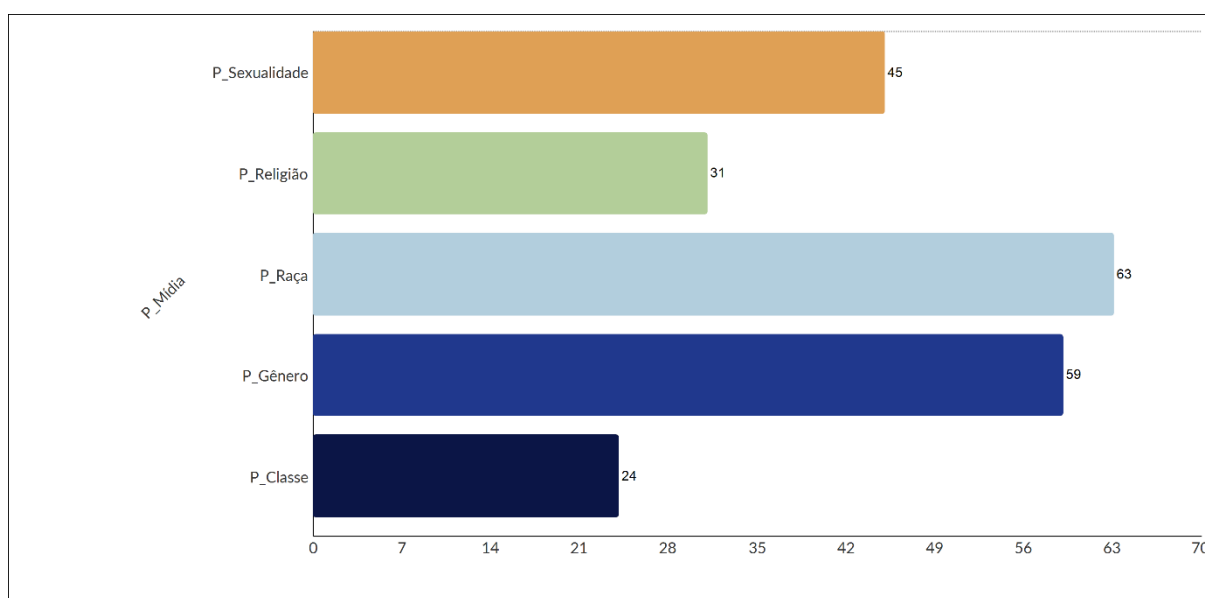
10.1.2 Mídia, reconhecimento e esquerda

De modo geral, todos os interlocutores reconhecem a importância da representação da diversidade nos meios de comunicação. Diego²²⁰, quando pondera sobre a questão, diz: “[...] é bom colocar mais esse tipo de coisa de diversidade. De, não só de opção sexual, mas de tudo, porque ninguém tem o mesmo gosto”. O entrevistado explica que programas, telenovelas etc., precisam explorar outros nichos de diversidade para além das questões de orientação sexual: “Porque todo mundo consegue ser agradado, mas vamos dizer

²²⁰ Homem cis, negro e heterossexual.

assim, cada dia uma parcela vai ser agradada, [...] e pronto, todo mundo fica feliz”. Aproveitando o gancho, Larissa²²¹, não se referindo estritamente à mídia, também opina nos mesmos moldes de Diego: “[...] o aparecimento da questão da diversidade é que [...] ela é muito focada na questão de gênero, na questão de orientação sexual, mas na verdade ela é uma questão que atinge todos os setores da sociedade. Ao observamos a Matriz abaixo, vemos que, de fato, gênero e sexualidade, se somados, são os marcadores mais mencionados entre os sujeitos investigados quando tratam de Mídia.

Gráfico 2 – Mídia x Marcadores sociais (Progressistas)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Nvivo*.

Portanto, a partir do gráfico acima, podemos observar, junto ao público progressista, que ao tratar dos assuntos referentes à **Mídia**, os marcadores sociais de **raça, gênero e sexualidade** são os mais comentados, sendo **classe** o menos tematizado. Os termos surgem ao longo das entrevistas em diferentes situações e contextos, referindo-se especificamente à mídia ou a questões mais amplas do universo da cultura e da política – o que será visto em perspectiva qualitativa.

²²¹ Mulher trans, branca, lésbica.

10.1.2.a Diversidades invisíveis

Inicialmente, destacamos as problematizações em torno da não-representação, ou seja, da invisibilidade de alguns grupos sociais. Hellen²²² concorda que “[...] a representação é importante, mas não é qualquer representação”. A entrevistada fala das “representações pela metade” para referir-se às minorias que não são contempladas com uma gama diversificada de marcadores dissidentes: “Por exemplo, eu nunca vi uma representação de uma mulher negra lésbica na TV. Não lembro tá, pode ter acontecido [...]”. E Dante²²³ – não-binário e indígena – resgatando o seu processo de tomada de consciência sobre a sua identidade étnica, menciona sobre a invisibilidade do seu corpo: “[...] nós que vivemos entre esse espectro de pessoas indígenas e pardos, a gente não consegue né, discernir o que que a gente representa pra sociedade porque a gente não é visto, a gente não é entendido”. Conforme tratamos na descrição das suas práticas de consumo midiático, ele também cita sobre seu prazer em consumir narrativas que deem visibilidade a outros arranjos familiares que não os tradicionais, a grupos subalternos, ou que o desperte interesse estético-visual. Sobre esse sujeito, também é importante pontuar um conflito em relação à observação de Hellen, de que é preciso – sempre – reivindicar a representação de minorias marcadas por múltiplos marcadores de subalternidade. Dante não assiste à televisão há alguns anos, mas diz que acaba acompanhando algumas discussões sobre telenovelas nas redes sociais. Foi nesse momento que o incitamos a pensar sobre algumas dessas discussões, quando, então, ele trouxe o caso do personagem trans masculino Ivan, de *A força do querer* (Rede Globo): “[...] eu não lembro qual é a novela, mas que parece que foi a primeira novela que retratou um rapaz trans [...]. Nesse momento eu assisti uma vez essa novela, pra poder saber do que tava... o que, né, o que as pessoas tavam comentando”. O entrevistado relatou algumas críticas que ele acompanhara *online*, de pessoas ridicularizando o personagem ou não o compreendendo, uma vez que é um homem trans homossexual, ou seja, atraí-se por outros homens:

Parece que antes da transição essa pessoa tinha essa relação com esse rapaz e depois da transição eles mantiveram a relação. Então, os espectadores, a família

²²² Mulher cis, negra, lésbica.

²²³ Pessoa não-binária, indígena, pansexual.

tradicional né, ficou em choque [...]. Eu ouvia muito ‘*Ah, mas se ele gosta de homem, porque que não continuou sendo mulher?*’, então naquele momento houve uma confusão muito grande de orientação sexual e identidade de gênero. E a personagem trazia tudo aquilo ali numa bola só, sendo que nunca antes ninguém tratou da pauta trans de uma forma tão explícita né (DANTE).

Ele, ao realizar uma suposição sobre a recepção da audiência frente ao personagem Ivan, discorda de Hellen, ponderando que nem sempre uma *visibilidade radical das diferenças* na mídia de massa seja um caminho adequado:

“[Foi] irresponsabilidade de eles (*Rede Globo*) lidarem com uma personagem trans assim [...], as pessoas tendem a não compreender se você coloca tipo... todas as características, todas as vivências numa mesma personagem, a pessoa fica doida e enfim, não vai compreender de fato e aí isso repercute mais (DANTE).

O entrevistado, assumindo a sua identidade trans, conclui: “E aí enfim, a questão da agressão física e social aos nossos corpos né, repercute né, continua” (grifo nosso). A linha de raciocínio adotada por Dante revela a conexão que ele estabelece entre a representação das diferenças na mídia e suas realidades no cotidiano. Para contextualizar o cenário de precariedades dessas identidades ao qual o entrevistado se refere, apresentamos alguns dados, apesar da ausência de sistematização de informações em escala nacional pelos institutos nacionais. O *Centro de Estudos de Cultura Contemporânea* (CEDEC, 2021) de São Paulo/SP, em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos da cidade, realizou um mapeamento da situação da população trans na cidade. Foi constatado que a renda de 34% da população é de um a dois salários mínimos, enquanto para 33%, é de ½ a um salário mínimo. Ainda, 46% das travestis e 34% das mulheres trans possuem, como principal atividade remunerada, a prostituição. A precariedade econômica é o pano de fundo no qual se deflagra o problema da marginalização social para grande parte das pessoas trans no país. Conforme boletim disponibilizado pela *Associação Nacional de Travestis e Transexuais* (ANTRA, 2021) referente ao primeiro semestre de 2021, foram identificadas 27 denúncias de violação de direitos humanos contra pessoas trans, sendo que ataques virtuais e *cyberbullying* constituíram-se como as principais práticas de agressão. Além destas, há denúncias de impedimento de acesso e permanência em espaços de socialização e negação de atendimento no comércio. O boletim também relata nove casos de suicídio identificados

no primeiro semestre de 2021 além de – para encerrar este panorama –, 175 mortes noticiadas em 2020, um recorde nacional. Acerca da visibilidade deste grupo em matérias de portais de notícias, identificamos, em nosso panorama midiático (Subseção 1.2), que a expressão “trans” é uma das mais recorrentes na categoria de *Termos relacionados aos marcadores sociais da diferença*. A identidade surge, geralmente, em três situações: iniciativas de inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho; candidaturas de pessoas trans para prefeitura e para vereança; e aumento no número de assassinatos desta população. Estas recorrências sinalizam que estratégias de inclusão deste grupo ainda são a exceção, ganhando o estatuto de fato noticioso; além de reiterar a tendência de elevação no número de mortes conforme já destacamos (ANTRA, 2021). Para Dante, portanto, a não-representação, ou a representação inadequada das pessoas trans e não-binárias, está intimamente relacionada à ampliação das possibilidades de *reconhecimento* desta parcela da população pela sociedade.

Acerca destas invisibilidades, Ísis²²⁴, ao ser questionada sobre a percepção de diversidade na mídia, responde enfática: “Não tem! Ainda continua o mesmo padrão: branco, magro, hetero – tu não vê LGBT na televisão, um LGBT sentado na bancada do *Jornal Nacional* apresentando o *Jornal Nacional* com o William Bonner, e sim mulheres”. Portanto, na perspectiva de Ísis, o limite da diversidade que é permitida ocupar o espaço da banca do telejornal de maior audiência da televisão brasileira revela-se na imagem da Mulher, ou seja, da mulher cis, heterossexual e branca. A entrevistada segue denunciando: “Tu não vê uma trans sentada ali, tu não vê uma pessoa trans apresentando o *Encontro com Fátima Bernardes (Rede Globo)*”. Ao ser questionada se realmente não lembrava de nenhum personagem trans em telenovelas – gênero televisivo que acompanha assiduamente –, declara: “Eu lembro da última novela chamada *A dona do pedaço (Rede Globo)* que tinha a menina que trabalhava com a Maria da Paz na Bolos da Paz que ela provava bolo. Ela era uma mulher trans”. Também, relembra: “E agora, na novela das nove [*Fina Estampa*], que tem uma mulher representando uma mulher trans, que é a menina que trabalha junto com a Grizelda que o Malvino Salvador que vai chegar no banheiro e vai ver: ‘mas ele é homem’ pra mãe dele, e ela pega e vai dizer ‘Não, é a mulher trans’”.

²²⁴ Mulher trans, negra, heterossexual.

Sobre a representação desta personagem, Ísis critica a escolha da atriz: “Mas é uma mulher normal que tá representando uma mulher trans – isso é errado, sabe? Por que não coloca uma trans?”. Observamos aqui, novamente, como Ísis refere-se às “mulheres universais”, ou seja, àquelas que não são trans: são “normais”. Uma observação semelhante a esta, ao tratar no universo cinematográfico, foi feita por Dante, criticando a escolha de um ator cis-homem ao invés de uma mulher trans: “*A garota dinamarquesa*, ele ficou muito popular né, porém, foi representado por um ator... Eu amo esse ator particularmente, mas não foi a escolha certa né”.

Panthera²²⁵ também enfatiza a importância de estratégias de reconhecimento das diferenças por parte da mídia, trazendo mais em sua fala as dimensões do gênero e da sexualidade: “Logicamente que a representatividade é importante, é importante a gente ter corpos trans, é importante a gente ter corpos bichas, é importante a gente ter corpos lésbicos, nos meios midiáticos, vamos dizer”. Ainda que reconheça a importância, ocupa um lugar escorregadio quando pedimos para responder se ele sente-se representado na mídia:

[...] eu acho que como uma pessoa não-binária, que vai construindo uma invenção de corpo e uma invenção de estética, sim. Mas na sua completude assim, na sua representação, eu acho que a gente inventa o nosso corpo, e aí acho que ser representado por outro... eu tenho muitos problemas com essa palavra “representatividade”, ser representado por outro, sabe? (PANTHERA).

Para Panthera, em realidade, o debate sobre “representatividade” é um tanto quanto batido: “[...] no finalzinho do ano passado, me chamaram pra falar numa mesa de debate sobre representatividades de corpos dissidentes. E a minha fala foi justamente ao contrário [...] Porque eu não ia falar sobre representatividade trans. Porque a minha presença, o meu corpo, já dizia sobre aquilo”. E critica: “Eu fiz uma lista de 50 tópicos de coisas que poderiam me chamar pra falar, além de falar sobre tema LGBT e que eles nunca me chamaram pra falar”. Similar a esse problema, Sofia²²⁶ provoca: “Alguma travesti já foi convidada pela Ana Maria Braga pra fazer uma comida sem ela falar disso [sobre ser trans]?”. Tanto Panthera quanto Sofia denunciam a tendência de que, quando uma

²²⁵ Pessoa não-binária, branca, pansexual.

²²⁶ Mulher trans, branca, heterossexual.

minoria é convidada a ocupar um espaço de visibilidade (intelectual, midiática...), sua identidade de gênero torna-se necessariamente um assunto, quando não o centro do debate.

Retomando as suas elaborações sobre reconhecimento e mídia, Panthera como já dissemos, avalia como positiva a representação plural de identidades²²⁷ nos meios de comunicação, elencando programas e campanhas que incorporam a questão da diversidade em suas atuações. Elu cita o programa de auditório *Amor & Sexo (Rede Globo)*, bem como a campanha da *Natura* com o trans masculino Thammy Miranda. Apesar de reconhecer essa diversidade na mídia, insiste que não se enxerga e esclarece o porquê: “[...] eu não me sinto representade por aquele canal [*Globo*], não me sinto representade por essa fórmula de se fazer e de se reproduzir conteúdo [...]”. Para Panthera, o problema de “ver-se representade”, portanto, passa a ter mais a ver com as intencionalidades da emissora, ou seja, extrapola a textualidade de representação da diferença na tela. Apesar de sua ojeriza quanto a dizer-se representade por algum conteúdo ou alguém, ao nos aproximarmos do final da entrevista, ela diz: “Não queria usar a palavra representatividade, mas eu me sinto... eu me sinto, – vamos utilizar a representatividade agora, porque ela é a melhor a se usar nesse momento: eu vejo, eu encontro os meus, vamos dizer assim, nos espaços marginais, nos espaços *hackeados*, piratas, etc.”. Sua fala se dá no contexto em que declara sua repulsa à *Rede Globo* e comemora que, atualmente, estejam surgindo canais de mídia alternativa para que grupos dissidentes possam publicar seus próprios conteúdos: “No *Instagram* tem várias TVs marginais agora. Tem várias TVs fodásticas, tem várias rádios da *internet* que transcendem a ideia do *podcast*, se estabelecem como rádios assim, com programação assim 24 horas por dia. Fudido, fudido, programações fudas pra caralho”. Panthera possui identificação com a ideologia pirata desses canais, e não necessariamente com a superfície textual do que está sendo mostrado.

²²⁷ Panthera execra essa palavra. Quando pedimos para que ela nos falasse sobre a sua “identidade”, ela respondeu: “Identidade? Eu não sei o que é isso”.

Larissa também compartilha de certa animação quando cita a sua versão acerca do que seria a derrocada dos meios de comunicação tradicionais perante o advento vertiginoso das novas tecnologias:

Uma metáfora muito bacana disso é o filme, daquelas duas irmãs transexuais, né, o *Matrix*, das Irmãs Wachowski, porque é uma sociedade em que a cibernética engoliu a sociedade. E há ali uma tentativa das pessoas de resgatar, né, exatamente a diversidade, porque elas vivem ali num ambiente totalmente artificial, totalmente binário (LARISSA).

A entrevistada associa a tecnologia binária às mídias tradicionais, e a cibernética “do futuro” às novas possibilidades que nos façam escapar dos modelos de 0 e 1.

Retornando à Panthera, em vias de finalizar a entrevista, surgiu a questão das minorias que são representadas na mídia, mas que não se apresentam claramente como progressistas. É o caso de Thammy Miranda²²⁸, ator e político que Panthera já havia mencionado rapidamente, que protagonizara a campanha de Dia dos Pais da *Natura* de 2020.

[...] essa participação do Thammy no programa da *Natura*, nada mais é que um pedido de desculpa, esfarrapado com a comunidade LGBT. [...] ela não foi a pessoa escolhida para a propaganda da *Natura* à toa. Ela foi porque ela tem visões políticas que se alinham às posições políticas da *Natura* (PANTHERA).

Elu destaca a importância daquele corpo enquanto “texto”, mas lamenta que tenha sido o corpo de Thammy, e não de outra pessoa trans: “Ela [*Natura*] chama o Thammy, ela não chama por exemplo, a Luísa Marilac²²⁹, no dia das mães. Porque sabe que a Luísa Marilac representa um outro lado dessa luta das pessoas trans, travestis”.

A questão “Thammy e *Natura*” também foi mencionada por Ísis. Perguntamos à entrevistada – que pautava seu argumento a partir da crítica de que, na verdade, o que existe é uma representação “padrão” das minorias – o que ela sentia quando assistia a um

²²⁸ Na entrevista, Panthera referiu-se a ele como Thammy Gretchen. Resumindo seu perfil na vida política, Thammy foi um dos vereadores mais votados da cidade de São Paulo nas eleições municipais de 2020, elegendo-se pelo Partido Liberal (PL), que é de direita. Além disso, embora nunca tenha se declarado um apoiador de Bolsonaro, apresentar-se como “de centro” e “progressista”, à época das eleições presidenciais de 2018, disse que não aderiria ato do #EleNão.

²²⁹ Apresentadora e escritora trans, sua biografia é marcada por vários episódios de violência. Lançou uma autobiografia em 2019, intitulada *Eu, travesti*, pela editora Record.

comercial de Dia dos Namorados com casais de “gays ‘padrão’”. Ela responde: “Só olho. [...] É que nem eu digo: tavam tanto julgando a *Natura* por ter colocado o Thammy como capa do Dia dos Pais. Por que não colocam uma mulher pra representar o dia dos pais? Porque muitas criam seus filhos sozinhas, entende?”. A provocação de Ísis vai além na demanda por reconhecimento organizado nas pautas ideológicas, pensando a paternidade mais como função do que como um papel de gênero.

Anaís²³⁰, ao ser encorajada a pensar em anúncios que abordassem a diversidade, também remete à marca de cosméticos e à inclusão de Thammy na sua publicidade de Dia dos Pais: “Ah, um polêmico foi o da *Natura*, da Thammy, né, do Thammy, e nossa, virou uma grande repercussão”. A interlocutora ilustra, evocando o seu entorno religioso: “E como eu tenho amigos da igreja, escutava gente de um lado, gente de outro, foi uma confusão, assim, aquelas, bem polêmicas”. Curiosos com a recepção da entrevistada sobre a campanha, perguntamos qual era a sua opinião pessoal sobre a questão, e sua percepção aproxima-se da ideia de Ísis, argumentando a partir de dados da realidade brasileira: “Ah, pra mim pai é aquele que cria, sabe? O pai não precisa ser aquele que vai gerar, pela questão da biologia, piriripororo, porque se for assim, nossa, tá lascada, porque o Brasil tem uma alta taxa de mães solteiras²³¹, que o pai simplesmente deu fuga”.

Por outro lado, diferente desse grupo de interlocutores, Nara²³² foi sucinta ao comentar a campanha da *Natura*: “O Thammy é bem representado pra minha classe, então fico bem feliz”. De forma semelhante, o relações públicas Moisés²³³, sem ser direcionado ao assunto por nós, celebrou a estratégia da *Natura* ao comentar sobre as mudanças da representação das minorias que vinha observando, dando alguns exemplos: “A *Natura* vem quebrando muitos paradigmas midiáticos, eu acredito [...]. E inclusive, esse ano a campanha de Dia dos Pais ali, bah, sacada assim, eu queria ser assim, sei lá, o RP da agência da *Natura*, a sacada ali do Thammy por exemplo, né?”.

²³⁰ Mulher cis, negra, heterossexual.

²³¹ De acordo com matéria de 2020 publicada no site do *G1*, 11 milhões de mães brasileiras criam os filhos sozinhas, sendo que destas, 57% vivem abaixo da linha da pobreza. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/10/dia-das-maes-a-vida-das-11-milhoes-de-brasileiras-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>. Acesso em: 25 ago. 2021.

²³² Mulher trans, negra, heterossexual.

²³³ Homem cis, branco, gay.

Portanto, de forma geral, no que diz respeito às operações midiáticas para o reconhecimento, existem alguns conflitos na recepção destas representações “diversas”, e um desses ruídos está na seguinte questão: em qual lado da disputa ideológica esta minoria se encontra? Nesse mesmo sentido, a entrevistada Hellen afirma que a representação das minorias deve ser pensada para além da “representação fenotípica”, mas sim comprometida com uma valorização do grupo: “Tipo um negro na TV se for falar mal das religiões de matriz afro, tá ligado? Então eu acho que essa é uma representação, de certa forma... ela é meio falaciosa”. Sua opinião ilustra o que vimos na Seção anterior em relação aos sentimentos das minorias conservadoras, que se sentem “intimidadas” a compartilhar dos valores, ideologias e sistemas simbólicos dos grupos subalternos dos quais fazem parte. Em outro momento, Hellen diz: “[...] pode ter um negro que é executivo de tal coisa, entendeu. Mas se ele servir àquilo que nos oprime, tipo não adianta de nada, sabe”.

Colado a isso, existe a demanda por um tratamento “natural” na representação da diversidade na mídia, ou seja, de modo que os marcadores de opressão não sejam o núcleo em torno do qual a narrativa da personagem orbite. Referindo-se a esse problema, Hellen exemplifica:

Não serve esse tipo de representação, a gente tem que ser colocado, enfim, na narrativa como algo natural. Porque é natural pras pessoas... sei lá... gays amam, pessoas gays são filha da puta, pessoas gays são legais, são tristes, são... entendeu? Fazer daquilo tipo, uma narrativa condizente com a coisa, não transformar enfim, só porque a pessoa é negra, só porque a pessoa é pobre, só porque a pessoa é... enfim... um personagem a partir disso, sabe? (HELLEN).

Sofia também trata sobre a importância de uma representação mais “natural” das diferenças quando pedimos para que ilustre produtos midiáticos que abordem a temática da diversidade. Ela observa que o trato da mídia com as diferenças, principalmente as minorias sexuais, “Não vai ser tratado de uma forma mais naturalizada, sempre vai ter que ser algo pra ter a polêmica e o tchan, entendeu?”. Para Sofia, a diferença deve ser representada, mas sem que ela seja “narrada”: “[...] porque toda vez que eu olho pra aquilo e falando daquilo como um diferente, eu também tô passando pras pessoas a imagem e a ideia de que aquilo [...] é diferente, e não natural”. E complementa, dizendo: “Eu acho que

é muito matemático ainda a relação [da mídia] com a diversidade. Não é natural”. Sua posição, assim como a de Hellen, destaca a importância de fornecer visibilidade a grupos sociais subalternizados nos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, há uma preocupação com a qualidade desta representação: a diferença que marca a identidade do grupo/sujeito em determinado produto midiático ficcional/jornalístico/etc., não deve ser o elemento estruturador desta narrativa.

Devemos indicar a contradição que reside na exigência por representação de minorias que só positivem o seu universo simbólico e moral, mas que, ao mesmo tempo, sejam tratadas como algo “natural”. Existem dois problemas inerentes a tal demanda: um deles tem a ver com o que, de fato, entende-se por “naturalidade”. Pela descrição das entrevistadas, uma “representação natural” é aquela capaz de fazer a diferença “desaparecer” entre os que já estão na confortável posição de “iguais”. Portanto, trata-se de uma operação de assimilacionismo pelo discurso hegemônico, e não um uma reivindicação pela desconstrução da norma. O segundo problema – contraditório em relação ao primeiro – surge quando uma minoria de maior visibilidade pública não põe a sua “diferença” como carro-chefe de sua identidade.

Podemos compreender, desse emaranhado de demandas por representação de minorias, que há uma série de conflitos sensíveis às expectativas que os próprios integrantes dos grupos subalternizados possuem acerca da sua presença no mundo. O desejo antagônico de tratar a sexualidade, gênero, raça e classe ora como “natural”, ora como “identitário”, sobre o qual deve ser posto em discurso, alude aos próprios anseios de quererem ser reconhecidos como sujeitos dotados de dignidade plena, sem que suas diferenças sejam enfaticamente sinalizadas. Talvez, porque no curso de suas vidas, seus marcadores de gênero, raça e/ou sexualidade foram apontados como desvio, uma anomalia ou uma ofensa à determinada ordem hegemônica, convertendo-se em diferença e produzindo discriminação e precariedade.

10.1.2.b Diversidades estratégicas

Outro problema, portanto, é a *visibilidade regulada* das minorias. Para Hellen, a mídia opera em busca de uma higienização dos traços de diferença, ou seja, em uma

aproximação com o “padrão”: “Mas o teto da higienização, tipo, é quase um rolê eugênico, tá ligado? [...] Tipo, [a mídia] não põe pessoas pretas, sei lá, tipo com a pele escura, entendeu? Sei lá, com qualquer característica que pode não ser agradável pra aquele formato televisivo, entre muitas aspas, tá ligado?”. Ela segue, ilustrando com outras diferenças: “[...] se botarem ali uma gay, vão botar uma gay dentro de padrão, se botarem uma preta, vamos botar dentro de padrão, se botar ali uma pessoa deficiente ‘Ai, olha, uma pessoa deficiente. Mas ela é tão bonitinha’. Sabe?”. A perspectiva de uma *representação encaixotada*, para Hellen, está mais presente nas programações de maior audiência, como nas telenovelas, sendo que é nas minisséries em que as minorias menos “higienizadas” (usando uma expressão da entrevistada), seriam encontradas:

“A não ser que sei lá, seja uma minissérie, que isso acontece às vezes, personagens complexos eles deixam pras minisséries e nas novelas onde grande audiência, eles emburrecem as pessoas [...] eles põem um monte de galã, monte de mulher padrão, tá ligado?”.

Próximo a esse debate, Panthera destaca as intenções supostamente calculadas da mídia, com destaque à *Rede Globo*, ao organizar sua grande programação: “[...] porque a *Globo* só decidiu fazer isso [representar a diversidade] porque ela foi pressionada a fazer isso, a *Globo* não queria fazer isso, a *Globo* não é diferente da *Record*, que é do Edir Macedo”. Ê entrevistada observa, em seguida, que programas que detêm um tom conservador, como os de gênero jornalístico, adquirem espaço de visibilidade em horários de maior audiência; enquanto outros, progressistas e que celebram a diversidade, em horários com menos audiência:

Porque se tem um programa à meia noite, um programa à meia noite, que dura meia hora, que é visto por um público muito específico, mas que às sete horas da noite, você tem um jornal, que é o maior jornal do Brasil, apoiando um golpe. Como apoiou durante muitos anos o golpe que a *Dilma* sofreu, que foi um golpe de gênero. Não faz sentido você ter às sete da noite um *Jornal Nacional* e ter à meia-noite um *Amor & Sexo* (PANTHERA).

A entrevistada Anaís também revela sua cisma com a representação da diversidade na mídia, mas adere a um tom bem mais brando: “[...] eu vejo mais é um jogo de interesse.

Porque eu acho que a mídia que é assim no total”. Ela descreve como entende o funcionamento do circuito destas operações de reconhecimento midiático das diferenças:

[...] é uma coisa, assim, que gera uma grande repercussão, e por isso a mídia tem colocado algumas figuras ali pra representar, só que essas figuras não são nem metade do que a mídia pode apresentar pro pessoal, sabe? [...] São pequenas figuras que aparecem, mas logo a gente sabe que serão substituídas (ANAÍS).

Pedimos que Anaís nos fornecesse algum exemplo sobre o que havia descrito. Ela conta sobre quando viu a foto de uma menina se fotografando em frente a um *outdoor* da *Calvin Klein* em que a mesma posava como modelo. A imagem à qual a entrevistada pode ser visualizada a seguir:

Figura 34 – Mulher trans e negra em frente ao anúncio da *Calvin Klein*



Fonte: *Instagram* (@iamjarijones)

Anaís descreve a imagem: “[...] e ela tava toda feliz que ela tava sendo representada ali, só que ao mesmo tempo, se a gente visse, sei lá, em outros *outdoors*, a figura padrão, ela aí tá ali, sabe? Foi uma vitória muito grande? Foi. Só que o padrão, ele não deixa de ser o padrão”. Perguntamos à entrevistada como era a menina da foto e do anúncio: “Ela era negra, gorda, tinha traços, assim, realmente negroides. Não aquela pessoa negra que tem um nariz fininho, a boca fininha, o cabelo, assim, alisado”.

Ainda sobre o gênero midiático, Moisés considera que a publicidade tem cumprido um papel importante na visibilidade de minorias: “Eu vejo um movimento muito grande, muito mais na publicidade, de trazer isso à tona, essa representatividade, essa diversidade, no meio publicitário do que no meio audiovisual, por exemplo”.

A publicidade, enquanto engrenagem primordial do consumo, nos leva a uma outra discussão que está totalmente conectada às “artimanhas” do mercado no trato da diversidade: o fenômeno do *pink money*, que em tradução livre significa *dinheiro rosa*. Diz-se que uma empresa “faz *pink money*” quando a mesma adota uma estratégia de comunicação ou de produto segmentada para o público LGBTQ+, mas que a percepção dos consumidores denuncia que tal estratégia não passa de um oportunismo identitário. Ou seja, a marca não seria *realmente* pró-LGBTs, estaria apenas fazendo um uso do grupo para vender e lucrar. Falando sobre a representação midiática da diversidade e sua relevância para uma visibilidade política dos grupos subalternos, Hellen diz: “Mas eu acho que a partir dessas discussões... elas foram pra mídia de massa e elas começaram a ser esvaziadas de certa forma, tendo sei lá, *pink money*, por exemplo, que as grandes marcas começaram a tipo... a sei lá, entender... como tirar dinheiro, enfim do público gay, sem necessariamente, sei lá, entendê-lo, tá ligado. Portanto, há o entendimento de que *pink money* está associado a um esvaziamento político das pautas identitárias. Moisés, ao referir-se às diversidades na publicidade, menciona: “Então, tem diversidade do público LGBTQ, que tem *pink money* rolando horrores”.

Sem nomear de “*pink money*”, mas referindo-se aos interesses de marcas e de empresas de comunicação que se interessam pela representação das diferenças, Hellen ainda diz: “Minha crítica, ela é bem direcionada a como sei lá... o capitalismo de certa forma utiliza essas pautas, pra gerar mais lucro, mais dinheiro, mais opressão”. A entrevistada é publicitária e trabalha no editorial de uma revista para o segmento jovem.

Ela conta que o público-alvo da revista dessa faixa etária é progressista, o que causa alguns conflitos quando ela e seus colegas produzem algum conteúdo “posicionado”, tendo em vista que os chefes são conservadores: “Então, pra gente se posicionar, escrever um artigo, fazer certas peças, torna um problema. Mas se a gente esfrega na cara deles, que dessa forma vai vender, os fia-da-puta entendem em dois toques, tá ligado? Porque é isso, o dinheiro manda muito, tá ligado?”. Nara também demonstra-se à par dos interesses por lucro e visibilidade “por trás” de campanhas pró-diversidade, utilizando como exemplo uma marca de moda: “É eles querendo ganhar dinheiro mesmo, tipo C&A [...]. E sempre é o interesse também nessa questão, porque eles vão ganhar em cima disso, porque a pessoa vai querer, vai publicar, vai compartilhar, entendeu?”. Sofia segue a mesma linha: “A mídia é mercado, então ela vai ser relacionar com a diversidade a partir de uma demanda de mercado. “O que eu ganho com isso? Eu ganho se eu falar disso? Então eu vou falar.”

Portanto, de acordo com nossos entrevistados, o mercado e as empresas de mídia, ao operacionalizarem a visibilidade de minorias, estariam, em primeiro lugar, ambicionando os ganhos financeiros da empresa ou a repercussão da mesma em termos de imagem de marca. Nesse sentido, o *pink money* não deixa de ser uma versão pasteurizada da representação das diferenças. Sofia ilustra: “Toda novela agora tem que ter uma bicha, ou uma sapatão, ou uma travesti. Ou dois de uma, mas não vai ter tudo, entendeu? E nem vai ser o mais importante, em destaque”. Na perspectiva das estratégias de produção, a diversidade precisa adquirir a plasticidade necessária para tornar-se consumível e, logo, rentável.

No debate sobre essas representações reguladas, a apresentadora do *Jornal Hoje* (Rede Globo) Maju Coutinho surge como um expoente para tratar do marcador racial, mas também para pensar sobre a representação da diversidade de forma ampla. Para a maioria dos sujeitos entrevistados, questionamos pontualmente acerca da relevância da jornalista em um espaço midiático consagrado como o que atualmente ocupa. Hellen responde: “Olha... ótimo que temos uma Maju Coutinho [...]. Entretanto, eu vi uma foto dela, tipo com a equipe de jornalismo, do *Jornal Hoje*, ela era a única negra, tá ligado. E devia ter um sarará da minha cor, tá ligado. Tipo, uma equipe com 30 pessoas, sabe”. Hellen considera-se negra de pele clara, por isso da expressão “sarará da minha cor”.

Assim, num movimento de ziguezague, a entrevistada critica e celebra a presença de Maju Coutinho: “Acho que é importante, sei lá, tem um monte de adolescente e criança que quer ser jornalista e tá vendo ela, sabe. Nesse sentido, de criar um imaginário pros nossos jovens eu acho perfeito”. Muitos interlocutores adotaram a mesma postura, compactuando com a opinião da entrevistada.

Anaís, ao discorrer sobre a mesma questão, prontamente coloca os dois “lados da moeda”: “Extremamente fundamental pela questão da representatividade, só que eu ainda sinto muita falta de pessoas com verdadeiros traços, assim, negroides”. Diferentemente das demais pessoas entrevistadas, Anaís evoca uma questão de classe para referir-se à diferença da negritude de Maju em relação a de outras pessoas: “[...] ela [Maju] tá de certa forma, não vou falar dentro de um padrão, mas próximo a ele. Já pessoas, assim, que sei lá, residem na periferia, são pessoas que são gordas, são pessoas que tem os traços mais avantajados, e eu acho que falta essa representatividade [...]”. Vemos o fato interessante de Anaís ser uma das poucas entrevistadas a fazer referência a marcadores – religião e classe – que não são tão explorados por outros entrevistados. Talvez o perfil da jovem, conforme apresentamos na Subseção 7.1, explique sua propensão a uma análise pautada por esses elementos

Discorrendo sobre o “caso Maju”, Panthera fala sobre a *desconfiança vigilante* que é necessário ter quando minorias são colocadas em espaços de poder na mídia: “é importantíssimo a gente pautar essas presenças sabe, nos espaços. Mas eu acho que sempre também mantendo esse pé atrás [...]”. Referenciando a jornalista, é entrevistade diz: “[...] é muito importante também discutir o que representa a Maju Coutinho lá, sabe. É a mesma coisa do discurso do Bolsonaro, assim ‘*Eu não sou racista porque Hélio Negão faz parte da minha equipe.*’, e cê fica: ‘*Hã?*’”. Nesse sentido, para é entrevistade, Maju está para Hélio Negão, assim como a *Rede Globo* está para Bolsonaro. Isso quer dizer que as duas personalidades negras estariam sendo usadas convenientemente pela emissora e pelo político, respectivamente, a fim de produzir um verniz antirracista. Contudo, assim como Hellen, ameniza: “Acho ótimo, acho que a Maju Coutinho tem que tá lá, [...] tem que tá pautando a existência lá, ela influencia meninas, crianças negras a usarem o cabelo *black power*, acho babado [...]” – e, novamente, adota a postura vigilante – “[...] mas assim,

tem um histórico ali, a *TV Globo* tem um histórico, e a gente precisa também escancarar esse histórico”.

O histórico ao qual Panthera se refere diz respeito ao público e notório apoio da *Rede Globo* ao Golpe de 1964. Em outubro de 1984, Roberto Marinho²³⁴ publicou, no jornal *O Globo*, um editorial intitulado *Julgamento da revolução*. Em seu texto, o jornalista declara: “Participamos da Revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada”²³⁵. Em 2013, ao longo das jornadas de junho sobre as quais já discorreremos, um grito de ordem destacava-se em meio à multidão: “A verdade é dura, a *Globo* apoiou a Ditadura!”. Poucas semanas depois, o mesmo jornal que apoiara a ditadura, publicou um outro editorial com o título *Apoio editorial ao golpe de 1964 foi um erro*. O texto publicado no jornal online²³⁶ e impresso também foi lido por William Bonner, ao vivo, no *Jornal Nacional*. Portanto, quando Panthera fala da importância de manter-se vigilante frente aos regimes progressistas de visibilidade da *Rede Globo*, ela alude ao passado da emissora que, outrora, apoiava um regime ditatorial cujo alvo sempre fora, justamente, a censura às representações da diversidade²³⁷.

Enquanto Panthera relativiza a atuação da *Rede Globo* à luz da história, Ísis não problematiza essas questões. Ela, em realidade, assume o espanto e o entusiasmo ao ver Maju na televisão pela primeira vez em um lugar de destaque: “Eu fiquei impactada quando a Maju começou a apresentar o *Jornal Hoje*. Eu fiquei impactada porque é uma mulher negra e tu vê muito mais pessoas brancas na televisão do que uma pessoa negra,

²³⁴ Proprietário do *Grupo Globo* de 1925 a 2003, quando faleceu.

²³⁵ Disponível em: <https://robertomarinho.globo.com/opiniao/julgamento-da-revolucao/>. Acesso em: 02 set. 2021.

²³⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso em: 02 set. 2021.

²³⁷ Durante a ditadura, o Ato Inconstitucional 5 (AI-5), de 1968, configurou-se como o maior instrumento de repressão moral do período sob o pretexto da manutenção da “segurança nacional”. É nesse contexto que o campo da cultura sofreu com diversas práticas de censura. A historiadora Maria Luiza Carneiro (2002, p. 21) resume bem os sentimentos desse momento histórico: “Temiam-se os homens de vasta cultura, autores de livros, jornalistas e tipógrafos. Professores e estudantes de ciências humanas e ciências políticas também incomodavam. Temiam-se as críticas ao regime, as denúncias, as passeatas estudantis, o humor dos caricaturistas, os enredos cinematográficos e teatrais. Temiam-se os homens com passado de militante político, razão pela qual o regime militar pós-64 instituiu os corriqueiros ‘atestados de antecedentes políticos’. Tudo contava, até a posse de um único livro. Regredimos aos tempos medievais. Livros foram queimados, intelectuais fichados e torturados”.

do que uma pessoa LGBT, sabe?”. Moisés também opina sobre Maju em tom celebratório: “Quando se coloca uma mulher negra na TV com a previsão do tempo²³⁸ e depois coloca ela de âncora em um jornal de alcance nacional, a gente tá falando sobre isso, a gente tá quebrando um estigma, a gente tá buscando com que as pessoas vejam outras formas de comunicar”. Ele emenda, trazendo uma perspectiva de função social dos meios de comunicação: “Eu acho que é um crescimento social, assim. De a gente se empoderar, de se aceitar mais. E a mídia, óbvio, tem um papel crucial, quando eu falo em fomentar esses debates”.

Nara, por sua vez, é a única entrevistada que adota uma postura conservadora (ou estratégica?) diante da questão representada por Maju Coutinho: “Acho uma guerra né?”. Ela explica que dar visibilidade a minorias nesse momento político não parece uma boa estratégia: “[...] o Brasil não vai aceitar de uma forma boa [representações da diversidade]. Então melhor deixa a gente [minorias] onde a gente tá, entendeu? Por enquanto, pra não gerar mais guerra, mais conflito”.

No que se refere à questão do ver-se representado, Moisés traz elementos semelhantes aos enunciados por Panthera anteriormente. Para ele, mais importante do que o conteúdo, são as estratégias de produção que possibilitam a existência de determinada narrativa ou representação: “Sabe que eu busco muito mais saber sobre quem tá produzindo do que saber quem tá aparecendo. É meio que sei lá, eu vejo uma série, eu vou ver quem dirigiu, quem fez a fotografia, sabe? E nesse cenário de bastidor, eu me vejo muito”. Mas em sentido oposto ao de Panthera, que afirma não se reconhecer na mídia por habitar uma zona identitária abjeta, Moisés – homem cis, gay, branco – adota uma postura indiferente: “[...] as produções, e enfim, na mídia como um todo assim, nunca foi um ponto de atenção em mim assim, de realmente olhar para isso, com um olhar de representatividade assim. [...] Eu não consumo mídia buscando ser representado. Eu não consumo conteúdos buscando me ver neles”. Portanto, ambos concordam quanto à relevância da representatividade para além do texto, considerando também quem está “por trás das câmeras”, na produção; mas suas opiniões seguem caminhos diferentes quando tratamos especificamente de enxergar-se ou não nas produções midiáticas.

²³⁸ Antes de ser âncora do *Jornal Hoje*, Maju Coutinho apresentava a previsão do tempo no *Jornal Nacional*.

A audiência progressista, como vimos, adota uma postura desconfiada e vigilante frente às produções midiáticas massivas que exaltam a representação de corpos dissidentes. Ao mesmo tempo que legitimam a sua relevância para a potencialização do *reconhecimento* de grupos subalternos, apontam para os limites e contradições que se revelam nas imagens: tem negro, mas é magro; tem mulher, mas é hetero; tem gay, mas é branco. Portanto, a interpretação do tema da diversidade na mídia, através dos corpos que nela se colocam como materialidade, permanece nessa encruzilhada de juízo de valor, em que a diferença nunca é diferente o suficiente.

A *Rede Globo* é a emissora mais mencionada – e criticada – pelos nossos interlocutores, no sentido de observarem nela uma *visibilidade regulada*, higienizada da diversidade. Entretanto, ao mesmo tempo que em alguns momentos ao longo das entrevistas notamos certo sentimento de irritação com o veículo de comunicação por não adotarem uma *visibilidade radical* das diferentes, noutros, a audiência confessa que, apesar de tudo, a emissora ainda presta um serviço às identidades marginalizadas e às pautas progressistas como um todo. Vamos destrinchar um pouco essas relativizações.

Panthera menciona que pelo fato de a *Rede Globo* ter capital, ser “dona dos meios de produção” e “representante máxima da burguesia”, “Então a *Globo* já fez muitas coisas interessantes [...], desde festivais musicais apresentando os artistas da tropicália, apresentando os artistas da contracultura e etc.”. Ê entrevistade cita, ainda, o papel importante de ficções como *A grande família*, além do programa de auditório do Serginho Groisman: “Se a gente pegar uma pessoa que nos anos 2000, quem frequentou muito, por exemplo, o programa do Serginho Groisman, foi o Chorão. Trazia todo um debate da droga, trazia todo um debate da rua, do skate, do grafite”. No final da entrevista, Panthera compara a *Rede Globo* com outras emissoras e conclui que, de todas, é ela que ainda pauta questões sociais importantes para a diversidade:

[...] o *SBT* é o auge da transfobia, junto com a *Record* né, e junto com a *Rede TV*, que tem aquele *Superpop*, que é uma das coisas mais bizarras que existem no mundo, né mesmo? Eu acho que assim, é a distopia da distopia do fim do mundo aquilo. Aquilo ali pra mim deveria ser extirpado assim. E aí, é uma visão bem fascista mesmo, assim no sentido de que assim, pra mim aquilo tinha que ser implodido, não tinha que existir mais. Mas, eu acho que é isso o importante, a *Globo*, é talvez a das quatro grandes, a única que traz pro debate essas questões de gênero, raça, etc. (PANTHERA).

Dante, em certo momento, critica a conveniência de marcas que se apropriam de pautas identitárias, mas concorda que “[...] de qualquer maneira é uma visibilidade [...], a gente não pode falar também que é um desserviço, porque enfim, a gente precisa tá em todos os espaços”. Questionamos se ele observa esse mesmo uso conveniente da diversidade nos veículos de comunicação. Assim como Panthera, Dante afirma que não observa a representação das diferenças em outras emissoras, apenas na *Rede Globo*: “[...] talvez a *Globo* porque é só também o que eu tenho conhecimento assim de que aborde assuntos, mas enfim, tem aquela questão também do vira-casaca”. Ao discorrer com mais detalhes sobre as mudanças de posicionamento “inesperadas” da *Rede Globo*, Dante alude ao *impeachment* da ex-Presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e como avaliou a cobertura midiática da emissora perante o acontecimento: “[...] na *Globo*, especificamente, eram essas manipulações né, do que acontecia dentro do Senado. [...] Isso implantou né também na cabeça do brasileiro o achismo de que todos os problemas ali estavam no governo da Dilma e que enfim, ela precisava ser derrubada e deu no que deu²³⁹.” Pontua, assim, o movimento que observa na *Rede Globo* de mudar de posição ideológica rapidamente, o que, para Dante, ficou transparente quando ele notou que a emissora não estava ensejando o atual presidente, concluindo: “[...] ela [*Rede Globo*] é muito instável nesse sentido de coordenadas políticas ou de interesses e governos e tudo mais”.

Acerca da mudança de postura do veículo em discussão, Larissa avalia que o mesmo cometeu um equívoco ao ter apoiado, em seus editoriais, o mesmo evento descrito por Dante – *impeachment* de 2016: “Eu acho que a *Globo*, ela não teve ideia dos tiros que ela tava dando no próprio pé. Porque se a sociedade brasileira hoje é refém, dessa doutrina de neopentecostais, retrogradas, binaristas, fundamentalistas em todos os sentidos [...], deve muito a inação, à omissão da *Globo*”. Larissa complementa, nos moldes da *Rede Globo* “vira-casaca”: “A *Globo* achou que no momento adequado ela podia intervir nisso, ela podia, por exemplo, parar de apoiar o Moro, né, e não fazer apologia ao antipetismo [...], só que agora a tecnologia fodeu com ela, porque o poder das televisões abertas foi pro chão”.

²³⁹ Eleição de Bolsonaro em 2018.

O que é posto por Dante e Larissa merece atenção, pois a ascensão de Bolsonaro ao poder é mais do que um conluio midiático orquestrado pela *Rede Globo*. Conforme ilustramos em nossa Introdução, Santos (2018) pontua a crise da hegemonia da esquerda no poder executivo a partir da crise do modelo lulista de regulação do conflito social que se soma a uma multidão descontente com as projeções estreitas de futuro em meio à crise econômica do governo Dilma, cujo segundo mandato acabou *impedido* em 2016. Não negamos a contribuição da mídia para a potencialização narrativa da crise que levou ao controverso *impeachment*, entretanto é indispensável contemplar, também, as falhas do próprio Partido dos Trabalhadores nesse percurso, como nas eleições presidenciais de 2018: “A campanha petista foi modelada pelo lulismo até os quarenta minutos do segundo tempo” (SANTOS, 2018, p. 156). O pesquisador Wilson Gomes pontua esta questão em um de seus artigos de maio de 2018, ou seja, antes mesmo das campanhas presidenciais daquele ano: “Na hipótese de que o PT continue – para todos os efeitos, inclusive os de articulação política – abraçado à candidatura de Lula até 15 de agosto, prazo máximo para requerer o registro no TSE, [...] as coisas podem se complicar bastante.” (GOMES, 2018, s/p). Santos pontua a mesma questão: “Quando a prisão se consumou em abril de 2018, culminando um processo persecutório e sem nenhuma prova consistente de corrupção, a campanha petista apostou então, na vitimização do ex-presidente: em uma palavra, Lula pretendeu transformar as eleições em um plebiscito sobre sim mesmo” (SANTOS, 2018, p. 157).

Voltando às problemáticas da representação da diversidade, em perspectiva oposta à de Dante e de Larissa, Hellen considera que as representações da diversidade na mídia tradicional estão sendo politicamente mais representativas justamente por uma pressão social que emerge, sobretudo, das redes: “Eu acho que tem melhorado. Tá? É que eu acho que com o advento da internet, chegando de uma forma mais fácil aos lares, né, essas discussões [sobre diversidade], elas têm sido obviamente mais difundidas, tá ligado?”. Ela observa que o trato da diversidade vem capilarizando espaços que outrora era concentrado apenas nas narrativas ficcionais, “[...] tipo, *Encontro da Fátima Bernardes* [*Rede Globo*]. Com essa inserção desses assuntos, fora das redes sociais, nesses ambientes, tipo, de entretenimento, que não é uma novela, eu acho que ele já faz uma boa introdução”. E assim como Panthera, ela traça uma linha do tempo e percebe que hoje em dia fala-se

muito mais em diversidade na mídia, atentando-se para o quão raro era o debate sobre minorias há tempos: “Antigamente era muito difícil ter esse espaço assim. Eu não lembro, tipo na minha juventude, a não ser, sei lá... no programa do Serginho Groisman de madrugada, tipo, nem lembro o nome do programa dele... *Programa Livre* eu acho”.

A militante dos direitos LGBTQ+ Sofia também menciona sobre as mudanças ao longo do tempo nas representações da mídia acerca da diversidade, sobretudo no que diz respeito a questões de gênero e de sexualidade. A interlocutora, que é assinante do canal de *streaming* da *Rede Globo*, comenta: “Eu tava assistindo *Fera Radical* esses dias na *GloboPlay*, uma novela de 80 e poucos. Aí a gente valorava o homem que pega a mulher pelo braço e puxa, bate na bunda da mulher, empurra a mulher – isso era o viril, isso era o homem e isso era o estereótipo do galã”. Em contraste a esse tipo de representação da masculinidade, Sofia observa que “Hoje em dia não é mais permitido isso. O galã não vai ser mais um cara que vai passar na rua e vai bater no veado – não vai ser, e esse já é o vilão”. Vale dizer que a coibição legal da violência contra mulheres e LGBTQs são, juridicamente falando, conquistas recentes: o enquadramento da LGBTQfobia como crime foi sancionado em 2020, e A Lei Maria da Penha, em 2006. Esses avanços legais, que foram possíveis após muitos debates, atos públicos e articulações políticas, indubitavelmente acabam, também, provocando mudanças nos regimes de representação midiática. Sofia descreve bem esse movimento:

As novelas são um reflexo do que nós estamos debatendo em sociedade e acho importante ter isso, entendeu? Eu acho que teve um avanço porque nós avançamos como sociedade e fomos pra rua. Se nós não tivéssemos ido pra rua tava tudo igual. Então primeiro a gente ocupa a rua pra que isso seja espelhado e não o contrário (SOFIA).

Para a ela, portanto, uma transformação no *script* das relações de gênero nas telenovelas acompanha, em boa medida, o que ocorre no mundo social em termos de demandas por *reconhecimento*. Entretanto, ressaltamos que não apenas a audiência exerce pressões, mas os produtores igualmente colocam suas demandas que podem ou não estar em sintonia com a vontade do público.

Lopes, tratando sobre as rotinas de produção de uma telenovela, ilustra que a sua construção se dá “[...] a partir da escolha do tema da novela em forma de sinopse, apresentada

pelo autor (roteirista), revelando uma maior ou menor sensibilidade e afinidade com as demandas embrionárias ou explícitas no público” (2003, p. 27). Nesse processo, a obra está sempre remetendo aos processos de identificação do autor, que também está inserido em um contexto sociocultural e ideológico. Jacob (2002a) atesta para a estratégia da reconstituição da trajetória dos criadores, situando-os no tempo e no espaço.

Isso significa que os acontecimentos biográficos dos realizadores – alocações e deslocamentos no espaço social – são analisados em função dos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo, ou seja, do conjunto de relações objetivas que vinculariam os agentes investigados ao conjunto dos outros agentes e ao espaço de possíveis demarcadores das escolhas das representações por eles efetuadas (JACOB, 2002a, p. 95).

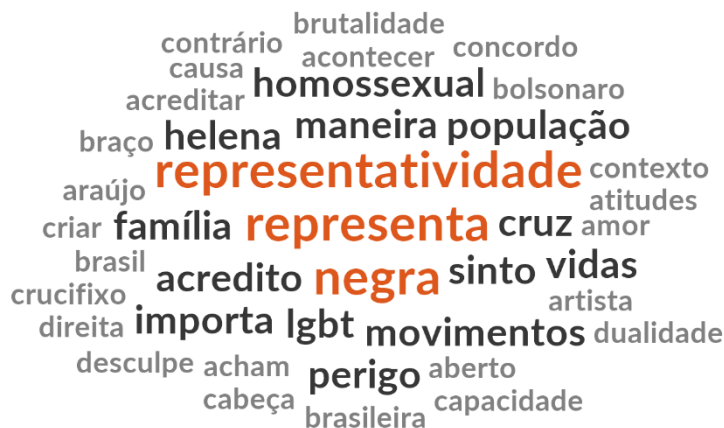
A título de exemplo, ela cita a telenovela *Renascença* (Rede Globo), de 1993, e as escolhas dos realizadores para a trama, que possuía como tema central a representação do “popular”. Com base em estudo realizado por Barbosa Carvalho, Jacob pontua que a escolha dos profissionais se deu levando em consideração “se o bom diretor ou escritor de telenovelas devia representar o popular de forma realista e comprometida com posturas críticas diante das desigualdades sociais” (2002a, p. 95). Em outro texto da mesma autora, ela explora a *trajetória* de Benedito Ruy Barbosa, constatando que a marca de suas telenovelas “[...] tem sido a ênfase na questão do poder: das práticas de instituições governamentais e sociais, como a Igreja, a Escola, os partidos e a família, até a expressão das redes de dominação presentes na intimidade e no relacionamento amoroso” (JACOB, 2002b, p. 15). Cientes disso e alinhados à perspectiva defendida pela autora, ressaltamos a relevância da apreensão das estratégias de produção midiática para a investigação das produções de sentido. Por um lado, este movimento articulado dessencializa a concepção genérica de que a mídia apenas “reflete” o que vem das ruas, ao mesmo tempo em que incorpora mais elementos para análise da recepção, tendo em vista que o nome de muitos realizadores/roteiristas/diretores informa a própria narrativa que é objeto de investigação. Sobre transformações nas representações midiáticas, apesar das críticas e da demanda pela “naturalização”, em perspectiva mais geral, Sofia declara: “Eu sou mega positiva. Acho que a gente tá lacrando muito [...]. É muito conquista se a gente for olhar que a gente veio do nada pra alguma coisa”.

Portanto, nos regimes de representação, existe a reivindicação por uma *visibilidade radical das diferenças*, mas também a compreensão de que uma *visibilidade regulada* já aponte certas conquistas. Alguns desses entrevistados, como Dante e Anaís, defenderam, inclusive, uma *visibilidade moderada* de alguns grupos identitários, sob o argumento de que impor uma representação dissidente “complexa” traria mais prejuízo do que ganhos em *reconhecimento*. Os poucos interlocutores que trazem essa questão à baila compartilham da impressão de que apenas os meios de comunicação estão cumprindo com o papel de fomentar visibilidade a identidades outras, o que estaria produzindo alguns conflitos perigosos para algumas dessas identidades mais próximas da zona de abjeção. Entendem, portanto, que a conquista do respeito às diferenças se dá em paralelo às outras mediações, em um esforço constante e conjunto entre mídia e política, escola, igreja, família, partido, e por aí vai. A seguir, vamos observar como os temas acerca das representações da diversidade ressoam no universo de sentidos compartilhados entre as minorias conservadores.

10.2 Conservadores, relatos e políticas da alma

Para começar, investigamos o que os interlocutores relatam têm a dizer acerca de relatos sobre *reconhecimento*.

Figura 35 - Nuvem de palavras sobre “reconhecimento” (Conservadores)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Nvivo*.

Foram localizadas 49 referências – excertos de falas – em que os termos “representação” e “representatividade” foram mencionados. Ao redor destas palavras, as mais repetidas são sobre o marcador de raça (*negra*); sendo que o marcador de sexualidade (*homossexual; LGBT*) e o de religião (*cruz*) foram, também, bastante mencionados. De forma mais periférica, constatamos termos conectados à política (*direita, Bolsonaro*), bem com algumas palavras que expressam pontos de vista (*sinto; concordo; acreditar*). De antemão, podemos observar que as problemáticas em torno do *reconhecimento* se expandem com força para outras mediações, além da midiática. A fim de destrinchar os pormenores das opiniões do grupo ideológico tratado aqui, identificando recorrências e contrastes, adentramos nos enunciados abordando, quando possível, temáticas próximas às elaboradas na subseção anterior acerca dos progressistas²⁴⁰.

10.2.1 Relatos de não-pertencimento

Iniciamos tratando da *invisibilidade* percebida por esse grupo de interlocutores no âmbito dos *movimentos sociais*. Ainda que se reconheçam como “minorias”, boa parte dos entrevistados e das entrevistadas diz não se sentir representada nas agendas dos grupos minoritários aos quais “pertencem”. Verificamos que junto aos negros de direita, o

²⁴⁰ Na seção seguinte apresentaremos os principais achados de cada grupo comparativamente.

afastamento dos movimentos antirracistas se dá pela percepção de que são naturalmente colocados como um “outro” inferior em relação às pessoas brancas. Fátima²⁴¹ ilustra a questão: “Então, assim, você é branco e eu sou negro, você é um ladrão histórico por quê? Não! Para com essa maluquice, né? Escravidão ficou lá atrás, você não tem nada a ver com isso”. Gabriel²⁴² também contextualiza esse ponto de vista ao ser questionado sobre o *Black lives matter*²⁴³: “Eu aderi ao ‘todas as vidas importam’, independentemente da cor. [...] Porque não colocar todos, se todos somos iguais? Acho que não há nenhuma diferença”.

Foi o sentimento de não-pertencimento que inspirou Douglas a fundar o movimento de LGBTs+ que apoiam Bolsonaro: “Eu costumo falar de uma maioria silenciosa, para até usar o termo que o Trump tem usado²⁴⁴ nos Estados Unidos, e outros ativistas gays também têm usado. É uma maioria silenciosa que não se sentia representada por movimentos de esquerda”. Betina²⁴⁵ também conta sobre seus conflitos com o movimento LGBT+ que, conforme enunciado por Douglas, identifica-se como um movimento de esquerda: “Então, eu nunca me vi representada por LGBT. Isso é um direito que me aflige. Apesar de muitas pessoas falarem que eu sou uma vergonha pro LGBT, o LGBT também é uma vergonha pra mim”. O entrevistado Jacques²⁴⁶, que é uma figura política conhecida em sua cidade, também revela o desconforto em relação ao movimento LGBT+: “[...] eu tive alguns problemas com o movimento LGBT pelo fato da minha sexualidade e por apoiar o Bolsonaro. [...] O próprio movimento LGBT me ameaçou de morte, eu tive que me mudar de casa, porque eles sabiam o meu endereço”.

²⁴¹ Mulher cis, negra, heterossexual.

²⁴² Homem cis, negro, heterossexual.

²⁴³ O movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) foi criado em 2013 como reação à morte de um adolescente negro estadunidense que apenas andava solitário em um bairro que não era o dele. Um policial branco, ao avistá-lo, disparou um tiro à queima roupa contra o jovem. O policial foi julgado e considerado inocente, sem sofrer qualquer penalidade. Foi motivado por esse episódio que três mulheres, Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi, criaram o *Black Lives Matter* (LEBRON, 2017). O movimento ganhou escala internacional, contando com forte adesão do movimento antirracista brasileiro. No ano de 2020, ano que realizamos a pesquisa de campo, dois eventos trágicos causaram grande visibilidade ao *Black Lives Matter*: o primeiro deles ocorrera em junho, com o assassinato do estadunidense negro George Floyd após um policial branco asfixiá-lo. O segundo se deu no Brasil, em novembro, na cidade de Porto Alegre, quando um homem negro foi espancado até a morte por seguranças do supermercado *Carrefour*.

²⁴⁴ A expressão, na verdade remete à obra *À sombra das maiorias silenciosas*, publicado por Jean Baudrillard em 1978, intelectual francês de esquerda.

²⁴⁵ Mulher trans, branca, heterossexual.

²⁴⁶ Homem cis, negro, gay.

Quando se trata de justificar a não adesão ao feminismo, as chaves de interpretação em relação ao movimento revelam um vasto leque de embates ideológicos. Uma das críticas recai sobre a epistemologia construcionista sobre a qual o feminismo, junto ao conceito de “gênero”, está alicerçado. Fátima argumenta: “Eu não concordo com o feminismo, eu não concordo com a desconstrução de nada. Eu acho que tudo que Deus fez é perfeito, e não precisa ser desconstruído absolutamente nada”. A entrevistada Roxana²⁴⁷ também compartilha desta concepção:

Hoje em dia as meninas dizerem, “ah, você não nasceu mulher”, pegando aquela frase da... esqueci o nome dela agora, da elementa que já morreu, a feminista²⁴⁸ [...], que aí você não nasce mulher, você vai sendo construindo automaticamente por N fatores, mas eu não concordo. Eu acho que eu sou mulher, eu sou fêmea. Sou fêmea, tenho útero, ainda estão todos aqui, ovário, estontas, sou uma fêmea, realmente, mamas, nasci assim. [...] Não porque me ensinaram a ser mulher, e sim porque eu sou, simples assim. É algo natural. Inerente da natureza, que veio comigo, meu corpo e minha mente estão em perfeitas sintonias (ROXANA).

O argumento anticonstrucionista e de ode ao “natural” ecoa, também, em Betina que, vale lembrar, identifica-se como uma mulher trans. Para demonstrar esta questão, é necessário realizarmos um breve percorrido em alguns aspectos da sua biografia, em que ela relata o seu percurso de compreensão sobre qual seu gênero: “Eu fui informada de que eu era menino aos sete anos de idade. Até então eu não sabia muito o que eu era, quem eu era e porque eu era, entendeu?”. Entretanto, conta que não se reconhecia “exatamente” como um menino, sendo que foi na escola onde experienciou as primeiras situações de “precisar” performar masculinidade, pois era assim que professoras e colegas a viam. Na adolescência, começou a circular em grupos de pessoas trans, e foi aí que passou a considerar a realização da transição de gênero: “[...] elas [as amigas trans] tomavam hormônios, injeções e tudo mais. Eu me interessei pelo assunto e comecei meu tratamento hormonal com elas mesmo”. Contudo, os efeitos colaterais foram vários. Trabalhando em um salão de beleza, conheceu um cliente médico que observou que ela estava “estranha”, e este profissional passou a ajudá-la, prescrevendo os medicamentos certos. Mais tarde, aos 30 anos, tomou conhecimento de um projeto experimental de readequação de sexo e

²⁴⁷ Mulher cis, negra, heterossexual.

²⁴⁸ A interlocutora refere-se à filósofa francesa Simone de Beauvoir.

gênero, e topou participar: “Mesmo que fosse experimental, pra mim, só de extirpar aquele órgão que tava lá, que incomodava, já era bom. Nem esperava ser uma vagina funcional, pra mim só bastava extirpar que já tava bom. Enfim, minha cirurgia foi muito bem, tudo ótimo”.

Descrever esse percurso sobre a conquista da readequação de sexo e gênero da entrevistada é importante pois esta pode ser considerada uma das manifestações mais concretas do caráter “construtivo” dos corpos, inclusive na construção/readequação do *continuum* sexo-gênero. Apesar disso, Betina – ao concluir seu relato –, diz: “Então, minha vida foi resumida a isso aí, sempre foi em cima disso. De um dia conseguir ser uma mulher normal [...]”. Daí, podemos compreender que a identidade de “mulher normal” torna-se algo a ser conquistado por Betina, ou seja, não é uma condição dada. Entretanto, ela complementa: “Como eu já disse outras vezes, eu nasci uma menina transgênero. Eu vivi uma vida de uma menina transgênero. Aos 30 anos eu me tornei uma mulher”. Aqui, ressurge a expressão “eu nasci” para justificar o caráter natural da sua identidade. Ela não refere-se a esta identidade natural, de nascimento, como identidade masculina, mas sim como identidade trans. Portanto, em seu ponto de vista, ela não se tornou trans, ela nasceu trans, negando, assim, o caráter construtivo do “tornar-se” mulher.

Os argumentos expostos pelos entrevistados conservadores até aqui, a fim de fundamentar o porquê de não se sentirem representados pelos movimentos antirracistas, LGBTQTs+ e feministas são concebidos junto de uma forte reação ao segmento progressista como um todo. De modo geral, como vimos, dizem não se sentir representados por movimentos sociais pois são movimentos “de esquerda”. Mas qual o conjunto de sentidos imputados a esse matiz ideológico com o qual os conservadores não se sentem representados? Exploramos, nas subseções seguintes, três noções que, segundo os entrevistados de direita, são práticas adotadas pela esquerda, e que fazem com que os conservadores, em sua maioria, produzam um forte sentimento de rejeição. São elas: a prática da *ideologia de gênero*, da *crisofobia* e do *vitimismo*.

10.2.1.a A invenção da ideologia de gênero

No entendimento conservador, o construcionismo sustenta-se como conceito e perspectiva a ser combatida no interior do movimento feminista e no progressista de forma geral. Os conservadores, nas entrevistas, mobilizam facilmente argumentos da esquerda e os desconstroem com base no antagonismo *natural/de nascimento x cultural/socialmente construído*. É o que vemos através da operação lógica adotada por Roxana: “E aí é interessante, porque o homem gay, ou a mulher gay, ele nasce gay, mas eu não nasci mulher? Poxa, olha só que coisa contraditória. Eu sou uma construção social? Não faz sentido!”. Esse debate ao redor do caráter construído ou natural dos marcadores de gênero e de sexualidade fortalecem-se e ganham capilaridade, entre o grupo conservador, através do conceito de *ideologia de gênero*.

De acordo com Miskolci e Campana (2017), a expressão surge intimamente conectada à Igreja Católica quando, em 1997, o então cardeal Joseph Aloisius Ratzinger²⁴⁹ dá os primeiros contornos aos perigos em torno das “questões de gênero”, escrevendo que

Atualmente se considera a mulher como um ser oprimido; assim que a liberação da mulher serve de centro nuclear para qualquer atividade de liberação tanto política como antropológica com o objetivo de liberar o ser humano de sua biologia. Se distingue então o fenômeno biológico da sexualidade de suas formas históricas, às quais se denomina “gender”, mas a pretendida revolução contra as formas históricas da sexualidade culmina em uma revolução contra os pressupostos biológicos. Já não se admite que a “natureza” tenha algo a dizer [...]. Tudo isso, no fundo, dissimula uma insurreição do homem contra os limites que leva consigo como ser biológico. Se opõe, em seu extremo último, a ser criatura. O ser humano tem que ser seu próprio criador, versão moderna de aquele “serei como deuses”: tem que ser como Deus (RATZINGER, 1997, p. 142 *apud* MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 726).

De acordo com os autores, nos debates acadêmicos latino-americanos e na *militância conservadora*, a “ideologia de gênero” torna-se difundida a partir do advogado argentino Jorge Scala. Nas palavras do autor, a ideologia de gênero nasce da terceira onda feminista, interessada em disputar o poder político dos homens contra eles mesmos. Para este fim, tal ideologia adotaria dois pressupostos basais: “1) não existe natureza humana

²⁴⁹ Foi o papa da Igreja Católica de 2005 a 2013, quando renunciou.

e 2) os aspectos biológicos do sexo não podem condicionar o ser humano” (SCALA, 2011, p. 62). O autor, interessado em denunciar o uso “propagandístico” e “ideológico” do conceito de gênero e seu caráter construcionista, postula que “[...] a ideologia de gênero é a atual ideologia do mal, que se propôs a destruição do homem e da família, não os massacrando, mas tentando substituí-los. Por isso, é mais insidiosa e obscura”. (2011, p. 197). O autor cita o Brasil²⁵⁰ como nação que

[...] tem-se destacado vergonhosamente pelo apoio maciço a essa ideologia [...], realizando Conferências Nacionais de *Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais* (GLBT); apoiando as horrendas paradas de “orgulho” (sic) homossexual; produzindo material educativo (?) de “combate à *homofobia*” e distribuindo-o a crianças e adolescentes nas escolas; apoiando a “união estável” e o “casamento” entre pessoas do mesmo sexo (SCALA, 2011, p. 7).

Na perspectiva de Miskolci e Campana (2017), a *ideologia de gênero* é uma narrativa que se manifesta através da produção de pânicos morais, sendo que os conservadores são os grupos que mais se beneficiariam do sucesso de tal “empreendimento moral”. Isto porque é de interesse do conservadorismo preservar um distanciamento entre movimentos feministas e LGBTs+ das políticas públicas, mantendo o Estado “[...] como espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional” (2017, p. 743).

A relação dos interlocutores conservadores deste estudo com os debates em torno do “gênero” manifesta-se diretamente relacionada à perspectiva da *ideologia de gênero* conforme posta por Jorge Scala (2011). A expressão propriamente dita foi enunciada por três entrevistados: Jacques, Fátima e Sandra²⁵¹.

Jacques evoca a *ideologia de gênero* para expressar o porquê de sua identificação com o conservadorismo:

Eu gosto de ser considerado conservador [...]. Porque assim, se você vê o que é a extrema direita, digamos assim, na mídia, é somente as pessoas que defendem as morais, que defendem os bons costumes. E muitos deles não aceitam o casamento gay, aborto, **ideologia de gênero**, liberação das drogas... Então é essa

²⁵⁰ A obra original, em espanhol, foi publicada em 2010. Portanto, as análises sobre o Brasil datam desta primeira década do século XXI.

²⁵¹ Mulher cis, branca, heterossexual.

extrema direita que a mídia colocou, para colocar os conservadores como pessoas que são até mesmo sanguinárias (JACQUES, grifo nosso).

Em sua fala, o entrevistado alude à representação midiática dos conservadores para falar de “ideologia de gênero”, algo que também se repete quando ele discorre sobre os progressistas: “[...] hoje em dia, todas as novelas que eles [*Rede Globo*] fazem, são novelas voltadas pra um viés progressista. O que é um viés progressista? É um viés que adota **ideologia de gênero** como costume, adota aborto, essas coisas” (grifo nosso).

Assim como Jacques, Fátima também recorre à expressão quando justifica sua vinculação ao conservadorismo:

A questão de ser conservadora é que eu acho que o primeiro ponto é a questão da criança, né, eu vejo muito a questão da **ideologia de gênero**, e dizer pra criança que ela pode ser o que ela quiser, e que ninguém nasce homem, e que ninguém nasce mulher. Eu acho isso tudo um absurdo imenso (FÁTIMA, grifo nosso).

Outra referência à “ideologia de gênero” surge quando a entrevistada avalia Bolsonaro como um presidente que está no poder para reconstruir um equilíbrio moral que desmoronou nos governos “de esquerda” de Lula e Dilma: “É muito louco você apoiar **ideologia de gênero** pra criança de dois anos, três anos, que não sabem nada da vida. É muito louco você apoiar que haja banheiro coletivo pra criança em idade escolar, é muito louco você ser a favor de aborto e defender tartaruga” (grifo nosso).

Entre os três interlocutores mencionados, foi Sandra que mais deu ênfase à *ideologia de gênero* ao longo da entrevista, bem como uma ênfase em relação às crianças, como a entrevistada anterior. Ela faz referência à expressão quando contextualiza sobre figuras políticas com as quais não simpatiza, citando Jean Wyllys e Erika Kokay²⁵²: “E ele, junto com ela, moveram muitas coisas pra quê? Pra questão de um ponto que odeio, que é a questão da erotização infantil. Eu sou totalmente contra qualquer estímulo sexual-infantil dentro da **ideologia de gênero**” (grifo nosso). Ela, então, pergunta:

²⁵² Autores do Projeto de Lei nº 5.002/2013, intitulado *Lei de Identidade de Gênero*, que “Dispõe sobre o direito à identidade de gênero e altera o art. 58 da Lei nº 6.015 de 31 de dezembro de 1973” (BRASIL, 2021). Conforme consta no site da Câmara dos Deputados, o PL encontra-se arquivado.

Sandra: Eu não sei se você chegou a ler a questão da **ideologia de gênero**, você chegou a ler?

Pesquisador: Eu lembro de ver alguma coisa, mas se puder me comentar, o que que tu entendes por essa questão?

Sandra: É, então, na verdade, se você ler a lei que eles estavam tentando aprovar pra liberação da **ideologia de gênero**, junto com aqueles livros totalmente pornográficos – porque não tem como dizer outra coisa –, não sei se você chegou a ver também os livros...? Que tem que enfiar o dedinho no piu piu do menino, que o piu piu vai enfiar na periquita da menina, cê viu? (grifos nossos)

A entrevistada, assim como Fátima, coloca a criança como o centro da sua preocupação. Em outro momento da entrevista, trazendo novamente a PL “da *ideologia de gênero*” para a discussão, conta mais detalhes sobre o que trata esse Projeto de Lei. De acordo com o entendimento de Sandra, o PL advoga que “não se nasce menino ou menina, criança simplesmente nasce criança. [...] e a escola vai ser responsável para dar às crianças o estímulo para que ela se autodescubra. [...] e aí eles vão estimular as crianças pra que pratiquem entre si pra se descobrirem”²⁵³.

10.2.1.b A promoção da cristofobia

O entrevistado Miguel²⁵⁴ tratando da esquerda, alega que o problema deste polo ideológico é a falta de limites no horizonte do progresso: “Como conservador, eu não tenho problema com a existência da esquerda [...], o que eu tenho problema é com a existência de um progresso sem o freio do conservadorismo pra dizer que não é porque é progresso que é bom. Não existe uma equivalência entre ‘progresso’ e ‘bom’”. A “falta de freios” da qual se refere Miguel é evidenciada na fala de muitos conservadores que se sentem ultrajados com o que reconhecem como o discurso “de esquerda”. Resgatando a entrevista com Alex, ele diz: “Eu tava falando sobre o distanciamento da esquerda com a classe trabalhadora, o povo mesmo. Uma coisa que eu acho que contribui pra isso aí é um certo sentimento anticristão na esquerda. Eu não frequento nenhuma igreja, mas eu me considero cristão, tá?”. O entrevistado João também compartilha dessa percepção: “A

²⁵³ Consultamos o PL nº 5.002/2013 na íntegra (BRASIL, 2021) e não há qualquer menção sobre as práticas descritas pela entrevistada.

²⁵⁴ Homem cis, negro, heterossexual.

gente sabe que a esquerda ela é praticamente toda ateia, não vou nem dizer que ela é ateia, mas anticristã”.

A maioria dos interlocutores faz menção a uma suposta “cristofobia” que a esquerda sustentaria em seu conjunto de valores. Betina, mulher trans, alude à esta questão quando conta sobre a sua ojeriza em relação à performance da mulher trans Viviany Belebony que desfilara “crucificada”, com os dizeres “Basta de homofobia com LGBT” na ponta da cruz, em um carro alegórico na *Parada Gay* de São Paulo de 2015: “O que ela queria com aquilo será? [...] Uma travesti crucificada na cruz por quê? Ela quer dizer que o travesti é crucificado, é sofredor? O travesti pode trabalhar, pode estudar, pode ser médica, pode ser doutora onde ela quiser”.

Figura 36 – Mulher trans crucificada



Fonte: Google images.

Outros episódios envolvendo o uso de imagens sacras foram relatados para justificar a aversão à esquerda e, logo, a não adesão aos movimentos sociais. Douglas, homem gay, comenta: “Olha o que o movimento LGBT faz, enfia crucifixo no ânus... Fica fazendo aquela peça *Macaquinhos*²⁵⁵, um enfiando o dedo no ânus do outro. Tenta de uma

²⁵⁵ Nesta peça, um jovem grupo de artistas despidos explora e brinca com o ânus um do outro. Na página do *Vimeo* em que a performance fora postada, há a seguinte sinopse: “Macaquinhos assenta em três orientações: aprender que existe cu: aprender a ir para o cu: aprender a partir do cu e com o cu”. O

forma agressiva chamar a atenção das pessoas”. Além desta peça, um outro acontecimento performático foi narrado. Alex, pessoa não-binária e bissexual, diz: “[...] alguns militantes LGBTs também demonstram um ataque... Ataque a símbolos religiosos. Por exemplo, quando teve uma manifestação no Rio de Janeiro, que imagens religiosas foram inseridas no ânus de manifestantes, depois eles quebraram a imagem”. A entrevistada Betina relata o mesmo caso: “Eu sou católica de nascimento e de convicção. E muitas vezes as pessoas não entendem por que eu sou católica. [...] Então eu acho um absurdo quando fazem sacrilégio na rua [...], enfiando crucifixo no ânus. A quem eles querem agredir? A nós que somos cristãos”²⁵⁶.

O terreno das sexualidades dissidentes, como vemos, é o principal pano de fundo sobre o qual decorrem as contestações dos valores religiosos cristãos. Além da repulsa declarada frente às performances descritas anteriormente, os entrevistados de direita também desaprovam manifestações homoafetivas cotidianas. Entretanto, mediados pelo imperativo cristão de “amar o próximo”, oscilam entre amar a pessoa, mas condenar a prática. Fátima demonstra esse ponto em sua fala:

O cristão, ele não vai contra a opção sexual das pessoas, a gente ama todo mundo. Eu costumo dizer sempre: eu tenho familiar homossexual. Não é contra a pessoa. É contra a prática. Então não é que eu odeio você, eu odeio o pecado que é configurado pecado nesse sentido. Se eu quero estar adequada de acordo com o que Deus planejou e programou pra humanidade, eu não posso concordar com essas práticas, mas eu amo quem pratica (FÁTIMA).

A entrevistada contextualiza o que entende por uma “prática homossexual”: “Beijo gay. Eu não concordo, eu não concordo e não acho que isso precise ser difundido dessa forma. Não concordo, não acho que eu precise criar um meio de explicar pra minha filha, que tem dois anos, que é normal”. Junto à entrevistada, o mesmo conflito se dá quando o assunto é a diversidade em materiais de comunicação:

objetivo da performance é “destabilizar” o ânus e fornecer visibilidade à diversidade de corpos. A peça já foi exibida em festivais e mostras teatrais do SESC e de outras instituições. Disponível em: <https://vimeo.com/101668661>. Acesso em: 29 ago. 2021.

²⁵⁶ Tanto a encenação dos objetos sendo inseridos no ânus, quanto a quebra de imagens sacras, foram realizadas pelo *Coletivo Coiote* e aconteceram no Rio de Janeiro, em 2014, quando o Papa Francisco I visitava o Brasil.

Fátima: Eu acho que vi, não sei se foi na *Renner*, vestido pra homem. Acho que foi *Renner*, não lembro direito, uma loja dessas, assim, de departamento. Vestido masculino. Mano, cê é retardado? Que coisa sem nexa. Caraca, sabe? Eu falei, “meu Deus do céu, o que eles tão fazendo?”. Eu não vejo necessidade disso, sério.

Pesquisador: Não poderia ir pra Escócia, então, né?

Fátima: É o quê?

Pesquisador: Não poderia ir pra Escócia.

Fátima: É, mas aí é uma questão cultural. Só que eu acho muito esquisito isso, vestido pra homem? Pô, cara. É desconstrução demais pra minha cabeça.

Para concluir a tematização dos conflitos entre sexualidade e religião, vale apresentarmos o que é dito por Jacques, homem gay, quando questionado sobre como lida com o fato de ser homossexual e cristão: “Na verdade foi uma coisa que me tirou muito o sono [...]. O que eu acredito é o que a gente vê nas *Cartas Paulinas*²⁵⁷, nas *Cartas Paulinas* fala da homossexualidade como pecado”. Sobre considerar-se um pecador, ele diz: “O dogma também da igreja católica traz a homossexualidade como pecado, então todo mundo tem o seu pecado, todo mundo tem a sua cruz pra carregar, entendeu”. Jacques, portanto, assume viver “em pecado”, colocando a sua sexualidade como uma profanação às leis cristãs. O que ameniza a sua culpa é a não-participação de movimentos progressistas como o LGBTQ+ pois, segundo o entrevistado, “as paradas gays de hoje em dia, são paradas de sexo ao vivo, são paradas onde existe fornicação às claras, onde eles pegam e não respeitam a religião dos outros”.

As falas dos interlocutores remetem à *cristofobia* citada por autoridades do Governo Federal. Bolsonaro, na abertura do Debate Geral da *LXXV Sessão da Assembleia da ONU*, em setembro de 2020, realizou um discurso em que um dos destaques fora seu pedido às nações para que dessem atenção ao preconceito contra cristãos: “Faço um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à **cristofobia**” (BOLSONARO, 2020, s/p, grifo nosso). Em se tratando de discursos oficiais realizados por autoridades, também podemos citar a fala do Ministro Ernesto Araújo no *Fórum de Ministros da Aliança Internacional para a Liberdade de Religião e Crença*, que resgata a intolerância em relação ao grupo religioso: “O Presidente Bolsonaro apelou à comunidade

²⁵⁷ Também conhecidas como as *Epístolas Paulinas* ou *Cartas de Paulo*, é um conjunto de 14 livros do Novo Testamento da Bíblia. Trata sobre a natureza de Deus, os significados da obra de Cristo, a “salvação” e o “final dos tempos”. De acordo com o campo teológico, possui *corpo doutrinário*, servindo como importante instrumento de orientação à fé cristã (ULLOA; LOPES, 2016).

internacional para proteger a liberdade religiosa e combater a **cristofobia**. Não temos vergonha de nossa identidade e não daremos as costas à situação dos cristãos [...]” (ARAÚJO, 2020, s/p, grifo nosso). O conservadorismo brasileiro contemporâneo, conforme vimos a partir das análises de Lacerda (2019), sustenta-se sobretudo a partir de um pilar discursivo religioso replicado por uma bancada evangélica dotada de grande visibilidade e influência política. Este discurso não se encerra apenas no “respeito à religião” no sentido do combate à intolerância religiosa. A palavra da Bíblia também passa a sedimentar um regime de valores bastante sedimentado, servindo como um guia moral ao qual a sociedade deve obedecer, o que acaba condicionando o julgamento de uma série de práticas, conforme veremos através das falas dos nossos interlocutores.

10.2.1.c A armação do vitimismo

Para concluir este tópico de discussão sobre os relatos de não-pertencimento aos movimentos de minorias, apresentamos o *vitimismo* como uma interpretação que os conservadores fazem dos discursos da esquerda quando tratam de gênero, sexualidade e raça. Ainda que a maioria não negue a existência da violência contra a mulher, LGBTfobia e racismo, para o grupo conservador isso não justifica que a esquerda narre as minorias como vítimas de um sistema opressor. Observaremos as instâncias em que esse ponto de vista se manifesta.

Alguns entrevistados referem-se ao vitimismo de forma genérica, sem aludir especificamente a algum fator de opressão. Jana²⁵⁸, por exemplo, diz: “Eu não acho que tem que haver vitimismo. Eu acho que as pessoas têm que ser respeitadas. Sim, ponto. Nós temos direitos iguais, ponto. Eu não tenho que fazer vitimismo em cima disso”. Ao mesmo tempo que a entrevistada reconhece que todos temos “direitos iguais”, ela atenta-se à existência das desigualdades que produzem, como efeito, discursos e práticas de preconceito. Em relação a isso, ela manifesta-se da seguinte forma: “Eu vou te falar, preconceito todo mundo sofre na vida. Branco, preto, hetero, bi, tá? [...] Todo mundo sofre,

²⁵⁸ Mulher trans, negra, heterossexual.

duvido que você nunca sofreu um preconceito por você ser caucasiano. Eu vou te falar, Guilherme, eu não me vitimizo não”.

Outros interlocutores fazem menção ao “vitimismo” quando tratam sobre marcadores sociais específicos. Betina relembra de quando, ainda jovem e simpática ao progressismo, era filiada a um partido que começara a aproximar-se de uma esquerda mais ortodoxa que colocava as condições de classe como opressão estruturante, o que não lhe soava positivo:

Nesse primeiro partido que eu fazia parte e que eu gostava muito, e que eu ia nos congressos e tudo mais, começou a ter um vínculo muito forte com a esquerda de verdade. Aquela que fala que o pobre é vítima da sociedade e tudo mais. Eu não concordo com isso, entendeu? O rico existe, o pobre existe. Então, se o rico pode pagar uma pessoa para trabalhar para ele, que bom, entendeu? (BETINA).

O entrevistado Jacques, ao referir-se ao coletivo de gays conservadores fundado por Douglas, caracteriza-o como um movimento interessado em “desvitimizar” esta identidade sexual, dando visibilidade ao grupo a partir de uma “nova vertente” de homossexuais: “Homossexual que é fora daquela caixinha de pensamento da esquerda, que todo gay é vitimista, que todo gay é coitadinho [...]. Porque primeiramente, a pessoa antes de ser homossexual, heterossexual, ela é ser humano, entendeu?”.

Além de aspectos sobre classe e sexualidade, foi o vitimismo motivado por raça que mais motivou discussões entre os entrevistados, sobretudo entre os negros. Fátima diz o seguinte: “Então, hoje o negro se vitimiza muito... ‘ah, porque o negro não tem oportunidade’. Você que faz a oportunidade, bebê. Não espera pelos outros não, vai embora. Você quer? Se você quer então mete a cara e vai. Sabe? Me irrita esse discurso de inferiorizar o negro”. Para tratar do vitimismo no movimento antirracista, Gabriel alude ao ideal de igualdade: “Eu acho que todos somos iguais e pra que usar a cor pra conseguir algo? [...] Se fosse um movimento que se sentasse pra conversar com governantes, sem essa ladainha de se vitimizar, sem essa brutalidade, me representaria muito bem”. A entrevistada Roxana também dá seu ponto de vista: “Tipo, só porque eu sou preta, eu sou obrigada a participar desses movimentos aí? Eu sou obrigada a me vitimizar? Não, não sou obrigada, e quando eu não me vitimizo, eu vejo uma patrulha ideológica que vem pra

cima de mim, entendeu?”. A interlocutora complementa, criticando a ode ao “orgulho” presente nos discursos de movimentos que buscam enaltecer e positivar as diferenças:

Vamos lá, Guilherme [...], “ah, sabe, porque eu sou preto, porque eu sou uma vítima...”. Gente, vítima de quê? Eu não sou vítima de nada, gente! Eu tenho muito orgulho de ser eu. Não de ser preta. Eu tenho orgulho de ser eu, a Roxana, a mulher Roxana, uma mulher íntegra, uma mulher trabalhadora, entendeu? (ROXANA).

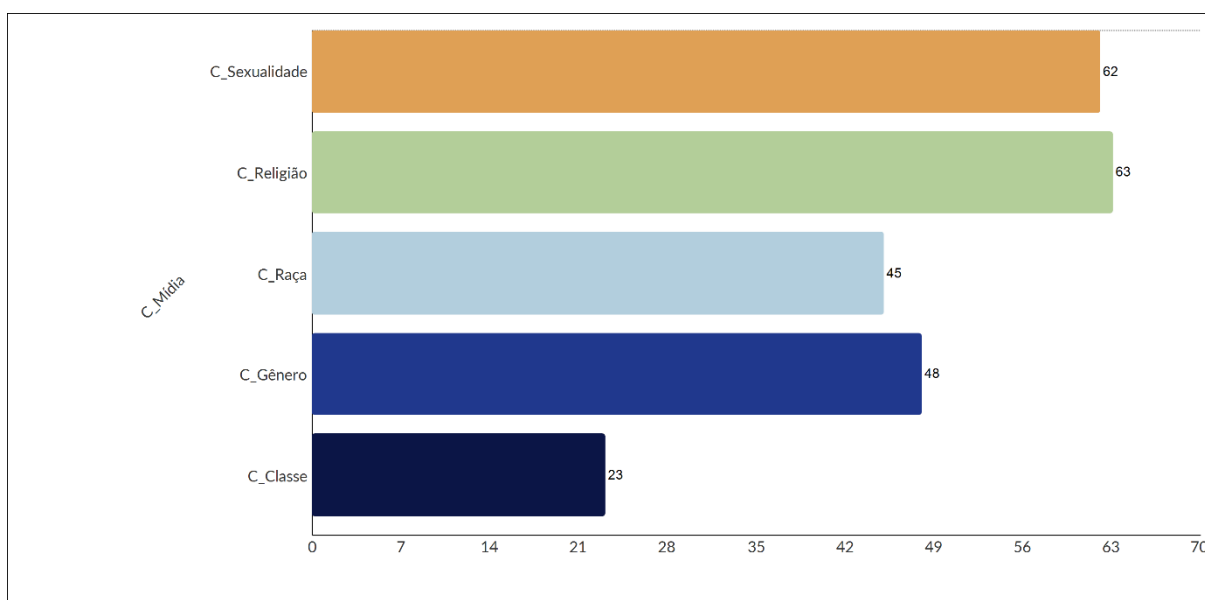
O processo de “desvitimização” ressoa, também, em alguns revisionismos históricos a fim de justificar que as pessoas negras não são vítimas. Jana, por exemplo, recontextualiza o processo de compra e venda de escravos da seguinte forma: “Você, por exemplo, você é uma pessoa caucasiana. Quando [membros da esquerda] falam que vocês são racistas, que vocês são contra os negros... mas não. Na verdade, vocês não nos venderam. Vocês nos compraram. Nós mesmos nos vendemos pra vocês”.

A partir do que foi exposto até agora, podemos observar que entre os interlocutores há uma *militância conservadora* cuja frente de ação baseia-se na correspondência entre natureza e divino. Este binômio, anticonstrucionista em essência, torna-se o sustentáculo de uma agenda moral prescritiva que busca assegurar a preservação da família tradicional cristã e a perpetuação da palavra de Deus. Nesse contexto, conforme a percepção dos entrevistados, a esquerda significa o avesso daquilo que buscam conservar. Observam um segmento progressista que, fundamentado por uma epistemologia construcionistas, desejaria derrubar o que fora construído em termos de “bons valores” em nome de práticas anticristãs e antifamílias, ao mesmo tempo em que simulariam o papel de mártir. Para os interlocutores conservadores, a *ideologia de gênero*, a *cristofobia* e o *vitimismo* resumem as táticas da esquerda para o projeto de sociedade que miram erguer. Nos interessa, agora, analisar como esse conjunto de interpretações sobre o mundo social reverbera em suas leituras sobre o papel dos meios de comunicação, levando em consideração sobretudo as suas representações da diversidade.

10.2.2 Mídia, reconhecimento e direita

Enquanto há uma abordagem bastante homogênea quanto ao valor positivo da “diversidade” por si só, conforme vimos na Subseção 9.2, quando ela é compreendida através do discurso midiático, a maioria dos entrevistados adota uma postura reativa. Douglas²⁵⁹, sobre presença da diversidade na mídia, responde: “Se a gente vai pra mídia eu acabo dizendo que não, Guilherme”. Ao mesmo tempo – ainda que não tenha sido a perspectiva da maioria – alguns interlocutores assumem que pode haver repercussões positivas nas formas com que a mídia vem tratando as diferenças. Alex²⁶⁰ pondera: “[...] eu acho que tem um efeito, digamos assim, de gerar mais respeito, dar mais visibilidade pra essas populações, de gerar um sentimento de tolerância [...]”. Para um olhar mais panorâmico, vamos observar no Gráfico seguinte quais marcadores sociais são balizados ao tratar sobre o universo midiático:

Gráfico 3 - Mídia x Marcadores sociais (Conservadores)



Fonte: elaborado pelo autor, com base no *software Nvivo*.

²⁵⁹ Homem cis, branco, gay.

²⁶⁰ Pessoa não-binária, branco, bissexual.

Observamos que ao referirem-se a expressões relacionadas ao ecossistema da mídia, os marcadores sociais mais enfatizados conectam-se à, em primeiro lugar, **religião**, seguido por **sexualidade** e **gênero**, sendo que **classe** é o menos tematizado. Vamos observar, ao longo das próximas subseções, como esses marcadores interpelam os sentidos produzidos em relação às representações da diversidade na mídia.

10.2.2.a Diversidades convenientes

Já adiantamos que as perspectivas sobre a diversidade na mídia entre os conservadores são hegemonicamente negativas. O que diferencia algumas opiniões das outras é o argumento que justifica o desserviço midiático para a temática da diversidade – dentro de uma concepção do que os conservadores entendem por diversidade, conforme vimos na Subseção 9.2.

Uma das vertentes pauta-se pela compreensão de que as representações de minorias visam exclusivamente os interesses comerciais e, por isso, vendem um discurso artificial que vá ao encontro de um “senso comum ideológico”. Alex, pessoa não-binária e bissexual, embora não consuma mídia tradicional, atesta que é frequentemente interpelado por comunicação persuasiva em suas práticas de consumo *online*. Tratando sobre sua percepção em relação à frequência de produtos midiáticos orientados à temática da diversidade, ele diz: “[...] Às vezes eu vejo vídeos no *YouTube*, e os vídeos, alguns deles, têm propaganda, o *Instagram* também tem propaganda. As propagandas hoje em dia, de grandes marcas, elas absorveram essa mensagem dos grupos identitários, e elas tão colocando isso nas propagandas mesmo”. Um dos elementos que ele remete à diversidade e que lembra de ver na mídia, é o símbolo do orgulho LGBTQ+: “As campanhas de marketing, tem muitas campanhas de marketing que tão usando de aspectos visuais, tipo o arco-íris, por exemplo. Eu já vi o arco-íris em várias marcas usando isso”.

Já Gabriel, rapaz negro que mora no norte do país, diz menciona que a mídia tem representado diversidade, mas que deveria incluir outros grupos: “Acho que... acredito que um pouco, acho que deveria ser divulgado mais. Acredito que... vou dar um exemplo, os índios mesmo”. A entrevistada Betina também concorda quanto à presença da diversidade na programação: “Ah, eu tenho visto, alguma coisa. Nos filmes, por exemplo,

a gente tá vendo mais pessoas negras. Eu não vejo ainda abordando muito o lado dos homossexuais”. Fátima, mulher negra, segue a mesma tendência: “A gente tem protagonista negro, e protagonista brancas, e protagonistas héteros, e gays e homens e mulheres. Enfim, eu acho que tá bem, não existe mais um padrão, assim, eu não consigo enxergar isso não. Acho que tá bem diversificado”.

A opinião destes quatro interlocutores representa o que mais emergiu entre o grupo sobre a constatação da diversidade na mídia. É na elaboração de seus argumentos sobre esta questão que ocorrem algumas divergências. De modo geral, Fátima argumenta que a diversidade que ela observa é positiva, desde que o espaço ocupado pela suposta minoria tenha sido conquistado pela própria: “Sendo você um bom profissional [...], eu acho que não é sua cor de pele, ou de onde você veio, né, a sua classe social, que determina a sua capacidade como profissional. Então, se você se especializou e eu também, porque é que a gente não pode trabalhar juntos, né?”. Fátima aglutina a importância da representatividade ao discurso da meritocracia, o que também é reproduzido por Jacques, homem negro e homossexual: “[...] a gente sabe que uma boa quantidade das pessoas que são artistas tanto da *Globo*, quanto de outras emissoras, é homossexual. [...] Então eu acho que se você tem capacidade pra aquilo, não é a sua sexualidade que vai te diferenciar”. Roxana reproduz o mesmo argumento: “Eu acho assim, Guilherme, que o que leva alguém a um certo patamar na empresa onde ela trabalha, é qualificação, não tem nada a ver com cor de pele, entendeu?” É no contexto deste debate que algumas personalidades de ampla visibilidade midiática surgem exemplo.

Roxana, avaliando a profissional de comunicação da *Rede Globo* Maju Coutinho, diz: “Ela merece estar ali? Entendeu? Ela merece? Ela tem méritos para isso? Ela fez com que chegar lá?” A entrevistada alude à ideia de que o suposto fato de Maju ser uma boa profissional não é colocado em questão quando a mídia e as pessoas referem-se à jornalista, mas sim a sua identidade racial: “Aí eles pegam, colocam a Maju lá, uma filha única no meio de uma imensidão de brancos, né, pra desfazer [...]. ‘Ah, essa é a cota’, ‘vamos colocar lá’... pra mim ela é mais usada, sabe? Usada pra apresentar que existe uma diversidade”. O entrevistado Gabriel, jovem negro, ao referir-se também à Maju ocupado um espaço na *Rede Globo*, reflete: “Bom, acredito que o preconceito já começa daí, a partir do momento que diz “*um negro em tal local*”, entendeu?” Na sua opinião, assim como

Roxana e demais entrevistados, a questão racial não deve ser trazida à tona: “Então acredito que igualmente eu falei no início da nossa conversa, todos têm a capacidade, a cor não quer dizer nada, entendeu”. Fátima, mulher negra, também denuncia a ênfase dada à raça de Maju: “[...] não consigo, assim, sabe ‘ai meu Deus, a Maju é âncora’. Tá, mas e daí? Esse barulho todo que criou por ela ser âncora, que eu acho que faz a coisa não ficar tão natural. Porque ela não poderia ser âncora, meu Deus do céu? Sabe?” A interlocutora reclama um atributo frequentemente encontrado entre os entrevistados conservadores: a naturalidade. Vamos observar como a exaltação do *natural* articula-se às suas percepções acerca da diversidade na mídia.

10.2.2.b Diversidades *in natura*

Assim como os conservadores rejeitam o discurso do *construccionismo social* em nome do *naturalmente/divinamente concebido*, também lhes desagradam as representações da diversidade na mídia pois não são *naturais*. Vamos examinar, portanto, os diferentes mecanismos aos quais elas estariam engendradas. Para os entrevistados e entrevistadas, a mídia e sua relação com a diversidade estaria alicerçada em três funcionamentos estratégicos, não necessariamente excludentes entre si: *imposição discursiva da diferença*; *adequação melodramática enganosa*; e *influência segregacionista*.

A primeira explicação sobre como os meios de comunicação de massa operam, a *imposição narrativa da diferença*, baseia-se na percepção de que as minorias na mídia são tratadas de uma maneira “forçada”, antinatural, com efeitos, inclusive, destrutivos. Douglas exemplifica a artificialidade com que algumas minorias são incluídas na mídia através da primeira “Helena negra”, na telenovela *Viver a vida* (*Rede Globo*), de 2009, interpretada por Taís Araújo.

A representatividade deveria ser usada de uma outra forma: pessoas que venceram na vida... E não você empurrar assim, porque como eu te disse, assim com a palavra diversidade, perde o sentido, entendeu? Queriam tanto uma Helena negra, quem que queria uma Helena negra? Tá aí, fizeram a Helena negra na novela das 8, a novela que tem a maior da audiência da emissora e flopou. Não deu audiência (DOUGLAS).

Dentro desta questão, o “beijo gay”, protagonizado pelos personagens Félix e Niko na telenovela *Amor à vida* (Rede Globo), de 2013, repercutiu consideravelmente. Ao comentar a cena do casal, Jana – mulher trans e negra – diz: “Olha, eu vou te falar, Guilherme, eu, pra ser sincera, pra ser sincera com você, eu acho que a *Globo* quis ensinar, a Globo enfia de goela abaixo, em todos os lares, em todas as casas brasileiras, enfiou de goela abaixo”. A entrevistada, que possui vasto conhecimento sobre os moradores da sua cidade por trabalhar em um salão de beleza há anos, conta o seguinte relato:

Você sabe que eu tenho, eu tenho conhecidos meus que se suicidam, com avós, com família, pessoas de uma posição social e financeira muito boa, sabe por quê? Eram gays enrustidos e se mataram. Um dentista que é amigo meu, ele se matou, um cara que tinha um padrão de vida que você nem imagina. **Porque quando surgiu a novela, foi tanta coisa em cima dele, que ele pirou** (JANA, grifo nosso).

Do ponto de vista de Jana, a tematização da homossexualidade em *Amor à vida* foi o gatilho responsável pelo suicídio do seu conhecido. Tensionando os problemas da imposição narrativa da temática LGBTQ+, a entrevistada reforça que tal esforço, por parte da mídia, não é necessário: “As pessoas aceitam, não é a mídia que faz uma família tradicional aceitar ninguém. Eu não preciso de mídia, o pai sabe o que tem dentro de casa [...], só que as pessoas fazem vista grossa. Na realidade, ser puta, viado, dentro de casa, é igual todo mundo ter uma geladeira em casa”. A mídia, nas palavras de Jana, serve apenas para “jogar farofa no ventilador”: “A mídia faz isso. Ela gosta de ver o circo pegar fogo”.

Acerca do “beijo gay”, Roxana também comenta sobre o caráter *imposto* de tais cenas, mas informa que se mantém neutra testemunhando cenas com o ato: “Tá muito forçado ainda e, né, aquele, aquela questão do beijo gay, olha, não me chocou nem um pouquinho, não, nem um pouquinho, super natura”. Contudo, em outro momento da entrevista, ela muda de posição, alegando a inconveniência que é dar visibilidade midiática a esta prática afetiva, aproximando-se da perspectiva de Jana: “E o que o Senhor condenar eu não vou contra. Condenou, condenou. Então assim, eu não acho necessidade de mostrar na mídia um beijo gay. A gente sabe que existe [...], agora não queira me obrigar a achar normal, porque não é. Vai contra a natureza, entendeu?”

Resgatando especificamente o personagem Félix, dois entrevistados apresentaram perspectivas positivas em relação à forma como ele foi elaborado. Jacques, que é gay, afirma que a construção do personagem, inicialmente, contribuía para uma representação negativa do público homossexual, mas que depois, no final da trama, mudou de postura:

Quem era o Félix? Uma pessoa sem caráter, sem pudor, sem escrúpulos, sem nada, entendeu. Então era essa a visão, esse papel que aquela novela passava sobre homossexualidade. Entendeu? Até que ele se redimiou, digamos assim, entre aspas, acabou ficando interessante porque mostrou que as pessoas podem sim mudar... não de personalidade, mas de caráter, entendeu (JACQUES).

A entrevistada Betina, mulher trans de 52 anos, interpreta Félix não como um personagem “sem caráter”, mas cômico e simpático:

[...] quando veio o Félix, com aquele outro namoradinho dele lá que chamavam de Carneirinho, aí todo mundo achou lindo, entendeu? Porque o Félix era uma pessoa engraçada... Era o próprio gay ali, aquela pessoa super engraçada que fazia todo mundo rir. Então, a pessoa se encantava com o Félix. (BETINA)

A fala da entrevistada se dá em comparação com a representação do casal de lésbicas idosas em *Babilônia (Rede Globo)*, de 2015:

[...] era a Nathália Timberg era a esposa dela. Era... gente, esqueci [Fernanda Montenegro], mas enfim, eram duas mulheres idosas já que eram um casal, né? Então, foi antes. A mídia no caso, na época, caiu de pau em cima dela, e o povo também, entendeu? Porque eram duas mulheres idosas [...]. Tem muita diversidade que não é aceita (BETINA).

O caráter impositivo e antinatural com que as diferenças são representadas na mídia também são discutidas quando observam a promoção de algum valor “*crisofóbico*”. Alex, pessoa não-binária e bissexual, explora esta questão. O *reality show RuPaul's Drag Race* é um dos poucos produtos da “cultura de massa” que o entrevistado consome. Em um dos episódios do *reality*, ele relata que um grupo de *drag queens* interpretou uma “versão LGBT+” da relação entre Jesus e Maria, intitulando a encenação de *Mary Mother of Gay* (Maria Mãe de Gay): “Então, eles fizeram uma paródia, porque seria Maria Mãe de Jesus, e eles tiraram o Jesus e substituíram por gay. E aí ficou Maria Mãe de Gay. E eles fizeram aquela sitcom, ficou todo mundo rindo. [...] isso costuma ser muito celebrado nos meios esquerdistas”. Alex discorre que narrativas midiáticas anticristãs tendem a agradar

principalmente o público LGBT+: “Então, se eu sou um produtor de mídia, e eu vou fazer uma produção para o público LGBT, eu vou colocar um sentimento antirreligioso na minha produção. [...] Então, isso em geral, agrada o público LGBT. Eu percebo que em geral isso agrada. Mas a mim não agrada”. Jacques corrobora a perspectiva de Alex, alegando o seguinte: “eu não creio que nós estamos somente numa guerra ideológica. É uma guerra espiritual também. Então eu não posso pegar e dizer emitindo opinião sem falar que o governo Bolsonaro foi um governo que foi realmente instituído por Deus, pra poder fazer essa mudança”.

O segundo artifício midiático é a *adequação melodramática enganosa*, que corresponde às adaptações das produções ficcionais dos veículos de comunicação e dos estúdios de cinema visando atender ao nicho das “minorias médias”. Estas, na forma como são descritas pelos nossos entrevistados, são aquelas minorias que reproduzem o discurso militante sem criticidade e que se agradam facilmente com qualquer conteúdo que aborde a diferença de uma forma positivada. Alex exemplifica a questão através do filme *Garota dinamarquesa*: “Eles montaram aquele filme pra fazer uma espécie de manipulação emocional do espectador pra levar o espectador onde eles queriam que o espectador chegasse. E pra fazer isso, eles tiveram que manipular a história, esconder coisas, inventar coisas”.

As representações das minorias como “vítimas” pelos movimentos sociais, conforme vimos, também se associa a este método. Fátima, mulher negra, ao refletir sobre sentir-se representada na mídia, diz: “Não [me sinto representada]. Porque as pessoas que tão na mídia hoje vitimizam a cor da pele, usam a cor da pele pra serem vítimas, e eu não concordo com isso e eu nunca vou concordar”. Roxana, também negra, ao ponderar sobre a mesma questão, comenta: “Não me sinto [representada]. Sabe por quê? Porque geralmente eles tendem ao vitimismo. E eu não suporto isso, entendeu?” Jana, negra e trans, compartilha da mesma opinião: “Olha, na realidade o que a mídia faz com a gente que é negro, travesti e pobre, utilizam a gente. E você tem que ter uma personalidade muito forte ou é um vitimismo”.

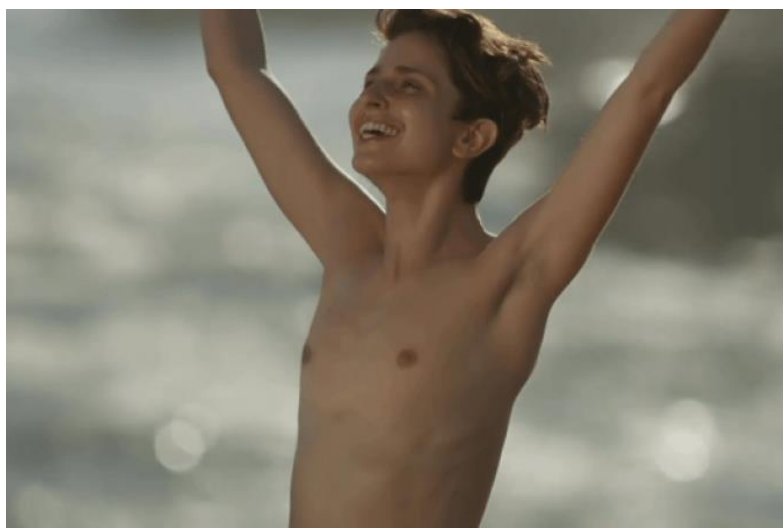
Portanto, sobretudo as mulheres negras, observam que existe a elaboração de um coitadismo, uma vitimização nas representações das diferenças. Tal processo seria parte

desta estratégia de adequação melodramática, cujas operações ressoam em diversos níveis e entre diferentes minorias. Como produto, entre os conservadores, apoiados no argumento meritocrático de que “todos são igualmente capazes”, gera um sentimento de não-reconhecimento.

A entrevistada Betina, entretanto, demonstra-se como um ponto fora da curva quando se trata de reconhecer-se na mídia. Ela, mulher trans, tratando sobre o personagem trans Ivan, da telenovela *A força do querer*, realiza uma associação positiva entre um símbolo religioso e a cena final do personagem:

Eu achei muito emocionante a história dele. E no final eu achei lindo a cena, ele na praia de braço aberto. Isso aí representa o que eu penso do homossexual, entendeu? Ele tava lá representando uma forma de crucifixo, de braços abertos, numa praia, tipo assim. Então foi uma representatividade legal da cruz, ao contrário daquela moça que foi lá se crucificar cheia de sangue. Essa cena aí me remeteu a uma coisa boa. Ver aquela pessoa de braços abertos, em forma de cruz, aquilo lá me deu uma sensação de liberdade, entendeu? (BETINA).

Figura 37 – Cena de final do personagem trans Ivan (*A força do querer*)



Fonte: *Google images*.

Como dissemos, Betina foi um contraponto entre os interlocutores. Para Jana, mulher trans, “[...] foi mais uma coisa que a *Globo*, como a grande mídia, tá, jogou farofa no ventilador”. Resgatando o entrevistado Alex, o mesmo evoca as representações dos gêneros e sexualidades “dissidentes” para afirmar que:

[...] eu não me sinto representado por essas produções... Eu tenho esse problema que eu não consigo me encaixar nas coisas, entendeu? Porque eu desenvolvi umas visões muito particulares, e que elas não conseguem fechar direitinho dentro de nenhuma ideologia específica. E o que eu vejo? Eu vejo que essas produções com temática LGBT, elas vêm feitas ao gosto, digamos assim, do militante LGBT médio (ALEX).

O militante médio, na perspectiva de Douglas, homem gay, é facilmente cooptado pelas estratégias de *pink money*, cujo conceito já vimos na Subseção 10.1.2.b sobre os progressistas: “Então eu vejo que quando a mídia coloca lá uma *pride flag*²⁶¹, uma bandeirinha gay lá para defender dinheiros LGBTs, eu, Douglas, sei que a mídia não tá fazendo isso por quer diversidade. Claro que não. É o *pink money* a nível macro”. Alex observa o mesmo padrão: “Tem muitas campanhas de *marketing* que tão usando de aspectos visuais, tipo o arco-íris, por exemplo. Eu já vi o arco-íris em várias marcas usando isso”. A observação de Douglas complementa: “Existe até um autor... não sei onde eu vi essa frase... [...] que nos próximos anos, vai ser comum: As empresas vão querer *pink money* a todo custo, então você vai ligar a televisão, vai ver a *pride flag* 24 horas por dia. E isso não significa que tão aceitando a diversidade, é tudo dinheiro”.

Portanto, para a maior parte dos entrevistados, a representação da diversidade na mídia se dá através do mecanismo de *adequação melodramática*. O vitimismo apresenta-se como a sua principal manifestação, mas a utilização barata de símbolos que remetam a movimentos sociais, como a bandeira do orgulho LGBT+, também incorpora-se a esta estratégia. Para Alex, tudo isso trata-se de “manipular a mentalidade e o comportamento das pessoas. [...] E controlando o que as pessoas pensam, você controla também a forma como elas se comportam. Então, trata-se de um domínio das mentalidades e dos comportamentos. É assim que eu vejo”.

A terceira estratégia midiática para o trato da diversidade tem mais a ver com um suposto “verdadeiro motivo” de a mídia estar interessada nas tematizações de minorias. As explicações apresentadas por alguns interlocutores superam, em grande medida, o argumento de que os veículos apenas estariam interessadas no lucro. De acordo com

²⁶¹ Em tradução livre: bandeira do orgulho. Refere-se à bandeira de arco-íris, utilizada como símbolo do orgulho LGBT+.

alguns, existe a intenção de, também, ampliar a hegemonia da esquerda através da produção de um sentimento antibolsonarista e, por fim, suscitar uma *influência segregacionista* entre o “povo brasileiro”. O jornalismo, sobretudo o da *Rede Globo*, está intimamente implicado a estes movimentos, mas outros gêneros e veículos também não ficam de fora. Iniciamos falando sobre a crise de confiança com o jornalismo da “grande mídia” até chegar às questões mais complexas sobre os planos segregacionistas.

A interlocutora Fátima, jornalista, fala sobre sua reprovação das práticas jornalísticas atuais: “Eu não consigo enxergar um futuro muito positivo pro jornalismo na maneira que a gente conhece hoje, né, tradicional, porque eu acho que não existe a imparcialidade”. Ela comenta sobre a imparcialidade, também, dos seus ex-professores de Jornalismo. Embora tenha se formado em 2013, afirma: “Eles não são imparciais não, eu vou dizer mais, eles são contra o Bolsonaro”. Falando sobre o jornalismo na mídia de modo mais geral, ela segue com a mesma opinião: “é uma mídia inteira pró-oposição, contra Bolsonaro, né, e isso me irrita de maneira incrível”. A maioria dos interlocutores compartilha da opinião de que a mídia é tendenciosamente contra Bolsonaro, avaliando que o jornalismo da *Rede Globo* é responsável por disseminar *fake news* a fim de inflamar um antibolsonarismo. Roxana opina: “É feio o que eles [*Rede Globo*] tão fazendo [...]. Eu vejo nas redes sociais, porque como eu te disse eu não assisto, mas eu vejo, e as atitudes deles são feias, gente, como é que pode? Alguém que deveria informar [...]. Não, eles puxam né, ali pra um lado, e contam mentiras”. Uma das *fake news* propagadas pela emissora, de acordo com Roxana, seria referente ao caso da investigação do assassinato de Marielle Franco: “Propagando que o presidente, que o assassino da Marielle foi lá na casa do presidente, entendeu? No condomínio dele na barra. Que que é isso, gente? Sabe? Isso é de uma falta de escrúpulos tão grande que é vergonhoso”. Ainda tratando de *fake news* e *Rede Globo*, Gabriel também menciona o caso em que Maju Coutinho, no *Jornal Hoje*, teria apresentado uma matéria sobre Bolsonaro e sua relação com a gestão da pandemia de COVID-19, criticando o fato de que o presidente não teria prestado nenhuma homenagem às vítimas até então: “Isso foi uma grande *fake news*. Recentemente foi mostrado a verdade, que a médica... Ela, quem falou no momento, dessa homenagem, pra ficar um minuto em silêncio, pra homenagear as vítimas. Então a Globo simplesmente mostrou

algo muito diferente”. A médica em questão estava junto com Bolsonaro e, ao convite dela, o presidente também teria realizado a homenagem.

O entrevistado Douglas também faz menção à *Rede Globo* quando o assunto é falta de confiança na informação: “a gente [líderes do movimento de LGBTQs+ pró-Bolsonaro] não acredita muito na grande mídia, tirando uma rede ou outra. [...] O que esperar digamos, de um portal *G1*²⁶² soltar para a gente acreditar, entendeu? Hoje o Brasil tá politizado de um jeito, que até mesmo esses portais se perdem”. A desconfiança do entrevistado recai, também, sobre a *Band*, sendo que é a *RedeTV* a emissora cujo conteúdo informativo ele mais dá credibilidade: “Porque a *RedeTV* tá dando voz aos conservadores. Tem levado lá o Sikêra Jr. na faixa das seis da tarde, levou o Lacombe. Então, são pessoas que defendem ideias conservadoras que estão tendo voz na televisão”. Muitos entrevistados buscam informações “mais confiáveis” em canais não tão populares, como o citado por Douglas, mas sobretudo em portais de notícias conservadores da *internet*, bem como em páginas do *Instagram*. Fátima, por exemplo, cita três páginas da rede social: *Discipulai*²⁶³ e *Amor à palavra*²⁶⁴ que, na verdade, reproduzem mais conteúdos bíblicos do que notícias. Também, *Mulheres com Bolsonaro*²⁶⁵, que conta com uma grande quantidade de postagens sobre política. Sobre esta página, Fátima diz: “ali a gente fala a mesma língua, ali ninguém é oposição, entendeu? Ali todo mundo tá igualzinho e todo mundo gosta das mesmas coisas, todo mundo fala a mesma linguagem”. No mesmo sentido da crise de credibilidade na mídia tradicional, Jacques pontua: “[...] ela [a *Rede Globo*] não tá ligada com o governo *Bolsonaro*, então existem ataques que a gente sabe que são ataques mentirosos, entendeu. Então tá mais sendo uma fonte de desinformação do que informação”. Assim como Gabriel, ele recorda-se de casos envolvendo a pandemia: “Exemplo: ela sempre fala dos vários mil que morreu por cauda do Covid, mas não fala dos tantos que foram recuperados”. Também, cita o seguinte fato: “Não fala que o Bolsonaro queria ter autonomia pra combater o vírus e essa autonomia foi tirada dele pelo STF, colocou na mão dos prefeitos e dos governadores. Ela [a *Rede Globo*] apenas

²⁶² Portal de notícias online da *Rede Globo*.

²⁶³ @discipulai

²⁶⁴ @amor.a.palavra

²⁶⁵ @mulherescombolsonaro

culpabiliza o presidente nessa questão dos mais de mil mortos, a gente sabe que ele não teve culpa”. Dada a sua percepção sobre a forma com que a mídia hegemônica conduz as notícias referentes à política, ele prefere informar-se por outros meios: “faz mais de um ano, por exemplo, que eu não assisto mais televisão, o que eu vejo mesmo eu vejo na internet. As mídias tradicionais pra mim, perderam muito o seu foco”. As páginas de notícias que ele mais frequenta são *Brasil paralelo* e *Brasil sem medo* que, segundo ele, “são vertentes mais conservadoras”. Sobre o tema, Betina reproduz o mesmo que os demais interlocutores: “Eu me nego assistir *Globo*. Eu acho que a *Globo* tá perdendo muito tempo da vida dela tentando colocar na cabeça da população coisas que não são verdade”. Como alternativa para informar-se, diz que acompanha o comentarista de política da *CNN*, Caio Coppolla, e também comenta sobre sua prática de checar os vários lados de uma notícia: “Eu vou na *UOL*, vejo o que tem lá, depois eu vou pra *Folha*, e eu costumo comparar as matérias. Eu faço muito disso. Comparo como se fala do mesmo assunto em dois jornais diferentes. Eu vejo a *Veja*, depois eu vejo a *UOL*, depois eu vejo algum canal de direita”.

Na mesma chave da falta de confiança no jornalismo tradicional das grandes emissoras nacionais, Jana descreve de que forma contribui para levar a “notícia verdadeira” para as pessoas na internet:

Quando você vai lá para repostar notícia, eles tão te dando opção para você, que é *fake* a notícia, que você não deve postar, aí você vai ver que a notícia é verdadeira! Porque eles começam a te barrar, quando você reposta uma coisa que é verdadeira, e eles põe como *fake*. Aqueles filhos da puta, começam a manipular a sua notícia, que é verdadeira, que você recebeu, que depois ela some, completamente (JANA).

A entrevistada refere-se à prática adotada por algumas redes sociais de deliberadamente excluirmos conteúdos identificados como *fake news*²⁶⁶ que são postados por seus usuários. Na ótica de Jana, quando o *Twitter* indica que o conteúdo postado é uma *fake news* e, após postá-la, a rede social intervém e deleta – pois tratava-se de *fake news* –, isso significa que notícia é verdadeira. Com esse caso, realizamos o gancho para adentrar

²⁶⁶ Sites de redes sociais vêm desenvolvendo códigos algorítmicos capazes de detectar *fake news* postadas por seus usuários com base em denúncias feitas pelas próprias pessoas inscritas na plataforma. Este tráfico gera, assim, um extenso banco de dados com elementos reconhecidos como *fake news*, o que permite a automatização do seu reconhecimento. Para mais detalhes técnicos, ver Ajao, Bhowmik e Zargari (2019).

nos esquemas midiáticos que visariam contribuir para um modelo de sociedade segregado e dominado pelo comunismo.

A entrevistada Jana compreende que o *Twitter*, demais redes sociais como o *Facebook* e *Instagram*, junto da mídia hegemônica e das universidades estariam implicadas em um plano de dominação comunista: “A esquerda, ela minou os meios de comunicação, escolas, faculdades, meio artístico, alta sociedade, tá? Ela fez um serviço, um silêncio, durante esses anos todos [...]. Ela fez a imprensa comunista, você sabe que a imprensa é o quarto poder²⁶⁷ do mundo, você sabe disso, né?” (grifo nosso). De acordo com a entrevistada, a principal forma de o comunismo seguir perpetuando-se no poder, em nível global, é através de um conluio com os meios de comunicação, que forneceriam narrativas incitando a segregação do *povo*: “o comunismo para ele sobreviver, tem que jogar o povo contra o povo, as raças contra as raças, tá, é, como é que eu falo para você, jogar as pessoas que tem oposição sexual, uma contra a outra, elas criam isso para se manter no poder”.

Sandra, assim como Jana e os demais interlocutores, consumia veículos de comunicação informativos como *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *Veja*. Entretanto, passou a sentir-se decepcionada com o jornalismo dos veículos hegemônicos: “infelizmente a gente viu que eles se tornaram muito fonte de fake news, por que eles começaram a tomar partido da visão política dele”. Para ela, a “visão política” dos veículos opera em benefício da lógica da segregação social, pois está em conluio com uma estratégia de reorganização dos fluxos de poder em escala mundial: “eu vejo a mídia hoje adoecendo toda a sociedade e não é só no Brasil. Isso aí é um movimento que chama a ‘*Nova ordem mundial*’”. Sandra fala mais sobre esse movimento: “A *Nova ordem mundial* começou a entrar agora com muito mais força. As pessoas dizem que é uma conspiração da mente dos outros e tal, mas é nítido que ela tá acontecendo”. A entrevistada observa que este movimento atua, através da mídia, de modo que as pessoas se sintam oprimidas e que, então clamem por liberdade, principalmente a liberdade sexual: “[...] grite a sua liberdade porque você está sendo oprimido. A mídia grita muito, e o movimento da ‘*nova ordem*’ é afastar de Deus dizendo

²⁶⁷ Mídia como “quarto poder” é uma expressão utilizada para se referir a uma suposta força totalitária que os meios de comunicação teriam sobre a opinião pública através do enquadramento ideológico de determinados fatos.

que tudo relacionado a Deus é uma prisão”. Ela cita a divisão sexual entre héteros e LGBTs+, assim como entre brancos e negros, pontuando: “quem conseguiu dividir isso? Quem disseminou essa ideia? As mídias. Ai, como eu vou dividir um pouquinho mais – ainda não dividi o suficiente, eu quero dividir um pouco mais – então, eu vou dividir agora por cor de pele. Qual é o movimento que hoje a gente tem? *Black lives matter*.” Na mesma perspectiva, Jana diz: “A mídia, tá, põe tudo quanto é gay, travesti, lésbica, contra eles mesmos. Contra eles mesmos, só isso”, enfatizando, também, o papel doutrinador das instituições de ensino superior e da formação universitária de comunicadores:

Jana: Guilherme, você é o quê? Você é jornalista?

Pesquisador: Eu sou publicitário de formação [...], e agora eu estou fazendo meu Doutorado em Comunicação.

Jana: Ah, conseguiram doutrinar você?

Pesquisador: Doutrinar em que sentido?

Jana: Doutrinar... Você é favorável ao comunismo, à esquerda, ao socialismo? Socialismo é bom só para quem tá no poder.

Sandra também compartilha da reprovação em relação às universidades, sugerindo – ao referir-se ao período de expansão do ensino superior no país durante o governo Lula²⁶⁸ – que o ambiente universitário é um espaço dedicado a práticas sexuais: “Então, quem cresceu pra mim foi, no período do governo do Lula foi artistas, gente mais famosa. Entendeu? Direto vem falar ‘ah, mas e educação, Sandra? Mais gente se formou’. Se formou no quê? Em como utilizar um pênis de borracha?”. A interlocutora observa que a colocação do sexo em discurso é o que catapulta o domínio do comunismo em articulação com a mídia. Além da *Nova ordem mundial* sobre a qual mencionou, ela também cita o *Decálogo de Lênin*. De acordo com ela, o decálogo promove uma incitação

²⁶⁸ É reconhecido que somente após a estabilização da moeda nacional, em 1994, o Governo Federal inicia a implementação de políticas com o objetivo de desenvolver o Sistema de Ensino Superior do país no período de redemocratização. Presidindo o país entre 1995 e 2002, FHC consolidou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº9394/1996), promovendo um instrumento com fins a cumprir a que já estava inscrito na Constituição Federal de 1988 acerca da universalização da educação no país. Entretanto, foi durante o governo Lula (2003 – 2010) que podemos observar uma real expansão do ensino superior para diferentes grupos sociais. No período lulista, a expansão se deu através do protagonismo do Estado e da criação de programas de ampliação de acesso para pessoas de escolas públicas ou de baixa renda, como o SISU, o PROUNI e o FIES, democratizando o acesso às IES. Quando às instituições, no governo Lula observamos um aumento de 27,91% de novas IES. Para mais dados comparativos sobre o cenário de expansão do Sistema de Ensino Superior no país, consultar o *Censo da educação superior de 2010* (INEP, 2012) e ver Rosa (2013).

moral na população, de modo que as pessoas parem de se preocupar com moradia, saúde e alimentação e passem a buscar aprovação: “E hoje as pessoas em termo de buscando o quê? Eu preciso da aprovação pra ser homossexual, cê não precisa. Nunca precisou”. Embora critique o ensino universitário, a fim de promover confiabilidade à sua fala, ela diz que o decálogo foi estudado por um professor filósofo: “Depois eu te passo, é um filósofo, um professor da USP”. Ainda amparada sobre o *Decálogo de Lênin*, Sandra insiste: “Lê o livro, pesquisa esse assunto. Ele vai falar como perverter toda uma sociedade, apesar que, assim, no final das contas vai se cumprindo todas as profecias de Deus, todas as profecias bíblicas e está sendo e uma delas é essas questões políticas principalmente, para gerar um caos social”.

De acordo com Sandra, a *Nova ordem mundial* é a concretização da profecia nefasta que está escrito no *Decálogo de Lênin*, e a China articula uma grande influência em tudo isto: “Eu vou ser sincera, num ponto muito, muito grande, um dos pilares da ‘*Nova ordem mundial*’ sim, é a China.” A interlocutora explica que o país asiático tem interesse pelos minérios brasileiros pois é matéria-prima para muitos produtos chineses. No entanto, para o Brasil essa negociação não é interessante pois acabamos pagando igualmente caro pelos produtos chineses fabricados com os próprios minérios brasileiros. Ainda de acordo com ela, Bolsonaro daria um fim a essa má negociação, parando de exportar minério para a China e passando a criar indústrias brasileiras, beneficiando o Brasil e, também, os Estados Unidos, pois exportaríamos para o país norte-americano.

Quem começou a ter muita conversa e muita visitação? Brasil e EUA, Brasil e EUA, e aí o presidente Trump começou a discutir com o atual presidente do Brasil sobre se o Brasil começar a industrializar, ele exporta, ele não é trouxa, o frete é menor, tá mais perto... Agora, convenhamos, eles começaram com esses assuntos, a se visitar pra caramba, de repente, puf! Vem o vírus de um morcego? Ai, desculpa, nossa que coincidência, não? (SANDRA).

Douglas, embora não cite a *Nova ordem mundial*, também faz referência à China para denunciar as negociações do país com a *Rede Globo* e a *Band*: “A *Globo* recebeu milhões de dólares de contratos que ela fez com a China, com a TV estatal chinesa. A *Band* também é outra que recebe milhões de dólares para compartilhar material, nem

compartilhar, eles trocam”. O país e sua relação com os veículos de comunicação brasileiros também surgem na fala de Jana:

“Junto com Cuba, que queria implantar o regime aqui, como a China também ajudou, como a Rússia também ajudou, que implantou seus agentes aqui na época da ditadura, mandando o povo para cá e minou a religião, minou a comunicação, minou as faculdades e escolas”. Aludindo ao comunismo, Jana conclui que, assim como na China, no Brasil “o mecanismo [da mídia] que foi todo minado pelo comunismo durante vinte anos ou mais tempo. Tá? E o pai do socialismo, entre aspas, o pai do comunismo, fora o Lula, foi Fernando Henrique. Eu sempre falei isso, mas ninguém nunca me ouviu. Você acredita nisso?”.

Os interlocutores, portanto, apontam que a mídia está impregnada por posições ideológicas de esquerda. E, para muitos, essa postura interessa-se sobretudo, em gerar *produzir* diferenças conforme a lógica segregacionista. Referindo-se à *Rede Globo*, Jacques diz: “Eles deixaram a essência das novelas para começar a militar dentro da própria TV. Então foi perdendo o sentido”. O entrevistado contextualiza que essa “militância” iniciou ao mesmo tempo em que a “guerra ideológica” foi “lançada” para população brasileira:

Então assim, antigamente você vê que tinham personagens que você assistia, que seus pais assistiam e que achavam graça, que eram quem, o Jorge Lafond [...]. Então quando aconteceu essa guerra entre direita e esquerda, essa separação que a gente vê, a gente viu acontecendo de lá pra cá, então assim, foi pego uma certa repulsa por personagens homossexuais, justamente por conta dessa banalização que eles próprios pregam (JAQUES).

Para encerrar, resgatamos a interlocutora Sandra que, assim como Jacques, remete-se à polarização ideológica atual como uma “guerra” em que os meios de comunicação teriam a função produzir narrativas incitando a segregação: “Em a *Arte da guerra*, qual o princípio básico para você ganhar uma guerra? Qual é o lema deles? Dividir para conquistar”.

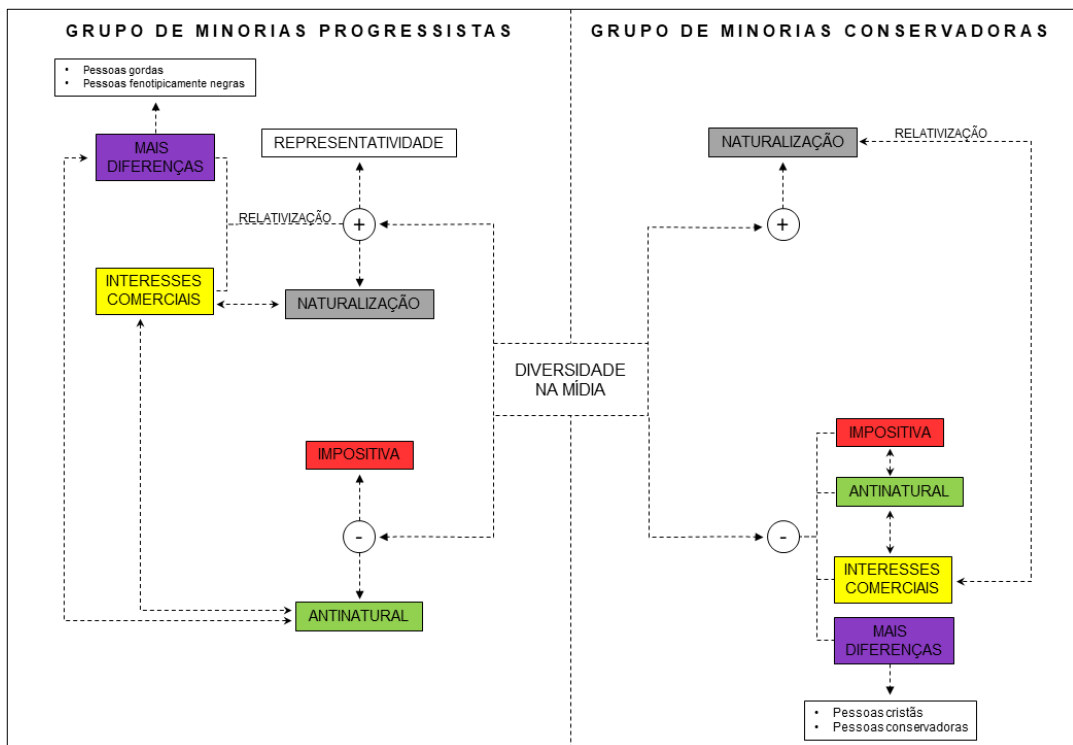
É notório que para as minorias conservadoras, a “grande mídia”, representada sobretudo pela *Rede Globo*, está engajada em um projeto de dissolução social e moral. Observam que a mídia conduz debates sobre diversidade, entretanto, não é o tipo de diversidade que lhes agrada. Ela é impositiva, no sentido de “adentrar” os lares com representações grotescas e desnecessárias. Também é ilusória, pois trata as diferenças de uma maneira romantizada. Por fim, para alguns, a representação da diversidade na mídia interessa a um plano maior de dominação cultural através da produção de uma nação apartada. Assim, a *imposição discursiva da diferença*, a *adequação melodramática enganosa*, e a *influência segregacionista* fundam os códigos de decodificação dos produtos midiáticos da mídia de massa. Conforme tratamos ao longo da exposição, essas chaves de interpretação organizam-se mediadas por uma leitura da sociedade altamente informada por um discurso conservador. Esta retórica denuncia a presença de uma orquestração progressista que visa, sobretudo, a instituição da *ideologia de gênero*, da *crisofobia* e da naturalização do *vitimismo*. Os regimes de representação da diversidade, como vimos, não passam incólumes por estas lentes conservadoras.

10.3 Progressistas e Conservadores entre afinidades e paradoxos

Nesta subseção, mobilizamos as principais noções do *Mapa do sensorium contemporâneo* (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019) como modelo teórico a fim de interpretarmos o que emergiu de nossas análises até aqui. Para isto, trataremos dos dados a partir de uma perspectiva comparativa considerando os grupos *progressistas* e *conservadores*. Vale destacar, entretanto, que este estudo não se filia ao método comparativo desde um nível epistemológico. O esforço comparativo do qual tratamos nesta etapa atua enquanto instrumento analítico (JACKS, 2017). Conforme apontado pela autora, um direcionamento comparativo dentro deste modelo permite “[...] relativizar dados empíricos, desenvolver teorias menos genéricas, melhorar o entendimento sobre os fatores culturais e sociais que configuram certos fenômenos, levantar novas hipóteses sobre determinado objeto, testar conceitos entre muitos outros objetivos” (2017, p. 267). Portanto, nosso investimento analítico nesta seção busca semelhanças e contrastes entre as formas com que os interlocutores se relacionam com os meios de comunicação e

produzem sentido frente à tematização da diversidade na mídia. O diagrama abaixo sintetiza os principais resultados da análise desenvolvida a partir de cada segmento ideológico.

Figura 38 – Diagrama de análise (Progressistas x Conservadores)



Fonte: elaborado pelo autor.

O diagrama da Figura acima permite verificar que no processo de avaliação e produção de sentido em torno das representações de diversidade na mídia há, num primeiro plano, mais correspondências de opiniões do que divergências. Em um primeiro momento, observando apenas superficialmente, poderíamos dizer que este dado diz respeito ao fato de que ambos os grupos – teoricamente opostos entre si – estão vivos sobre um território chamado Brasil, sendo interpelados pelas mesmas mensagens e produzindo sentido sobre elas a partir de um sistema de valores vigente no seu tempo. Entretanto, salvo algumas exceções, a maior parte das categorias coincidentes entre ambos os grupos são avaliadas de forma divergente. Sendo assim, eliminamos a perspectiva anterior e, a partir das elaborações de Martín-Barbero e Rincón (2019),

podemos afirmar que cada grupo experiencia uma relação *tempo-espaço* diferente do outro.

É importante destacar que, justamente, progressismo e conservadorismo são coordenadas políticas que aludem a, entre outras coisas, temporalidades. Como vimos, progressistas tendem a investir seus ideais na construção de uma sociedade apostando na expansão de políticas de reconhecimento com vistas a um futuro progressivamente mais inclusivo. Por outro lado, o conservadorismo busca manter estável/conservado um sistema de valores com base nas tradições e no que é natural (LACERDA, 2019). Com base nisso, para início de conversa, já podemos inferir que progressistas e conservadores têm uma *sensibilidade* diferente quanto à díade *tempo-espaço*: o Brasil contemporâneo de um grupo – de modo geral – é percebido de forma antagônica pelo outro. Com base nisso, vamos explorar cada uma das categorias do diagrama, observando as correspondências quando couber.

Entre alguns progressistas e conservadores, há uma correlação positiva de sentidos quando se referem às funções sociais da mídia ao tratarem da diversidade: a ***naturalização***, que diz respeito à concepção de que a mídia pode contribuir para que as diferenças não sejam tão “exóticas”, cooperando para a desestigmatização de grupos sociais marginalizados. Contudo, é de suma importância ressaltar que a observação da naturalização enquanto uma consequência positiva do trato da diversidade na mídia algo que surge em apenas um entrevistado conservador: Alex, que se apresenta como um dos conservadores menos extremados. Entre os progressistas, tal ideia é mencionada por grande parte dos entrevistados, independente de gênero, raça ou sexualidade.

A ideia de *naturalização* encontra ressonância na mediação da *cidadania* (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019), que corresponde ao papel dos meios de comunicação para as *políticas de reconhecimento* (HONNETH, 2003; MARTÍN-BARBERO, 2007) no mundo contemporâneo. Ao passo em que vislumbram a possibilidade de existirem na mídia, também acreditam na chance de existirem no mundo de forma mais igualitária, podendo circular entre diversos espaços públicos e instituições. Vale lembrar que Panthera, pessoa não-binária, relatou episódios de discriminação na instituição em que realizou sua pós-graduação, e que Nara, mulher trans e negra, apanhou do próprio pai – apenas para citar dois exemplos empíricos. É de ciência dos interlocutores, portanto, que a mídia tem papel

relevante na *produção de reconhecimento*, devendo atuar junto àqueles e àquelas em desvantagem social, econômica ou política (MAIA, 2014).

Ao tensionarem esta categoria, entendem que esse processo de tornar as diferenças mais palatáveis é porque tal contribuição social é, também, interessante ao capital financeiro das empresas de mídia. Trata-se, portanto, de uma relativização ancorada em uma postura desconfiada em relação aos “reais interesses” dos veículos. Esta análise é exemplificada pelos interlocutores quando tratam das estratégias midiáticas de *pink money*.

Os *interesses comerciais*, portanto, é outro elemento compartilhado por ambos os grupos. Esta dimensão de entendimento surge, contudo, valorizada de maneiras distintas. Entre os progressistas, os interesses comerciais são consequências do movimento que a mídia realiza para dar visibilidade a grupos minoritários. Existe uma noção bastante sedimentada de que o “preço” da *representatividade* e da (aposta na) *naturalização* de suas existências é o lucro que as empresas de mídia obtêm “em cima” das minorias. Entretanto, para eles, a compreensão desta lógica não exclui a relevância de tais representações. Reforçam que é melhor isto do que nada. Ainda assim, a perspectiva da maioria dos entrevistados progressistas em relação ao fomento da visibilidade de diferenças se dá circunscrita ao senso comum.

Martín-Barbero (2001) contribui para tensionarmos o *modus operandi* das empresas de mídia e sua relação com o “interesse” pela diversidade. Dentre as condições de produção dos veículos citamos as *estratégias de comercialização*, que coloca em primeiro plano algo que é bastante comentado pelos entrevistados através da noção dos *interesses comerciais*. Conforme destacado pelo autor, esta condição deixa a sua marca no formato justamente porque ele precisa ser comercializável. A percepção desta estratégia, por parte dos interlocutores, não é algo visto com bons olhos, os colocando em uma posição de desconfiança, mas não abruptamente reativa. Apesar do “conhecimento” desta dimensão, alguns entrevistados do grupo progressista reclamam por uma *visibilidade radical das diferenças* – o que, na perspectiva das *estratégias de comercialização*, só acontecerá se for comercialmente interessante. A segunda condição que vale citar são as *ideologias profissionais*, que trata das tensões entre o que emerge do mundo social, a gramática do gênero midiático e os interesses dos próprios realizadores, diretores,

roteiristas e demais profissionais envolvidos na concepção de determinada ficção televisiva, publicidade, notícia, etc. Mencionamos sobre esta questão anteriormente, tratando especificamente do gênero telenovela a partir dos estudos de Jacob (2002a; 2002b).

Há uma concepção, por parte dos entrevistados, de que toda a representação da diversidade na mídia de massa apenas está lá porque o veículo em questão sentiu-se acuado pela sua audiência; como se toda a visibilidade de grupo estigmatizado em lentes positivas fosse uma vitória das ruas. Conforme apontado por Martín-Barbero (2001), as ideologias de quem está pensando determinada narrativa são igualmente cruciais para que minorias alcem visibilidade na mídia. Uma emissora comprometida radicalmente com o conservadorismo, como a *Rede Record*²⁶⁹, mencionada pelo conservador Douglas, não trará a diversidade à tona nos moldes de uma *política de reconhecimento*. Por isto que, conforme exposto por Maia (2014), ao analisarmos as articulações entre *mídia e reconhecimento* é importante que se lance olhar, também, aos produtores, pois eles estão implicados no mundo social tanto quanto suas audiências.

Já entre a totalidade dos conservadores, o argumento dos *interesses comerciais* não surge como uma relativização, mas como uma forma abrupta de deslegitimar as representações da diferença na mídia. Ou seja, enquanto na perspectiva dos progressistas encontramos uma correspondência bastante clara junto à literatura sobre *reconhecimento e mídia*; com os conservadores a noção do papel *cidadão* dos meios (BONIN; MORIGI, 2019), ao pautarem suas existências, não está em jogo. Isto porque o grupo conservador investe sua energia psíquica em um outro arsenal de *narrativas*. Esta, considerada uma mediação por Martín-Barbero e Rincón (2019), diz respeito àquilo que gera histórias e conversações. Elas são produto de ritualidades e antecedem o estágio dos relatos. Além da *Rede Record* já mencionada, páginas de redes sociais como *Brasil paralelo*, *Mulheres com Bolsonaro* e as próprias redes de Bolsonaro são outros importantes ambientes digitais em que os conservadores encontram conteúdos associados às suas

²⁶⁹ A emissora, liderada pelo líder evangélico Edir Macedo, é inclusive uma forte aliada de Jair Bolsonaro. Oualalou (2019) lembra que em 2018, enquanto os candidatos à presidência debatiam ao vivo na *Rede Globo*, Bolsonaro optou por não ir ao debate e, ao invés disso, concedeu uma entrevista exclusiva na *Record*, transmitida ao vivo e no mesmo horário do debate na *Globo*.

perspectivas ideológicas. Diante deste contexto, cabe mencionar, ainda, que a mediação *narrativa* quer tornar-se *relato*²⁷⁰, ou seja, hegemonizar um tipo de perspectiva única sobre determinado tema. A mídia não é a única produtora de *narrativas* e *relatos*. Junto aos conservadores, observamos que as instituições *família* e *igreja* adquirem um papel relevante para a sedimentação das *narrativas* que medeiam os usos sociais da mídia e suas leituras acerca das representações da diversidade.

Portanto, entre os conservadores, os *interesses comerciais* explicam, em grande medida, dois outros aspectos negativos em relação às representações da diversidade. Uma destas leituras é a forma ***impositiva*** com que os veículos de comunicação apresentam a “diversidade”. Alguns declaram que isto ocorre “goela abaixo”, ou seja, de uma maneira que “choque” os valores da audiência. Conforme vimos, o modo com que os entrevistados conservadores expõem suas percepções acerca das diferenças na mídia, em muitas ocasiões, se dá de modo um tanto agressivo. Aqui, é pertinente resgatarmos a *temporalidade* experienciada diante de tais representações midiáticas da diversidade como nexos explicativos de tamanha insatisfação. No instante da recepção, é como se a *temporalidade* do sujeito e a da mídia, por alguns instantes, colidissem, o que produz efeitos sensíveis nas produções de sentido deste grupo, que se vê fora do seu eixo temporal. A *Rede Globo*, como observamos ao longo das entrevistas, é a principal canalizadora de tamanho desequilíbrio temporal. O que ocorre, em realidade, é uma sobreposição de *tempos*: o “antigo”, ou o tradicional, continua ali na forma de *identidades “duras”* e *relatos*: representações estáveis que podem ser traduzidas na imagem de uma autoridade ou no discurso de uma instituição, como a igreja. Ao mesmo tempo, contudo, o novo se faz presente: “cidadanias e urbanitas, a dimensão política, as dimensões cotidianas das sensibilidades, das redes e fluxos” (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 18, tradução nossa²⁷¹).

Entre os progressistas, a percepção da “diversidade imposta” também surge, mas somente entre dois entrevistados: Dante e Nara. Os dois interlocutores, ainda que julguem

²⁷⁰ Este termo foi inaugurado por François Lyotard (1988) ao referir-se às “narrativas de excelência” da modernidade, capazes de universalizar saberes e ditar as regras do jogo da ciência, da filosofia e das artes entre o final do século XIX e primeira metade do XX.

²⁷¹ No original: “*ciudadanías y urbanitas, la dimensión política, las dimensiones cotidianas de las sensibilidades, las redes y flujos*”.

algumas representações exageradas ou desnecessárias, reconhecem que, de forma geral, este movimento por parte da mídia é política e socialmente importante. O atributo de *antinatural* dirigido às representações da diversidade é posto pelos conservadores e pelos progressistas de formas muito semelhantes. Ambos tratam desta questão fazendo alusão às narrativas ficcionais, como as telenovelas. Acham *antinatural* quando o arco dos personagens marcados por uma identidade sexual, de gênero ou racial dissidentes gira em torno do seu marcador da diferença. Ou seja, quando a narrativa apenas insiste em representar o personagem em questão como “o gay”, “o negro” “o trans”, sem dar relevância a outras dimensões de sua construção. Ainda assim, entre os progressistas, esta crítica encontra uma contradição interna: ao mesmo tempo em que rejeitam representações “forçadas”, reprovam quando uma minoria não pautas as “bandeiras” que supostamente deveria “carregar”, quando a representação não se traduz em representatividade. Quer dizer, nas ocasiões em que a minoria representada não traduz os interesses majoritários do grupo. Esta crítica, que em realidade emerge entre poucos progressistas, conecta-se à perspectiva dos *interesses comerciais*. Desta forma, entendem que representações *antinaturais* ou não representativas são postas em visibilidade a fim de agradar a todos os segmentos sem causar controvérsias, ampliando sua audiência e obtendo maior retorno financeiro.

Para os conservadores, o mesmo entendimento é identificado: as minorias são representadas para “lucrar”. Entretanto, a leitura que fazem desta cooptação alcança outros níveis de interpretação. Para alguns, a representação superficial e forçada das minorias se dá porque os veículos de massa, sobretudo a *Rede Globo*, está alinhada a uma política de esquerda, com vistas a tirar a direita do poder e, entre algumas entrevistadas – como Sandra e Jana – contribuir para a segregação social do país. Diante das nossas análises, podemos considerar que este conjunto de percepções, entre os entrevistados conservadores, tem força de *relato*. Tratam destas associações íntimas entre *Rede Globo* e esquerda como um fenômeno transparente, com suas supostas *fake news* sendo transmitidas às claras em pleno *Jornal Nacional*. Esta percepção geral vai além, de modo que alguns entrevistados reiteram o vínculo entre a emissora e um plano de dominação mundial. A representação da diversidade atua de modo a produzir segregações, dividindo a *nação* em grupos isolados e alienados. Martín-Barbero e Rincón (2019) alegam que para

uma narrativa transforme-se em *relato*, este deve estar contemplado por território, cultura e sujeitos com identidade. Diante das nossas análises, observamos o que o alastramento das narrativas nacionalistas e religiosas organiza o núcleo identitário das minorias conservadoras com as quais conversamos. A dupla Estado e Igreja, conforme observamos tanto na literatura, quanto no discurso de posse de Bolsonaro e na pesquisa empírica, organizam as *narrativas* que visam a consolidação de uma cultura nacional unificada em todo território brasileiro – visam a constituição de um *povo*. Conquistando o estatuto de *relato*, penetram profundamente no *núcleo identitário* dos sujeitos conservadores, tornando-se mediação estruturante nas suas produções de sentido frente às representações da diferença. Por isso, observamos mais divergências entre as minorias progressistas do que entre as conservadoras. Os interlocutores de (extrema-)direita possuem uma identidade mais plana e oclusa pois constitui-se a partir de *relatos*²⁷². Isto não significa dizer que as minorias progressistas não organizem a sua identidade em torno de coordenadas ideológicas. Suas práticas de consumo cultural e midiático revelam, também, um universo de *narrativas* que correspondem às pautas da esquerda. Conforme posto por Martín-Barbero (2001), os tensionamentos da identidade inscrevem-se, necessariamente, nas transformações do político. Em tempos de *Brasil polarizado*, o político torna-se mediação estruturante para as identidades dos sujeitos com os quais conversamos. Ainda assim, é importante pontuar que, entre os progressistas, não observamos uma limitação tão acentuada em termos de consumo cultural e midiático. Enquanto os conservadores, motivados pela série de leituras negativas acerca da diversidade na mídia, busca somente canais específicos em que se sentem representados; os progressistas circulam entre emissoras, editoras e jornais mais variados: da *Rede Globo* e *SBT* à *Folha de São Paulo* e *Revista Cult*. Portanto, tanto entre os conservadores quanto entre os progressistas, a *hegemonia comunicacional* da qual fala Martín-Barbero (2007) segue vigente para a produção e *perpetuação* de suas identidades. Tem caráter produtivo porque informam-se de outras *narrativas* que possam agregar ao seu “discurso

²⁷² Ao nosso ver, se enlaçam em fragilidades psíquicas estruturais. Este não é um estudo psicológico e nem psicanalítico, e nossas técnicas de pesquisa não nos permitiram destrinchar estas questões, mas não podemos deixar de mencionar que, de todos os conservadores, duas relataram tentativas de suicídio (Rosana e Sandra) e uma que já orou que Deus “a levasse” (Jana).

identitário”. Também, ao passo em que restringem seu consumo midiático e trânsito online aos veículos e páginas que reproduzem seus valores ideológicos, seguem encontrando correspondências subjetivas que sustentam suas identidades mais ou menos estáveis.

Finalizamos a descrição do diagrama com mais um ponto em comum entre progressistas e conservadores: a reivindicação por *mais diferenças*. Ao passo em que tal exigência surgiu entre poucos progressistas, entre os conservadores emergiu com considerável ênfase. Junto aos progressistas, a demanda se traduz na reivindicação por representações que “corporifiquem” diferenças “em cima” de diferenças: *uma visibilidade radical das diferenças*. Esta questão tornou-se nítida quando o tema “Maju Coutinho” veio à tona: a jornalista foi considerada uma negra “europeia” demais – com nariz e lábios finos – para os padrões de negritude brasileira. Assim, ao mesmo tempo em que reconheciam representações higienizadas da diferença enquanto antinaturais, reclamavam por corpos “reais”: pessoas gordas e negros/as com traços fenotipicamente negros. Por outro lado, junto aos conservadores, a demanda por *mais diferenças* associa-se à concepção negativa de que a diversidade tratada na mídia contempla exclusivamente as pautas da esquerda. Traduzindo esta questão, o que os entrevistados querem dizer é que quando a “grande mídia” representa mulheres, é para tratar de feminismo; quando representa pessoas negras, é para tratar de racismo; e quando dá visibilidade ao público LGBTQ+, é para promover o próprio movimento. Cabe lembrar que o grupo conservador tem uma profunda repulsa pelos movimentos mencionados pois são reconhecidos como movimentos “de esquerda”. Ao passo em que a ala progressista é reconhecida como a detentora dos movimentos sociais e das pautas identitárias, cabe ao segmento conservador reclamar pela representação de diversidade ideológica e religiosa: conservadores e cristãos. Evidentemente, conservadores e cristão não são Outros. Quando reclamam por mais sujeitos com estas especificidades identitárias, em realidade buscam recuperar os valores “de antigamente”, de uma época que não havia “isso de politicamente correto”. A nostalgia e o saudosismo com que falam das novelas “de época”

demonstra isto²⁷³. Portanto, reivindicar mais representações midiáticas conservadoras e cristãs, no *Brasil polarizado* da segunda década do século XXI, significa fazer o uso mais pernicioso da identidade, que é a exclusão da diversidade.

Conforme vimos ao longo da pesquisa empírica, a diversidade por si só é vista como positiva para ambos os grupos. Entretanto, cada segmento tem uma concepção própria acerca do que é “diversidade”. Tratando da forma genérica, o que une a apreensão do termo entre os progressistas e conservadores diz respeito somente a uma *dimensão materialista* observável no corpo. Ambos concordam que a diversidade de pessoas negras e brancas, gordas e magras, de homens e mulheres, é algo positivo. Isto é, diferenças observáveis imediatamente na natureza. É indo além desta dimensão que as divergências se manifestam. Os argumentos que justificam o entendimento de cada grupo, contudo, se sobrepõem.

As minorias de esquerda superam a *dimensão materialista* da diversidade e reivindicam uma *dimensão representativa* do grupo subalterno em questão: além de representar a existência daquele corpo, é necessário expressar como os processos de subjetivação pelos quais aquela minoria, marcada pela *diferença*, produziram a sua identidade. Este processo e esta identidade, contudo, devem ser anunciados numa *dimensão política* que denuncie as opressões estruturais sob as quais aquele indivíduo constituiu-se enquanto sujeito. Ao mesmo tempo, entretanto, existe uma demanda que se opõe, em grande medida, à esta reivindicação: as diferenças devem ser representadas de maneira *naturalizada*.

As representações da diversidade em uma *dimensão natural* encontram forte correspondência junto às minorias conservadoras. Isto significa dizer que existe um sólido sentimento de reprovação quando a diversidade supera sua *dimensão materialista*. Ir além nesta dimensão representa, para os conservadores, adentrar o território da

²⁷³ Sandra diz que sua telenovela preferida é *Chocolate com pimenta* e comenta que gostaria de ter vivido naquela época. Roxana é nostálgica em relação a *Rei do gado*.

esquerda através de uma *dimensão ideológica*. Podemos considerar, portanto, que a *dimensão representativa* dos progressistas está para a *dimensão ideológica* dos conservadores: tratam-se de formas distintas de interpretar a função política da representação midiática da diversidade. O que devemos esmiuçar, entretanto, é o ponto no qual conservadores e progressistas se encontram: na reivindicação por uma *dimensão natural* no trato das diferenças.

O *natural*, enquanto conceito filosófico (ABBAGNANO, 2007), corresponde ao significado primeiro do objeto em análise, que “consiste em conformar-se à ordem espontânea da natureza” (2007, p. 698). A natureza ontológica das *diferenças*, para ambos os grupos, é a compreensão da *dimensão natural* que reside no conceito de *humano*. Referenciando Louis Dumont (1999), trata-se do ideal de distribuição horizontal de valor, ação fundamental para o projeto de uma sociedade igualitária. Tal perspectiva encontra ressonâncias bastante nítidas entre os conservadores. O argumento de que somos todos igualmente capazes de sobreviver no mundo justifica a adesão a uma distribuição de valor igualitária entre todos por parte do Estado e dos meios de comunicação: não há espaço para *vitimismo*. Sendo assim, a *dimensão natural* da diversidade é a única possível, pois qualquer outro investimento narrativo tratará de *ideologia*. Esta estrutura argumentativa compartilha de outro elemento poderoso, que é a figura de Deus e o papel da religião, afinal de contas Ele criou toda esta natureza, à sua imagem e semelhança – portanto, somos todos perfeitos.

Entre os progressistas, a *dimensão natural* da diversidade não participa das suas reivindicações de forma tão nítida e organizada quanto as contestações dos conservadores. Isto porque o *natural* conflita com as prerrogativas *construcionistas* às quais simultaneamente filiam-se. Elas se chocam porque ocupam o mesmo lugar da realidade social. Não temos como negar a *natureza* dos corpos: átomos, moléculas, melanina, intestino, cérebro, coração, cabelo, olhos, boca e nariz são, sim, “obras” da natureza. Entretanto, a distribuição de valor desigual (DUMONT, 1999) a determinados arranjos destes *dados da natureza*, não: são *dados culturais*, socialmente produzidos ao longo da história. As minorias progressistas, preocupam-se, portanto, com o papel da mídia na redistribuição igualitária de valor entre grupos cuja subjetividade constitui-se a partir da segregação social, econômica e/ou política. Representá-las “sem dizer que é

diferente” coloca-se, pelos entrevistados, como uma destas estratégias, indo ao encontro do que é igualmente sustentado pelos conservadores.

As produções de sentido em torno das representações da diversidade na mídia revelam encontros com o que é enfrentado teoricamente por Renato Ortiz sobre o tema. Conforme observamos na Subseção 3.2, o sociólogo trata a *diversidade* como uma resposta ao *universalismo*, valendo-se do mito bíblico de Babel para ilustrar que, se outrora a diversidade era encarada como desentendimento, na modernidade-mundo ela é vista como um valor a ser preservado e incentivado (ORTIZ, 2008; 2015a). Apesar de adotar uma postura majoritariamente positiva frente às representações da diversidade no mundo social, o autor também dá relevo às *respostas à diversidade*.

Em nosso estudo empírico, observamos que estas respostas se manifestam na forma de *reações conservadoras* pautadas, como já dissemos, pela mediação estruturante da *religião*. Ortiz (2015a) pontua esta questão ao resgatar Lyotard para referir-se aos “relatos de vocação universalista”, sendo a religião um deles. Além da religião, também identificamos o forte vínculo aos *relatos* nacionalistas organizados por *identidades* políticas, midiáticas e intelectuais. Identificamos, portanto, uma *resistência conservadora* frente à abertura de novas *narrativas*. Renato Ortiz, portanto, é astuto ao ponderar que universalismo e diversidade ocupam espaços justapostos no espaço. A relação *temporalidades-espaços* (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019), apresentada anteriormente a partir do *Mapa do sensorium contemporâneo*, também aborda esta compreensão.

Embora autores como Renato Ortiz e Jesús Martín-Barbero sejam intelectuais de excelência, capazes de produzir diagnósticos precisos sobre os rumos do mundo contemporâneo e em específico do território latino-americano, consideramos que estes autores pouco enfrentam²⁷⁴ isto que chamamos de *resistência conservadora*. Não se trata

²⁷⁴ O que também tem a ver com uma questão de método: suas análises não são “coladas” aos sujeitos, mas sim, partem de um enquadramento mais amplo e macro em perspectiva sociológica.

de uma romantização da diversidade, como se fosse uma *política de reconhecimento* estável, garantida e disseminada, mas sim de uma secundarização dos efeitos rebotes de tal discurso. Conforme observamos, mesmo entre os progressistas, a diversidade em sua *dimensão representativa* não é a leitura única. Mesmo entre este grupo – “dono da bandeira da diversidade” – existem alguns movimentos que buscam *frear o progressismo* através de uma crítica à *visibilidade radical das diferenças*, que podem causar mais danos do que *reconhecimento* para suas identidades individuais e coletivas.

CONCLUSÃO

Colocar um ponto final em uma tese representa muito mais do que a conclusão de um relatório de pesquisa. Trata-se de aceitar que chegou a hora de cortar um cordão umbilical que permaneceu ali, entre o texto e o autor, durante pelo menos quatro anos. Então, por tratar-se de uma experiência estritamente pessoal, escrevo a primeira parte desta última Seção na primeira pessoa do singular. Nestas palavras finais, vou resgatar os objetivos da pesquisa e respondê-los sinteticamente a partir do que discuto ao longo das páginas anteriores, demonstrando as operações metodológicas realizadas no percurso.

Contudo, antes, gostaria comentar sobre o que me motivou a pesquisar o tema deste estudo. À época da qualificação, em março de 2020²⁷⁵, defendi o projeto interessado em estudar *interseccionalidade*, usando a temática do consumo midiático de produtos que pautem a *diversidade* como objeto. À época, meu drama era como distribuir os interlocutores através das múltiplas (e infinitas) diferenças: quais marcadores priorizar e como encontrar sujeitos que “comportem” a intersecção de tantas identidades de maneira equilibrada? Eu, um pesquisador homem, cis e branco, me apropriando de um conceito gestado pelo feminismo negro e querendo “aplicá-lo” para entender as produções de sentido de toda a sorte de *outros*. Em tempos de distorção do conceito de *lugar de fala*, me vi impelido a tentar preencher todas as brechas possíveis para não ser *cancelado* por ninguém. Claro que não seria possível contemplar tantos *outros*, afinal como muito bem apontado por Pierucci (1999), tudo o que a diferença faz é produzir mais diferença. Algumas leituras, orientações e sessões de psicanálise depois, entendi que não teria como abraçar o mundo nem agradar a todos, todas e todes.

Eis que, ao longo da minha pesquisa exploratória pré-qualificação, no primeiro semestre de 2019, havia entrevistado um sujeito não-binário e pansexual – logo, um sujeito “da diversidade”. Entretanto, lembrei que, ao longo da entrevista, havia me deparado com posicionamentos comuns a conservadores: o entrevistado levava os ensinamentos da bíblia bastante a sério e defendia um modelo de família tradicional nas

²⁷⁵ Poucos dias antes dos primeiros casos de COVID-19 no Brasil.

figuras de um pai homem (cis) e de uma mãe mulher (cis). “Mas ele não é não-binário?”, me perguntava. Achei curioso, e esta inquietação ficou adormecida por um tempo.

Nos dois anos que seguiram, assistimos aos mais bizarros processos de ideologização polarizada de todas as esferas micro e macrosociais. Em 2020, a pandemia do então *novo* coronavírus espalhava-se por todo o Brasil. Como tudo em nosso país, o vírus foi politizado, e então o presidente Jair Bolsonaro, disse o seguinte: “Quem é de direita toma cloroquina²⁷⁶, quem é de esquerda, Tubaína²⁷⁷”²⁷⁸. Chegamos ao cúmulo de, em meio a uma crise sanitária global, dividirmos o país entre *cloroquiners* e *quarenters*; leia-se, entre os sujeitos que ecoavam o discurso pró-cloroquina mesmo sem evidências científicas da eficácia do medicamento – estes, de direita; e entre pessoas que seguiam as recomendações científicas postuladas por reconhecidas entidades de saúde mundial, respeitando a prática do isolamento social – estas, de esquerda. Ora, cenário um tanto quadrado e esquemático para uma modernidade-mundo pautada pelo emblema da diversidade, como diz Renato Ortiz; e organizada como uma “colagem”, e não mais como um quebra-cabeça em que todas as peças se encaixam, como ilustra Martín-Barbero.

Ou seja, ao passo em que eu assistia a (e participava de) um processo de ideologização política radical de todas as coisas, me confrontava com uma literatura descrevendo o desmantelamento do projeto universalista da modernidade e diagnosticando que agora as “novas identidades pós-modernas”, como diria Stuart Hall, estão alçando novos patamares de visibilidade. Viva a diversidade! Foi então que me lembrei daquela entrevista com o sujeito não-binário: e se ele não for o único “integrante de uma diversidade” com posturas conservadoras? Estava aí minha questão de pesquisa:

Voltei à tese e resolvi, então, incluir a filiação ideológica como um dado relevante para pensar a produção da identidade dos sujeitos em suas práticas de consumo midiático. Segui querendo investigar grupos subalternos, mas os dividi entre minorias de esquerda e de direita, e a partir daí, desloquei a centralidade dada à interseccionalidade,

²⁷⁶ Conforme destacado por entidades de saúde internacionais, como a *Organização Mundial da Saúde*, e brasileiros, como a *Anvisa*, a cloroquina não é recomendada para a prevenção ou tratamento da infecção pelo COVID-19 (CNN BRASIL, 2021).

²⁷⁷ Um tipo de refrigerante com sabor de guaraná e tutti-frutti, criado em Piracicaba (interior de São Paulo).

²⁷⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-quem-e-de-direita-toma-cloroquina-quem-e-esquerda-tubaina/>. Acesso em: 12 set. 2021.

fornecendo maior investimento teórico nos debates em torno da *diversidade*, da *diferença* e do *reconhecimento*. Do recorte ideológico, a pesquisa ganhou um direcionamento comparativo, o que fez com que os objetivos precisassem ser atualizados. A partir daqui, voltamos à primeira pessoa do plural, pois trata-se de uma construção conjunta entre pesquisador e orientadora.

O primeiro objetivo específico tratou de **apresentar as práticas de consumo midiático dos interlocutores**. Apresentamos os 20 entrevistados na Seção 7 dividindo-os em dois grupos: 10 progressistas e 10 conservadores. De modo geral, este recorte ideológico conduziu as demais análises através de uma perspectiva comparativa. Entre os progressistas, cinco pessoas eram negras, quatro eram brancas e uma, indígena. Quanto ao gênero, entrevistamos quatro mulheres trans, duas mulheres cis, dois homens cis e duas pessoas não-binárias. Em relação à sexualidade, cinco consideravam-se heterossexuais, dois pansexuais, duas lésbicas e um gay. Já entre o grupo conservador, quatro eram brancos e seis negros. Sobre seus gêneros, quatro afirmavam-se como homens cis, três como mulheres, duas mulheres trans e uma pessoa dizia-se não-binária. Quanto à sexualidade, sete eram heterossexuais, dois gays e um bissexual.

Quanto às práticas de consumo midiático do grupo de minorias progressistas, observamos que seus posicionamentos ideológicos exercem uma função parcial no modo como avaliam a oferta de mídia, dependendo do gênero midiático e da finalidade do uso. Em relação ao consumo de notícias, por exemplo, os progressistas tendem a informarem-se tanto pela mídia hegemônica, sobretudo através da *Rede Globo* (telejornais e *G1*), quanto pela mídia de esquerda, como *Carta Capital*, e as alternativas, *Brasil247* e *Mídia Ninja*, através das páginas destes veículos nos sites de redes sociais. Quando se trata de consumo midiático para fins de entretenimento, buscam ficções em plataformas *online*, sendo *Netflix* a principal delas. Citam, também, *GloboPlay* e *AmazonPrime*. A escolha por determinados filmes ou séries pode se dar pautada por alguma motivação em termos de identidade. *Pose*, série estadunidense que narra a rotina de *drag queens* e pessoas trans na Nova Iorque da década de 1980, é um produto midiático bastante citado. Embora não tenha sido um marcador considerado para as análises, notamos que os entrevistados com maior *capital cultural* e ensino escolar formal consumiam mais veículos alternativos, como a *Revista Pernambuco*.

Quanto ao segmento das minorias conservadoras, identificamos que sua vinculação ideológica exerce função estruturante em suas práticas de consumo midiático. Estes interlocutores negam-se a informarem-se pela *Rede Globo* pois a consideram disseminadora de visões parciais pró-oposição e, alguns, alegam que o jornalismo da emissora propaga *fake news*. Poucos aderem ao jornalismo *online* da *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *Veja*. A maioria, entretanto, informa-se através de canais de direita. O único citado que pertence ao rol de veículos midiáticos contemplados pela mediação da institucionalidade (MARTÍN-BARBERO, 2001) é o canal evangélico *RedeTV*. Além deste canal, informam-se sobretudo via páginas de redes sociais de personalidades políticas conservadoras, como Bia Kicis e Jair Bolsonaro, além de portais de mídia alternativa *online* como *Brasil Paralelo* e *Mulheres com Bolsonaro*. Entre os conservadores, não identificamos a ação do *capital cultural* ou da formação escolar formal mediando tais práticas de acesso à informação. Para fins de entretenimento, também dizem não assistir à *Rede Globo*. Contudo, geralmente sabiam contar sobre cenas ou personagens “polêmicos” das telenovelas de emissora, como o *Félix de Amor à vida* e *Ivan de A força do querer*. O abandono da emissora é recente: alimentam certa nostalgia em relação às ficções mais antigas. Para citar dois exemplos: dos anos 1990, citam *Rei do gado*, e do início dos anos 2000, *Chocolate com pimenta*. A principal alternativa para o consumo de filmes e séries é, assim como os progressistas, a *Netflix*. Na plataforma, encontram narrativas que compactuam com seus interesses. Uma das entrevistadas cita, por exemplo, o filme brasileiro *O doutrinador*, que trata da história de um homem mascarado que secretamente assassina pessoas corruptas de Brasília.

Cabe considerar, como forte possibilidade, que as práticas de consumo midiático motivadas por correspondências ideológicas com os conteúdos e/ou com os realizadores podem ser circunstanciais ao momento de polarização que germina desde as *Jornadas de junho de 2013* e que se fortifica desde, pelo menos, 2018. Embora não tenhamos explorado densamente o histórico dos hábitos de consumo de mídia ao longo desse íterim, dados referentes a isto emergiram de algumas entrevistas através da narração espontânea de memórias. Sobretudo diante do consumo de notícias na televisão e nos jornais, observamos que há um “pré” e um “pós” 2018. Com os conservadores, por exemplo, junto de uma crítica à cobertura da imprensa, principalmente da *Rede Globo*, há também uma

pulverização da aversão ao veículo que contamina toda a sua grade de programação. O mesmo não se dá com contornos tão nítidos quando tratamos dos progressistas, mas observamos que a situação polarizada do país os motiva – assim como os conservadores – a buscar veículos na mídia alternativa que também correspondam ao seu conjunto de valores.

O segundo objetivo específico foi **verificar a relação desses sujeitos com o tema da diversidade**, contemplado na Seção 9. Para cumpri-lo, recorreremos às respostas de uma das perguntas do questionário que foi reproduzida para todos os 20 entrevistados: “*O que lhe vem à mente quando eu falo a palavra ‘diversidade’?*”. De forma muito genérica, entre progressistas e conservadores, temos a concepção de diversidade enquanto uma *aglomeração de diferenças*: vários corpos diferentes em termos de raça, gênero e sexualidade ocupando um mesmo espaço, identificando que esta variedade é positiva. Outro ponto em comum entre ambos os grupos é a crítica ao uso constante do termo, que acaba produzindo um esvaziamento da expressão da palavra. Um exemplo muito emblemático: duas mulheres trans de segmentos ideológicos opostos – Larissa (progressista) e Betina (conservadora) – à época das entrevistas, estavam concorrendo ao cargo da prefeitura em suas respectivas cidades. Perguntamos a elas se não estavam utilizando a expressão “diversidade” em suas campanhas, e ambas responderam que não, compartilhando da mesma perspectiva de uma *diversidade esvaziada*, dado o seu uso frequente e, por vezes, banal.

Ademais, também identificamos que, entre os progressistas, a concepção de “diversidade” surge junto de uma demanda por estratégias de sobrevivência das diferenças nos espaços em que são incluídas. Já entre os conservadores, junto à noção de “diversidade”, emerge também a observação de que, hoje, a diversidade é “bandeira da esquerda” e que, por isso, perdeu sua potência de sentidos. Para o grupo conservador, imputar a diversidade aos progressistas significa associá-la a *vitimismo* e à *sexualidade*, quando na verdade deveria sinalizar o ideal de *liberdade*. Portanto, identificamos que embora a “diversidade” seja algo bom na perspectiva de ambos os grupos, o modo com que está sendo apropriada vem deturpando seus sentidos, e a mídia e o mercado

destacam-se como instituições responsáveis pelo esvaziamento. Os dois próximos objetivos específicos tematizam estas relações.

Primeiro, buscamos compreender, de forma genérica, como se sentem representados no mundo social, bem como exploramos seus sentidos de pertencimento aos grupos sociais identitários dos quais compartilham raça/gênero/sexualidade. Daí, investigamos como estas questões repercutem em suas leituras da mídia. Portanto, o terceiro objetivo específico foi: **observar os elementos que agenciam as apropriações da diversidade na mídia**. Identificamos que os progressistas estruturam muitas de suas narrativas de pertencimento a partir de *experiências* de sofrimento em detrimento das suas dimensões de subalternidade. Episódios de racismo, intolerância religiosa, violências de gênero e LGBT+fobia foram relatados por algumas das minorias deste grupo. As histórias vão desde um “olhar de cima para baixo”, até situações de espancamento por membros da própria família. A exposição destas histórias e a centralidade dada a elas nas suas constituições subjetivas ilustra o porquê da demanda tão enfática por *reconhecimento*: compreendem que a *invisibilidade social e política* à qual seus corpos foram remetidos ao longo de suas vidas tem nexos com os regimes de representação da diversidade na mídia historicamente instituídos. Demandam, portanto, formas de *visibilidade* que deem conta da complexidade de suas identidades.

Entre os conservadores, entretanto, não foi dada ênfase a casos de preconceito como os informados pelos progressistas. Embora reconheçam a existência de problemas estruturais como os citados, suas falas não remetem a experiências do tipo, salvo alguns casos. Quando emergia, prontamente vinha acompanhado da elaboração de que não vale a pena ficar “se lamentando”. No entanto, embora não relatem experiências de preconceito, dão destaque a outras histórias de grande sofrimento psíquico: existe um forte conflito existencial entre os interlocutores gays e trans, como Jacques e Jana, motivados pela convicção de que estas dimensões são da ordem do pecado. Outros sujeitos narram experiências de tentativas de suicídio em algum momento de suas vidas motivadas por crises profundas de depressão. É o caso de Sandra e Roxana.

Embora o grupo de conservadores discursasse de modo a afastar qualquer sofrimento que seus marcadores sociais possam produzir em suas existências, também dizem

compartilhar do sentimento de *invisibilidade*. Contudo, diferentemente dos progressistas, esta sensação refere-se ao não-pertencimento aos movimentos sociais que lutam por direitos às pessoas negras, às mulheres e às pessoas LGBTQs+. Reconhecem que a conquista por direitos, contudo, possuem intenso repúdio pelas práticas adotadas por estes movimentos, uma vez que são liderados pelo segmento da esquerda. Aos progressistas, os conservadores imputam a responsabilidade pela postulação da ideologia de gênero e pelo alastramento da cristofobia e dos discursos de vitimismo. Assim como os progressistas remetem suas produções de sentido à diversidade mediados pelas suas reivindicações por *visibilidade*, os conservadores aludem aos sentimentos *religiosos, pró-família e meritocráticos*.

A repercussão destes elementos é analisada no quarto objetivo específico: **Descrever as produções de sentido em torno das representações midiáticas da diversidade**, destrinchadas na Seção 10. Entre os progressistas, percebemos que a demanda por visibilidade ganha duas dimensões contrastantes. Uma delas reclama a *visibilidade radical das diferenças*. Esta constitui-se a partir da percepção de que as representações da diversidade na mídia de massa nunca são “diferentes” o suficiente. A jornalista Maju Coutinho surge como um exemplo: ela é negra – o que é positivo – mas não é gorda e não possui traços fenotipicamente negros. Consideram, assim, que tais representações são higienizadas e que não favorece a uma verdadeira transformação nos regimes de visibilidade e, conseqüentemente, de *reconhecimento* das minorias em questão. Tal perspectiva não leva em consideração o *modus operandi* da mídia massiva, que organiza a sua gramática de visibilidades a partir de demandas que vêm do mundo social, mas que também são pautadas pelos próprios realizadores do produto midiático, conforme analisado por Jacob (2002a; 2002b). À esta percepção, ainda cabe o que é mencionado por Stuart Hall acerca do papel estratégico das *visibilidades reguladas*, ao considerar a pertinência de “estratégias que podem fazer alguma diferença e que podem mudar as disposições do poder” (2003, p. 339), apesar do preço a ser pago.

Na contramão desta dimensão, há poucos entrevistados que consideram uma cilada representar identidades tão complexas, ou seja, com tantos marcadores de subalternidade. O personagem trans homossexual de *A força do querer* foi um exemplo

mencionado. Ainda, em oposição à visibilidade radical, existe a demanda pelo trato da diversidade através da *naturalização* das diferenças. Isto significa que, principalmente nas narrativas ficcionais, o núcleo de subalternidade de determinada identidade não deve guiar os rumos do personagem na história em questão. Entre as duas dimensões, existe o meio-termo, que é compartilhado pela maioria dos entrevistados: as representações da diversidade na mídia, conforme vêm sendo postas, podem contribuir para o *reconhecimento* dos grupos subalternizados. Esta percepção, contudo, não se encerra como algo a apenas se comemorar: grande parte dos interlocutores possui consciência de que a diversidade apenas está “na pauta da mídia” porque contribui para o acúmulo de capital da mesma.

Nesse mesmo sentido, as minorias conservadoras também mencionam que a mídia apenas representa a diversidade enquanto for economicamente interessante. Esta percepção, entretanto, surge como uma reação a tais representações de modo a negar que possam contribuir para algum processo de ampliação de *reconhecimento*. Na perspectiva do grupo, a visibilidade da diversidade na mídia, da forma como é representada principalmente pela *Rede Globo* – conforme insistem em mencionar – apenas produz efeitos adversos. Isto porque, para eles, a “grande mídia” está a serviço de uma agenda de esquerda, o que se traduz em representações da diversidade pautadas no *sentimento anticristão* e no ataque aos valores da *família*. De forma geral, não concordam com a representação de casais homoafetivos se beijando, por exemplo – mesmo os gays. Estas críticas, por sua vez, desembocam em uma demanda compartilhada, também, pelos progressistas: a *naturalidade*. Entretanto, diferentemente dos progressistas, a naturalização das diversidades deveria vir a partir de uma estética conservadora, enaltecendo os valores cristãos em suas representações.

Retomamos, agora, o problema de pesquisa: **Como a produção de sentido sobre o tema da diversidade configura usos e apropriações entre diferentes grupos de minorias ativas progressistas e conservadoras nas suas práticas de consumo midiático?** Para respondermos esta pergunta, nos apropriamos do *Mapa do sensorium contemporâneo*, modelo teórico-metodológico para investigar as mutações culturais em curso (MARTÍN-BARBERO; RINCON, 2019). Identificamos que a produção de sentidos

frente ao tema da diversidade é marcada por uma *sensibilidade* que encontra, na organização político-ideológica, os arsenais interpretativos vitais para a sua leitura. Nesse sentido, progressismo e conservadorismo atuam como *sensorialidades* pois seus sistemas de valores espalham-se coletivamente. Enquanto mediações, coagulam um sistema de valores coletivos relativamente estável. É relativo pois raça, gênero e sexualidade também produzem *sensorialidades*, gerando identidades coletivas: “os negros”; “as mulheres”; “os LGBTs+”. Por vezes, a ideologia política conflita com a socialização produzida pelos marcadores sociais, produzindo leituras mais conservadoras entre as minorias de esquerda, ou mais progressistas entre as minorias de direita. Entretanto, esta não foi a regra.

Sobretudo entre o grupo conservador, a força dos *relatos*, como o religioso-cristão, determina, em grande medida, o julgamento das representações da diversidade. Esses *relatos* encontram em *figuras* de autoridade clássicas, como *o presidente* ou *o sacerdote* – atualmente, desespacializados, espalhados nas *redes* – a legitimação necessária para se consolidar. Dessa forma, os conservadores mantêm uma unidade de opiniões mais coesa, em que as dimensões de subalternidade atuam com menos incidência, produzindo tímidos *contrarrelatos*.

Já, junto ao público progressista, o *Mapa do sensorium contemporâneo* permite observar que suas diferenças de raça, gênero e sexualidade atuam como *sensorialidades* que encontram uma cômoda zona de assimilação. O progressismo, enquanto “porta-voz da diversidade e das lutas antirracistas, feministas e LGBTs+”, fabrica *narrativas* que reúnem as minorias em torno das *diferenças*. Entretanto, como dissemos, tratam-se de *narrativas*, não possuindo a força dos *relatos*. Por este motivo, os interlocutores de esquerda possuem, moderadamente, mais divergências internas quanto aos sentidos da diversidade. Percebemos que os marcadores sociais informam estas leituras de forma mais complexa, portanto, os efeitos das *interseccionalidades* das dimensões de subalternidade configuram opiniões parcialmente diferentes em relação a alguns temas específicos.

Através destas explorações e análises, consideramos que cumprimos com o objetivo geral do estudo: **compreender de que maneira o tema da diversidade repercute na produção de identidades através do processo de consumo midiático entre distintos**

grupos sociais. Identificamos que as práticas de consumo de mídia entre os entrevistados são mediadas por filiações político-ideológicas. Isto se dá tanto na escolha sobre o que consumir, quanto na produção de sentido em relação às mensagens. Em última análise, buscam identificações e *reconhecimento*, atributo vital para a vida humana (HONNETH, 1992). A tematização da diversidade na mídia, como vimos na Subseção 1.2, alude geralmente à ideia de inclusão, sobretudo fazendo referência a políticas de cotas em instituições privadas. Nas narrativas ficcionais, a diversidade, dentro de uma concepção de *política de reconhecimento*, vem sendo abordada desde 1971, conforme a linha do tempo presente no *Caderno Globo* de 2018. Estes tipos de narrativas da diversidade não contentam as minorias conservadoras, que associam tais representações às noções de *vitimismo*, quando não *antirreligiosas*, principalmente as mais contemporâneas. Nesse sentido, a produção das identidades deste grupo atua em busca por *reconhecimento* nos veículos cujo segmento atue em conformidade com seus valores, como na *RedeTV* e em mídias alternativas *online*. Nesses espaços, o que buscam é o *reconhecimento* de suas identidades conservadoras-cristãs. Entre o grupo progressista, a mídia de massa contempla insumos simbólicos que se associam mais às suas reivindicações. Este é um movimento bastante recente e, por isto mesmo, adotam uma postura cética. Portanto, entre eles, a mídia de massa e a alternativa logram ao atuar enquanto mediação para a *cidadania* (BONIN; MORIGI, 2019), fornecendo representações que são *apropriadas* pelos próprios sujeitos, transformando-as em força e potência para suas identidades individuais e coletivas.

Com isto, sintetizamos os principais resultados do nosso investimento empírico. Em termos de **teoria**, esperamos ter contribuído para os debates em torno das noções de *identidade*, *reconhecimento*, *interseccionalidade* e *diversidade*. Ao passo em que *identidade* é um conceito consolidado no campo da Comunicação, *reconhecimento* e *interseccionalidade* demonstram-se temas emergentes. *Diversidade*, por sua vez, é um conceito comumente trabalhado pela *perspectiva mercadológica*, e pouco explorado no campo das ciências sociais. Na literatura brasileira, Renato Ortiz é um dos poucos que se debruça sobre o assunto em *perspectiva crítica*. Esperamos ter contribuído para a matização deste conceito através do nosso trabalho empírico, que nos revelou que

diversidade é questão de comunicação e política, em perspectiva barberiana, pois é terreno de encontros e conflitos entre Outros, capaz de revelar a estrutura das sensibilidades do mundo contemporâneo através dos regimes de representação e dos modos de produção de sentido frente às diferenças.

Em relação às contribuições da ordem dos **procedimentos metodológicos**, acreditamos que tenham sido as mais relevantes. Ao nos desafiarmos a manejar uma vasta quantidade de dados qualitativos, foi imprescindível sistematizar procedimentos metódicos, técnicos e ferramentais para que a coleta, descrição e análise pudesse ser realizada com sucesso. Nos valem, de forma combinada, de dois *softwares* de análise qualitativa: *NVivo* e *Iramuteq*, o que nos permitiu analisar os dados através de diferentes ângulos e camadas. Ao nos filiarmos a uma perspectiva *interseccional* das identidades, estes programas foram indispensáveis, nos permitindo organizar os sujeitos em *clusters* de raça, gênero e sexualidade. Apostamos que em todo estudo qualitativo interessado em explorar interseccionalidades a partir de um extenso grupo de interlocutores com rigor e cientificidade, deve valer-se de ferramentas tecnológicas disponíveis para a sistematização das análises possíveis. Além disso, propomos uma articulação entre procedimentos metodológicos e critérios de qualidade na pesquisa qualitativa que acreditamos ter sido cumprido.

Por fim, quanto ao âmbito **empírico**, esperamos ter colaborado para falar um pouco mais sobre o *sensorium* do Brasil contemporâneo neste início de século XXI. Embora não tenha sido um estudo representativo da população, pois qualitativo, consideramos ter logrado ao fornecer um retrato de um país polarizado e em meio a crises institucionais, sanitárias e de alteridade com a *diferença*. Dentre estas lacunas, a exploração da *diversidade* revelou-se uma poderosa linha condutora para tensionar e desvelar as várias outras *sensibilidades* que articulam estratégias de sobrevivência em termos de *reconhecimento*.

A pesquisa apresentou, como limitações, o próprio isolamento social, situação instaurada pela pandemia do COVID-19. Realizamos todas as entrevistas *online*, por ligação apenas em áudio ou por vídeo, o que produziu vieses parciais no tipo de dado coletado. Ao mesmo tempo, permitiu que considerássemos expandir a busca por interlocutores em outras partes do Brasil. Em relação ao instrumento, tivemos algumas

dificuldades com a aplicação do formulário de pesquisa *online* pois alguns dos entrevistados deixaram de respondê-lo. Além destas circunstâncias, também colocamos como limitação as escolhas realizadas em termos de marcadores sociais a se considerar na constituição dos perfis de interlocutores. Ao optarmos por três *a priori*: raça, gênero e sexualidade, deixamos de fora outros: classe social, religião, geração, condições de saúde física e/ou mental, região em que vive, etc. Entre os conservadores, não conseguimos encontrar algum entrevistado que compartilhasse de três dimensões de subalternidade, como tivemos nos progressistas através de Dante. Este, aliás, indígena. No outro grupo, não conseguimos localizar nenhum entrevistado com esta mesma característica. Portanto, nossas limitações são de ordem técnica e empírica.

A partir do estudo realizado, acreditamos ser relevante explorar, em abordagem interseccional, os marcadores sociais que expusemos há pouco na constituição dos perfis de interlocutores. Além disso, outro aspecto importante é compreender as dinâmicas de produção de sentido em relação à diversidade a partir das *dimensões de privilégio* dos marcadores sociais: homens cis, brancos, heterossexuais e cristãos, por exemplo. Em termos de coordenadas políticas, seria interessante um novo estudo incluindo os “centrões”. Além de outras possibilidades empíricas, diferentes perspectivas epistemológicas também podem fornecer interpretações reveladoras sobre os dados deste estudo. Nossa pesquisa tratou acerca do objeto a partir das contribuições dos Estudos Culturais. Abordagens semióticas e aquelas interessadas nos *estudos do corpo e das corporalidades* certamente agregariam de forma notável.

Por fim, destacamos que, observando as práticas dos sujeitos, constatamos que muitos são interpelados pela diversidade na mídia, mas também na universidade, na cidade, nos grupos de militância ou nos grupos de redes sociais. Para outros, sobretudo os conservadores menos condicionados à intersecção de diferentes dimensões de subalternidade, os meios de comunicação de massa seguem sendo os únicos agentes de representação de *diferenças*. Diante desse cenário, a campo da Comunicação, através do estudo dos usos sociais da mídia, destaca o seu papel acadêmico e político para as análises socioculturais contemporâneas que levem em consideração a diversidade e o reconhecimento do Outro. É através da especificidade de uma perspectiva comunicacional que podemos compreender e tensionar as possibilidades de negociação entre a produção

dos regimes de visibilidade pelo poder, e as que emanam do terreno do vivido, apontando brechas para que, num contexto mais amplo, as *políticas diferencialistas do corpo* tornem-se *políticas integrativas de ação*. Em tempos em que há um perturbador processo de bolsonarização das minorias em curso, isso nos parece interessante.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AJAO, O.; BHOWMIK, D.; ZARGARI, S., Sentiment aware fake news detection on online social networks. In: **IEEE International Conference on Acoustics, Speech and Signal Processing (ICASSP)**, 2019, pp. 2507-2511. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/8683170>. Acesso em: 14 set. 2021.

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. In: RIBEIRO, D (coord). **Feminismos plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALONSO, L. E. Sujeto y discurso: el lugar de la entrevista abierta em las prácticas de la sociologia cualitativa. In: DELGADO, J. M.; GUTIERREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995.

ANDERSON, P. O Brasil de Lula. In: **Novos Estudos CEBRAP**. n.91/Nov. 2011. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002011000300002>. Acessado em: 05 ago. 2021.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Anistia Internacional – Informe 2020/21**: O estado de direitos humanos no mundo. Disponível em: <https://www.amnesty.org/download/Documents/POL1032022021BRAZILIAN%20PORTUGUESE.PDF>. Acessado em: 05 ago. 2021.

ANTRA. **Boletim Nº 002-2021**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ARAÚJO, E. Intervenção do Ministro Ernesto Araújo no Fórum de Ministros da Aliança Internacional para a Liberdade de Religião e Crença. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/intervencao-do-ministro-ernesto-araujo-no-forum-de-ministros-da-alianca-internacional-para-a-liberdade-de-religiao-e-crenca2013-17-11-2020>. Acesso em: 02 set. 2021.

AZOULAY, A. **Message from Ms Audrey Azoulay, Director-General of UNESCO, on the occasion of World Day for Cultural Diversity for Dialogue and Development**. 21 May 2020. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373505_eng.locale=en. Acessado em: 08 jun. 2021.

_____. Message from Ms Audrey Azoulay, Director-General of UNESCO, on the occasion of World Day for Cultural Diversity for Dialogue and Development. 21 May 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377494_eng. Acessado em: 08 jun. 2021.

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 1996.

BALLESTRIN, L. Para transcender a modernidade. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5258&secao. Acesso em 30 jan. 2020. 2013

BARBOUR, R. S. Quality of data collection. In: FLICK, U. (Ed.). **The SAGE Handbook of Data Collection**. London: SAGE, 2018.

BEAUD, B.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.

BHABHA, H. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOLSONARO, J. M. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial . 2019. Disponível em: <http://antigo.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/19899-discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial-brasilia-1-de-janeiro-de-2019>. Acesso em 33 jul. 2021

_____. Palavras do Senhor Presidente da República na abertura do Debate Geral da LXXV Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/palavras-do-senhor-presidente-da-republica-na-abertura-do-debate-geral-da-lxxv-sessao-da-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-22-de-setembro-de-2020>. Acesso em: 02 set. 2021.

BONIN, J. A.; MORIGI, V. J. Ciudadanía: en las interrelaciones entre comunicación, medios y culturas. In: RINCÓN, O. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019.

BOSCO, F. **A vítima tem sempre razão?** Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2017.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. In: **Cadernos Pagu** (26), jan-jun, 2006.

BRASIL. **PL nº 5002/2013**. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565315>. Acesso em: 02 set. 2021.

_____. **Plano Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Ministério da Justiça, 1996.

_____. **Plano Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Ministério da Justiça, 2002.

_____. **Plano Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2010.

BRIGNOL, L. D.; COGO, D.; MARTÍNEZ, S. L. Redes: dimensão epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo In: RINCÓN, O. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019.

BRUCE, S.; YEARLEY, S. **The Sage dictionary of sociology**. London: SAGE Publications, 2006.

BUTLER, J. Lutas por inclusão. In: GLOBO. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A./Globo Universidade, 2017.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANCLINI, N. G. El Consumo Cultural: una propuesta teórica. In: SUNKEL, G. **El consumo cultural en América Latina**: construcción teórica y líneas de investigación. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2006.

CARDOSO, F. H. Discurso de posse no Congresso Nacional. 1995. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/discursos/1o-mandato/1995-1/01-discurso-de-posse-no-congresso-nacional-brasilia-distrito-federal-01-01-95/view>. Acesso em: 23 jul. 2021.

_____. Prefácio. In: BRASIL. **Plano Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Ministério da Justiça, 1996.

_____. Prefácio. In: BRASIL. **Plano Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Ministério da Justiça, 2002.

_____. Pronunciamento do Presidente da República - Posse no Congresso Nacional. 1999. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/discursos/2o-mandato/1999-1/01.pdf/view>. Acesso em: 23 jul. 2021.

CARNEIRO, M. L. T. (Org.). **Minorias silenciadas**: a história da censura no Brasil. São Paulo: Edusp, 2002.

CARTA CAPITAL. **Plano dos Direitos Humanos**: governo Bolsonaro faz revisão a portas fechadas. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/plano-dos-direitos-humanos-governo-bolsonaro-faz-revisao-a-portas-fechadas/>. Acessado em: 04 ago. 2021.

CARVALHO RAMOS, A. **Curso de Direitos Humanos**. São Paulo: Saraiva, 2018

CARVALHO, D. G. de. A Revolução Francesa dos historiadores: os trabalhos que formaram o nosso conhecimento sobre o tema (Artigo). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historiografia-da-revolucao-francesa/>. 2019. Acessado em 11 dez. 2020.

CBD. Conference of the parties to the convention on biological diversity. In: **10th Meeting of the Conference of the Parties (COP10)**. Disponível em: <http://www.cbd.int/nagoya/outcomes>. Acessado em: 02 abr. 2020

CECED. **Mapeamento das pessoas trans no município de São Paulo – Relatório de pesquisa**. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/LGBT/AnexoB_Relatorio_Final_Mapeamento_Pessoas_Trans_Fase1.pdf. Acesso em: 31 ago. 2021.

CNN BRASIL. **OMS, Europa e Anvisa não recomendam cloroquina para tratar a Covid-19**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/entenda-as-recomendacoes-das-instituicoes-de-saude-contra-uso-de-cloroquina/>. Acesso em: 14 set. 2021.

COULDRY, N. Editorial: Dossiê mídia, reconhecimento e constituição de subjetividades. In: **Contracampo**, v. 38, n. 32, 2018.

_____. **Media, society, world**: social theory and digital media practice. Cambridge: Polity, 2012.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Revista Estudos Feministas**. vol.10 no.1 Florianópolis. Jan. 2002

DAVIS, A. *Mulher, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIJCK, J. van. **The platform society**. New York: Oxford Press, 2018.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: ____; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

DUMONT, L. **Essais sur l'individualisme**: une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

____. **Homo hierarchicus**: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1997.

____. **Homo hierarchicus**: the caste system and its implications. New Delhi: Oxford University Press, 1999.

EINHORN, E. **Old french**: a concise handbook. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografia dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

FILHO, C. M. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2004.

FISCHER, A. E. P. **Corpos**. In: GLOBO. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A./Globo Universidade, 2017.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009

____; KARDOFF, V.; STEINKE, I (Eds.). **A companion to qualitative research**. London: SAGE Publications. 2004.

FLOOD, A. Publisher defends diversity drive after Lionel Shriver's attack. The Guardian. 11 jun. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/jun/11/publisher-defends-diversity-drive-after-lionel-shrivers-attack>. Acesso em: 13 abr. 2020.

G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 04 ago. 2021

GEERTZ, C. Os usos da diversidade. In: **Horizontes antropológicos**, n. 5, 1999.

GILL, R. **Gender and the media**. Cambridge: Polity Press, 2007.

GLOBO. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A./Globo Universidade, 2017.

GOMES, W. **A esquerda e o cenário eleitoral pós-Lula**. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pos-lula-e-a-esquerda/>. Acesso em: 2 set. 2021.

GRAMMARPFOBIA. **How diverse is diversity?** 2014. Disponível em: <https://www.grammarphobia.com/blog/2014/04/diversity.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.

GROSSBERG, L. **Bringing it all back home**: essays on cultural studies. London: Duke University Press, 1997.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e Mediações Culturais/ Liv Sovik (org). Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

_____. The spectacle of the other. In Hall, S. (ed.). **Representation**: cultural representation and signifying practices. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1997b.

_____. The White of their eyes: racista ideologies and the media. In: DINES, Gail; HUMEZ, Jean M (eds.) **Gender, race, and class in media: a critical reader**. London: Sage Publications, 2015.

HAMILTON, A; MADISON, J; JAY, J. **O federalista**: tomo segundo. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1840.

HEILBORN, M. L. Gênero e hierarquia. In: **Estudos feministas**, n. 1, 1993, p. 50-82.

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. In: **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015.

HINTERBERGER, T.; von HAUGWITZ, A.; SCHMIDT, S. Does a Healing Procedure Referring to Theta Rhythms Also Generate Theta Rhythms in the Brain? In: *Journal of alternative and complementary medicine* v. 22, n. 1, p. 66–74. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/acm.2014.0394>. Acesso em: 14 set. 2021.

HOBBSAWN, E. J. **A revolução francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HONNETH, A. **Freedom's right**. Cambridge: Polity, 2014.

_____. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo; Ed. 34, 2003.

HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Brasil**: eventos de 2019. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2020/country-chapters/336671>. Acesso em: 04 ago. 2021.

INEP. **Censo da educação superior**: 2010. Brasília: INEP, 2012.

JACKS, N (Org.). **Meios e Audiências III**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

_____. [et al.] Uso de *softwares* na abordagem qualitativa: a experiência da pesquisa “Jovem e consumo midiático em tempos de convergência. In: **Questões transversais**, v. 4 n. 7, 2016. Disponível em: <<http://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/12492/PDF>>. Acessado em 12 fev. 2020

_____. **A recepção na Querência**: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica. Tese (Doutorado em Comunicação), ECA-USP. São Paulo, 1993.

_____. Campo cultural, formação discursiva e identidades: diálogo com a noção de regionalidade. In: BENETTI, M.; BALDISSERA, R (Orgs.). **Pesquisa e perspectivas de comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

- _____. Da agulha ao chip: brevíssima revisão dos estudos de recepção. In: **Intexto**, n.34, 2015
- _____. Pesquisa comparativa: apontamentos introdutórios. In: ROSÁRIO, N. M. do; SILVA, A. R. **Pesquisa, comunicação, informação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.
- _____.; CAPARELLI, S. (Coords). **TV, família e identidade**: Porto Alegre “fim de século”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- _____.; SCHMITZ, D.; WOTTRICH, L. Comunicación en Jesús Martín-Barbero: incursiones a tres obras fundantes. In: RINCÓN, O. (Ed.) **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019.
- _____.; SCHMITZ, D.; WOTTRICH, L. Presentación. In: RINCÓN, O. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019.
- _____.; SIFUENTES, L.; LIBARDI, G. Classe social: elemento estrutural (des)considerado nas pesquisas de recepção e consumo midiático. In: JACKS, N. (Org). **Meios e Audiências III**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- JACOB, M. C. A construção social dos sentidos e o fenômeno da recepção: em questão o papel dos realizados. In: **Revista Famecos**, n. 19, dezembro/2002a.
- _____. Campo da telenovela e a construção social do autor. In: XXV Intercom, 2002, Bahia. **Anais eletrônicos**. Bahia: Intercom, 2002b. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b8ca47aaa75d292d3702b543f07336fb.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JESUS, J. G. de. Únicos e múltiplos. In: GLOBO. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A./Globo Universidade, 2017.
- KELLNER, D. Cultural Studies, multiculturalism, and media culture. In: DINES, G.; HUMEZ, J. M. (eds.) **Gender, race, and class in media: a critical reader**. London: Sage Publications, 2015.
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.
- LEBRON, C. J. **The making of Black Lives Matter**. London: Oxford University Press, 2017.
- LIBARDI, G. Panorama dos estudos sobre interseccionalidade no Brasil (2008 – 2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. In: **Anais da COMPÓS XXVIII**, 2019a.
- _____. Estudos Culturais e Economia Política da Comunicação em debate: reinterpretações históricas e epistemológicas por James Curran e David Morley. In: **EPTIC**, v. 21, n. 2, 2019b.
- _____.; JACKS, N. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. In: **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, jul./dez. 2020.
- LOPES, M. I. V. A teoría barberiana da comunicação. In: **Matrizes**, v.12, n.1. São Paulo, 2018.

_____. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. In: **Comunicação & Educação**, v. 26, jan./abr. 2003.

_____. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LULA, L. I. Apresentação. In: BRASIL. **Plano Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2010.

_____. Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de posse Parlatório do Palácio do Planalto. 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2003/01-01-pronun-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-sessao-solene-de-posse-no-cn.pdf/view>. Acesso em: 23 jul. 2021.

_____. Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse. 2007. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/01-01-2007-pronunciamento-a-nacao-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-posse/view>. Acesso em: 23 jul. 2021.

LYOTARD, F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: Editora José Olympo, 1988.

MAIA, R. C. M. **Recognition and the media**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. **As formas mestiças da mídia**. Entrevista à Revista Fapesp. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em: 24 jan. 2020. 2009a

_____. De la filosofía a la comunicación. In: **Umbral XXI**, n. 4, p. 34-39, 1990.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: desubicaciones y opacidades de la comunicación em el nuevo siglo. In: MORAES, D. (Coord.). **Sociedad mediatizada**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

_____. **Uma aventura epistemológica**. Entrevista concedida à Maria Immacolata Vassalo Lopes. In: *Matrizes*, v.2, n.2. 2009b

_____; RINCÓN, O. Mapa insomne 2017: ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural. In: RINCÓN, O. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito: Ciespal, 2019.

MARTINO, L. C. O que é meio de comunicação? Uma questão esquecida. In: _____. **Escritos sobre epistemologia da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MARTINS, G. A. M.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

McINTOSH, R. P. An Index of Diversity and the Relation of Certain Concepts to Diversity. In: **Ecology**, 48(3), 1967. Disponível em: <https://esajournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.2307/1932674>. Acessado em: 02 abr. 2020.

MENDONÇA, N. D. **O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENESES, P. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. In: **Síntese – Rev. de Filosofia**, v. 27, n. 88, 2000.

MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Ouro Preto: Ed. Autêntica/UFOP, 2016.

_____.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. In: **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 3, setembro/dezembro, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>. Acesso em: 01 set. 2021.

MISKOLVICI, S. **Psicologia das minorias ativas**. Porto Alegre: Editora Vozes, 2011.

MOLES, A. A. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOROZOV, E. **Big tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

OIKAWA, E.; SILVA, L. Identidades midiáticas: narrativas de pertencimento nos estudos de recepção e consumo midiático. In: JACKS, N. (Org). **Meios e Audiências III**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

OLIVEIRA, R. D. de. **Elogio da diferença**: o feminismo emergente. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

ORTIZ, R. **A diversidade dos sotaques**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. As celebridades como emblema sociológico. In: *Sociol. Antropol.* v. 6, n. 3. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752016000300669&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 04 abr. 2020.

_____. **Universalismo e diversidade**: contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo, 2015a.

_____. Entrevista com Renato Ortiz: “Porque o mundo é comum, o diverso torna-se importante”. Entrevista concedida a MELLO, H.; BATISTA, A.; GUSMÃO, J. **Cadernos Cenpec**, v. 5, n. 1. 2015b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v5i1.324>. Acessado em 03 abr. 2020.

_____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

QUALALOU, L. Los evangélicos y el hermano Bolsonaro. In: **Nueva Sociedad**, n. 280, marzo-abril, 2019.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: **Sociedade e cultura**, v. 11 n. 2, 2008.

PORTOCARRERO, V. (Org). **Filosofia, história e sociologia das ciências I**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

RÉMOND, R. **Introduction à l'histoire de notre temps I**: L'Ancien Régime et la Révolution (1750 – 1815). Paris: Éditions du Sueil, 1974.

REPOLL, J. L. **Arqueología de los Estudios Culturales de Audiencia**. México, D.F.: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2010.

RINCÓN, O. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019.

ROCHA, E. **O que é etnocentrismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARVALHO, C. H. A. de. Política para a educação superior no governo Lula: expansão e financiamento. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 58, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i58p209-244>. Acesso em: 15 set. 2021.

ROUSSEFF, D. Pronunciamento à nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no Parlatório do Palácio do Planalto. 2011. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-a-nacao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-parlatorio>. Acesso em: 33 jul. 2021.

_____. Pronunciamento à nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no Parlatório do Palácio do Planalto. 2015. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-a-nacao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-parlatorio-1>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do aplicativo Iramuteq**: versão 0.7 alpha 2 e R Versão 3.2.3). In: Iramuteq (<http://www.iramuteq.org/documentation/>), 2007.

SANTOS, F. L. B. dos. **Uma história da onda progressista sul-americana (1998 - 2016)**. São Paulo: Elefante, 2018.

SANTOS, L. B. O conflito social como ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 541 - 553, maio-ago, 2014.

SCALA, J. **Ideologia de gênero**: o neototalitarismo e a morte da família. São Paulo: Katechesis e Ed. Artpress, 2011.

SCHMITZ, D. M. Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes. In: **Intexto**, Porto Alegre, p. 255-275, dez. 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/58546>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SEYMOUR-SMITH, C. **Macmillan dictionary of anthropology**. London: Macmillan Press, 1986.

SIFUENTES, L.; ZANINI, M. C. C. Las identidades en el contexto de las mutaciones tecnológicas. In: RINCÓN, O. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019.

SILVA, K; SILVA, M. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, L. A. P.; BASEIO, M. A. F. Narrativa(s) como estratégia(s) de comunicabilidade. In: RINCÓN, O. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019.

STEINKE, I. Quality criteria in qualitative research. In: FLICK, U; KARDOFF, V.; STEINKE, I (Eds.). **A companion to qualitative research**. London: SAGE Publications. 2004.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

SZURMUK, M.; IRGWIN, R. M. (Coords.) **Diccionario de estudios culturales latinoamericanos**. México: Siglo XXI editores, s. a. de c. v., 2009

TAVARES, Igor Antônio. **Iramuteq**: um software para análises estatísticas qualitativas em corpus textuais. Monografia (Bacharelado em Estatística. UFRN. Natal, 2019.

TAYLOR, C. The politics of recognition. In: _____. [et. al.]. **Multiculturalism**: examining the politics of recognition. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

TIC DOMICÍLIOS. **Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**. Disponível em: <https://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2018/>. Acesso em: 02 fev. 2020.

TOALDO, M.; JACKS, N. Consumo midiático: Uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In: **Encontro da Compós**, 22, 2013. Anais. Salvador: COMPÓS, 2013

TOMAZETTI, T. P.; CORUJA, P. Relações de gênero: os desafios para além das binariedades, identidades e representações. In: JACKS, N. (Org.). **Meios e Audiências III**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

ULLOA, B. A. N.; LOPES, J. R. Epistolografia paulina: origem e estrutura. In: **Teologia descolonial**, v. 45, n. 3, 2016.

UNESCO. **Declaration universelle de L'UNESCO sur la diversité culturelle**. France: UNESCO, 2002.

_____. **Em dia mundial, UNESCO defende respeito à diversidade de tradições e identidades culturais**. 2018. In: <https://nacoesunidas.org/em-dia-mundial-unesco-defende-respeito-a-diversidade-de-tradicoes-e-identidades-culturais/>. Acessado em: 02 abr. 2020.

VARELA, M. Medios de comunicación de masas. In: ALTAMIRANO, C (Org.). **Términos críticos de sociología de la cultura**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

VOIGT, A.; WURSTER, D. Does diversity matter? The experience of urban nature's diversity: Case study and cultural concept. In: **Ecosystem Services**, v. 12, 200-208, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecoser.2014.12.005>. Acessado em 02 abr. 2020.

WINTER, R. Cultural Studies. In: FLICK, U; KARDOFF, V.; STEINKE, I (Eds.). **A companion to qualitative research**. London: SAGE Publications. 2004.

APÊNDICE A

Pesquisa sobre Consumo Midiático

Olá!

Esse estudo é parte da coleta de dados para a minha pesquisa de Doutorado em Comunicação (UFRGS).

O tema da minha tese é o estudo das práticas de consumo midiático por diferentes grupos sociais: pessoas de diferentes raças, gêneros, sexualidades e classes.

Quando você terminar de responder as perguntas, não deixe de me contatar para que sigamos com a segunda etapa do estudo, a entrevista por videoconferência ou ligação de áudio (como preferir)

Se tiver qualquer dúvida, você pode me encontrar em diversos canais:

Facebook: Guilherme Barbacovi Libardi

Instagram: @guilibardi

Whatsapp: 51 999666289

E-mail: glibardi@gmail.com

Você deve demorar no máximo entre 10 e 15 minutinhos para responder.

Ao responder este questionário, você aceita participar do estudo, que em nenhum momento divulgará seu nome.

Agradeço demais pela sua disponibilidade!

*Obrigatório

1. E-mail *

Primeiro, vamos de APRESENTAÇÃO! Quero saber um pouquinho sobre quem você é.

2. Nome *

3. Idade *

4. Cidade onde mora *

5. Região da cidade onde mora *

Marcar apenas uma oval.

Zona urbana/central

Zona rural/interior

Zona periférica/periferia

6. Sua profissão *

7. Profissão do/a chefe/a da família (se tiver)

8. Sua titulação escolar atual é*

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós-Graduação (completa ou em andamento)

9. A titulação mais alta do/a chefe/a da família é (se tiver)

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior (Graduação ou Técnico)
- Pós-Graduação

10. Seu gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Homem cis
- Mulher cis
- Homem trans
- Mulher trans
- Não-binário ou Queer
- Outro: _____

11. Sua orientação sexual *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
 Homossexual (gay/lésbica)
 Bissexual
 Assexual
 Outro: _____

12. Sua cor/raça ou etnia *

Você pode selecionar mais de uma opção pois pode ser "branca de etnia asiática", por exemplo.

Marque todas que se aplicam.

- Branca
 Negra (parda/preta)
 Asiática
 Indígena
 Outro: _____

13. Sua religião *

Marcar apenas uma oval.

- Católica
 Evangélica
 Protestante
 Espírita
 Praticante de Umbanda
 Sem religião, mas acredito em Deus.
 Agnóstico
 Ateu
 Outro: _____

Ótimo! Agora, umas perguntas sobre os seus hábitos de consumo de mídia. Serão explorados os cenários de pandemia e pré-pandemia e as versões tradicionais/offline e digital/online de cada meio de comunicação
 FIQUE ATENTA/O ÀS ORIENTAÇÕES EM CADA QUESTÃO :)

TV TRADICIONAL (aberta / a cabo)

Exemplo: Globo, SBT, TV Aparecida, Fox, GNT, Multishow...

14. Você considera que seus hábitos de consumo de TV TRADICIONAL mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 15*
- Não *Pular para a pergunta 18*
- Eu parei completamente de assistir à TV tradicional durante a pandemia *Pular para a pergunta 22*
- Eu normalmente nunca assisto à TV tradicional *Pular para a pergunta 22*

TV TRADICIONAL na PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de TV mudou com a pandemia. Como você tem assistido TV?

15. Eu assisto à TV tradicional *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

16. Eu costumo assistir na TV tradicional *

Marque todas que se aplicam.

- Novela, série, minissérie
- Filme
- Telejornal
- Programas de auditório (Faustão, Casos de Família, Ratinho...)
- Programa de fofoca (A Tarde é sua, TV Fama...)
- Programação esportiva
- Reality show

Outro: _____

17. Você passou a ver mais uma emissora de TV tradicional ou programa específico no contexto da pandemia? Qual emissora/programa foi esse? *

TV tradicional ANTES da PANDEMIA ou como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de TV não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

27. Eu costumo assistir na TV por streaming

Marque todas que se aplicam.

- Novela, série, minissérie
- Filme
- Telejornal
- Programas de auditório (Faustão, Casos de Família, Ratinho...)
- Programa de fofoca (A Tarde é sua, TV Fama...)
- Programação esportiva
- Reality show

Outro: _____

28. As três plataformas de streaming mais acessadas são *

29. Meus programas preferidos da TV por streaming são

Se não tiver, pode deixar em branco.

RÁDIO TRADICIONAL

Exemplo: JovemPan, Mix FM, BandNews FM...

30. Você considera que seus hábitos de consumo de RÁDIO TRADICIONAL mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 31*
- Não *Pular para a pergunta 34*
- Eu parei completamente de ouvir rádio tradicional durante a pandemia *Pular para a pergunta 37*
- Eu normalmente nunca escuto rádio tradicional *Pular para a pergunta 37*

Rádio tradicional na PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de RÁDIO mudou com a pandemia. Como você tem escutado rádio?

31. Eu ouço rádio tradicional*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

23. Eu assisto à TV por streaming*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

24. Eu costumo assistir na TV por streaming

Marque todas que se aplicam.

- Novela, série, minissérie
 Filme
 Telejornal
 Programas de auditório (Faustão, Casos de Família, Ratinho...)
 Programa de fofoca (A Tarde é sua, TV Fama...)
 Programação esportiva
 Reality show

Outro: _____

25. Você passou a acessar mais TV por streaming ou programas específicos no contexto da pandemia? Quais plataformas/programas foram esses?*

TV por streaming ANTES da PANDEMIA ou como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de TV por streaming não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

26. Eu assisto à TV por streaming

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

18. Eu assisto à TV tradicional *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

19. Eu costumo assistir na TV/tradicional

Marque todas que se aplicam.

- Novela, série, minissérie
- Filme
- Telejornal
- Programas de auditório (Faustão, Casos de Família, Ratinho...)
- Programa de fofoca (A Tarde é sua, TV Fama...)
- Programação esportiva
- Reality show

Outro: _____

20. As três emissoras da TV tradicional mais assistidas são

21. Meus programas preferidos da TV tradicional são

Se não tiver, pode deixar em branco.

TV por STREAMING

Exemplo: Netflix, PopCorn Time, AmazonPrime, GloboPlay...

22. Você considera que seus hábitos de consumo de TV por STREAMING mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 23*
- Não *Pular para a pergunta 26*
- Eu parei completamente de ver TV por streaming durante a pandemia *Pular para a pergunta 30*
- Eu normalmente nunca assisto à TV por streaming *Pular para a pergunta 30*

TV por streaming na
PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de TV por streaming mudou com a pandemia. Como você tem assistido TV?

32. Eu costumo ouvir no rádio tradicional *

Marque todas que se aplicam.

- Música (Estações FM)
- Notícia (Estações AM)
- Programação esportiva
- Programas de entretenimento

Outro: _____

33. Você passou a acessar mais rádios ou ouvir programas específicos no contexto da pandemia? Quais rádios/programas foram esses?*

Rádio tradicional ANTES da PANDEMIA ou como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de RÁDIO não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

34. Eu ouço rádio tradicional*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

35. Eu costumo ouvir no rádio tradicional *

Marque todas que se aplicam.

- Música (Estações FM)
- Notícia (Estações AM)
- Programação esportiva
- Programas de entretenimento

Outro: _____

36. As três rádios tradicionais mais ouvidas são *

RÁDIO por STREAMING

Exemplo: Spotify, Deezer, Tidal...

41. Eu ouço rádio por streaming *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana
- Outro: _____

42. Eu costumo ouvir no rádio por streaming *

Marque todas que se aplicam.

- Música
- Notícia
- Podcast
- Outro: _____

43. As três rádios por streaming mais ouvidas são *

JORNAL TRADICIONAL (impresso)

Exemplo: O Globo, Folha de São Paulo, Zero Hora...

44. Você considera que seus hábitos de consumo de JORNAL TRADICIONAL mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 45*
- Não *Pular para a pergunta 48*
- Eu parei completamente de ler jornal tradicional durante a pandemia *Pular para a pergunta 51*
- Eu normalmente nunca leio jornal tradicional *Pular para a pergunta 51*

Jornal tradicional na
PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de JORNAL TRADICIONAL mudou com a pandemia. Como você tem lido jornal tradicional (impresso)?

45. Eu leio jornal tradicional *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

37. Você considera que seus hábitos de consumo de RÁDIO por STREAMING mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 38*
- Não *Pular para a pergunta 41*
- Eu parei completamente de ouvir rádio por streaming durante a pandemia *Pular para a pergunta 44*
- Eu normalmente nunca escuto rádio por streaming *Pular para a pergunta 44*

Rádio por streaming na PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de RÁDIO POR STREAMING mudou com a pandemia. Como você tem escutado rádio por streaming?

38. Eu ouço rádio por streaming *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

39. Eu costumo ouvir no rádio por streaming *

Marque todas que se aplicam.

- Música
- Notícia
- Podcast

Outro: _____

40. Você passou a acessar mais rádios por streaming ou programas específicos no contexto da pandemia? Quais plataformas/programas foram esses?*

Rádio por streaming ANTES da PANDEMIA ou como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de RÁDIO POR STREAMING não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

46. Eu costumo ler no jornal tradicional sobre *

Marque todas que se aplicam.

- Política
 Economia
 Cultura
 Esporte
 Colunistas
 Notícias/cadernos específicos: moda, viagem, alimentação, educação...
 Horóscopo/mapa astral

Outro: _____

47. Você passou a ler mais jornais ou cadernos/colunistas específicos no contexto da pandemia? Quais jornais/cadernos ou colunistas foram esses?*

Jornal tradicional ANTES da PANDEMIA ou como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de JORNAL TRADICIONAL não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

48. Eu leio jornal tradicional*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

49. Eu costumo ler no jornal tradicional sobre *

Marque todas que se aplicam.

- Política
 Economia
 Cultura
 Esporte
 Colunistas
 Notícias/cadernos específicos: moda, viagem, alimentação, educação...
 Horóscopo/mapa astral

Outro: _____

50. Os três jornais tradicionais mais lidos são*

JORNAL ONLINE (portais / páginas de notícias)

Exemplo: G1, Uol Notícias, Nexo...

51. Você considera que seus hábitos de consumo de JORNAL ONLINE mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 52*
- Não *Pular para a pergunta 55*
- Eu parei completamente de ler jornal online durante a pandemia *Pular para a pergunta 58*
- Eu normalmente nunca leio jornal online *Pular para a pergunta 58*

Jornal online na
PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de JORNAL ONLINE mudou com a pandemia. Como você tem lido jornal online?

52. Eu leio jornal online*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

53. Eu costumo ler no jornal online sobre*

Marque todas que se aplicam.

- Política
- Economia
- Cultura
- Esporte
- Colunistas
- Notícias/cadernos específicos: moda, viagem, alimentação, educação...
- Horóscopo/mapa astral

Outro: _____

54. Você passou a ler mais jornais online ou cadernos/colunistas específicos no contexto da pandemia? Quais jornais/cadernos online ou colunistas foram esses? *

Jornal online ANTES da PANDEMIA ou
como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de JORNAL ONLINE não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

60. Eu costumo ler revista tradicional sobre *

Marque todas que se aplicam.

- Política
- Economia
- Cultura
- Esporte
- Moda
- Viagem
- Saúde/Alimentação
- Astrologia

Outro: _____

61. Você passou a ler mais revistas impressas específicas no contexto da pandemia? Quais revistas foram essas? *

Revista tradicional ANTES da PANDEMIA ou como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de REVISTA TRADICIONAL não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

62. Eu leio revista tradicional *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

63. Eu costumo ler revista tradicional sobre *

Marque todas que se aplicam.

- Política
- Economia
- Cultura
- Esporte
- Moda
- Viagem
- Saúde/Alimentação
- Astrologia

Outro: _____

64. As três revistas tradicionais mais lidas são *

55. Eu leio jornal online*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

56. Eu costumo ler no jornal online sobre*

Marque todas que se aplicam.

- Política
 Economia
 Cultura
 Esporte
 Colunistas
 Notícias/cadernos específicos: moda, viagem, alimentação, educação...
 Horóscopo/mapa astral

Outro: _____

57. Os três jornais online mais lidos são*

REVISTA TRADICIONAL (impressa)	Exemplo: Veja, Época, Super Interessante, Casa Cláudia, Carta Capital...
--------------------------------	--

58. Você considera que seus hábitos de consumo de REVISTA TRADICIONAL mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 59*
 Não *Pular para a pergunta 62*
 Eu parei completamente de ler revista tradicional durante a pandemia *Pular para a pergunta 65*
 Eu normalmente nunca leio revista tradicional *Pular para a pergunta 65*

Revista tradicional na
PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de REVISTA TRADICIONAL mudou com a pandemia. Como você tem lido revista tradicional (impressa)?

59. Eu leio revista tradicional*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

REVISTA ONLINE

Exemplo: Sites/páginas das revistas mencionadas na seção anterior

65. Você considera que seus hábitos de consumo de REVISTA ONLINE mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 66*
- Não *Pular para a pergunta 69*
- Eu parei completamente de ler revista online durante a pandemia *Pular para a pergunta 72*
- Eu normalmente nunca leio revista online *Pular para a pergunta 72*

Revista online na
PANDEMIA

Você respondeu que seu consumo de REVISTA ONLINE mudou com a pandemia. Como você tem lido revista online?

66. Eu leio revista online *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Em alguns dias da semana
- Aos fins de semana

67. Eu costumo ler revista online sobre *

Marque todas que se aplicam.

- Política
- Economia
- Cultura
- Esporte
- Moda
- Viagem
- Saúde/Alimentação
- Astrologia

Outro: _____

68. Você passou a ler mais revistas online específicas no contexto da pandemia? Quais revistas online foram essas?*

Revista online ANTES da PANDEMIA ou
como é NORMALMENTE

Se o seu consumo de REVISTA ONLINE não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

69. Eu leio revista online*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

70. Eu costumo ler revista online sobre*

Marque todas que se aplicam.

- Política
 Economia
 Cultura
 Esporte
 Moda
 Viagem
 Saúde/Alimentação
 Astrologia

Outro: _____

71. As três revistas online mais lidas são*

REDES SOCIAIS

Exemplo: Facebook, Twitter, Instagram...

72. Você considera que seus hábitos de uso de REDES SOCIAIS mudaram com o cenário atual de PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 73*
 Não *Pular para a pergunta 76*
 Eu parei completamente de acessar redes sociais durante a pandemia
 Eu normalmente nunca acesso redes sociais

Redes sociais na
PANDEMIA

Você respondeu que seu uso de REDES SOCIAIS mudou com a pandemia. Como você tem acessado redes sociais?

73. Eu acesso redes sociais*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

74. As redes sociais que acesso são *

Marque todas que se aplicam.

- Facebook
 Twitter
 Instagram
 Whatsapp
 YouTube
 Pinterest
 Snapchat
 TikTok
 LinkedIn
 Apps de relacionamento (Tinder, Grindr, Happn...)

Outro: _____

75. Você passou a acessar mais redes sociais específicas no contexto da pandemia? Quais redes sociais foram esses? *

Redes sociais ANTES da PANDEMIA ou como é NORMALMENTE

Se o seu uso de REDES SOCIAIS não mudou com a pandemia, responda pensando nos seus hábitos atuais.
 Se mudou, responda pensando nos seus hábitos antes da pandemia.

76. Eu acesso redes sociais*

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
 Em alguns dias da semana
 Aos fins de semana

77. As redes sociais que acesso são *

Marque todas que se aplicam.

- Facebook
 Twitter
 Instagram
 Whatsapp
 YouTube
 Pinterest
 Snapchat
 TikTok
 LinkedIn
 Apps de relacionamento (Tinder, Grindr, Happn...)

Outro: _____

78. As três redes sociais mais acessadas são *

79. As três páginas/canais/blogueiras(os) que eu mais acompanho são *

Pra encerrar, meu muito obrigado pela sua colaboração com esta pesquisa! :)

Quando você finalizar o questionário, não se esqueça de me avisar para darmos sequência à segunda etapa do estudo: a entrevista pessoal (por zoom, skype ou como você preferir). Por favor, se possível, deixe seu whatsapp abaixo para facilitar o contato. Gracias!

80. WhatsApp com DDD

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google [Formulários](#)

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMISTRUTURADA

ROTINA → Explorar nos cenários ATUAL e PRÉ-PANDEMIA

1. Como é sua rotina durante a semana?
2. E durante o fim de semana?
3. O que você faz com: sua família / seus amigos / seus colegas de trabalho/estudo?
4. O que você prefere fazer sozinho/a?
5. Frequenta alguma igreja ou pratica alguma atividade espiritual?
6. Tem algum hobby/atividade de interesse especial?
7. Como você tem se sentido durante essa pandemia?

INSERÇÃO POLÍTICA

8. Você tem alguma opinião sobre o atual cenário político do país?
9. Tem alguma figura política que você admire?
10. Tem alguma figura política que você deteste?
11. Você participa de algum coletivo ou movimento social ou tem algum que admire, embora não participe?
12. Você conhece as expressões “de esquerda”, “centro” e “de direita”? Você se filia a alguma dessas posições?

PRÁTICAS DE LAZER E DE CONSUMO CULTURAL

13. A quais lugares você gosta de ir/visitar?
14. Você gosta de ir a praças/parques?
15. Você gosta de ir ao cinema?
16. Tem alguma festa que você frequente?
17. Você gosta de ir a shows e festivais de música?
18. Tem o hábito de ir a teatro?
19. Você gosta de ler?
20. Você gosta de ir a museus, galerias ou exposições de arte?
21. Você acha que algumas dessas práticas vão mudar depois da pandemia?

CONSUMO MIDIÁTICO

→ Quando o tópico a ser explorado anteceder do símbolo [Q], é para **realizar a pergunta com base no que foi respondido no Questionário**;
 → Observar no **Questionário** se há diferença entre os cenários atual e pré-pandemia, explorando quando couber.

22. TV ABERTA/A CABO

23. [Q] Por que estas são suas emissoras preferidas?
24. [Q] O que tem nesse tipo de programação que mais lhe interessa?
25. [Q] Quando você começou a gostar desse tipo de programação?
26. Você prefere ver TV sozinha ou acompanhado/a?
27. Tem alguma emissora que você não assistiria de jeito nenhum?
28. Tem algum programa que você odeia?
29. [Caso ainda não tenha surgido] Tem alguma novela, série ou minissérie preferida?
30. Que tipo de filme você gosta?
31. Que tipo de filme você não gosta?
32. Você tem um filme preferido?
33. Lembra de algum personagem marcante de alguma novela, série ou minissérie ou filme?
34. Você já se identificou muito com algum personagem?

TV POR STREAMING

35. [Q] Por que estas são suas plataformas de streaming preferidas?
36. A seleção para assistir a TV tradicional e no streaming seguem os mesmos critérios? O que te leva a optar por um outro?
37. Você costuma seguir as recomendações dos algoritmos?

RÁDIO/CONSUMO MUSICAL

38. [Q] Por que estas são suas emissoras preferidas?
39. [Q] O que tem nesse tipo de programação que mais lhe interessa?
40. [Q] Quando você começou a gostar desse tipo de programação?
41. Você costuma ouvir rádio sozinho/a ou acompanhado/a?
42. Que tipo de música você mais gosta de ouvir?
43. É fã de algum cantor(a)/banda?
44. Tem algum tipo de música que você deteste?
45. Onde e como você procura músicas pra escutar?

RÁDIO/CONSUMO MUSICAL POR STREAMING

46. [Q] Por que estas são suas plataformas de streaming preferidas?
47. Quais critérios te levam a selecionar o que você vai ouvir no streaming?
48. Você costuma seguir as recomendações dos algoritmos?

JORNAL/REVISTA

49. [Q] Por que estes são seus jornais e revistas preferidos?
50. [Q] Por que este tipo de conteúdo é o que mais lhe interessa?
51. [Q] Quando você começou a gostar de ler sobre esse tipo de assunto?

CONSUMO DE NOTÍCIAS

52. Onde você costuma se informar?
53. [Q] Por que essas notícias são as que mais lhe interessam?
54. Tem algum tipo de notícia que você evite ler/ouvir?

55. Lembra de alguma notícia que tenha lhe comovido por algum motivo?
56. Você já teve contato com “*fake news*”? Como você age diante de uma notícia falsa?
57. De modo geral, você acha que a sua relação com a mídia vai mudar após a pandemia?

GADGETS E REDES SOCIAIS

58. Você tem computador, notebook ou tablet? O que faz em cada um deles?
59. E celular? Você usa ele mais para quê?
60. Você usa *whatsapp*? Com quem mais fala? Tem grupos?
61. [Q] O que você mais gosta de ver ou fazer nestas redes sociais?
62. [Q] Comente sobre as páginas, youtubers ou blogueiras(os) que você admira.

IDENTIDADE, MÍDIA E DIVERSIDADE

63. Como você descreveria o seu círculo de amigos e familiares?
64. O que você acha que seus amigos pensam sobre você?
65. E seus familiares?
66. E as pessoas apenas conhecidas, como você acha que te percebem?
67. Você concorda com a visão que um desses grupos (família, amigos ou conhecidos) têm sobre ti ?
68. E você, como se definiria? Eu sou uma pessoa...
69. Você sempre se viu dessa forma?
70. Como você se sente sendo assim no seu dia a dia?
71. Você acha que esse contexto de isolamento mudou algo na sua percepção sobre si mesma ou a sua realidade?
72. Você já sofreu algum tipo de violência por ser quem você é?
73. Você encontra pessoas que pensam ou ajam como você com facilidade no seu cotidiano?
74. Você diria que a mídia é um lugar em que você encontra pessoas parecidas contigo?
75. Que tipo de pessoas você costuma ver presentes na mídia?
76. Você acha que a mídia tem representado diferentes tipos de pessoas?
77. Quando eu falo “**diversidade**”, o que lhe vem à mente?
78. Você percebe a diversidade na mídia?
79. Você se lembra de algum **programa** que represente bem a diversidade? Qual?
80. Como você acha que a **publicidade** tem representado a diversidade? Lembra de algum anúncio específico que aborde a questão?
81. Como você percebe que a **novela** aborda a diversidade? Lembra de alguma novela que aborde o tema?
82. Você acha que produções do **Netflix**, por exemplo, abordam a diversidade de formas diferentes da TV tradicional?
83. O que você pensa sobre o **jornalismo** incluindo mais pessoas negras, por exemplo, na bancada dos telejornais?

84. Você acha que a **o rádio/a indústria da música** tem dado mais espaço para a diversidade de artistas, bandas e gêneros musicais?
85. Você nota alguma mudança no modo como a mídia representa diferentes grupos sociais em relação a alguns anos atrás?

[Q] = Perguntar com base no que foi respondido no Questionário.